

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**Leonardo Fernandes dos Santos**

**Como ser feliz: Plotino e o tratado 5 [36] da *Enéada* I**

Juiz de Fora

2025

**Leonardo Fernandes dos Santos**

**Como ser feliz:** Plotino e o tratado 5 [36] da *Enéada* I

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Filosofia, na Linha de Pesquisa: Metafísica.

Orientador: Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes

Juiz de Fora

2025

Santos, Leonardo Fernandes dos.

Como ser feliz : Plotino e o tratado 5 [36] da Enéada I / Leonardo  
Fernandes dos Santos. -- 2025.

125 p. : il.

Orientador: Fábio da Silva Fortes

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz  
de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de  
Pós-Graduação em Filosofia, 2025.

1. Plotino. 2. ética. 3. felicidade. 4. tratado 5 [36]. I. Fortes, Fábio  
da Silva, orient. II. Título.

**Leonardo Fernandes dos Santos**

**Como ser feliz:** Plotino e o tratado 5 [36] da *Enéada* I

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Filosofia, na Linha de Pesquisa: Metafísica.

Aprovada em 10 de Outubro de 2025

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes - Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Dr. Humberto Araujo Quaglio de Souza  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Dr. Bernardo Guadalupe dos Santos Lins Brandão  
Universidade Federal de Minas Gerais

Dedico este trabalho a todos que buscam respostas  
sobre como ser feliz.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de dizer que foi prazeroso realizar essa pesquisa, aprender sobre felicidade e como ser feliz nos textos de Plotino. Convém, portanto, deixar os meus agradecimentos a quem contribuiu para esse importante momento em minha vida.

Agradeço à minha mãe, a Tina, pelo apoio firme e incentivo aos estudos. Agradeço também ao meu pai, o Valter, pelo apoio nos meus estudos.

Agradeço ao meu orientador professor Fábio Fortes pela disponibilidade que teve para orientar a minha pesquisa sobre a felicidade em Plotino, bem como pelas orientações precisas.

Agradeço também à UFJF, pela educação pública, gratuita e com qualidade, com um corpo docente bem qualificado, pela oportunidade de cursar o mestrado em filosofia. A bolsa foi muito importante durante essa parte e contribuiu para a qualidade da pesquisa. Agradeço à Fapemig – Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais – pela bolsa.

Reservo um espaço também para agradecer a quem contribuiu para maior agilidade em minha pesquisa. O professor Juvino Maia Júnior realizou a tradução das seis *Enéadas* de Plotino para o português, pela editora Ideias & Letras, e o professor José Carlos Baracat Júnior realizou a tradução das três primeiras *Enéadas* para o português. Os textos foram disponibilizados em formato digital e gratuitamente. Tenho certeza de que, se pude fazer um trabalho com maior qualidade, foi devido à disponibilidade dos textos em formato digital. Isso foi de grande auxílio para realizar buscas internas e consultas rápidas nas obras de Plotino.

Deixo os meus sinceros agradecimentos à professora Luciana Gabriela Santropete, responsável pela base de dados de Plotino no site *platonismes.huma-num.fr*. Essa plataforma contribuiu significativamente para a agilidade em minha pesquisa no texto em grego que contém a numeração das linhas.

Agradeço também ao professor Dilip Loundo, pelas aulas sobre a filosofia hindu que pude assistir. O pensamento de Plotino ficou mais fácil de compreender ao ter contato com a filosofia indiana. Deixo meus agradecimentos também ao CirceA e aos professores André Bertacchi, Charlene Miotti, Christiano Almeida e Fernando Freitas por debaterem sobre a minha apresentação realizada sobre Plotino nesse grupo de pesquisa. Aos membros da minha banca, professores Humberto Quaglio e Bernardo Lins Brandão, pela contribuição para o aperfeiçoamento do meu trabalho.

## RESUMO

O objeto de investigação desta pesquisa filosófica foi o conceito de felicidade (εὐδαιμονεῖν) no tratado 5 [36] – Se a felicidade aumenta com o tempo – da *Enéada* I de Plotino. A pergunta que norteou essa investigação foi sobre como ser feliz. Em Plotino, o Uno é o princípio e fim de todas as coisas. Nesse sentido, existe uma relação da felicidade com o mundo inteligível. O objetivo desta dissertação é expor os argumentos de Plotino para quem busca ser feliz, tomando o tratado 5 [36] como a principal referência. Esse é um tratado curto, se comparado a outros tratados de Plotino. Nesse texto, as explicações sobre a relação da felicidade com o tempo podem parecer obscuras ou de difícil compreensão, visto que é em outros tratados que Plotino realiza explicações mais detalhadas sobre conceitos mobilizados no tratado 5 [36], conceitos como a beleza, a virtude, a eternidade, a Alma, o Intelecto (νοῦς) e o Uno. Dessa forma, foi preciso realizar uma investigação em outros tratados, de modo a compreender e poder explicar os argumentos sobre como ser feliz no tratado 5 [36]. Em Plotino, a felicidade é medida em relação à eternidade. Para compreender a felicidade no tratado 5 [36], é preciso compreender quais são os efeitos do tempo e quais são os efeitos da eternidade no ser humano. Conforme Hadot, a filosofia antiga é um modo de vida. Portanto, convém que o tempo e a eternidade sejam interpretados em vista de como esses conceitos impactam a vida do ser humano. A palavra ἡσυχία, traduzida por quietude, silêncio, tranquilidade, ausência de agitação ou serenidade, é uma palavra essencial para entender a felicidade. Em Plotino, se está em quietude (ἡσυχία) quando se está na eternidade. O ser humano tem uma parte da alma sempre no sensível e outra sempre no inteligível. A felicidade ocorre quando a parte inteligível da alma é mais dominante que a parte sensível, de modo duradouro. Isso ocorre por meio do desenvolvimento de virtudes, e, como consequência, o ser humano experimenta os efeitos da eternidade em si. Em síntese, quando o ser humano está feliz, ele está com a alma mais bela, mais virtuosa, usufrui de maior tranquilidade (ἡσυχία), consegue voltar-se para o interior de si. A felicidade acontece no agora, no presente, não se busca a felicidade nas memórias, ou seja, no passado ou com desejos do futuro. Ser feliz soa como um fortalecimento da presença, não se deixando levar nem pela memória ou pensamentos que afastam o ser humano da sua interioridade.

Palavras-chave: Plotino; ética; felicidade; tratado 5 [36].

## ABSTRACT

The object of investigation of this philosophical research was the concept of happiness (εὐδαιμονεῖν) in treatise 5 [36] - On whether well-being increases with time - of Plotinus' Ennead I. The question that guided this investigation was how to be happy. In Plotinus, the One is the beginning and end of all things. In this sense, there is a relationship between happiness and the intelligible world. The aim of this dissertation is to set out Plotinus' arguments for those who seek to be happy, taking Treatise 5 [36] as the main reference. Treatise 5 [36] is a short treatise compared to Plotinus' other treatises. In this treatise, the explanations about the relationship between happiness and time may seem obscure or difficult to understand, since it is in other treatises that Plotinus gives more detailed explanations of the concepts mobilized in treatise 5 [36]. It was therefore necessary to investigate other treatises in order to understand concepts such as beauty, virtue, eternity, the soul, the Intellect, and the One, so as to be able to explain the arguments about how to be happy in treatise 5 [36]. In Plotinus, happiness is measured in relation to eternity. To understand happiness in Plotinus in treatise 5 [36], we need to understand what the effects of time are and what the effects of eternity are on human beings. According to Hadot, ancient philosophy is a way of life. Therefore, time and eternity should be interpreted in such a way as to understand how these concepts impact the life of the human being. The word ἡσυχία, translated as quietude, silence, tranquility, absence of agitation or serenity, is an essential word for understanding happiness. In Plotinus, one is in quietude (ἡσυχία) when one is in eternity. The human being has one part of the soul always in the sensible and the other always in the intelligible. Happiness occurs when the intelligible part of the soul is stronger than the sensible part in a lasting way. This occurs through the development of virtues, and as a consequence, human beings experience the effects of eternity in themselves. In short, when human beings are happy, their souls are more beautiful, more virtuous, they enjoy greater tranquillity (ἡσυχία) and are able to turn inward. In Plotinus, happiness happens in the now, in the present; happiness is not sought in memories of the past or with desires for the future. Being happy sounds like strengthening one's presence, not letting oneself be carried away by memories or thoughts that distance the human being from their interiority.

**Palavras-chave:** *Plotinus*; ethics; well-being; treatise 5 [36].



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – A felicidade e o par de indicadores “perturbação ou agitação” (θορυβοῖτο) e “tranquilidade ou ausência de agitação” (ἡσυχῆ).....	31
Gráfico 2 – A felicidade, a eternidade e o tempo.....	46
Esquema 1 – Ciclo da vida virtuosa.....	51
Esquema 2 – Pontos de observação para avaliar se alguém é feliz.....	62
Esquema 3 – Esquema sobre a felicidade em Plotino.....	79
Gráfico 3 – Comparação entre duas pessoas, relacionando a precisão ao ver as formas inteligíveis e o tempo.....	88
Gráfico 4 – Representação gráfica da comparação realizada por Plotino no capítulo 5 do tratado 5 [36], parte 1.....	95
Esquema 4 – Representação gráfica da comparação realizada por Plotino no capítulo 5 do tratado 5 [36], parte 2.....	96
Gráfico 5 – A beleza e a capacidade de estar presente da alma no vivente no capítulo 9 do tratado 5 [36].....	110
Esquema 5 – Fluxo e predominância da atenção em função da beleza da alma.....	112

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

*En.*    *Enéada*

*EN*    *Ética a Nicômaco*

*Vp*    *Vida de Plotino*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1 FUNDAMENTOS PARA A COMPREENSÃO DA FELICIDADE NO TRATADO 5</b>	<b>5</b>
<b>[36] - PARTE 1.....</b>	<b>20</b>
1.1 O UNO, O INTELECTO (NOYΣ) E A ALMA.....	20
1.2 O HOMEM, O VIVENTE E AS AFECÇÕES.....	36
1.3 A MATÉRIA E O MAL.....	40
<b>2 FUNDAMENTOS PARA A COMPREENSÃO DA FELICIDADE NO TRATADO 5</b>	<b>5</b>
<b>[36] - PARTE 2.....</b>	<b>43</b>
2.1 A ETERNIDADE E O TEMPO.....	43
2.2 A VIRTUDE.....	48
2.3 O BELO E O FEIO.....	54
2.4 A FELICIDADE NO TRATADO 4 [46].....	56
<b>3 A FELICIDADE NO TRATADO 5 [36] DA <i>ENÉADA</i> I - CAPÍTULOS 1 A 5 .....</b>	<b>65</b>
3.1 CAPÍTULO 1 .....	65
3.2 CAPÍTULO 2 .....	73
3.3 CAPÍTULO 3 .....	86
3.4 CAPÍTULO 4 .....	90
3.5 CAPÍTULO 5 .....	94
<b>4 A FELICIDADE NO TRATADO 5 [36] DA <i>ENÉADA</i> I - CAPÍTULOS 6 A 10.....</b>	<b>100</b>
4.1 CAPÍTULO 6 .....	100
4.2 CAPÍTULO 7 .....	102
4.3 CAPÍTULO 8 .....	105
4.4 CAPÍTULO 9 .....	107
4.5 CAPÍTULO 10 .....	113
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>118</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>122</b>

## INTRODUÇÃO

Como ser feliz? Essa é a pergunta que motivou esta pesquisa. A noção de felicidade apresenta diferentes significados ao longo da história da filosofia, sendo que cada conceito possui os seus fundamentos. Esta pesquisa filosófica busca responder à pergunta sobre como ser feliz, com base no tratado 5 [36] da *Enéada* I de Plotino, cujo título é “Sobre se a felicidade aumenta com o tempo”<sup>1</sup>.

A introdução desta dissertação está dividida em cinco partes. Em um primeiro momento, é feita uma apresentação sucinta dos elementos centrais da pesquisa: delimitação do tema, problema e objetivos. Em segundo lugar, é explicada a justificativa da pesquisa, que visa contribuir para o campo de estudos filosóficos sobre Plotino no Brasil. Em terceiro, é exposto o método de trabalho e reflexões sobre a pesquisa. Em quarto, é exposto o plano desta dissertação, sendo realizada uma introdução sobre cada capítulo e explicada a razão da existência de cada um. Por último, existe uma breve explanação sobre a vida e obra de Plotino, com o objetivo de contribuir para que o leitor consiga contextualizar e melhor compreender o texto das *Enéadas* com o período que Plotino viveu.

## APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

O texto principal de estudo desta pesquisa filosófica é o tratado 5 [36]<sup>2</sup> da *Enéada* I de Plotino. As *Enéadas* são compostas por cinquenta e quatro tratados, agrupados em seis grupos de nove tratados. Esta pesquisa se concentrou na *Enéada* I, cujo tema central, de acordo com Porfírio, é a ética.<sup>3</sup> Dos nove tratados da *Enéada* I, esta pesquisa se dedicou ao estudo do conceito de felicidade (εὐδαιμονεῖν)<sup>4</sup> no tratado 5 [36], *Sobre se a felicidade aumenta com o tempo*, buscando explicitar os

<sup>1</sup> ΠΕΡΙ ΤΟΥ ΕΙ ΤΟ ΕΥΔΑΙΜΟΝΕΙΝ ΕΠΙΔΟΣΙΝ ΧΡΟΝΩΙ ΛΑΜΒΑΝΕΙ.

<sup>2</sup> Sobre a nomenclatura das referências utilizadas nas obras de Plotino, nesta dissertação não será utilizada a referência ABNT. A nomenclatura que será utilizada seguirá o padrão semelhante às referências para obras de Platão e Aristóteles. Ao longo desta dissertação ou de outros trabalhos acadêmicos sobre Plotino, o leitor encontrará como referência, por exemplo, a seguinte expressão: *En.* I, 5 [36], 9, 10-12. A expressão *En.* indica que se refere às *Enéadas*. A outra expressão possível é *Vp*, que se refere à obra *Vida de Plotino*. O primeiro número é um algarismo romano, refere-se a uma das seis *Enéadas*. Assim, I se refere à primeira *Enéada* e VI para a sexta *Enéada*, e o mesmo vale para as outras *Enéadas*. O número que se segue após o algarismo romano indica o tratado. Nesse exemplo, o número é 5 e indica que é o quinto tratado na *Enéada* I. O número entre colchetes, que nesse exemplo é 36, indica que é o trigésimo sexto tratado escrito por Plotino. O quarto número indica a qual capítulo se refere a citação. Nesse exemplo, refere-se ao nono capítulo desse tratado. Por fim, é possível aparecer a indicação das referências dos versos de um capítulo. Nesse exemplo, seria uma citação entre as linhas 10 e 12 do capítulo. Portanto, nesse exemplo, a referência *En.* I, 5 [36], 9, 10-12 indica que a citação está localizada na *Enéada* I, tratado 5 ou trigésimo sexto escrito por Plotino, capítulo 9, linhas 10 a 12. A informação sobre a ordem dos escritos de Plotino existe devido ao livro escrito por Porfírio sobre Plotino, intitulado *Sobre a vida de Plotino e organização de seus livros*. Na tradução de Baracat Júnior, esse livro recebe o nome de *Vida de Plotino*. A lista com a ordem dos cinquenta e quatro tratados e a correspondência em cada *Enéada* pode ser encontrada no quarto capítulo da obra de Porfírio (*Vp*, 4) (Baracat Júnior, 2006, p. 163).

<sup>3</sup> *Vp*, 24.

argumentos utilizados diante do problema de como ser feliz.<sup>5</sup> Todas as citações em grego foram retiradas da edição crítica de Paul Henry e Hans-Rudolf Schwyzer.<sup>6</sup>

Em Plotino, o conceito de felicidade está diretamente vinculado ao Uno, que é entendido como o primeiro princípio. O Uno é a causa fundadora e a finalidade última do ser humano.<sup>7</sup> Isso significa que o objetivo das coisas, incluindo o ser humano, é o retorno ao Uno. Portanto, parece ser incoerente afirmar que o ser humano será infeliz, ao visar o seu retorno ao Uno. Existe, pois, uma relação entre a felicidade e o Uno, não são duas variáveis completamente dissociadas.

A pergunta que norteou esta pesquisa foi: como ser feliz, de acordo com o tratado 5 [36] da *Enéada* I? O objetivo principal desta pesquisa é explicitar os argumentos sobre como ser feliz a partir desse tratado. Os objetivos secundários são dois: (i) expor fundamentos para a compreensão da felicidade no tratado 5 [36] da *Enéada* I e (ii) explicitar os argumentos utilizados no tratado 5 [36] sobre como ser feliz.

As principais traduções utilizadas foram a tese de Baracat Júnior (2006) do grego para o português; a *Enéada* I de Armstrong (1995), bilíngue, traduzida do grego para o inglês; e a tradução completa das seis *Enéadas* de Maia Júnior (2021-2022) do grego para o português, edições bilíngue. Sobre a utilização das traduções nesta dissertação das *Enéadas* I, II e III, elas foram retiradas da tese de Baracat Júnior e das *Enéadas* IV, V e VI foram retiradas de Maia Júnior.

## JUSTIFICATIVA

O conceito de felicidade hoje é o mesmo utilizado por Plotino? Esse conceito é igual entre Plotino e os filósofos predecessores a ele? Como ser feliz, com base no tratado 5 [36] da *Enéada* I? Qual é a relação da felicidade com o Uno?

<sup>4</sup> O termo εὐδαιμονεῖν apresenta diferentes traduções para o português. No grego clássico, εὐδαιμονεῖν é um verbo no infinitivo. Na tradução das *Enéadas* do grego para o português, Maia Júnior traduz εὐδαιμονεῖν por ser feliz, enquanto Baracat Júnior traduz εὐδαιμονεῖν por felicidade. A palavra εὐδαιμονεῖν transmite um sentido de transformação, de uma situação menos feliz para uma situação mais feliz. Destaca-se também que, em uma das principais traduções do grego para o inglês, a tradução de Armstrong, a palavra εὐδαιμονεῖν não é traduzida por felicidade. Ele traduz εὐδαιμονεῖν por *well-being*, sendo que *well-being* no português significa bem-estar. Nesta dissertação, quando for realizada uma referência direta ao texto de Plotino, a palavra εὐδαιμονεῖν será traduzida por felicidade.

<sup>5</sup> O título do tratado 5 [36] varia conforme a tradução escolhida. *Sobre se a felicidade aumenta com o tempo* é uma tradução feita por Baracat Júnior (Baracat Júnior, 2006, p. 11). Na tradução realizada por Juvino Alves Maia Júnior, o título do tratado é *Se o ser feliz aumenta com o tempo* (2014, p. 163).

<sup>6</sup> O site *Platonismes.huma-num.fr* é uma base de dados e caderno de pesquisa sobre as ligações entre a filosofia e a religião na Antiguidade Tardia, cuja responsável por esse projeto é a pesquisadora Luciana Gabriela Soares Santoprete do *Laboratoire d'Études sur les Monothéismes* da *Université de recherche Paris-Sciences-et-Lettres (PSL)*. No site, contém uma seção com o título *Ouvrages de Plotin* (Obras de Plotino) em que é explicado que o texto grego disponibilizado no site segue a primeira edição crítica produzida por Paul Henry e Hans-Rudolf Schwyzer, publicada entre 1951-1959. Sem alterar a numeração dos versos, o site relata as principais modificações sugeridas pelos autores na segunda edição crítica, de 1964-1982.

<sup>7</sup> *En.* III, 8 [30], 7, 17-18. εἴπερ τέλος ἅπασιν ἡ ἀρχή. Tradução: O princípio é o fim de todas as coisas (Baracat Júnior, 2006, p. 295).

## Sobre o conceito de felicidade em diferentes momentos históricos

Para o leitor contemporâneo, ao traduzir a palavra εὐδαιμονεῖν por felicidade, existe uma perda de significado. Desde a Antiguidade até hoje, o termo felicidade apresentou diferentes definições.<sup>8</sup> Isso pode gerar grandes problemas, como afirmar, por exemplo, que a felicidade está unicamente associada a uma vida de prazeres ou que ela sempre será um conceito dissociado de qualquer pressuposto metafísico. Isso destoa, conforme será abordado nesta dissertação, severamente do significado de felicidade (εὐδαιμονεῖν) explicado por Plotino. É necessário, pois, que o leitor suspenda os juízos sobre sua compreensão de felicidade, para compreender o conceito de felicidade em outra época.

Convém destacar que o conceito de felicidade também é diferente entre os filósofos da Antiguidade. Em Aristóteles, a felicidade (εὐδαιμονία) é entendida como bem supremo, que deve ser buscada como fim, não como meio.<sup>9</sup> Em Plotino, o maior bem para o ser humano é o Uno, ou seja, o objetivo da vida do ser humano não é a felicidade (εὐδαιμονεῖν), mas o Uno.<sup>10</sup> Logo, o conceito de εὐδαιμονία ou εὐδαιμονεῖν apresenta variações de significado entre os filósofos da antiguidade.

Compreender a etimologia de εὐδαιμονία permite um melhor entendimento sobre como o conceito era entendido na Antiguidade. De acordo com o *Dicionário grego-português* (2022), a εὐδαιμονία pode ser traduzida como felicidade, prosperidade. Essa palavra é formada pela composição de εὖ, que significa bem, corretamente, afortunadamente ou felizmente; e a palavra δαίμων, que significa ser divino, divindade, espírito guardião ou espírito mal, podendo também ser traduzida como destino, mal ou morte. Assim, εὐδαιμονεῖν possui, como significado etimológico, ser afortunado ou feliz por um espírito guardião, ou por uma divindade.<sup>11</sup>

<sup>8</sup> Na história da filosofia, é possível encontrar as seguintes significações sobre a felicidade: estado de satisfação com o mundo; boa saúde, boa sorte e sucesso individual; prazer; atributo da alma; associada à beleza e bondade; caráter contemplativo; vinculada à virtude; em oposição à infelicidade e ao sofrimento; algo inatingível e idealizado; característica do sábio; nível de satisfação diante das exigências humanas e algo que não se encontra em nenhum bem que foi criado pelo homem, mas somente em Deus. Desse modo, percebe-se a pluriconceitualidade desse termo; ele não é unívoco (Abbagnano, 2012, p. 505-507).

<sup>9</sup> EN I, 7, 1097a-1097b.

<sup>10</sup> En. I, 6 [1], 7, 1. Αναβατέον οὖν πάλιν ἐπὶ τὸ ἀγαθόν, οὗ ὁρέγεται πᾶσα ψυχή. Tradução: “É preciso, então, ascender novamente ao bem, ao qual toda alma almeja” (Barakat Júnior, 2006, p. 314). Conforme Brandão, “O adjetivo verbal empregado, *anabatéon*, derivado do verbo *anabáino* (ir para cima, ascender), indica que o modo de vida proposto em sua escola pode ser compreendido como uma jornada de ascensão da alma” (Brandão, 2013a, p. 537).

<sup>11</sup> O significado oposto de εὐδαιμονία é κακοδαιμονία. Κακοδαιμονία é uma palavra composta pelo prefixo κακός mais a parte δαίμων. Κακός significa mal, infortúnio e a palavra δαίμων significa ser divino, divindade, espírito guardião ou espírito mal, podendo também ser traduzida como destino, mal ou morte. Logo, κακοδαιμονία significa etimologicamente infortúnio, desgraça, ser possuído por um demônio, alienação ou loucura. Uma vez que é uma explicação etimológica, não é possível afirmar que em Plotino o significado de κακοδαιμονία é precisamente esse.

Embora a etimologia auxilie como um dos pontos de partida para a melhor compreensão do significado da felicidade em outra época, ela não substitui o significado preciso do conceito dentro da obra de um filósofo. No que diz respeito ao método filosófico, conforme Folscheid e Wunenburger, “não há definição válida de uma noção a não ser no interior do contexto do enunciado ou do discurso ligado à problemática” (Folscheid; Wunenburger, 2013, p. 181). Nesta pesquisa, a partir dessas orientações, buscou-se compreender o conceito de felicidade (εὐδαιμονεῖν) traduzido por felicidade, bem como outros conceitos centrais que foram mobilizados dentro da obra de Plotino.<sup>12</sup>

### Exposição sobre as pesquisas de Plotino no Brasil

O objetivo desta seção é duplo: o primeiro, sendo o principal, é expor que não foram encontrados registros de estudos no Brasil sobre o conceito de felicidade, tomando como base o tratado 5 [36] das *Enéadas* de Plotino. Logo, esta pesquisa busca expandir os estudos desse filósofo no Brasil. Secundariamente, o objetivo desta seção é auxiliar futuros pesquisadores de Plotino a tomarem ciência dos repertórios bibliográficos, que são de grande ajuda para detectar temas que foram abordados e temas que ainda não foram abordados.<sup>13</sup> Os dois repertórios bibliográficos não estão completos e não dispensam pesquisas complementares, para quem busca realizar o estado da arte sobre pesquisas de Plotino no Brasil. Entretanto, eles economizam tempo e proporcionam rapidamente um panorama sobre os estudos sobre esse filósofo no Brasil, bem como ajudam a encontrar textos para estudo de Plotino.

Os dois repertórios bibliográficos utilizados foram O *Primeiro repertório bibliográfico dos estudos em língua portuguesa dedicados a Plotino e ao Neoplatonismo da Antiguidade Tardia. Parte II: elenco de autores e títulos* (2011), compreende o levantamento de publicações de 1964 a 2010 e O *Segundo repertório bibliográfico dos estudos em língua portuguesa dedicados a Plotino e ao neoplatonismo da antiguidade tardia* (2020) compreende trabalhos de 2010 até 2020. De acordo com os dois repertórios, não foram encontrados registros sobre pesquisas com o tema felicidade em Plotino no Brasil.

<sup>12</sup> O primeiro capítulo desta dissertação existe como um cuidado metodológico, conforme as orientações de Folscheid e Wunenburger. Existem noções que se relacionam com o conceito de felicidade no tratado 5 [36]. Como exemplo, pode-se citar os termos sábio, tempo, Uno, Intellecto e alma; além de outros conceitos. Esses conceitos não estão com definições bem trabalhadas no tratado 5 [36] de Plotino. Em outros tratados, o filósofo fornece melhores explicações para compreendê-los. Compreender melhor os conceitos mobilizados por Plotino possibilita uma melhor explicação sobre o conceito de felicidade tratado no tratado 5 [36], bem como responder à pergunta problema desta pesquisa sobre como ser feliz, com base no tratado 5 [36].

<sup>13</sup> Em 2025, foi publicado o artigo *A pesquisa plotiniana na literatura brasileira: apontamentos sobre traduções, materiais de pesquisa e ferramentas historiográficas*. Esse artigo visa contribuir para que futuros pesquisadores de Plotino, de mestrado ou doutorado, possam subsidiar justificativas de novos trabalhos (Silva, 2025, p. 134).

Em pesquisas em banco de dados<sup>14</sup>, foram encontradas a dissertação *Virtude e felicidade nos tratados 19 e 46 de Plotino* (2016),<sup>15</sup> *A felicidade no tratado I.4 de Plotino: breve conceituação em diálogo com peripatéticos, estoicos e epicuristas* (2021) e *A questão da felicidade na crítica de Plotino a Aristóteles – I.4 [46]* (2023). Logo, não foram encontrados registros de trabalhos acadêmicos no Brasil sobre o conceito de felicidade especificamente no tratado 5 [36] – *Sobre se a felicidade aumenta com o tempo* – da *Enéada I* de Plotino.<sup>16</sup>

## MÉTODO DE TRABALHO

Em análises das passagens do tratado 5 [36] da *Enéada I*, existem expressões que Plotino utiliza e que assumem um significado preciso dentro do seu sistema filosófico. Além disso, no tratado 5 [36], estão presentes afirmações cujos fundamentos não estão explícitos no trecho a ser analisado, o que ocasiona dificuldades de interpretação. Com o objetivo de assegurar a qualidade desta pesquisa filosófica, foram aplicadas duas estratégias como método de trabalho.

De acordo com Carnielli e Epstein (2023, p. 4-5), uma asserção ou afirmação é uma frase declarativa que pode ser entendida como verdadeira ou falsa, mas não ambas as coisas, e que não se deve aceitar que uma frase é uma afirmação se não é compreendido o que ela significa. Ademais, um argumento é uma coleção de afirmações, composto por premissas e conclusões (Carnielli; Epstein, 2023, p. 6), e que nunca se deve tolerar ambiguidade na argumentação (Carnielli; Epstein, 2023, p. 18). Se esta dissertação em filosofia possui como objetivo principal expor os argumentos sobre como ser feliz no tratado 5 [36] da *Enéada I*, isso significa que tanto as premissas quanto as conclusões de Plotino neste tratado precisam estar explícitas e compreendidas com precisão. As premissas ocultas no texto precisam ser explicitadas, visando à qualidade dos argumentos. Os termos que se mostrarem imprecisos em Plotino precisam ser melhor explicados, expondo o seu significado preciso, para eliminar ambiguidade e assegurar também a qualidade na construção dos argumentos. Assim, como método de trabalho, essa dissertação irá, primeiramente, no primeiro e segundo capítulos, elucidar conceitos da filosofia de Plotino, a fim de possibilitar a compreensão dos argumentos sobre como ser feliz no tratado 5 [36] da *Enéada I* e eliminar ambiguidades na compreensão dos termos.<sup>17</sup>

<sup>14</sup> Foram realizadas as pesquisas nos bancos de dados do Portal de Periódicos da CAPES, Scielo - *Scientific Electronic Library Online* -, BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - e no site de buscas do Google, procurando pelas palavras-chave “felicidade”, “Plotino” e “*eudaimonia*”.

<sup>15</sup> A dissertação foi publicada em 2016, todavia, não consta no segundo repertório bibliográfico.

<sup>16</sup> Destaca-se que a análise foi feita em 08 de abril de 2024. Ao leitor, convém atentar que é um tema no qual não foram encontrados registros no Brasil até essa data.

<sup>17</sup> Existe uma grande distância temporal e cultural para a compreensão das *Enéadas*, visto que Plotino viveu no século III. Alguns conceitos, como a felicidade, o tempo, o belo e o feio, bem como outros conceitos em Plotino, podem



Sobre a segunda estratégia de trabalho nos textos desse filósofo, ao buscar explicar um trecho, surge a dúvida se a explicação feita nesta dissertação está coerente, visando a qualidade da interpretação feita por mim em relação ao texto. Para lidar com essa dificuldade, como método de trabalho, ao buscar explicar as passagens no tratado 5 [36], foi relevante o critério de *intentio operis* de Umberto Eco: “uma interpretação, caso pareça plausível em determinado ponto de um texto, só poderá ser aceita se for reconfirmada – ou pelo menos se não for questionada – em outro ponto do texto” (Eco, 1995, p. 14). Dessa forma, as explicações em outras passagens das *Enéadas* foram de grande utilidade para balizar as interpretações do tratado 5 [36].

Sobre o método de trabalho, no que se refere à utilização dos termos em grego, convém uma explicação sobre o modo como eles foram utilizados. Os termos-chave são acompanhados do termo em grego das *Enéadas*. Ao ver o termo em grego, o leitor pode detectar esse termo na citação das *Enéadas*, uma correspondência idêntica. Por exemplo, “felicidade (εὐδαιμονεῖν)”. A felicidade foi uma opção do tradutor e o termo utilizado por Plotino foi εὐδαιμονεῖν. A palavra εὐδαιμονεῖν é um verbo que significa ser feliz. Ou seja, a tradução poderia ser outra, mas optou-se por manter conforme a tradução utilizada pelo tradutor.

Especificamente para a palavra ἡσυχία e suas variações, existem momentos em que eu utilizo várias traduções acompanhando esse termo em grego, já que esse é um conceito central nesta dissertação.

Ao consultar o termo em grego, foi consultado o significado dele no *Dicionário grego-português* (2022). Em alguns momentos, foi realizada uma discussão sobre a tradução utilizada pelo tradutor. Em alguns casos, a opção escolhida pelo tradutor foi bem assertiva. Porém, em outros, proponho uma outra tradução diferente para aquele termo, de modo que se torne mais coerente com a interpretação que foi realizada.

## PLANO DA DISSERTAÇÃO

Essa dissertação está formalmente estruturada em quatro capítulos: o primeiro capítulo tem como título “Fundamentos para a compreensão da felicidade no tratado 5 [36] - parte 1”, que visa explicar sobre conceitos do sistema filosófico de Plotino, para possibilitar uma melhor compreensão desse tratado. O segundo capítulo é uma continuação do primeiro, a parte 2 trazendo outros conceitos. O terceiro capítulo tem como título “A felicidade no tratado 5 [36] da *Enéada* I – capítulos 1 a 5” e o quarto capítulo tem como título “A felicidade no tratado 5 [36] da *Enéada* I – capítulos 6 a 10”. O terceiro e quarto capítulos desta dissertação abordam os dez capítulos do

---

divergir bastante do que se entende na atualidade.

tratado 5 [36]. Todos foram escritos com dois objetivos centrais: explicar o conceito de felicidade em Plotino e responder à pergunta sobre como ser feliz, com ênfase no tratado 5 [36].

Antes de desenvolver a resposta à pergunta problema que norteia essa pesquisa, sobre como ser feliz, que será feita no terceiro e quarto capítulos, convém que existam explicações preliminares dos conceitos utilizados por Plotino, porque vários deles assumem um significado específico dentro do seu sistema filosófico. Como consequência, isso pode ocasionar dificuldades na compreensão dos argumentos utilizados por Plotino. Nesse sentido, o primeiro e segundo capítulos apresentam um caráter propedêutico, com o fito de possibilitar ao leitor maior inteligibilidade dos argumentos desse filósofo sobre o tratado 5 [36].

No que se refere ao tratado 5 [36], Plotino mobiliza diferentes conceitos os quais não estão aprofundados nesse tratado. Os conceitos do seu sistema filosófico, como o Uno, o Intelecto e a Alma<sup>18</sup>, bem como outros, como: o homem, o vivente, a virtude, o tempo, a eternidade, o belo, o feio, o mal, o sábio e as afecções, serão apresentados no primeiro e segundo capítulos, de modo breve, visto que o objetivo principal não é dissertar sobre esses conceitos, somente fornecer explicações suficientes para facilitar a leitura e compreensão do terceiro e quarto capítulos desta dissertação, que tratam do objeto desta pesquisa de mestrado.

## SOBRE PLOTINO

Para uma interpretação rigorosa dos textos de um filósofo, cumpre não somente compreender o que foi dito no texto, mas também o contexto em que a mensagem foi transmitida.<sup>19</sup> Dessa forma, com o apoio dos comentadores de Plotino, esta seção objetiva uma breve introdução sobre esse filósofo. Quem foi Plotino? Os tratados das *Enéadas* foram direcionados a quem? Quem são os principais filósofos que proporcionaram aprendizados para Plotino e impactaram a sua forma de pensar? Existe um objetivo nas *Enéadas*, considerando a obra como um todo?

Sobre a vida de Plotino, ele foi um filósofo que nasceu no ano de 205 depois da Era Comum<sup>20</sup>, em Licópolis, no Egito, e faleceu no ano de 270, na região da atual Itália. Convencionalmente, a sua produção filosófica está localizada no fim do período da filosofia antiga,

<sup>18</sup> Nesta dissertação, a “Alma” hipóstase é escrita com maiúscula, enquanto a “alma” minúscula refere-se à multiplicidade da alma. Por exemplo, ao referir-se ao ser humano, fala-se da alma, das partes sensível e inteligível. Na relação entre as hipóstases, fala-se da Alma, do Intelecto e do Uno.

<sup>19</sup> Segundo Severino, no que se refere à análise do texto, convém saber sobre o autor do texto e informações prévias da vida do autor, da obra, identificar a finalidade do texto, sua natureza geral, como surgiu, por que foi escrito. Assim, essa introdução sobre Plotino visa proporcionar ao leitor, sucintamente, informações sobre a vida e contexto em que foram escritas as *Enéadas* de Plotino (Severino, 2008, p. 15).

<sup>20</sup> Na escrita dessa dissertação, foram utilizadas expressões Era Comum ou Antes da Era Comum, para realizar as marcações de tempo do calendário gregoriano.

sendo este autor um filósofo neoplatônico. Baracat Júnior (2006, p. 18-21) fornece uma linha do tempo sobre Plotino, tomando como referência principal a obra *Vida de Plotino*, escrita por Porfírio, discípulo desse filósofo. Depois de se desiludir com filósofos célebres de Alexandria, teria encontrado Amônio Saccas e se tornado seu aluno por onze anos, dos vinte e oito até os trinta e nove anos. Aos trinta e nove anos, ele foi desejoso de experimentar a filosofia praticada entre os persas e os hindus. Assim, juntou-se a uma expedição do imperador Gordiano. Durante a viagem, o imperador foi assassinado. Como consequência, Plotino suspendeu a viagem ao Oriente e, aos quarenta anos, se instalou em Roma.

Sobre a escrita de Plotino, de acordo com Porfírio, ele permaneceu muito tempo sem nada escrever.<sup>21</sup> Quando começou a escrever, sua visão não o auxiliava na leitura. Assim, ele não suportava copiar ou ler uma segunda vez o que foi escrito apenas uma vez. Antes de escrever, ele concluía uma reflexão em si mesmo, do princípio ao fim, e somente depois se colocava para escrever as suas reflexões. Escrevia de tal modo que parecia copiar as ideias em um livro.<sup>22</sup> Segundo Porfírio, Plotino era mais abundante em ideias do que em palavras, expressava-se inspirado e apaixonadamente. Nos seus escritos estão misturadas, às vezes de modo implícito, sem referenciar explicitamente os filósofos, tanto doutrinas estoicas quanto peripatéticas.<sup>23</sup> Além disso, Porfírio relata sobre a meta de Plotino, a união dele com deus, uma meta por uma atividade inefável, a qual ocorreu quatro vezes, sendo que Porfírio vivenciou essa experiência somente uma vez. Quando começou a escrever, já estava em Roma. Sobre o objetivo de Plotino, Porfírio aponta que era uma união com deus.<sup>24</sup>

Sobre o objetivo das *Enéadas*, considerando a obra como um todo, Reale (1994, p. 522) afirma que as *Enéadas* fornecem um caminho para levar o homem a ser deus.<sup>25</sup> Bussanich (2017, p. 57) comenta que, para Plotino, o Uno ou o Bem<sup>26</sup> é a finalidade última do filosofar. Para Plotino, é necessário o retorno do ser humano ao princípio, ao Uno. Desse modo, ao buscar compreender sobre a função das *Enéadas*, a partir de Reale, aliado à compreensão sobre Plotino, de acordo com os relatos de Porfírio, é possível inferir que ele não somente buscava a união com deus, mas também deixar em seus escritos esse caminho por ele traçado. Esse entendimento é, pois, coerente com a tese

<sup>21</sup> *Vp*, 3.

<sup>22</sup> *Vp*, 8.

<sup>23</sup> *Vp*, 14.

<sup>24</sup> *Vp*, 23.

<sup>25</sup> Para corroborar essa afirmação de Reale, pode-se destacar a seguinte passagem das *Enéadas*: 'Ἐπειδὴ τὰ κακὰ ἐνταῦθα καὶ τόνδε τὸν τόπον περιπολεῖ ἐξ ἀνάγκης, βούλεται δὲ ἡ ψυχὴ φυγεῖν τὰ κακὰ, φευκτέον ἐντεῦθεν. Τίς οὖν ἡ φυγὴ; θεῶν, φησιν, ὁμοιωθῆναι (*En.* I, 2 [19], 1, 1-5). Tradução: “Como os males estão aqui e “esta região rondam por necessidade”, e a alma quer fugir dos males, “devemos fugir daqui”. Então, qual é a fuga? “Assemelhar-se a deus”, diz ele. E alcançamos isso, se “nos tornamos justos e pios com sabedoria” e, de modo geral, na virtude” (Baracat Júnior, 2006, p. 251).

<sup>26</sup> “Bem” com a letra B maiúscula é sinônimo do Uno.

de Hadot, na obra *O que é filosofia antiga?*, que o discurso filosófico precisa ser compreendido como um modo de vida, “a filosofia é, antes de tudo, uma maneira de viver, mas está estreitamente vinculada ao discurso filosófico” (Hadot, 2010, p. 18).

## 1 FUNDAMENTOS PARA A COMPREENSÃO DA FELICIDADE NO TRATADO 5 [36]

É impossível entender o que significa, de fato, a felicidade em Plotino sem que exista também um entendimento sobre a metafísica nas *Enéadas*. Conforme será exposto nas explicações do tratado 5 [36], a felicidade se mede em relação à eternidade (*En.* I, 5 [36], 7, 20-22). Mas, o que é a eternidade? Outra afirmação no tratado 5 [36] é sobre quem falta a beleza no presente, busca a beleza na memória (*En.* I, 5 [36], 9.) Mas, o que é a beleza? Qual é a relação da beleza com o Uno? Por qual motivo a falta de beleza no presente faz buscar a beleza na memória? Qual é a relação da beleza com a felicidade?

Para lidar com essas dificuldades, esse capítulo e o próximo capítulo realizarão uma introdução aos conceitos do sistema filosófico de Plotino, com o objetivo de possibilitar a adequada compreensão do tratado 5 [36]. Como a pergunta que norteia esse trabalho é sobre como ser feliz, tomando como referência o tratado 5 [36], a introdução dos conceitos realizada buscará articular os conceitos com a felicidade, além de responder progressivamente à pergunta sobre como ser feliz.

### 1.1 O UNO, O INTELECTO (NOΥΣ) E A ALMA

Existem três conceitos fundamentais para entender outros conceitos em Plotino: O Uno, o Intelecto e a Alma. Começa-se, então, por essa base, o que facilitará e possibilitará a compreensão do seu sistema filosófico.

#### 1.1.1 O Uno (ἓν)

De acordo com Plotino, “O uno é todas as coisas e nenhuma é o uno; pois é princípio de todas as coisas, não sendo todas as coisas, mas desse modo é todas as coisas” (*En.* V, 2 [11], 1, 1-2)<sup>27</sup>. Ao afirmar que o Uno (ἓν) é todas as coisas e nenhuma é o Uno, isso significa dizer que cada coisa possível de ser nomeada é uma parte do Uno, porém, cada uma das suas partes não pode ser reduzida ao Uno. Além disso, se alguém se perguntar sobre a origem de tudo o que existe no universo, a resposta que Plotino fornece é que o Uno é essa origem, o princípio de todas as coisas.

<sup>27</sup> Tradução: Maia Jr. (2022b, p. 45). Τὸ ἓν πάντα καὶ οὐδὲ ἓν· ἀρχὴ γὰρ πάντων, οὐ πάντα, ἀλλ’ ἐκείνως πάντα. De acordo com a ABNT, a referência bibliográfica correta é “(2022, p. 45)”. Porém, se for feito somente dessa forma, não será possível identificar o tradutor. Desse modo, optou-se por sempre mencionar Maia Jr. antes de colocar a referência ABNT, para identificar que a tradução utilizada foi realizada por esse autor, além de diferenciar da tradução feita por Baracat Júnior. Portanto, enquanto nessa dissertação a citação de Maia Júnior segue o modelo “Tradução: Maia Jr (2022b, p. 45)”, a referência à tradução de Baracat Júnior segue o modelo “Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 251”. Em Baracat Júnior, como é uma tese de doutorado, referencia-se o nome do autor da tese e não o autor, que é Plotino.

Logo, pode-se afirmar que conceitos como a felicidade, a infelicidade, o ser humano, o belo, o bem, o mal e tantos outros conceitos possuem como o princípio o Uno.

A partir do Uno, surge o Intelecto (νοῦς)<sup>28</sup>. Sobre características do Uno, Plotino explica que ele é inefável, ou seja, as palavras, as formas ou os símbolos não são adequados para se referir a ele, visto que ele não é algo.

Portanto nem inteligência é, mas é antes da inteligência; pois a inteligência é algo dentre as coisas que são; e aquele [uno] não é algo, mas é antes de cada coisa, não sendo o que é; pois mesmo o que é tem uma figura tal como do que é, mas aquele é desprovido de figura, mesmo de figura inteligível (*En.* VI, 9 [9], 3, 36-39).<sup>29</sup>

É possível observar nesse trecho o contraste entre ser e não-ser. O Intelecto é algo, e o Uno (ἐκεῖνο<sup>30</sup>) não é algo. Plotino também explica que o Uno é anterior ao Intelecto, estabelecendo uma relação entre algo que é – o Intelecto – e algo que não é – o Uno –. Assim, comentadores utilizam a palavra henologia<sup>31</sup> para se referir ao Uno, considerando a ontologia aquilo que começa a partir do Intelecto. Conforme Narbone (2014, p. 30), a tese central de Plotino sobre o Uno é que ele é além do ser. Ao exemplificar aquilo que não é, Plotino diz que o Uno é desprovido de figura, mesmo de figura inteligível, o que ocasiona problemas relacionados a essa questão.<sup>32</sup> É preciso tomar o cuidado com a afirmação de que o Uno é o nada, visto que esse entendimento é falso (Narbone, 2014, p. 82).

Até o momento, foi explicado que o Uno é o princípio de todas as coisas e o Uno é anterior ao Intelecto. Prossegue-se, então, para a compreensão da relação da Alma (ψυχή) com o Uno e a relação do corpo (σῶμα) com o Uno.

E alma não é naquele [cosmo], mas aquele é nela; pois nem o corpo é lugar para a alma, mas alma é em inteligência, e corpo é em alma, e inteligência é em algo diverso; e deste não há mais algo diverso, para que fosse nele mesmo; não é em parte alguma, portanto; então aí é em nenhuma parte. Então onde são as coisas diversas? Nele. Portanto nem está separado das coisas diversas nem ele mesmo é nelas, nem há nada que o tenha, mas ele tem todas as coisas. Por isso mesmo aí é o bem de todas as coisas, porque todas as coisas tanto

<sup>28</sup> Baracat Júnior traduz νοῦς por “Intelecto”, enquanto Maia Júnior traduz νοῦς por “inteligência”. Em tradução para o português da obra de Hadot *Plotino ou a simplicidade do olhar*, a tradução usada é “Espírito” (Hadot, 2019, p. 15). Normalmente, são esses três termos em português que os pesquisadores de Plotino utilizam para se referir ao νοῦς. Nessa dissertação, adotou-se como padrão a tradução de νοῦς por Intelecto.

<sup>29</sup> Tradução: Maia Jr. (2022c, p. 533). Οὐδὲ νοῦς τοῖνυν, ἀλλὰ πρὸ νοῦ· τί γὰρ τῶν ὄντων ἐστὶν ὁ νοῦς· ἐκεῖνο δὲ οὐ τι, ἀλλὰ πρὸ ἐκάστου, οὐδὲ ὄν· καὶ γὰρ τὸ ὄν οἷον μορφήν τὴν τοῦ ὄντος ἔχει, ἄμορφον δὲ ἐκεῖνο καὶ μορφῆς νοητῆς. Os colchetes nessa citação foram colocados por Maia Júnior.

<sup>30</sup> Pronome demonstrativo em grego se referindo ao Uno. Maia Júnior explica que esse termo se refere ao Uno.

<sup>31</sup> Bezerra (2006, p. 67) explica que o Uno de Plotino é superior a todo ser, não sendo reduzido a nenhuma das suas partes.

<sup>32</sup> Um problema que decorre dessa afirmação é sobre como se pode afirmar algo sobre algo que não é algo. Seria isso possível? Essa é uma questão complexa. Para respondê-la, isso implicaria um desvio do objetivo principal desse trabalho, que é o estudo da felicidade no tratado 5 [36]. Como um dos possíveis estudiosos de Plotino para aprofundar nessa questão, sobre a necessidade do Uno no sistema filosófico de Plotino, recomenda-se a leitura de Bezerra (2006, p. 66-74).

são para ele quanto são dependentes dele, cada uma de modo diverso (*En.* V, 5 [32], 9, 29-37).<sup>33</sup>

A alma está no corpo ou é o corpo que está na alma? Para Plotino, a alma é lugar para o corpo, ou seja, a alma é anterior ao corpo.<sup>34</sup> Existe também uma relação da Alma com o Intelecto. Segundo Plotino, a Alma é no Intelecto. Além disso, nessa passagem, o filósofo aponta a relação do Intelecto com algo diverso, sendo esse algo diverso o Uno. Assim, é possível observar que o corpo está na Alma, a Alma no Intelecto, o Intelecto no Uno. Observando de outro modo, pode-se perceber uma relação entre o sensível e o inteligível. Plotino também explica que existe uma dependência entre todas as partes em relação ao Uno, o que significa que não existe nenhuma parte que seja independente do princípio. Todas possuem alguma ligação.

Essa passagem de Plotino possibilita compreender as divisões dentro do seu sistema filosófico. Todavia, diante do que foi exposto, ainda não está explicado o comportamento das partes originárias do Uno com o próprio Uno. Como a Alma se comporta em relação ao Uno?

Por isso as coisas que não são uno se esforçam como podem para vir a ser uno, umas são de mesma natureza e convergem por natureza ao mesmo, querendo unificar-se com elas; pois cada uma não se esforça umas longe das outras, mas umas para outras e para si mesmas; todas as almas desejariam ir ao uno depois da essência delas. De ambas as partes é o uno: pois é o ‘a partir de que’ e o ‘para que’; pois tanto [alma] começa a partir do uno quanto se esforça para o uno (*En.* VI, 2 [43], 11, 20-26).<sup>35</sup>

Plotino explica que todas as coisas se esforçam (σπεύδει) para vir a ser Uno (έν). Isso significa dizer que existe o interesse de um ser em se aproximar daquilo que é anterior ao ser. A palavra σπεύδει é um verbo e apresenta como possíveis sentidos: apressar ou acelerar, algo ou alguém; esforçar-se por ou dedicar esforços a algo ou alguém. Portanto, é possível compreender que não somente as coisas se esforçam para vir a ser Uno, mas que existe uma certa pressa, um empenho significativo para atingir esse objetivo.

É possível também observar que existe um princípio de semelhança e atração atuando nas coisas, regendo a proximidade ou distanciamento em relação ao Uno. As coisas que são de mesma

<sup>33</sup> Tradução: Maia Jr. (2022b, p. 140). Ψυχὴ δὲ οὐκ ἐν ἐκείνῳ, ἀλλ’ ἐκεῖνος ἐν αὐτῇ· οὐδὲ γὰρ τόπος τὸ σῶμα τῇ ψυχῇ, ἀλλὰ ψυχὴ μὲν ἐν νῷ, σῶμα δὲ ἐν ψυχῇ, νοῦς δὲ ἐν ἄλλῳ· τούτου δὲ οὐκέτι ἄλλο, ἢν’ ἂν ἦν ἐν αὐτῷ· οὐκ ἐν ὁποῦν ἄρα· ταύτῃ οὖν οὐδαμῇ. Ποῦ οὖν τὰ ἄλλα ; ἐν αὐτῷ. Οὔτε ἄρα ἀφέστηκε τῶν ἄλλων οὔτε αὐτὸς ἐν αὐτοῖς ἐστὶν οὐδὲ ἐστὶν οὐδὲν ἔχον αὐτό, ἀλλ’ αὐτὸ ἔχει τὰ πάντα. Διὸ καὶ ταύτῃ ἀγαθὸν τῶν πάντων, ὅτι καὶ ἐστὶ καὶ ἀνήρτηται πάντα εἰς αὐτὸ ἄλλο ἄλλως.

<sup>34</sup> De acordo com Plotino, é o corpo que está na alma e não o contrário, que uma alma está no corpo: “Por isso também Platão [diz] muito bem não tendo posto a alma no corpo, no universo, mas o corpo na alma, e diz que por um lado há algo da alma em que é o corpo, e por outro há algo em que é nenhum corpo, das potências dessa parte da alma, claramente, o corpo não necessita” (Maia Júnior, 2022a, p. 74). Διὸ καὶ Πλάτων καλῶς τὴν ψυχὴν οὐ θεῖς ἐν τῷ σώματι ἐπὶ τοῦ παντός, ἀλλὰ τὸ σῶμα ἐν τῇ ψυχῇ, [καί] φησὶ τὸ μὲν τι εἶναι τῆς ψυχῆς ἐν ᾧ τὸ σῶμα, τὸ δὲ ἐν ᾧ σῶμα μηδὲν, ὃν δηλονότι δυνάμεων οὐ δεῖται τῆς ψυχῆς τὸ σῶμα (*En.* IV, 3 [27], 22, 7-11).

<sup>35</sup> Tradução: Maia Jr. (2022c, p. 125-126). Διὰ τοῦτο καὶ τὰ μὴ ἐν ὧς δύναται σπεύδει ἐν γενέσθαι, τὰ μὲν φύσει αὐτῇ τῇ φύσει συνιόντα εἰς ταῦτόν ἐνοῦσθαι αὐτοῖς θέλοντα· οὐ γὰρ ἀπ’ ἀλλήλων σπεύδει ἕκαστα, ἀλλ’ εἰς ἄλληλα καὶ εἰς αὐτά· καὶ ψυχαὶ πᾶσαι εἰς ἐν ἂν βούλονται ἰέναι μετὰ τὴν αὐτῶν οὐσίαν. Καὶ ἀμφοτέρωθεν δὲ τὸ ἐν· καὶ γὰρ τὸ ἀφ’ οὗ καὶ τὸ εἰς ὃ· καὶ γὰρ ἄρχεται ἀπὸ τοῦ ἐν καὶ σπεύδει εἰς τὸ ἐν.

natureza (φύσει) convergem devido à sua natureza<sup>36</sup>. Ademais, Plotino afirma que o esforço de cada coisa não é longe das outras coisas, porém, uma para as outras e para si mesma, e em relação ao Uno. É possível afirmar, então, que o esforço de cada coisa não é somente sobre si mesma, existe uma cooperação delas em relação ao Uno. Essa cooperação ocorre por meio da natureza. Parece que aquelas coisas que possuem sua natureza mais semelhante ao Uno tendem a se juntar, em vista do objetivo de vir a ser o Uno.

Desse modo, coloca-se em questão: em que lugar no sistema filosófico de Plotino se insere a felicidade? Primeiro, será explicado pela redução ao absurdo (*Reductio ad absurdum*), de modo a expor o que não é a felicidade. Assim, será possível realizar alguma asserção sobre o que ela é. Por redução ao absurdo, afirmar que as coisas se empenham significativamente (σπεύδει) em relação ao Uno e são infelizes expõe uma contrariedade lógica. Nesse sentido, o que Plotino parece apontar é que a felicidade é um indicador do sucesso do esforço (σπεύδει) em relação ao Uno. Conforme as orientações de Eco (1995, p. 14), recorrer-se-á a outras passagens nas *Enéadas*, em específico no tratado 5 [36], que é o objeto de estudo desta dissertação, para validar a tese de que a felicidade atua como um indicador em relação ao Uno.

Sobre o esforço das coisas para vir a ser Uno, como se pode observar se alguém está obtendo sucesso nesse objetivo?

Certamente não é preciso buscar de onde; pois não há o ‘de onde’; pois nem vem nem vai de modo algum, mas se mostra e não se mostra; por isso não há necessidade de perseguir, mas de permanecer em tranquilidade, até que se mostre, tendo-se preparado para ser o próprio espectador, como olho permanece cercado os ressurgimentos do sol; ele tendo-se mostrado acima do horizonte – desde o oceano, dizem os poetas – deu-se para ser contemplado pelos olhos (*En.* V, 5 [32], 8, 1-7).<sup>37</sup>

Plotino diz que é necessário permanecer em tranquilidade (ήσυχῇ), com o fito de o Uno<sup>38</sup> aparecer para a pessoa, ao invés de buscá-lo. O sentido que transparece nessa passagem, no momento em que é dito sobre a necessidade de não se buscar pelo Uno, é sobre um cuidado de si. O primordial é um cuidado de si. O termo ήσυχῇ, traduzido por Maia Jr. por tranquilidade, significa também: sem nenhum movimento, sem agitação, um estado de serenidade. Nesse sentido, ήσυχῇ possibilita dizer também que esse estado de estar sem movimento, sem agitação, aparece como uma

<sup>36</sup> Plotino explica que as coisas se esforçam para vir a ser Uno e que existe um princípio de semelhança regendo essas aproximações ou distanciamentos. Na *En.* I, 2 [19], 1, 1-4, Plotino diz sobre se assemelhar ao deus, de modo geral, por meio da virtude. Portanto, a direção do esforço do ser humano, nessa busca de vir a ser Uno, é por meio do desenvolvimento de virtudes.

<sup>37</sup> Tradução: Maia Jr. (2022b, p. 136). "Ἡ οὐ δεῖ ζητεῖν πόθεν· οὐ γάρ ἐστι τὸ πόθεν· οὔτε γὰρ ἔρχεται οὔτε ἄπεισιν οὐδαμοῦ, ἀλλὰ φαίνεται τε καὶ οὐ φαίνεται· διὸ οὐ χρὴ διώκειν, ἀλλ' ήσυχῇ μένειν, ἕως ἂν φανῇ, παρασκευάσαντα ἑαυτὸν θεατὴν εἶναι, ὥσπερ ὀφθαλμὸς ἀνατολὰς ἡλίου περιμένει· ὁ δὲ ὑπερφανεὶς τοῦ ὀρίζοντος — ἐξ ὠκεανοῦ φασιν οἱ ποιηταί — ἔδωκεν ἑαυτὸν θεάσασθαι τοῖς ὁμμασιν.

<sup>38</sup> De acordo com Brandão (2013b, p. 96), com base em sua leitura da *En.* V, 5, 8, 1-7, aquilo que se mostra é o Uno, que deve ser aguardado serenamente.



condição desse esforço do ser humano em direção ao Uno.<sup>39</sup> O termo ἡσυχῆ revela, pois, um indicador, nessa metáfora do Sol que aparece no horizonte, quando a alma está tranquila e sem agitação (ἡσυχῆ). O cuidado de si se revela como uma busca pela tranquilidade, um preparo para que o interior<sup>40</sup> de alguém esteja sem agitação.

No sentido oposto, quem está distante da tranquilidade, está com maior agitação. Como consequência, tornará difícil para o ser humano conseguir contemplar, nessa metáfora do Sol, o princípio. Pode-se deduzir então que (i) a tranquilidade (ἡσυχῆ) se apresenta como uma condição a quem busca algum conhecimento do Uno, visto que o oposto a tranquilidade distancia alguém da possibilidade de que o Uno, na metáfora do Sol, se revele para alguém; (ii) existe um tipo de investigação sobre o princípio da realidade de todas as coisas que demanda do investigador um cuidado de si, um preparo para que se possa realizar a investigação.<sup>41</sup>

Ao que parece, a tranquilidade que Plotino diz nessa passagem não é uma tranquilidade qualquer.<sup>42</sup> Se cruzar essa citação das *Enéadas* com as explicações de Porfírio, que Plotino teve quatro vezes o momento de união com o princípio,<sup>43</sup> e considerando o que Hadot (2010, p. 18) explica sobre a filosofia antiga ser um modo de vida; a tranquilidade (ἡσυχῆ) passa um sentido de algo realmente profundo e intenso, um estado significativo de ausência de agitação, para, com base na metáfora do Sol de Plotino, possibilitar que o Uno se mostre a alguém.<sup>44</sup> A inferência realizada

<sup>39</sup> Uma possível reflexão a partir de Plotino, em vista da felicidade, é sobre de que modo o ambiente externo pode contribuir para a felicidade. Se é plausível afirmar que existe uma proximidade entre a felicidade e esse estado sem agitação (ἡσυχῆ), será que as pessoas que convivem com frequência em ambientes externos, os quais aumentam a agitação interna delas, as afastam da felicidade? Ademais, será que ambientes externos os quais promovam um estado de reduzida agitação interna auxiliam para a felicidade? Plotino explica sobre a necessidade das virtudes, que é algo interno, para se aproximar do Uno (*En.* I, 2 [19], 1, 1-4). Mesmo que exista um ambiente externo que promova um estado interno que reduza a agitação, pelo que se pode entender com base em Plotino, sem o desenvolvimento de virtudes, a felicidade não é aumentada. O que se poderia dizer é que a parte superior da alma seria momentaneamente fortalecida, contribuindo possivelmente para um melhor discernimento sobre as virtudes (Cf. *En.* I, 8 [51], 9, 1-4), porém, não obrigatoriamente essa pessoa estará mais feliz, já que é necessária uma alteração no modo de vida. Essa nota de rodapé se propôs a elaborar um raciocínio inicial, mesmo que limitado, sobre uma relação entre o ambiente externo, a tranquilidade e a redução de agitação e a felicidade.

<sup>40</sup> Conforme Brandão (2012, p. 73), as hipóteses existem também no homem interior.

<sup>41</sup> Ao afirmar que existe um tipo de investigação sobre o princípio, o Uno, que demanda um cuidado de si, não se busca afirmar que essa é a única possibilidade existente. É somente um possível caminho detectado com base nas explicações de Plotino.

<sup>42</sup> É preciso estar atento que, em Plotino, a tranquilidade (ἡσυχῆ) assume um significado bem específico, não devendo ser confundida com um estado de tranquilidade qualquer. Nessa explicação, o estado sem agitação (ἡσυχῆ) indica uma peculiaridade dessa experiência.

<sup>43</sup> *Vp*, 23.

<sup>44</sup> Considerando que houve poucas vezes em que Plotino entrou nesse estado de união com o princípio, parece que o estado de tranquilidade (ἡσυχῆ), no seu sentido mais profundo e intenso, é algo raro. Pode-se admitir três significados para ἡσυχῆ. O primeiro deles considera a tranquilidade (ἡσυχῆ) no seu sentido mais forte possível, a tranquilidade que possibilita a contemplação do Uno. O segundo possível significado de tranquilidade (ἡσυχῆ) é o seu sentido mais fraco, um estado de tranquilidade mais usual e comum. Por exemplo, quando, devido às condições externas, como um ambiente calmo, uma pessoa momentaneamente usufrui da tranquilidade. Um terceiro significado de tranquilidade (ἡσυχῆ) é quando relacionada à felicidade (εὐδαιμονεῖν). Esse significado será explicado e aprofundado no segundo capítulo desta dissertação. A diferença entre os dois primeiros significados está na intensidade da tranquilidade. Sobre o primeiro significado, traz-se a explicação de Brandão (2022), que auxiliará a entender e aprofundar melhor essa acepção. No momento da experiência supraracional de união com o Uno, nada se move na alma, nem as paixões, nem

aqui deve ser entendida somente como uma possível interpretação, se for admitido que ele buscou nas *Enéadas* explicar as suas vivências, já que a filosofia antiga, conforme Hadot, não era entendida somente como um discurso racional, mas também um modo de vida.

Foi discorrido sobre a tranquilidade (ἡσυχῇ). Qual a relevância da compreensão desse termo diante do objetivo dessa pesquisa sobre como ser feliz no tratado 5 [36]? Se é plausível afirmar que é contraditório uma pessoa buscar agitação interna e esperar que o Uno se mostre, bem como é contraditório que alguém se esforce na direção do Uno e seja infeliz, parece que tanto a tranquilidade quanto a felicidade atuam como indicador de sucesso desse esforço na direção do Uno. Portanto, se esse raciocínio for plausível, a felicidade em Plotino incorpora em seu sentido a tranquilidade ou um estado de ausência de agitação.

### 1.1.2 O Intelecto (νοῦς)

O tratado 5 [36], que é o objeto de estudo desta dissertação, é intitulado “Se a felicidade aumenta com o tempo”. O que é o tempo em Plotino e qual a relação do tempo com o Intelecto (νοῦς)? A passagem a seguir busca introduzir a reflexão sobre o conceito de tempo em Plotino, de modo a compor as explicações sobre o que é o Intelecto. Um aprofundamento sobre o que é o tempo será feito posteriormente. Conforme Plotino, o Intelecto tem apenas o que é e não tem nem o passado, nem o futuro.

Então [a inteligência] tem tudo que é estável em si, e tem apenas “é”, e sempre o “é”, de modo algum tem o futuro – pois ainda é então – nem o passado – pois nada ali passou – mas o “sempre” está instituído, enquanto são as mesmas coisas, que assim se mantêm, tal que amando a si mesmas (*En. V, 1 [10], 4, 21-25*).<sup>45</sup>

Se for considerado que o conceito de tempo cronológico contém o conceito de passado e de futuro e que o Intelecto não contém nem o passado, nem o futuro, então, não existe o tempo no Intelecto. Ademais, considerando que a partir do Uno surge o Intelecto e posteriormente a Alma e o

---

as sensações ou o pensamento. Considerando que o ser humano é composto de corpo e alma, isso transmite o sentido de proporcionalidade. O corpo, que é composto por matéria, sempre irá provocar agitação ou movimento, então parece plausível afirmar que durante o momento de união com o Uno, é como se a intensidade de experiência proporcionada de quietude na alma fosse muito maior do que os efeitos da agitação ou movimento ocasionado pelo corpo. Para exemplificar, de um modo impreciso, com o objetivo de ilustrar através do conjunto dos números naturais, atendo-se aos efeitos, é como se 99% da percepção fosse quietude e percepção de ausência de movimento, enquanto 1% fosse agitação ou movimento, por causa do corpo. Ressalta-se que 99% é somente um número arbitrário, com o objetivo de exemplificar a quietude profunda. Precisamente, não é possível afirmar qual a porcentagem, mas certamente é bem mais expressiva a percepção da quietude em relação à agitação. Nota sobre essa referência: o livro foi consultado em formato Epub, nesse sentido, não foi possível informar o número da página da citação, somente o capítulo do livro.

<sup>45</sup> Tradução: Maia Jr. (2022b, p. 23). “ἔχει οὖν [ἐν τῷ αὐτῷ] πάντα ἐστῶτα ἐν τῷ αὐτῷ, καὶ ἔστι μόνον, καὶ τὸ <<ἔστιν>> αἰεὶ, καὶ οὐδαμοῦ τὸ μέλλον — ἔστι γὰρ καὶ τότε — οὐδὲ τὸ παρεληλυθός — οὐ γάρ τι ἐκεῖ παρελήλυθεν — ἀλλ’ ἐνέστηκεν αἰεὶ ἅτε τὰ αὐτὰ ὄντα οἷον ἀγαπῶντα ἑαυτὰ οὕτως ἔχοντα. Nota: os colchetes foram colocados por Maia Jr.

corpo,<sup>46</sup> e que o conceito de tempo existe na realidade do ser humano, pode-se afirmar que o tempo surge após o Intelecto.<sup>47</sup>

Se o tempo não existe no Intelecto, o que existe, pois, nessa hipóstase? A eternidade. A eternidade pode ser definida como aquilo que sempre é (ἔστιν). Plotino explica no tratado 5 [36] – Sobre se a felicidade aumenta com o tempo – que a felicidade é sempre medida em relação à eternidade e não em relação ao tempo.<sup>48</sup> Isso significa dizer que ela não é medida em relação nem ao Uno e nem à Alma, mas sim em relação ao Intelecto.<sup>49</sup> Por agora, cabe apenas mencionar que existe uma relação entre a felicidade e o Intelecto.

Em Plotino, o conceito de vida é relevante para a felicidade, já que a felicidade e a vida são consideradas sinônimos (*En.* IV [46], 1, 1-3). Dessa forma, convém adentrar mais no que significa a vida para esse filósofo.

Por isso a eternidade é algo majestoso e o pensamento a declara idêntica a deus: declara-a idêntica a esse deus [Intelecto]<sup>50</sup>. E com beleza a eternidade poderia ser definida como um deus manifestando-se e revelando-se tal como é: o ser como inabalável e idêntico e assim e solidamente fundado em vida. E se dizemos que ela é composta de muitas coisas, não é preciso surpreender-se, pois cada um dos seres de lá é muitas coisas por seu poder ilimitado; porque o infinito é o que não têm carência, e propriamente isso, pois nada seu se consome. E se alguém, assim, disser que a eternidade é uma vida já infinita porque existe inteira e nada seu se consume por não ter sido nem vir a ser - pois assim não seria inteira agora - estaria próximo de defini-la (*En.* III, 7 [45], 5, 18-28).<sup>51</sup>

<sup>46</sup> Cf. *En.* V, 5 [32], 9, 29-37. Em vários momentos desta dissertação, foi utilizada a expressão “Cf.” (confira). Na maior parte das vezes em que foi utilizada essa expressão, a citação já foi utilizada anteriormente. Portanto, o leitor pode encontrar no próximo texto, por meio da ferramenta localizar, a citação. Por exemplo, pode-se digitar “*En.* V, 5 [32], 9” para localizar a citação.

<sup>47</sup> Plotino explica que na eternidade, que está no Intelecto (νοῦς): “É preciso, portanto, elevarmo-nos a nós mesmos àquela disposição que dizíamos existir na eternidade, aquela vida plácida, toda junta, já infinita, completamente indeclinável e estabelecida no Uno e ao Uno dirigida. O tempo ainda não existia, não pelo menos para aqueles, e nós engendremos o tempo na razão e pela natureza do que é posterior (*En.* III, 7 [45], 11, 1-6). Δεῖ δὴ ἀναγαγεῖν ἡμᾶς αὐτοὺς πάλιν εἰς ἐκείνην τὴν διάθεσιν ἣν ἐπὶ τοῦ αἰῶνος ἐλέγομεν εἶναι, τὴν ἀτρεμῇ ἐκείνῃ καὶ ὁμοῦ πᾶσαν καὶ ἄπειρον ἤδη ζοῆν καὶ ἀκλινῇ πάντῃ καὶ ἐν ἐνὶ καὶ πρὸς ἐν ἐστῶσαν. Χρόνος δὲ οὐπω ἦν, ἢ ἐκείνοις γε οὐκ ἦν, γεννήσομεν δὲ χρόνον λόγῳ καὶ φύσει τοῦ ὑστέρου.

<sup>48</sup> Cf. *En.* I, 5 [36], 7, 20-22.

<sup>49</sup> Existe uma dificuldade na relação da felicidade e o Uno. Como o Uno é inefável, anterior ao ser e à linguagem, ele não pode ser expresso com precisão por meio de palavras. O problema surge: como medir algo em relação ao Uno? Portanto, o que se apresenta é que a felicidade não pode ser medida em relação ao Uno, mas ao nível do Intelecto (νοῦς). Porém, todas as almas se esforçam na direção do Uno e a felicidade parece indicar o êxito dessa direção (Cf. *En.* VI, 2 [43], 11, 20-26). Percebe-se, pois, que parece existir uma fronteira imprecisa entre o Uno e o Intelecto (νοῦς) com a felicidade, já que mesmo no nível do Intelecto, a alma do ser humano continua buscando o Uno, que está fora do domínio da linguagem. Portanto, não se mede a felicidade em relação ao Uno, mas parece que a medida é no limite, em uma situação infinitesimal, do Intelecto (νοῦς) em relação ao Uno. Em outras palavras, é uma fronteira entre a linguagem e a não-linguagem.

<sup>50</sup> De acordo com nota de rodapé de Baracat Júnior, a palavra “Deus” se refere ao Intelecto.

<sup>51</sup> Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 645-646. “Ὅθεν σεμνὸν ὁ αἰὼν, καὶ ταῦτόν τῳ θεῷ ἡ ἔννοια λέγει· λέγει δὲ τοῦτῳ τῳ θεῷ. Καὶ καλῶς ἂν λέγοιτο ὁ αἰὼν θεὸς ἐμφαίνων καὶ προφαίνων ἑαυτὸν οἷός ἐστι, τὸ εἶναι ὡς ἀτρεμές καὶ ταῦτόν καὶ οὕτως καὶ τὸ βεβαίως ἐν ζῳῇ. Εἰ δ’ ἐκ πολλῶν λέγομεν αὐτόν, οὐ δεῖ θαυμάζειν· πολλὰ γὰρ ἕκαστον τῶν ἐκεῖ διὰ δύναμιν ἄπειρον· ἐπεὶ καὶ τὸ ἄπειρον τὸ μὴ ἂν ἐπιλείπειν, καὶ τοῦτο κυρίως, ὅτι μὴδὲν αὐτοῦ ἀναλίσκει. Καὶ εἰ τις οὕτω τὸν αἰῶνα λέγοι ζοῆν ἄπειρον ἤδη τῳ πᾶσαν εἶναι καὶ μὴδὲν ἀναλίσκειν αὐτῆς τῳ μὴ παρεληλυθέναι μὴδ’ αὖ μέλλειν — ἤδη γὰρ οὐκ ἂν εἴη πᾶσα — ἐγγὺς ἂν εἴη τοῦ ὀρίζεσθαι.

A eternidade (αἰών) é idêntica ao deus (θεῶς), sendo que deus é a segunda hipóstase, isto é, o Intelecto (νοῦς). Como característica, o Intelecto é solidamente fundado em vida (ζωή), entendido como uma vida infinita. Isso significa dizer que alguém que busca ter mais vida deve buscar o Intelecto.

Ζωή possui também o significado de vida associado ao entendimento de recursos ou sustento dos meios de vida. Consoante o que será exposto e aprofundado na próxima seção sobre a Alma, adiantado aqui nesta seção sobre o Intelecto, existe a parte sensível e inteligível da alma, com uma relação de poder e dominação (κρατοῖ).<sup>52</sup> À medida que a parte sensível da alma é mais dominante (κρατοῖ), a parte inteligível reduz os efeitos da parte sensível. O oposto também ocorre, se a parte inteligível for a mais dominante, a parte sensível tem o seu poder reduzido. Com base nesse entendimento, é plausível afirmar que é sempre necessário que a parte inteligível da alma tenha algum poder, já que é essa parte a qual dá sustentação à vida do ser humano. Como sempre existe uma parte da alma no inteligível, então, a explicação de que é necessário que a alma tenha algum poder não acrescenta nada, já que é uma informação autoevidente. Entretanto, o que se aponta é que sempre existe um mínimo de poder e também que esse poder da parte superior da alma pode ser aumentado. A vida também pode, pois, ser aumentada ou diminuída.

A noção de vida no contexto do sistema filosófico de Plotino está sendo explicada em termos de vida da alma em relação ao Intelecto. Enquanto vida da alma em relação ao Intelecto, isso se aparenta com um aspecto de vitalidade do ser humano. Se houver alguma barreira ou dificuldade entre o ser humano e o Intelecto, isto é, se a parte sensível da alma for mais dominante do que a parte inteligível da alma, essa vitalidade do ser humano será consequentemente reduzida. Por agora, limita-se somente a essa breve exposição, buscando introduzir sobre o Intelecto e sua relação com a felicidade.

Deixam-se em aberto algumas explicações, que serão respondidas ao longo desta dissertação, como: o que é essa barreira ou dificuldade entre o ser humano e o Intelecto? Qual é a relação entre a vida e a felicidade?

Sobre o Intelecto, Plotino diz que ele não tem carência (ἐπιλείπειν)<sup>53</sup>, já que o infinito não tem carência. Se algo não tem carência, esse algo é autossuficiente e não precisa de mais outra coisa. Além disso, Zamora Calvo (2020, p. 53) afirma que nós, como seres humanos encarnados, raramente temos consciência da vida intelectual. É essa parte superior, esse nível elevado de contemplação, que proporciona a mais perfeita felicidade.

<sup>52</sup> Cf. *En.* IV, 8 [6], 8, 1-6.

<sup>53</sup> ἐπιλείπω significa estar em falta, ser insuficiente.

Conforme será explicado na seção sobre a eternidade e o tempo neste trabalho, o tempo é uma expressão da carência da Alma.<sup>54</sup> A relação entre não carência e carência auxiliará para um melhor entendimento da felicidade no tratado 5 [36] – Sobre se a felicidade aumenta com o tempo –.

### 1.1.3 A Alma (ψυχή)

Compreender o que é Alma (ψυχή) em Plotino é fundamental para entender como é possível ser feliz, bem como a relação do ser humano com o princípio. São questões pertinentes ao conceito de alma em Plotino: qual a relação entre a alma individual e a Alma hipóstase? Como se pode dividir a Alma? Em circunstâncias a alma sofre? Existe alma sem corpo?

Sobre o conceito de Alma em Plotino, convém elucidar que a alma pode ser, ao mesmo tempo, uma só e múltipla. Essa informação é útil para a compreensão do sistema filosófico de Plotino e para diferenciar a Alma hipóstase da alma individual.<sup>55</sup>

Então, nem ser única anula haver muitas almas, como o que é não anula as coisas que são, nem o numeroso aqui luta contra o uno, nem é preciso completar com número de vida os corpos, nem pela grandeza do corpo é preciso considerar vir a ser o número de almas, mas que há muitas e uma só alma antes dos corpos (*En.* VI, 4 [22], 4, 34-39).<sup>56</sup>

Em Plotino, não existe uma contradição sobre a Alma ser múltipla e ser una ao mesmo tempo. Para ele, existem muitas almas antes dos corpos, ou seja, o filósofo refuta a ideia de que somente existem almas ligadas aos corpos. Elas encontram-se também fora dos corpos.<sup>57</sup> Rappe (2017, p. 309) explica que a alma do mundo é causa e fonte do mundo físico e que a alma cósmica contém a multiplicidade das almas individuais.

Sobre as divisões dentro da alma, Plotino diz que a alma é possível ser dividida em natureza sensível (αἰσθητή) e inteligível (νοητή): “Contudo é melhor avançar mais para adiante; então dividíamos a alma, separando em natureza sensível e inteligível, pondo sua essência na natureza

<sup>54</sup> Sobre o tempo ser uma expressão da carência da alma, cf. *En.* III, 7 [45], 11, 11-20.

<sup>55</sup> Reforça nesta parte do trabalho, como se trata de uma parte especificamente sobre a Alma, as diferenças entre maiúsculas e minúsculas. Nesta dissertação, a “Alma” hipóstase é escrita com maiúscula, enquanto a “alma” minúscula refere-se à multiplicidade da alma. Por exemplo, ao referir-se ao ser humano, fala-se da alma, das partes sensível e inteligível. Na relação entre as hipóstases, fala-se da Alma, do Intellecto e do Uno.

<sup>56</sup> Tradução: Maia Jr. (2022c, p. 234). Οὐτ’ οὖν τὸ μίαν εἶναι τὰς πολλὰς ἀναιρεῖ, ὥσπερ οὐδὲ τὸ ὄν τὰ ὄντα, οὔτε μάχεται τὸ πλῆθος ἐκεῖ τῷ ἐνί, οὔτε τῷ πλήθει συμπληροῦν δεῖ ζωῆς τὰ σώματα, οὔτε διὰ τὸ μέγεθος τοῦ σώματος δεῖ νομίζειν τὸ πλῆθος τῶν ψυχῶν γίνεσθαι, ἀλλὰ πρὸ τῶν σωμάτων εἶναι καὶ πολλὰς καὶ μίαν.

<sup>57</sup> Segundo Plotino, “No cosmo inteligível é a verdadeira essência; inteligência é o melhor dali; e almas também há ali: pois dali são também aqui. E aquele cosmo tem almas sem corpos, este tem as que vieram a ser em corpos, porque foram partilhadas em corpos” [Tradução: Maia Jr. (2022a, p. 7)]. Ἐν τῷ κόσμῳ τῷ νοητῷ ἡ ἀληθινὴ οὐσία· νοῦς τὸ ἄριστον αὐτοῦ· ψυχαὶ δὲ κάκει· ἐκεῖθεν γὰρ καὶ ἐνταῦθα. Κάκεινος ὁ κόσμος ψυχὰς ἄνευ σωμάτων ἔχει, οὗτος δὲ τὰς ἐν σώμασι γινομένας καὶ μερισθείσας τοῖς σώμασιν (*En.* IV, 1 [21], 1, 1-4).

inteligível” (*En.* IV, 2 [4], 1, 7-9).<sup>58</sup> O termo αἰσθητῆς, que remete à natureza sensível, revela na existência do ser humano que existe uma parte da alma responsável pela percepção dos sentidos. O termo νοητός, que remete à natureza inteligível, revela aquilo que é captado pelo Intelecto (νοῦς).

Plotino também afirma: “Pois toda alma tem algo de inferior para o corpo e de superior para a inteligência” (*En.* IV, 8 [6], 8, 11-13).<sup>59</sup> Portanto, é possível dizer que a parte inferior da alma (ψυχῇ) está para o corpo e a parte sensível; e a parte superior está para o Intelecto e a parte inteligível.

O que significa dizer que a essência da alma está colocada na natureza inteligível? Primeiramente, pode-se afirmar que o não essencial está na parte sensível. Ademais, uma vez que existem almas sem corpos, é plausível o argumento de que a natureza da alma está no inteligível. Se a essência da alma estivesse no sensível, nesse raciocínio, consideraria que a natureza inteligível não é essencial. Para Plotino, existem almas sem corpos. Como consequência, a implicação desse raciocínio seria dizer que uma alma sem um corpo possui a sua essência no sensível, o que seria um absurdo, visto que uma alma sem corpo está sem um ponto de conexão com a parte sensível ligada ao corpo. Não há como afirmar que a essência de algo está em algo que não existe nenhuma ligação com aquela coisa. Portanto, é coerente dentro do sistema filosófico de Plotino dizer que a essência da alma está no inteligível.

Desse modo, ciente de que a essência da alma está no inteligível, com sua parte superior para o Intelecto, é plausível afirmar que a parte da alma significativa para a felicidade está vinculada à parte superior da alma e não à parte sensível, que está orientada para corpo.<sup>60</sup> Conforme Plotino, todas as almas querem ir para o Uno depois da essência delas,<sup>61</sup> além da felicidade ser medida em relação à eternidade.<sup>62</sup> Ou seja, existe uma apreciação à parte superior da alma, que contém a essência da alma, em relação à parte inferior da alma, que não contém a sua essência.

Se a parte da alma de natureza inteligível se apresenta como mais relevante para a felicidade, o que acontece, nessa dinâmica da existência entre as partes sensível e inteligível da alma, de modo que se possa afirmar que existem pessoas mais ou menos felizes? Segundo Plotino,

E se é preciso ousar dizer contra a opinião dos outros o que se mostra mais claramente: não toda a nossa alma imerge, mas há algo dela no inteligível sempre; e se a parte no sensível

<sup>58</sup> Tradução: Maia Jr. (2022a, p. 12). “Ὅμως γε μὴν προσωτέρω χωρεῖν βέλτιον· τότε μὲν οὖν διηροῦμεν αἰσθητῇ καὶ νοητῇ φύσει διαστελλόμενοι, ἐν τῷ νοητῷ τὴν ψυχὴν τιθέμενοι. Existe outra passagem das *Enéadas* (*En.* IV, 8 [6], 7, 1-2), Plotino explica sobre as divisões da alma, considerando que a melhor parte é a inteligível (νοητῆς). Conforme a tradução de Maia Jr. (2022a, p. 286), “E dupla sendo essa natureza, inteligível e sensível, melhor à alma é ser inteligível”. Διττῆς δὲ φύσεως ταύτης οὗσης, νοητῆς, τῆς δὲ αἰσθητῆς, ἄμεινον μὲν ψυχῇ ἐν τῷ νοητῷ εἶναι.

<sup>59</sup> Tradução: Maia Jr. (2022a, p. 288). Πᾶσα γὰρ ψυχὴ ἔχει τι καὶ τοῦ κάτω πρὸς σῶμα καὶ τοῦ ἄνω πρὸς νοῦν.

<sup>60</sup> De acordo com Reis (2023, p. 812), em Plotino, “para o filósofo é a vida intelectual que torna alguém feliz e, portanto, a verdadeira vida em que se pode atingir a felicidade é a vida da alma racional”.

<sup>61</sup> Cf. *En.* VI, 2 [43], 11, 20-26.

<sup>62</sup> Cf. *En.* I, 5 [36], 7, 20-22.

dominar, ou seja, se [a alma] for dominada e perturbada, essa parte não permite haver sensação para nós das coisas que a parte superior da alma contempla (*En.* IV, 8 [6], 8, 1-6).<sup>63</sup>

Essa explicação reforça o entendimento de que sempre há uma parte da alma (ψυχή) no inteligível (τῷ νοητῷ ἀεί). Mesmo que a alma esteja ligada a um corpo, ela nunca deixa de ter uma parte sua no inteligível.<sup>64</sup> Outra informação colocada por Plotino é que existe uma dinâmica entre as partes inteligível e sensível da alma, de modo que uma parte interfere na outra.

A dinâmica que Plotino aponta é uma relação de dominação (κρατοῖ / κρατοῖτο). O verbo κρατέω significa, além do significado de dominar, comandar ou ser o mais dominante. Nesse sentido, κρατέω parece remeter a uma relação de não cooperação entre essas duas partes da alma, no sentido de que o poder de uma reduz o poder da outra.

Existe uma dinâmica de força atuante nelas. Conforme Plotino, se a parte no sensível for a mais dominante, essa parte não permite que as sensações das coisas que a parte superior da alma contempla cheguem para o ser humano. Isso significa dizer que um maior poder para a parte sensível da alma reduz os efeitos do poder da parte inteligível da alma.<sup>65</sup> Logo, existe uma dinâmica entre o bem e o mal nessa disputa de poder das partes da alma, considerando o bem como um sucesso da parte inteligível da alma no seu esforço em relação ao Uno.<sup>66</sup> Paralelamente, existe também uma dinâmica entre a felicidade e a infelicidade nessa relação de poder entre essas duas partes. Se a parte inteligível da alma for a mais dominante, a felicidade também será maior.<sup>67</sup> Caso contrário, se a parte sensível for a mais dominante, a infelicidade também será maior. Portanto, o estudo das relações de poder entre essas duas partes da alma se relaciona diretamente com o estudo da felicidade em Plotino.

<sup>63</sup> Tradução: Maia Jr. (2022c, p. 287). Καὶ εἰ χρὴ παρὰ δόξαν τῶν ἄλλων τολμήσαι τὸ φαινόμενον λέγειν σαφέστερον, οὐ πᾶσα οὐδ' ἡ ἡμετέρα ψυχὴ ἔδω, ἀλλ' ἔστι τι αὐτῆς ἐν τῷ νοητῷ ἀεί· τὸ δὲ ἐν τῷ αἰσθητῷ εἰ κρατοῖ, μᾶλλον δὲ εἰ κρατοῖτο καὶ θορυβοῖτο, οὐκ ἔᾱ αἰσθησιν ἡμῖν εἶναι ὧν θεᾶται τὸ τῆς ψυχῆς ἄνω.

<sup>64</sup> Zamora Calvo (2020, p. 53) comenta sobre a característica “*amphibious*” (tradução: anfíbio), para se referir à característica do ser humano que existe simultaneamente no mundo sensível e no mundo inteligível. Pode-se tomar um exemplo de um sapo. Do mesmo modo que um sapo consegue viver tanto na água quanto na terra, o ser humano vive tanto no mundo sensível quanto no mundo inteligível.

<sup>65</sup> A argumentação nessa dissertação se centrou sobre quando a parte sensível é mais dominante do que a parte inteligível. Em *En.* IV, 4 [28], 25, 1-8, Plotino exemplifica a situação contrária, quando a parte inteligível é mais dominante sobre a parte sensível. Conforme a tradução de Maia Jr. (2022a, p. 143) “Não basta, certamente, haver o ‘pelo que sente’ para que veja e de modo geral sinta, mas é preciso a alma estar de modo a anuir às coisas sensíveis. À alma é princípio ser sempre para os inteligíveis; mesmo que lhe seja possível sentir, isso não viria a ser, ela sendo para as coisas superiores, e quando somos fortemente para os inteligíveis, quando somos, passam despercebidas as visões e outras sensações; quando de modo geral somos para uma coisa, as outras passam despercebidas”. Ἡ οὐκ ἀρκεῖ εἶναι τὸ δι' οὗ, ἵνα ὁρᾷ καὶ ὅλως αἰσθάνηται, ἀλλὰ δεῖ τὴν ψυχὴν οὕτως ἔχειν, ὥς νεύειν πρὸς τὰ αἰσθητά. Τῇ δὲ ψυχῇ ὑπάρχει ἀεί πρὸς τοῖς νοητοῖς εἶναι· κἂν οἷόν τε ἢ αὐτῇ αἰσθάνεσθαι, οὐκ ἂν γένοιτο τοῦτο τῷ πρὸς κρείττοσιν εἶναι, ὁπότε καὶ ἡμῖν σφόδρα πρὸς τοῖς νοητοῖς οὖσιν, ὅτε ἐσμέν, λανθάνουσι καὶ ὅψεις καὶ αἰσθήσεις ἄλλαι· κἂν πρὸς ἐτέρῳ δὲ ὅλως, τὰ ἕτερα λανθάνει.

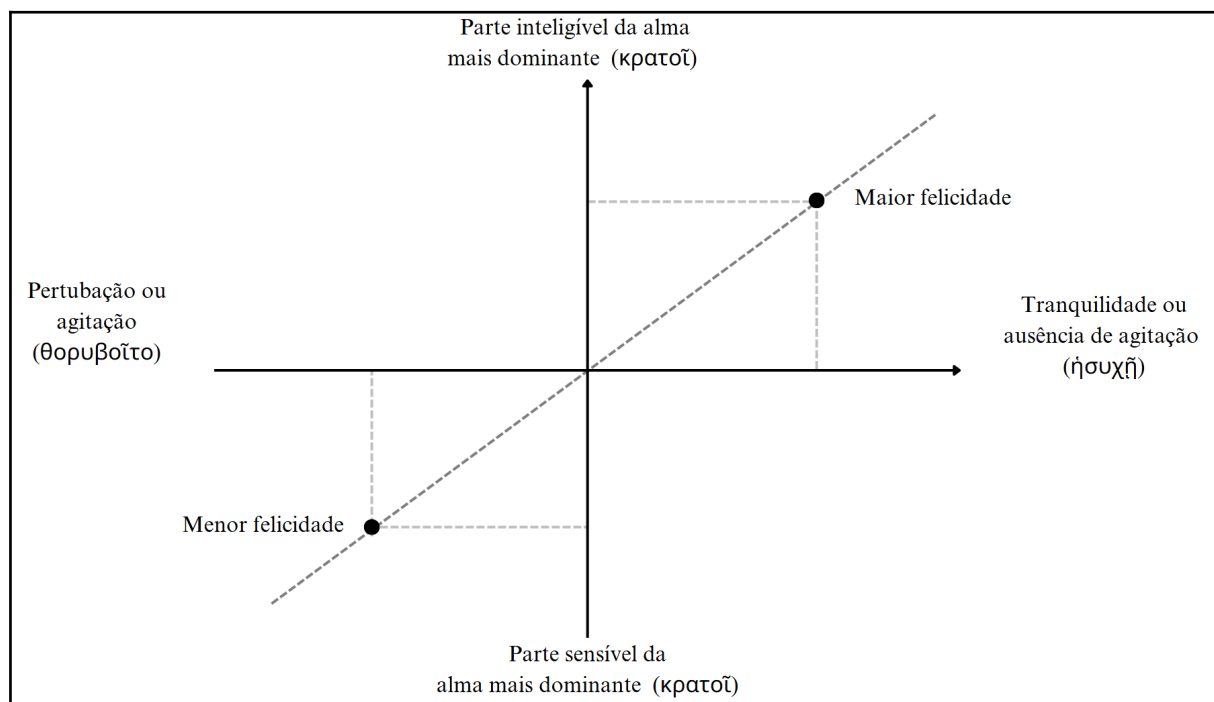
<sup>66</sup> Cf. *En.* VI, 2 [43], 11, 20-26.

<sup>67</sup> Conforme Plotino, a felicidade deve ser medida em relação à eternidade, que está relacionada à parte inteligível da alma (Cf. *En.* I, 5 [36], 7, 20-22). Além disso, todas as almas querem ir para o Uno (Cf. *En.* VI, 2 [43], 11, 20-26).

Plotino comenta sobre a perturbação (θορυβοῖτο) da alma, se a alma for dominada (κρατοῖτο) pela parte sensível. A perturbação ou barulho revela um aspecto negativo da dominação. Esse termo também parece expressar um sentido de agitação, algo oposto à tranquilidade ou paz da alma. Não somente isso, a perturbação fornece um indicador sobre o que pode ser observado no ser humano, no cotidiano, para identificar a dinâmica de poder entre as partes inteligível e sensível da alma. Se o ser humano estiver mais perturbado, existe um indicativo de parte sensível da alma estar como a mais dominante em relação à parte inteligível. Se a parte inteligível da alma for a mais dominante, a perturbação será menor.

Em vista de proporcionar uma explicação mais nítida sobre o indicador relacionado à perturbação (θορυβοῖτο) da alma, convém comparar a perturbação com a tranquilidade ou estado de alma sem agitação (ἡσυχῇ).<sup>68</sup> O par perturbação e tranquilidade ou ausência de agitação se mostra como indicador da relação entre as partes inteligível e sensível da alma. Para elucidar essa relação, pode-se observar o gráfico a seguir.

Gráfico 1 – A felicidade e o par de indicadores “perturbação ou agitação” (θορυβοῖτο) e “tranquilidade ou ausência de agitação” (ἡσυχῇ)



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Nesse gráfico existem dois eixos. O eixo x ou eixo das abscissas indica o nível de agitação do ser humano. Quanto mais à esquerda no eixo x, maior é o nível de agitação “perturbação ou

<sup>68</sup> Cf. *En.* V, 5 [32], 8, 1-7.



agitação” (θορυβοῖτο), e menor é o nível “tranquilidade ou ausência de agitação” (ἡσυχῇ). Por outro lado, quanto mais à direita no eixo x, menor é o nível de agitação “perturbação ou agitação” (θορυβοῖτο), e maior é o nível de “tranquilidade ou ausência de agitação” (ἡσυχῇ).

O eixo y ou eixo das ordenadas indica qual parte da alma está com mais força. Quanto mais abaixo no eixo y, isso significa que a parte sensível da alma é mais dominante (κρατοῖ) e a parte inteligível da alma é mais fraca, ou seja, a parte sensível da alma exerce uma dominação (κρατοῖ) em relação à parte inteligível da alma. Quanto mais acima no eixo y, isso significa que a parte inteligível da alma é mais dominante e a parte sensível da alma é mais fraca, ou seja, a parte inteligível da alma exerce uma dominação em relação à parte sensível da alma.

É possível observar que existem dois pontos no gráfico, “Maior felicidade” e “Menor felicidade”. O ponto “Maior felicidade” está plotado no primeiro quadrante, o que significa, de acordo com os eixos x e y, que o ser humano está com a parte inteligível da alma mais dominante e é possível perceber que ele usufrui de um maior nível de “tranquilidade ou ausência de agitação” (ἡσυχῇ). O ponto de “Menor felicidade” está plotado no terceiro quadrante, o que significa que, de acordo com os eixos x e y, o ser humano está com a parte sensível da alma mais dominante e é possível perceber que ele usufrui de um maior nível de “perturbação ou agitação” (θορυβοῖτο). No gráfico, tanto o ponto de “Maior felicidade” quanto o ponto de “Menor felicidade” foram plotados em cada quadrante somente para ilustrar uma possibilidade em cada respectivo quadrante. A posição dos dois pontos não deve ser entendida como a melhor posição, mas somente como uma possível posição para expressar a relação entre a parte da alma mais dominante e o seu nível de agitação.

No gráfico, existe uma reta tracejada cortando o primeiro e terceiro quadrantes ao meio. A reta cumpre uma finalidade de ilustrar apenas uma relação de proporcionalidade. À medida que a parte inteligível da alma é mais dominante, maior a “tranquilidade ou ausência de agitação” (ἡσυχῇ) e também maior é a felicidade. À medida que a parte sensível da alma é mais dominante, maior a “perturbação ou agitação” (θορυβοῖτο) e também menor é a felicidade.

A partir das explicações de Plotino, não é possível afirmar se essa relação é linear, como foi ilustrado no gráfico, uma curva ou outro tipo de variação. Logo, ressalta-se que a reta somente ilustra uma possibilidade, que não deve ser encarada necessariamente como a melhor possibilidade. O objetivo da reta tracejada é facilitar a percepção de que existe uma relação de proporcionalidade.

Logo, Plotino mostra a dinâmica de poder entre as partes inteligível e sensível da alma. O que ainda não está claro é sobre as causas que contribuem para que a parte sensível da alma seja mais dominante do que a parte inteligível da alma. Essa questão será trabalhada posteriormente,

ainda no primeiro capítulo desta dissertação, no momento em que for exposto o que é o mal e o que é a virtude em Plotino.

### 1.3.1 A relação do conhecimento com a felicidade

O que norteia esse estudo em Plotino é sobre como ser feliz, com delimitação no estudo do tratado 5 [36]. Como se trata de uma dissertação, é mobilizada aqui a escrita, o desenvolvimento de raciocínio coerente, visando expor os argumentos de Plotino sobre o que é a felicidade e como ser feliz. Ou seja, o que se produz aqui são conhecimentos. Com base no sistema filosófico desse filósofo, conforme mostra a passagem a seguir, esse estudo se encontra no nível da multiplicidade, já que o conhecimento é razão, sendo que a razão é múltipla. Para Plotino, esse ato de conhecer implica sofrimento ou experiência negativa (πάσχω), diante do objetivo de se aproximar do Uno. No sentido literal, essa é uma afirmação perigosa. Convém, pois, elucidar em que sentido o conhecimento é uma experiência negativa para o ser humano. O conhecimento apresenta a sua função, mas também possui as suas limitações. Segundo Plotino,

A aporia vem a ser principalmente porque a compreensão dele não é por conhecimento nem por pensamento, como são as diversas coisas inteligíveis, mas por presença de algo superior ao conhecimento. A alma sofre o afastamento de ser uno e no geral não é uno, quando tomar conhecimento de algo. Pois o conhecimento é razão, e razão é múltipla. Então desencaminha-se do uno tendo caído ao número e à multiplicidade. Portanto é preciso correr além do conhecimento e por nada sair do ser uno, mas é preciso afastar-se tanto do conhecimento quanto das coisas reconhecíveis e do espetáculo de tudo diverso, mesmo do belo. Pois todo belo é posterior àquele [uno] e é da parte dele, como toda luz diurna é da parte do sol. Por isso nem se pode dizer nem escrever, diz [Platão], mas dizemos e escrevemos remetendo-nos a ele, despertando desde os discursos para a contemplação, indicando assim a via a alguém que quer contemplar algo (*En. VI, 9 [9], 4, 1-14*).<sup>69</sup>

Antes de adentrar em uma explicação sobre a relação entre o conhecimento, a felicidade e essa experiência negativa (Πάσχει) no ato de conhecer em Plotino, é preciso realizar algumas considerações e uma pequena digressão. Isso possibilitará elucidar que, embora o conhecimento seja essencial para a vida feliz, já que a felicidade é medida em relação à segunda hipóstase, o Intelecto (νοῦς), que está no nível da multiplicidade, o conhecimento atua como uma barreira no esforço das almas em relação ao Uno, que está fora no nível da multiplicidade.

<sup>69</sup> Tradução: Maia Jr. (2022c, p. 535). Γίνεται δὲ ἡ ἀπορία μάλιστα, ὅτι μὴδὲ κατ' ἐπιστήμην ἢ σύνεσιν ἐκείνου μὴδὲ κατὰ νόησιν, ὥσπερ τὰ ἄλλα νοητά, ἀλλὰ κατὰ παρουσίαν ἐπιστήμης κρείττονα. Πάσχει δὲ ἡ ψυχὴ τοῦ ἑν εἶναι τὴν ἀπόστασιν καὶ οὐ πάντα ἐστὶν ἑν, ὅταν ἐπιστήμην τοῦ λαμβάνῃ· λόγος γὰρ ἡ ἐπιστήμη, πολλὰ δὲ ὁ λόγος. Παρέρχεται οὖν τὸ ἑν εἰς ἀριθμὸν καὶ πλῆθος πεσοῦσα. Ὑπὲρ ἐπιστήμην τοῖνυν δεῖ δραμεῖν καὶ μηδαμῇ ἐκβαίνειν τοῦ ἑν εἶναι, ἀλλ' ἀποστήναι δεῖ καὶ ἐπιστήμης καὶ ἐπιστητῶν καὶ παντὸς ἄλλου καὶ καλοῦ θεάματος. Πᾶν γὰρ καλὸν ὕστερον ἐκείνου καὶ παρ' ἐκείνου, ὥσπερ πᾶν φῶς μεσημερινὸν παρ' ἡλίου. Διὸ οὐδὲ ῥητὸν οὐδὲ γραπτὸν, φησιν, ἀλλὰ λέγομεν καὶ γράφομεν πέμποντες εἰς αὐτὸ καὶ ἀνεγείροντες ἐκ τῶν λόγων ἐπὶ τὴν θεάν ὥσπερ ὁδὸν δεικνύντες τῷ τι θεάσασθαι βουλομένῳ.

A palavra *πάσχει*, traduzida por Maia Jr. por sofrimento, também tem como sentido o ato de provar, experimentar, vivenciar algo, ou seja, algo positivo ou algo negativo. Por um lado, existem acepções negativas, como vivenciar um mal ou desgraça. Por outro lado, em algumas situações, *πάσχει* pode remeter a uma experiência positiva. No contexto da explicação de Plotino, *πάσχει* remete necessariamente a algo ruim, uma experiência negativa de afastar-se do Uno e entrar na multiplicidade do Intelecto.

A felicidade em Plotino é medida em relação ao Intelecto (νοῦς). Nesse sentido, não se pode afirmar que o conhecimento afasta o ser humano da felicidade. Todavia, é preciso sinalizar que se a alma deseja algo mais que o Intelecto, ela deseja o Uno, não sendo o Intelecto o seu objetivo final. Esse objetivo somente pode ser atingido ao sair do nível da multiplicidade, ou seja, não permanecer no nível do conhecimento.

O que é a filosofia? Hadot (2014, p. 64) explica que os historiadores da filosofia contemporânea consideram que a filosofia, conforme uma concepção proveniente da Idade Média e dos tempos modernos, pode ser entendida como uma trajetória puramente abstrata e teórica. Com base nesse entendimento, é possível que um leitor com essa concepção de filosofia considere como um absurdo que um filósofo, como Plotino, considere que existe algo mais importante que o conhecimento ou a linguagem.<sup>70</sup> Como se poderia dizer que é filosófico algo que não pode ser expresso por meio da linguagem? Ou como se poderia afirmar que é filosofia algo que não pode ser traduzido em um estudo de argumentos, ou seja, não utiliza a linguagem nem o conhecimento? A compreensão da filosofia como uma trajetória puramente abstrata e teórica implica na valorização da filosofia por meio da linguagem e também da racionalidade, não sendo relevante o que o sujeito que profere o discurso filosófico faz com sua vida.

Sobre a filosofia antiga, conforme Hadot (2014, p. 59-60),

A verdadeira filosofia, portanto, na Antiguidade, é o exercício espiritual. As teorias filosóficas são ou explicitamente postas a serviço da prática espiritual [...] ou tomadas como objetos de exercícios espirituais, isto é, de uma prática da vida contemplativa que é ela própria, em última instância, nada além de um exercício espiritual. Não é possível, pois, compreender as teorias filosóficas da Antiguidade sem levar em conta essa perspectiva concreta que lhes dá seu verdadeiro significado.

Com base na explicação dessa passagem, fica evidente que o conceito de filosofia não é unívoco. Hadot explica que a verdadeira filosofia na Antiguidade é o exercício espiritual. Como a expressão “exercício espiritual” adquire um significado preciso na leitura de Hadot sobre a filosofia

<sup>70</sup> Por exemplo, se for tomado um sentido da filosofia como uma análise racional das coisas, sendo possível expressá-las em uma linguagem da lógica, como se pode afirmar que é filosófico algo como a afirmação de Plotino de que “é preciso correr além do conhecimento”? Nessa concepção de filosofia, isso pode ser entendido como não filosófico ou antifilosófico. Todavia, Hadot (2010, p. 18) contribui para o esclarecimento de que a verdadeira filosofia antiga é um modo de vida e não pode ser reduzida exclusivamente a um discurso racional sobre a realidade.

antiga, primeiro se explicará o que significa essa expressão para depois retomar o conceito de filosofia na filosofia antiga. Essa pequena digressão rumo ao entendimento do que é a filosofia antiga e os exercícios espirituais cumpre uma função útil para entender que: é filosófico em Plotino algo que está além do conhecimento.

A expressão “exercícios espirituais” é fundamentalmente um retorno a si mesmo.<sup>71</sup> Eles são destinados à formação da própria pessoa, um ensino para libertar da inquietude, das paixões, para alcançar a verdadeira vida, a realização de si. Pode-se fazer um paralelo entre os exercícios espirituais e os exercícios do corpo. Enquanto os exercícios do corpo proporcionam uma outra forma ao corpo e também força, por meio dos exercícios espirituais o filósofo desenvolve a força da sua alma, modifica o seu interior e transforma a sua visão do mundo (Hadot, 2014, p. 55-57). Portanto, se a filosofia antiga é um exercício espiritual, então, a filosofia antiga não pode ser reduzida somente a um entendimento puramente abstrato e teórico (Hadot, 2014, p. 60). Afirmar que não é filosófico dizer que “é preciso afastar-se tanto do conhecimento quanto das coisas reconhecíveis”<sup>72</sup> é impor um significado moderno da filosofia na filosofia antiga, ou seja, uma atitude anacrônica. Desse modo, é filosófico em Plotino a explicação sobre afastar-se do conhecimento, no contexto da busca do Uno. No entanto, essa afirmação não é filosófica com base no entendimento moderno, que é filosófico somente aquilo que for teórico, submetido ao exercício racional, por meio da linguagem.

Após essa digressão sobre o que é a filosofia antiga, retoma-se o estudo do conceito de conhecimento na passagem *En. VI, 9 [9], 4, 1-14*, de modo a entender em que circunstâncias conhecer é uma experiência negativa (πάσχει), bem como a função do conhecimento na filosofia de Plotino, diante da busca desta pesquisa sobre como ser feliz.

Plotino explica que a compreensão do Uno não é por conhecimento, sendo essa uma dificuldade para a compreensão do Uno. Por qual motivo o Uno não é compreendido pelo conhecimento? Como a razão é múltipla e o Uno não é múltiplo, o Uno pode ser compreendido por algo superior ao conhecimento.<sup>73</sup> De acordo com ele, “A alma sofre o afastamento de ser uno e no geral não é uno, quando tomar conhecimento de algo” (*En. VI, 9 [9], 4, 3-5*).<sup>74</sup> Ao tomar conhecimento (ἐπιστήμην) de algo, a Alma se afasta do Uno, entra-se no múltiplo, o que implica em uma experiência negativa (πάσχει). Logo, essa vivência ocorre precisamente no afastamento do

<sup>71</sup> De acordo com Hadot, o retorno a si mesmo se relaciona com o desenvolvimento da sabedoria, purifica a alma. O ser humano se distancia de si mesmo quando ele está alienado pelas paixões ou preocupações, um estado afastado da felicidade (Hadot, 2014, p. 57).

<sup>72</sup> Tradução: Maia Jr. (2022c, p. 535). ἀλλ’ ἀποστῆναι δεῖ καὶ ἐπιστήμης καὶ ἐπιστητῶν (*En. VI, 9 [9], 4, 8-9*).

<sup>73</sup> *En. VI, 9 [9], 4, 1-3*.

<sup>74</sup> Tradução: Maia Jr. (2022c, p. 535). Πάσχει δὲ ἡ ψυχὴ τοῦ ἑν εἶναι τὴν ἀπόστασιν καὶ οὐ πάντῃ ἐστὶν ἑν, ὅταν ἐπιστήμην τοῦ λαμβάνῃ.

Uno. Como consequência, diante da busca da alma pela sua autorrealização, pode-se afirmar que existe essencialmente uma parte da sua busca que não diz respeito ao conhecimento.

Convém aqui realizar a diferenciação entre felicidade e autorrealização em Plotino. Se a felicidade é medida em relação ao Intelecto e não é medida em relação ao Uno, isso significa que não se pode dizer que a alma será menos feliz por causa do conhecimento. Todavia, existe algo a mais que a alma busca, que é o Uno. Nesse sentido, a palavra “autorrealização” visa designar esse algo a mais que a alma busca, além da felicidade, essa parte da jornada da alma que é possível ao sair do nível da multiplicidade. É uma autorrealização essencialmente silenciosa (ἡσυχῆ).

Se existe uma vivência negativa no ato de conhecer, qual é a função do conhecimento? Plotino explica que existe uma função dos discursos para a contemplação (θέαν) do Uno. O conhecimento indica a via para alguém que quer contemplar (θεάσασθαι) algo. Pode-se dizer coisas e escrever coisas sobre o Uno, no sentido de apontar esse caminho para a contemplação (*En.* VI, 9 [9], 4, 12-14). Dessa forma, uma das funções do conhecimento está na indicação de um caminho a quem desejar contemplar o Uno. A contemplação implica em uma não utilização do discurso, não está na linguagem. A quietude ou silêncio se relaciona diretamente com esse ato de contemplação do Uno.

Outra função do conhecimento, conforme ainda será exposto nesta dissertação, está no aprendizado das virtudes. Para Hadot (2019, p. 55-56), em Plotino, o conhecimento é sempre experiência, uma metamorfose interior. É preciso elevar-se interiormente para experimentar a realidade divina. O objetivo não é dizer racionalmente se existem dois níveis de realidade divina, o que é preciso é esse nível de experimentação. Bussanich (2017, p. 57) afirma que a apreensão do Uno, desse nível transcendente, requer raciocínio filosófico e exercício afetivo.

O conhecimento exerce, pois, uma função dupla. Em certo sentido, ele é necessário para que alguém seja feliz, no sentido de apontar o caminho tanto para o desenvolvimento de virtudes quanto para a contemplação do Uno. Em outro sentido, o conhecimento é, em certo sentido, uma experiência negativa, visto que conhecer é estar no múltiplo, o que implica em se afastar do Uno.

## 1.2 O HOMEM, O VIVENTE E AS AFECÇÕES

De modo que se torne mais nítido perceber o que contribui para a felicidade e para a infelicidade em Plotino, convém trazer uma explicação sobre o que é o ser humano e o que são as afecções, já que as afecções se relacionam com a perturbação da alma, distanciando o ser humano da felicidade.

### 1.2.1 O homem e o vivente

Plotino dedica um tratado somente para explicar sobre o que é o vivente e o que é homem. Esse é o primeiro da *Enéada* I, intitulado “Sobre o que é o vivente e o que é o homem”.<sup>75</sup> Para que se compreenda o que é a felicidade para esse filósofo, é preciso elucidar o que ele entende por ser humano. Então, o que é o ser humano? Ele é um corpo, é uma alma, ou ambos? Em Plotino, duas expressões são relevantes para essa pesquisa: o vivente (σύμπαν)<sup>76</sup> e o homem verdadeiro (ἀληθὴς ἄνθρωπος).

Plotino fornece a seguinte explicação sobre o que é o vivente: “Contudo, devemos assumir que a alma está no corpo, quer exista antes dele, quer exista nele, pois é a partir da junção dele e dela que o conjunto é chamado vivente” (*En.* I, 1 [53], 3, 1-3).<sup>77</sup> O vivente (σύμπαν) pode ser entendido como uma junção da alma e do corpo. A palavra vivente (σύμπαν) pode ser compreendida como o ser humano na atualidade.<sup>78</sup> Nesse trecho, outra informação possível de ser destacada é sobre características da alma, que pode existir antes do corpo. Somente quando a alma se junta ao corpo, é que esse corpo se torna um vivente.

Outra definição apontada, no que concerne ao ser humano, é o significado de homem verdadeiro: “Mas o homem verdadeiro é outro, é o que está purificado das afecções e é possuidor das virtudes da inteligência, que certamente se assentam na própria alma que está se separando, separando-se e separada mesmo estando aqui (*En.* I, 1 [53], 10, 7-10)”.<sup>79</sup> Ao definir o que é um homem verdadeiro (ἀληθὴς ἄνθρωπος), define-se também o que é o homem não verdadeiro. Em Plotino, o homem verdadeiro parece ser um tipo de homem ideal, já que está purificado das afecções e possuidor das virtudes da inteligência, separando-se dos efeitos do corpo em relação à alma. Dessa forma, é possível afirmar que o objetivo não é uma melhor aproximação do corpo com a alma. O que se busca é justamente o contrário. É uma separação do corpo, por meio da purificação da alma.

Em um experimento mental, buscando responder à pergunta sobre o que é uma pessoa, Rappe (2017, p. 315) comenta sobre a existência do eu autêntico em Plotino, que é diferente do eu autêntico da psicologia. Esse eu em Plotino emerge “apenas descoberto quando os vários modos e

<sup>75</sup> ΠΕΡΙ ΤΟΥ ΤΙ ΤΟ ΖΩΙΟΝ ΚΑΙ ΤΙΣ Ο ΑΝΘΡΩΠΙΟΣ.

<sup>76</sup> σύμπας significa inteiro, todo ou considerado em conjunto. A tradução desse termo por “vivente” remete à ideia de lembrar que está se considerando a alma e o corpo em conjunto.

<sup>77</sup> Tradução: Barakat Júnior, 2006, p. 237. Ἀλλὰ γὰρ ἐν σώματι θετέον ψυχὴν, οὐσαν εἴτε πρὸ τούτου, εἴτ' ἐν τούτῳ, ἐξ οὗ καὶ αὐτῆς ζῆον τὸ σύμπαν ἐκλήθη.

<sup>78</sup> Nesta dissertação, sempre que a expressão “ser humano” for utilizada, será como sinônimo de vivente (σύμπαν) em Plotino.

<sup>79</sup> Tradução: Barakat Júnior, 2006, p. 246. Ὁ δ' ἀληθὴς ἄνθρωπος ἄλλος ὁ καθαρὸς τούτων τὰς ἀρετὰς ἔχων τὰς ἐν νοήσει αἰ δὴ ἐν αὐτῇ τῇ χωριζομένῃ ψυχῇ ἴδρυνται, χωριζομένη δὲ καὶ χωριστῇ ἔτι ἐνταῦθα οὐση.

objetos de cognição são progressivamente retirados”. Há uma demarcação da subjetividade diferente dos parâmetros psicológicos que atualmente são utilizados para demarcar uma personalidade. Em Plotino, o eu autêntico se destoa não só das experiências sensíveis, mas também das experiências corpóreas e das paixões ligadas ao eu. Na psicologia, o eu autêntico se caracteriza por uma história de vida e pela personalidade. Desse modo, com base no entendimento de Rappe, pode-se afirmar que há uma relação entre o eu autêntico e a linguagem. Falar em modos de cognição implica dizer na utilização da linguagem. Reduzir os modos de cognição gera como consequência a redução da utilização da linguagem para descrever o eu. A jornada da descoberta do eu autêntico não tem como objetivo principal uma melhor descrição de si, o que é diferente do entendimento atual da psicologia. A jornada desse eu implica em uma forma de vida que possibilite a purificação da alma e um direcionamento para o interior, de modo que seja possível esse desprendimento da linguagem como autoidentificação.<sup>80</sup> Lima (2018, p. 142) concorda com Rappe sobre os exercícios em Plotino para desidentificar o sujeito que conhece do eu empírico. Ele explica que o filósofo neoplatônico sugere uma forma de meditação, fazendo com que o mundo objetivo se desfça diante da mente.<sup>81</sup>

Permanece em aberto algumas perguntas: por que é um bem a alma se separar do corpo? Por que se chama de verdadeiro o homem que se purifica das afecções? É necessário explicar os significados de matéria, de mal, de virtudes e de afecções, para que o leitor consiga compreender melhor a lógica interna no seu sistema filosófico.

Para finalizar a explicação sobre o que significa o ser humano em Plotino, convém articular o significado de vivente com a felicidade.

Mas é ridículo exigir que a felicidade seja proporcional ao vivente, uma vez que a felicidade é uma boa vida, que se constitui na proximidade da alma e que é uma atividade dela, mas não de toda a alma — pois certo não é uma atividade da alma vegetativa, a fim de ligá-lo ao corpo; e certo essa felicidade não poderia ser a grandeza do corpo e uma boa compleição — nem estaria ela na sensibilidade aguçada, porque o excesso de sensações, sobrepondo, ameaça arrastar o homem para elas (*En. I, 4 [46], 14, 4-11*).<sup>82</sup>

<sup>80</sup> Sobre o direcionamento para o interior, a imagem “Esquema 5 - Fluxo e predominância da atenção em função da beleza da alma” desta dissertação, que está no quarto capítulo, possibilita ilustrar a relação entre beleza da alma, a sua purificação e o direcionamento para o interior em função dessa purificação.

<sup>81</sup> A seguinte passagem em Plotino parece ilustrar adequadamente o exercício de meditação: “É preciso, portanto, se houver recepção das coisas que assim se apresentam, também o que é recebido voltar-se para o interior, e ali fazer ter atenção. Desse modo se alguém esperando ouvir uma voz que deseja, ao afastar o ouvido das outras vozes, despertaria para a melhor das [vozes] audíveis, quando essa [voz] chegar, assim também aqui é preciso, tendo afastado as audições sensíveis, se não houver necessidade de cada uma, para guardar a potência da alma de receber pura e pronta para ouvir sons do alto”. Tradução: Maia Júnior, 2022b, p. 42. Δεῖ τοίνυν, εἰ τῶν οὕτω παρόντων ἀντίληψις ἔσται, καὶ τὸ ἀντιλαμβάνομενον εἰς τὸ εἶσω ἐπιστρέφειν, κάκει ποιεῖν τὴν προσοχὴν ἔχειν. Ὡς περ εἴ τις ἀκοῦσαι ἀναμένων ἦν ἐθέλει φωνήν, τῶν ἄλλων φωνῶν ἀποστὰς τὸ οὗς ἐγείροι πρὸς τὸ ἄμεινον τῶν ἀκουστών, ὁπότε ἐκεῖνο προσέλθοι, οὕτω τοι καὶ ἐνταῦθα δεῖ τὰς μὲν αἰσθητὰς ἀκούσεις ἀφέντα, εἰ μὴ καθόσον ἀνάγκη, τὴν τῆς ψυχῆς εἰς τὸ ἀντιλαμβάνεσθαι δύναμιν φυλάττειν καθαρὰν καὶ ἑτοιμὴν ἀκοῦειν φθόγγων τῶν ἄνω (*En. V, 1 [10], 12, 12-20*).

<sup>82</sup> Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 289. Τὸ δὲ καθόσον ἀξιοῦν τὸ ζῶον τὴν εὐδαιμονίαν εἶναι γελοῖον εὐζωίας τῆς εὐδαιμονίας οὐσης, ἢ περὶ ψυχὴν συνίσταται, ἐνεργείας ταύτης οὐσης καὶ ψυχῆς οὐ πάσης — οὐ γὰρ δὴ τῆς φυτικῆς,

A felicidade é uma boa vida e essa é a vida da alma, mas não de toda alma. Para Plotino, existe a parte inferior da alma, ligada ao corpo, e a parte superior da alma, ligada aos inteligíveis.<sup>83</sup> A felicidade diz respeito à parte superior da alma. O filósofo nega que a felicidade diz respeito ao vivente, já que o que contribui para a felicidade é a parte superior da alma, não é corpo nem a alma vegetativa que compõem a essência da felicidade.

### 1.2.2 As afecções

O que são as afecções (παθημάτων)? De que modo as afecções interferem na felicidade? Existe uma relação entre as afecções e a tranquilidade da alma? Segundo Plotino, “Não se abalará, portanto, a alma voltada para si e em si mesma: e as mudanças e a perturbação em nós vêm dos anexos e das afecções do composto o que quer que seja isso, como foi dito” (*En.* I, 1 [53], 9, 23-26).<sup>84</sup> O filósofo afirma que a alma voltada para e em si mesma, isto é, voltada para sua parte superior,<sup>85</sup> ligada ao inteligível, não se abalará (ατρεμήσει). O que causa perturbação (θόρυβος) provém dos anexos e das afecções. É possível observar as duas explicações remetendo a dois estados da alma: a alma que não se abala e a alma em estado de perturbação (θόρυβος<sup>86</sup>). Ατρεμέω significa também permanecer em repouso ou desfrutar da tranquilidade, da paz. As perturbações na alma provêm das afecções e a alma voltada para si mesma permanece em paz, desfruta da tranquilidade, sendo possível compreender, a partir dessas afirmações, que quanto menos a alma for afetada pelas afecções, mais a alma desfrutará da tranquilidade.

Até esse momento, as explicações sobre as afecções permitem compreender que elas afetam a alma, distanciando-a da tranquilidade. De onde provêm as afecções? É possível viver sem ser afetado por elas, já que as afecções afastam alguém da tranquilidade da alma? Para Plotino, as afecções (παθητικοῦ) provêm das partes irascível e desiderativa da alma e, após as afecções, existem prazeres ou tristezas.<sup>87</sup> Além disso, o filósofo explica que a alma não é obrigada a receber

ἴν' ἂν καὶ ἐφήψατο σώματος· οὐ γὰρ δὴ τὸ εὐδαιμονεῖν τοῦτο ἦν σώματος μέγεθος καὶ εὐεξία — οὐδ' αὖ ἐν τῷ αἰσθάνεσθαι εὖ, ἐπεὶ καὶ κινδυνεύουσιν αἱ τούτων πλεονεξίαι βαρύνασαι πρὸς αὐτὰς φέρειν τὸν ἄνθρωπον.

<sup>83</sup> Cf. *En.* IV, 8 [6], 8, 11-13.

<sup>84</sup> Tradução: Barakat Júnior, 2006, p. 245. Ἀτρεμήσει οὖν οὐδὲν ἦττον ἢ ψυχὴ πρὸς ἑαυτὴν καὶ ἐν ἑαυτῇ· αἱ δὲ τροπαὶ καὶ ὁ θόρυβος ἐν ἡμῖν παρὰ τῶν συνηρημένων καὶ τῶν τοῦ κοινοῦ, ὃ τι δῆποτε ἐστὶ τοῦτο, ὥς εἴρηται, παθημάτων.

<sup>85</sup> Cf. *En.* IV, 8 [6], 8, 1-6.

<sup>86</sup> No contexto, parece que θόρυβος significa um certo barulho na alma, algo que causa um certo tumulto, fazendo oposição ao sentido de paz, quietude ou tranquilidade da alma.

<sup>87</sup> Sobre as afecções, prazeres e tristezas, Plotino diz que “De certo modo, já falamos dela lá onde, a propósito de todas as afecções que se originam nas partes irascível e desiderativa, explicávamos como é cada uma [...]. Com efeito, diz-se que, universalmente, é aquilo onde as afecções parecem constituir-se; e são afecções as que são seguidas por prazeres ou tristezas” (Barakat Júnior, 2006, p. 602). Περί δὲ τοῦ λεγομένου παθητικοῦ τῆς ψυχῆς ἐπισκεπτέον. Ἦδη μὲν οὖν εἴρηται τρόπον τινὰ καὶ περὶ τούτου ἐν οἷς περὶ τῶν παθῶν ἀπάντων ἐλέγετο τῶν περὶ τὸ θυμοειδὲς καὶ τὸ ἐπιθυμοῦν γινομένων ὅπως ἕκαστα (*En.* III, 6 [26], 4, 1-4 e 7-8).



as afecções (παθήματα) oriundas do corpo.<sup>88</sup> Se alguém não é obrigado a receber as afecções da alma, porém, essa pessoa recebe, por qual motivo alguém as recebe? Não parece coerente alguém optar pelo sofrimento por livre e espontânea vontade. Para compreender esse problema, que alguém passa a receber as afecções da alma, das partes irascível e desiderativa, é preciso entender o que é a matéria e o que ocasiona o mal no seu sistema filosófico.

### 1.3 A MATÉRIA E O MAL

Por que as pessoas sofrem? O que dificulta o ser humano de ser feliz? Compreender o significado da matéria e do mal é um passo para responder a esses questionamentos, com base em Plotino.

Em segundo lugar, mesmo a parte racional, se é prejudicada, é impedida de ver por causa das afecções, por estar obscurecida pela matéria e inclinar-se para a matéria e não olhar completamente para a essência, mas para o devir, cujo princípio é a natureza da matéria, que é tão má que mesmo aquilo que ainda não está nela, apenas tendo-a olhado, contamina-se com mal dela. Pois, sendo ela totalmente impáscipe do bem, privação dele e pura carência, ela assemelha a si tudo o que de algum modo tiver contato com ela (*En.* I, 8 [51], 4, 17-25).<sup>89</sup>

Existe um princípio de semelhança da matéria (ὅλης): tudo o que tiver contato com ela irá se assemelhar a ela. Se a matéria é privação total do bem (ἀγαθοῦ)<sup>90</sup>, o vivente, que possui um corpo e uma alma, terá uma força que direciona a sua alma para que ela também seja privada do bem. Portanto, o fato de o ser humano ter um corpo faz com que isso cause dificuldade para ser feliz.

De acordo com Opsomer (2022, p. 343), sobre a genealogia dos males da alma, o mal se origina primeiro com as paixões, já que estão próximas do corpo, e também da matéria. Como consequência, isso afeta a capacidade de julgar. A maldade da alma repercute em falhas cognitivas e falsas representações perceptivas.<sup>91</sup> É a parte irracional da alma que recebe a maldade e a leva aos

<sup>88</sup> Consoante Plotino, “Usando o corpo como instrumento, [a alma] não é obrigada a receber as afecções vindas através do corpo, assim como os artesãos não recebem as afecções dos instrumentos” (Barakat Júnior, 2006, p. 602). Χρωμένη μὲν οὖν σώματι οἷα ὀργάνῳ οὐκ ἀναγκάζεται δέξασθαι τὰ διὰ τοῦ σώματος παθήματα, ὥσπερ οὐδὲ τὰ τῶν ὀργάνων παθήματα οἱ τεχνῖται (*En.* I, 1 [53], 3-5).

<sup>89</sup> Tradução: Barakat Júnior, 2006, p. 330. “Ἐπειτα δὲ καὶ τὸ λογιζόμενον εἰ βλάπτοιο, ὁρᾶν κωλύεται καὶ τοῖς πάθεσι καὶ τῷ ἐπισκοτεῖσθαι τῇ ὕλῃ καὶ πρὸς ὕλην νενευκέναι καὶ ὅλως οὐ πρὸς οὐσίαν, ἀλλὰ πρὸς γένεσιν ὁρᾶν, ἥς ἀρχὴ ἡ ὕλης φύσις οὕτως οὕσα κακὴ ὥς καὶ τὸ μήπω ἐν αὐτῇ, μόνον δὲ βλέψαν εἰς αὐτήν, ἀναπιμπλάναι κακοῦ ἑαυτῆς. Ἄμοιρος γὰρ παντελῶς οὕσα ἀγαθοῦ καὶ στέρησις τούτου καὶ ἄκρατος ἐλλειψις ἐξομοιοῖ ἑαυτῇ πᾶν ὃ τι ἂν αὐτῆς προσάψῃται ὅπως οὖν.

<sup>90</sup> O bem que Plotino se refere é o Uno.

<sup>91</sup> Existe um tópico de estudos relevante atualmente, que diz respeito à epistemologia das virtudes. Se para a ética da virtude são importantes as virtudes e vícios morais, para a epistemologia da virtude são importantes as virtudes e vícios intelectuais. A epistemologia da virtude se interessa sobre o que pode promover o florescimento intelectual ou que contribui para a formação de um agente cognitivo excelente (Santos; Merluzzi, 2015, p. 327-328). Em Plotino, existe uma teoria sobre o que contribui para o florescimento intelectual, o que possibilita a redução de falhas cognitivas. Não é o objetivo desse trabalho adentrar no tema da epistemologia das virtudes, mas cabe aqui sinalizar para futuras pesquisas sobre Plotino que esse é um possível tópico de estudo a ser investigado.

vícios. Acessos de raiva, dores e medos se originam principalmente nos atos cognitivos, pertencendo ao composto corpo e alma.<sup>92</sup>

Conforme Plotino, a parte racional é prejudicada por estar obscurecida pela matéria. Se a parte superior da alma, que está vinculada à parte racional, é prejudicada, então, a felicidade do ser humano também é prejudicada.<sup>93</sup> Se as pessoas sofrem, elas sofrem devido a esse contato de sua alma com a matéria, que representa o contato da alma com o corpo.

Consoante O'Brien (2017, p. 230), a produção da matéria pela Alma é irremediável e intrinsecamente má. Sobre o problema da relação da alma com a matéria, a contaminação da alma ocorre somente quando ela entrega a si própria com grande desejo a um objeto que a própria Alma fez nascer. Destarte, com base em O'Brien, pode-se observar a questão da intensidade do desejo da alma como aquilo que fará com que ela seja mais ou menos afetada pelo mal. Enquanto a alma deseja mais o Uno que a matéria, um movimento de ascensão, isso dificultará a sua contaminação. Por outro lado, se o desejo pelo objeto que a própria Alma criou for maior, um movimento de descida, isso fará com que a alma seja mais contaminada, dificultando o vivente em ser feliz.

O conceito de mal (κακὴ/κακοῦ) pode ser entendido como aquilo que dificultará o ser humano a se aproximar mais intensamente do Uno.<sup>94</sup> Se a matéria é um mal, como alguém pode se afastar desse mal? O conceito de virtudes em Plotino é fundamental para compreender como alguém pode lidar com esse problema, já que as virtudes contribuem para a purificação da alma.<sup>95</sup>

Segundo Plotino, a matéria faz com que ocorra o devir (γένεσιν). A palavra γένεσιν pode ser traduzida por gênese, origem, o que se refere à criação de algo. A tradução isolada desta palavra não permite proporcionar o significado preciso que ocorre no seu sistema filosófico. A tradução de γένεσιν por “devir” foi uma escolha de Baracat Júnior que se mostra bem adequada, já que realça a questão do movimento relacionado à gênese. No contexto, o filósofo explica que olhar para aquilo que foi gerado (γένεσιν ὁρᾶν) é não olhar para a essência (οὐ πρὸς οὐσίαν). A essência remete ao inteligível. Conforme será explicado na próxima seção, sobre os conceitos de eternidade e tempo, o repouso acontece quando se está no inteligível e o movimento quando se distancia do inteligível.<sup>96</sup> A palavra “devir”, utilizada na tradução de Baracat Júnior, expressa com precisão o que acontece, algo saiu do repouso do inteligível e entrou em movimento.

A relação entre matéria e devir expõe uma relação paralela entre a matéria e o tempo. Ter consciência dessa relação é útil para compreender o que é a felicidade. A matéria faz com que a

<sup>92</sup> Em *En.* I, 3, 4, 9-18, Plotino afirma sobre a “planície da verdade” e sua relação com o inteligível, associando ao sensível a errância e a falsidade.

<sup>93</sup> Quando a parte sensível da alma é mais dominante, a parte inteligível é prejudicada. Cf. *En.* V, 5 [32], 8, 1-7.

<sup>94</sup> Todos nós possuímos uma parte da alma superior no inteligível (Cf. *En.* IV, 8 [6], 8, 1-6). Então, o que parece existir no vivente é uma força ocasionando uma predominância da alma inferior, ocasionada pela matéria.

<sup>95</sup> Sobre a purificação da alma, cf. *En.* I, 2 [19], 4, 4-9.

<sup>96</sup> Cf. *En.* III, 7 [45], 2, 20-24.

alma se distancie da eternidade e também do presente. Prossegue-se, pois, para elucidar o que é a eternidade e o tempo em Plotino.

## 2 FUNDAMENTOS PARA A COMPREENSÃO DA FELICIDADE NO TRATADO 5 [36] - PARTE 2

O segundo capítulo desta dissertação é uma continuação da introdução dos principais conceitos mobilizados por Plotino em sua argumentação no tratado 5 [36]. Dentre os conceitos que serão abordados neste capítulo, destaca-se um pequeno estudo da felicidade no tratado 4 [46]. Isso possibilitará uma melhor compreensão sobre o que é a felicidade e como ser feliz no terceiro e quarto capítulo desta dissertação.

### 2.1 A ETERNIDADE E O TEMPO

A principal fonte para explicar os conceitos de eternidade e tempo nesta seção foi o tratado 7 [45] da *Enéada* III, intitulado “Sobre a eternidade e o tempo”<sup>97</sup>. O objeto de estudo dessa dissertação é tratado 5 [36] da *Enéada* I, intitulado “Se a felicidade aumenta com o tempo”. Nesse sentido, compreender o que é a eternidade e o tempo será fundamental para conseguir entender a relação da felicidade com o tempo no tratado 5 [36].

O que é a eternidade? Como é possível dizer coisas sobre a eternidade? O que é o tempo? Como esses dois conceitos se relacionam com a felicidade? Sobre a eternidade (αἰῶνα) e o tempo (χρόνον), é possível realizar um paralelo desses dois conceitos com o par de opostos repouso (στάσις) e movimento (κίνησις).

Será, entretanto, que se deve dizer que a eternidade é conforme ao repouso lá, assim como o tempo é conforme ao movimento aqui, como dizem? Com razão, porém, se investigaria se a eternidade, de acordo com o que se fala, é idêntica ao repouso ou, não ao repouso simplesmente, mas ao repouso que é próprio da essência (*En.* III, 7 [45], 2, 20-24).<sup>98</sup>

Pode-se perceber a gradação de movimento do inteligível até o sensível. O repouso é quando se está lá na eternidade. O tempo é movimento quando está aqui no sensível.

Considerando que a alma pode ser dividida em uma parte sensível e uma parte inteligível, a parte sensível da alma, que possui conexão com o corpo, está para o movimento. A parte inteligível da alma, que possui relação com a eternidade, está para o repouso. Uma questão que aparece quando se busca compreender a eternidade é: como é possível afirmar coisas sobre ela? Segundo Smith (2017, p. 240), pode-se dizer algo sobre a eternidade somente pelo motivo de termos uma participação nela. A alma tem uma parte que está sempre no inteligível, isto é, na eternidade.

<sup>97</sup> ΠΕΡΙ ΑΙΩΝΟΣ ΚΑΙ ΧΡΟΝΟΥ.

<sup>98</sup> Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 639. ‘Ἀλλ’ ἄρα κατὰ τὴν στάσιν φατέον τὴν ἐκεῖ τὸν αἰῶνα εἶναι, ὥσπερ ἐνταῦθα τὸν χρόνον κατὰ τὴν κίνησιν φασιν; Ἀλλ’ εἰκότως ἂν τις τὸν αἰῶνα ζητήσῃε πότῃ ταῦτόν τῃ στάσει λέγοντες ἢ οὐχ ἁπλῶς, ἀλλὰ τῇ στάσει τῇ περὶ τὴν οὐσίαν.

Sobre a eternidade e o tempo, o filósofo elucida a diferença entre eles, por meio de uma comparação entre paradigma (παράδειγμα) e imagem (εἰκόνας).

E devemos primeiro inquirir acerca da eternidade: o que pensam que ela é, aqueles que a consideram diferente do tempo? Pois, uma vez conhecido o que se estabelece como paradigma, talvez se torne claro o que é sua imagem, que dizem ser o tempo (*En.* III, 7 [45], 1, 16-20).<sup>99</sup>

A eternidade é o paradigma, isto é, o modelo ou exemplo. O tempo é a imagem. Assim, pode-se dizer que o tempo é uma imagem que segue o modelo fornecido pela eternidade. A palavra imagem remete a uma ilusão, algo que não é real. Seria o tempo algo produzido a partir da eternidade?

E ele [o tempo] diria sobre si mesmo algo assim: que antes, antes mesmo de engendrar esse antes e carecer do depois, repousava consigo mesmo no ente, não sendo tempo, mas também ele se encontrava em quietude na eternidade. Mas, como havia uma natureza inquieta, que era desejosa de governar a si mesma e ser de si mesma e que escolheu procurar mais do que o presente, ela então se moveu, e se moveu também o tempo, e visto que nos movemos sempre em direção ao depois e ao posterior e ao não idêntico, mas outro e então outro, fazendo um pouco longo nosso caminho, fabricamos o tempo como imagem da eternidade (*En.* III, 7 [45], 11, 11-20).<sup>100</sup>

Nessa explicação, existe a referência sobre a quietude (ἡσυχίαν), quando se está na eternidade, e a natureza inquieta (πολυπράγμονος), que escolheu procurar mais do que o presente (παρόντος). Πολυπράγμονος passa o sentido de agitação, estado de tormenta ou muito ativo. Por buscar além do presente, devido a essa situação de muita atividade, houve o movimento (ἐκινήθη) e fabricou-se o tempo. Dessa forma, Plotino diz que a quietude (ἡσυχίαν) é quando se está na eternidade, a inquietude ou estado de muita atividade (πολυπράγμονος) está vinculada ao tempo.<sup>101</sup>

<sup>99</sup> Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 637. Καὶ πρότερον περὶ τοῦ αἰῶνος ζητεῖν, τί ποτε νομίζουσιν εἶναι αὐτὸν οἱ ἕτερον τοῦ χρόνου τιθέντες εἶναι· γνωσθέντος γὰρ τοῦ κατὰ τὸ παράδειγμα ἐστώτος καὶ τὸ τῆς εἰκόνας αὐτοῦ, ὃν δὴ χρόνον λέγουσιν εἶναι, τάχ' ἂν σαφὲς γένοιτο.

<sup>100</sup> Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 659. Λέγοι δ' ἂν περὶ αὐτοῦ ὡς πῶς· ὡς πρότερον, πρὶν τὸ πρότερον δὴ τοῦτο γεννῆσαι καὶ τοῦ ὑστέρου δεηθῆναι, σὺν αὐτῷ ἐν τῷ ὄντι ἀνεπαύετο χρόνος οὐκ ὢν, ἀλλ' ἐν ἐκείνῳ καὶ αὐτὸς ἡσυχίαν ἦγε. Φύσεως δὲ πολυπράγμονος καὶ ἄρχειν αὐτῆς βουλομένης καὶ εἶναι αὐτῆς καὶ τὸ πλεον τοῦ παρόντος ζητεῖν ἐλομένης ἐκινήθη μὲν αὐτή, ἐκινήθη δὲ καὶ αὐτός, καὶ εἰς τὸ ἔπειτα αἰεὶ καὶ τὸ ὑστέρον καὶ οὐ ταυτόν, ἀλλ' ἕτερον εἶθ' ἕτερον κινούμενοι, μῆκός τι τῆς πορείας ποιησάμενοι αἰῶνος εἰκόνα τὸν χρόνον εἰργάσμεθα.

<sup>101</sup> No sentido de facilitar o entendimento para o leitor, far-se-á uma comparação com uma possível situação que alguém pode viver atualmente, de modo a elucidar, de modo aproximado, o estado de muita atividade. Existem diferenças entre o significado de mente e de alma, por isso, é uma explicação aproximada. Não se deve tomar mente e alma como sinônimos. Existem duas situações: a situação da quietude-presente-eternidade e a agitação-movimento-tempo. Uma pessoa com uma mente muito agitada por pensamentos expõe uma situação da agitação-movimento-tempo. Isso significa que essa pessoa com a mente agitada está com a parte sensível da alma mais dominante. Quando alguém que está em um estado de tranquilidade mental expõe uma situação de quietude-presente-eternidade. Isso significa que essa pessoa está com a parte inteligível da alma mais dominante. Com base nesse entendimento, considerando que quietude-presente-eternidade é um bem em Plotino, uma pessoa, com base nas explicações desse filósofo, deve buscar esse estado de tranquilidade mental, já que a quietude é aquilo que aproxima da eternidade e está coerente com o esforço das almas em relação ao Uno. Considerando que é impossível um ser humano viver um estado de plena quietude-presente em todos os momentos da sua vida, visto que o ser humano possui um corpo, a recomendação, a quem busca a felicidade, é maximizar aquilo que pode contribuir à tranquilidade mental, isto é, à quietude-presente-eternidade, o que ocorre por meio de virtudes. Conforme será exposto no capítulo 2 desta dissertação, não se deve confundir um estado de

Sobre a discussão de Plotino sobre o que é o tempo e a eternidade, Chiaradonna (2022, p. 267) comenta que a eternidade deve ser compreendida como a ausência de extensão e duração do tempo. Com base na explicação de Plotino, em que ele aborda a natureza inquieta (πολυπράγμονος) do tempo, é possível afirmar que a extensão e duração do tempo estão associadas a essa natureza inquieta do tempo e que a quietude, em algum grau, está relacionada ao fenômeno da ausência de extensão e duração do tempo. Em outras palavras, a quietude contribui para a redução dos efeitos do tempo no ser humano e maximização dos efeitos da eternidade em alguém.

Se as coisas buscam o Uno, se esforçam na direção do Uno, então, a quietude se revela como aquilo que irá possibilitar uma maior aproximação do Uno. A inquietude ou muita atividade se revela como aquilo que distancia do princípio.<sup>102</sup> No que se refere a felicidade, no tratado 5 [36] é dito que a felicidade deve ser medida em relação à eternidade.<sup>103</sup> Destarte, se está em quietude quando se está na eternidade, então, a quietude é uma das características que se relaciona diretamente com a felicidade, em comparação com muita atividade, que ocasiona uma distância do presente, distancia a alma no seu esforço em relação ao Uno e consequentemente reduz a felicidade.

Com base nas passagens da *En.* III, 7 [45], 2, 20-24 e da *En.* III, 7 [45], 11, 11-20, construiu-se a imagem abaixo, com o objetivo de expor as relações entre a eternidade e o tempo com a felicidade.

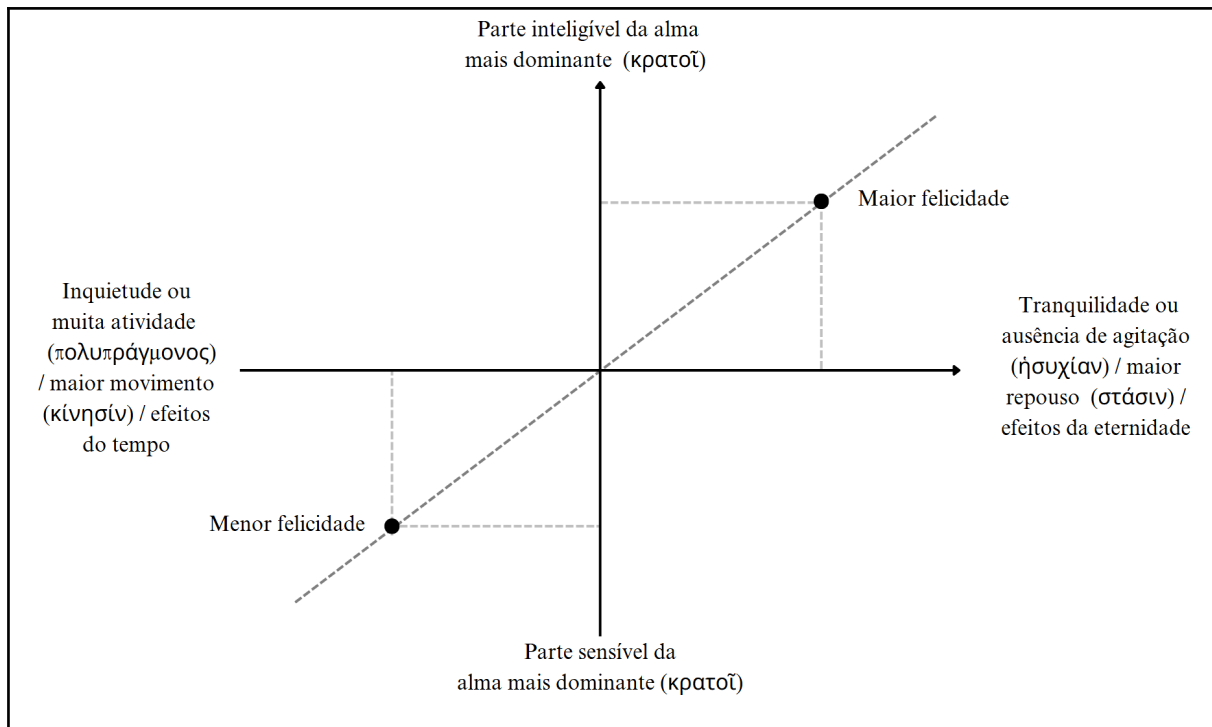
---

quietude momentânea, de poucos minutos ou dias, com a felicidade, já que a felicidade se revela com algo duradouro, não facilmente alterado.

<sup>102</sup> Sobre o esforço na direção do Uno, cf. *En.* VI, 2 [43], 11, 20-26.

<sup>103</sup> Cf. *En.* I, 5 [36], 7, 20-22.

Gráfico 2 – A felicidade, a eternidade e o tempo



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

O eixo x ou eixo das abscissas representa os efeitos da eternidade e do tempo. Quanto mais à esquerda, maior a inquietude ou muita atividade (πολυπράγμονος) e maior é a busca por procurar mais do que o presente, ou seja, quando surge o tempo. Isso significa que, ao distanciar-se da eternidade, maior é o movimento (κίνησιν). Quanto mais à direita, maior a tranquilidade, ausência de agitação, silêncio, quietude ou serenidade (ἡσυχίαν),<sup>104</sup> e menor é a busca por procurar por mais do que o presente. É possível afirmar também que a alma se encontra mais em repouso (στάσιν), em contraposição ao movimento ocasionado pelo tempo.

O eixo y ou eixo das ordenadas representa a parte sensível da alma e a parte inteligível da alma. No eixo y, quanto mais acima, mais dominante é a dominação (κρατοῖ) da parte inteligível em relação à parte sensível e quanto mais abaixo, mais dominante é a dominação da parte sensível em relação à parte inteligível.

No Gráfico 2, é possível fazer duas leituras com base no eixo y. Uma delas possibilita a plotagem do ponto da felicidade e a outra leitura não possibilita isso. A leitura considerada para a plotagem dos dois pontos relacionados à felicidade ocorre quando o fortalecimento da parte superior ou inferior da alma ocorre de modo duradouro, ou seja, a alma do ser humano se torna mais virtuosa ou com mais vícios. Nessa ocasião, é possível plotar os dois pontos sobre a felicidade,

<sup>104</sup> Foram utilizadas cinco traduções para ἡσυχίαν, para que, ao ler essas cinco descrições, o leitor possa melhor captar o sentido que essa palavra significa em Plotino.

conforme está ilustrado no Gráfico 2. A leitura que não possibilita a plotagem dos dois pontos relacionados à felicidade ocorre quando o eixo y for interpretado como um instante do fortalecimento da parte superior ou inferior da alma. De acordo com Plotino, a felicidade consiste em uma disposição virtuosa, sendo que uma disposição não se altera facilmente. Portanto, é incompatível uma leitura do fortalecimento momentâneo da parte superior da alma e a plotagem do ponto “Maior felicidade”.

Sobre o eixo y, se a parte inteligível for a mais dominante (κρατοῖ), isso significa que a alma do ser humano está mais purificada, com mais virtudes. Isso significa que as coisas da parte sensível passam mais despercebidas.<sup>105</sup> Por outro lado, se a parte sensível for a mais dominante, isso implica que ela não permite que as sensações que a parte superior da alma contempla cheguem para o ser humano.<sup>106</sup>

No gráfico, foram marcados dois pontos: “Maior felicidade” e “Menor felicidade”. A “Maior felicidade” ocorre quando a parte inteligível da alma for a mais dominante. A alma está em maior repouso (στάσις) ou quietude (ἡσυχίαν).<sup>107</sup> A “Menor felicidade” ocorre quando a parte sensível da alma for a mais dominante. A alma está com mais movimento (κίνησιν) e atividade (πολυπράγμονος). Dessa forma, o gráfico contribui para elucidar que é impossível o ser humano ser feliz e ao mesmo tempo a parte sensível ser a mais dominante (κρατοῖ) ou é impossível o ser humano ser menos feliz e parte superior ser a mais dominante. Além disso, o gráfico contribui para elucidar também que o ser humano mais feliz usufrui de maior quietude (ἡσυχίαν), enquanto o ser humano menos feliz está com maior agitação (πολυπράγμονος).

Pode-se afirmar que o ponto de “Maior felicidade”, nesse esboço no gráfico, se encaixa adequadamente no primeiro quadrante do gráfico, enquanto o ponto de “Menor felicidade” se encaixa adequadamente no terceiro quadrante do gráfico. Tanto o ponto de “Maior felicidade” quanto de “Menor felicidade” foram plotados em cada quadrante somente para ilustrar uma possibilidade em cada quadrante. Os pontos estão plotados na bissetriz<sup>108</sup> de cada quadrante e são somente um exemplo, não necessariamente o melhor exemplo. O ponto de “Maior felicidade” poderia estar acima da reta bissetriz ou abaixo da reta bissetriz, porém, seria improvável que saísse do primeiro quadrante. Esse mesmo raciocínio vale para o ponto de “Menor felicidade”.

No gráfico, a reta cumpre uma finalidade de ilustrar apenas uma relação de proporcionalidade. À medida que a parte inteligível da alma é mais dominante (κρατοῖ), maiores

<sup>105</sup> Cf. *En.* IV, 4 [28], 25, 1-8.

<sup>106</sup> Cf. *En.* IV, 8 [6], 8, 1-6.

<sup>107</sup> Para a felicidade perfeita, é requerido a eliminação do ruído da incorporação, isto é, como o ser humano é um composto por corpo e alma, vinculado a matéria, é requerido a redução dos efeitos do corpo (Gerson, 2012, p. 17-18).

<sup>108</sup> A reta bissetriz passa cortando os quadrantes ao meio, com um ângulo de 45° na origem.



são os efeitos da eternidade e mais feliz o ser humano é. À medida que a parte sensível da alma é mais dominante, maiores são os efeitos do tempo e menos feliz o ser humano é.

A partir das explicações de Plotino, não é possível afirmar se essa relação é linear, como ilustrado no gráfico, uma curva ou outro tipo de variação. Logo, ressalta-se que a reta somente ilustra uma possibilidade, que não deve ser encarada necessariamente como a melhor possibilidade. O objetivo da reta é facilitar a percepção de que existe uma relação de proporcionalidade.

Para finalizar essa seção sobre a eternidade e o tempo em Plotino, traz-se uma passagem que explicita que tanto o tempo quanto a eternidade ocorrem no ser humano, não é somente o tempo que o ser humano vivencia.

Então, o tempo está em nós também? Sim, ele está em toda alma dessa espécie, e da mesma forma em todas, e todas são uma só. Por isso o tempo não será aniquilado: porque também não o será a eternidade, que, de um modo diferente, está em todos os seres de sua espécie (*En. III, 7 [45], 13, 66-69*).<sup>109</sup>

De acordo com Plotino, o tempo está em todos nós, da mesma forma que a eternidade também está em nós. Portanto, conforme foi exposto nesta seção sobre a eternidade e o tempo, podendo ser visualizado no “Gráfico 2”, o que ocorre é como os efeitos da eternidade ou do tempo estão atuando no ser humano, se a alma estiver mais ou menos tranquila.

## 2.2 A VIRTUDE

Plotino dedica um tratado para tratar somente das virtudes, o tratado 2 [19] da *Enéada I* intitulado “Sobre as virtudes”<sup>110</sup>. Além disso, existem diferentes passagens nas *Enéadas* que ele explica sobre as virtudes e vícios. A proposta desta seção será explanar o que são as virtudes, já que elas possuem relação direta com a felicidade.<sup>111</sup> Com um melhor entendimento sobre as virtudes, o tratado 5 [36] se tornará mais compreensível.

A passagem a seguir é um pequeno trecho do tratado sobre as virtudes que auxilia para entender a função da virtude na vida do ser humano.

<sup>109</sup> Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 667-668. Ἐν οὖν καὶ ἐν ἡμῖν χρόνος ; Ἡ ἐν ψυχῇ τῇ τοιαύτῃ πάσῃ καὶ ὁμοειδῶς ἐν πάσῃ καὶ αἱ πᾶσαι μία. Διὸ οὐ διασπασθήσεται ὁ χρόνος· ἐπεὶ οὐδ’ ὁ αἰὼν ὁ κατ’ ἄλλο ἐν τοῖς ὁμοειδέσι πᾶσιν.

<sup>110</sup> ΠΕΡΙ ΑΡΕΤΩΝ.

<sup>111</sup> Rigorosamente, o tratado 2 [19] da *Enéada I*, ao tratar centralmente sobre o tema das virtudes, é mais relevante para a pergunta norteadora desta pesquisa sobre como ser feliz, do que o tratado 5 [36] da *Enéada I* intitulado “Sobre se a felicidade aumenta com o tempo”. São as virtudes que possibilitam a alteração no nível de felicidade de alguém. Explicar o que é a felicidade não é o mesmo que dizer como ser feliz. No tratado 5 [36], que é objeto desta pesquisa, é possível encontrar os argumentos sobre como ser feliz, todavia, no tratado 2 [19], Plotino explica mais detalhadamente sobre as virtudes, o que possibilita entender a passagem do infeliz para o feliz.

Como os males estão aqui e “esta região rondam por necessidade”, e a alma quer fugir dos males, “devemos fugir daqui”. Então, qual é a fuga? “Assemelhar-se a deus”, diz ele. E alcançamos isso, se “nos tornamos justos e pios com sabedoria” e, de modo geral, na virtude (*En. I, 2 [19], 1, 1-5*).<sup>112</sup>

Essa explicação é fundamental para um melhor entendimento do tratado 5 [36] e para responder à pergunta dessa pesquisa sobre como ser feliz. Essa pergunta diz respeito a uma alteração do estado de felicidade, uma passagem da infelicidade para a felicidade. Como é possível ocorrer essa mudança? Conforme Plotino, é por meio da virtude (ἀρετή). Então, quem busca ser mais feliz precisa aumentar as suas virtudes. Além disso, é também uma busca na redução dos vícios da alma<sup>113</sup>. Ter mais virtudes não somente é algo que contribui para a felicidade, atua também na alma, deixando-a mais bela.<sup>114</sup>

Uma vez que as virtudes estão vinculadas às escolhas que uma pessoa faz na vida, é impossível que alguém consiga ser mais feliz sem alterar o seu modo de vida.<sup>115</sup> No dia a dia, as pessoas podem fazer escolhas as quais irão contribuir para que sejam mais virtuosas ou cultivem mais vícios. Está aqui presente a noção de liberdade, intimamente conectada com a moralidade. O modo como alguém age nas relações sociais afeta a felicidade. A ética em Plotino não é um estudo somente sobre o que é um bem, é um estudo também sobre o que pode fazer alguém ser feliz.

Para Leroux (2017, p. 354), em seu estudo sobre a liberdade humana em Plotino, ele afirma que ela ocorre somente pela sua participação original na liberdade do Uno, pela mediação do Intelecto. Além disso, a liberdade concreta do ser humano deve manter uma orientação para o Intelecto, o que implica na prática da virtude (Leroux, 2017, p. 354). A partir do que foi dito por Leroux, convém lembrar que todas as coisas, inclusive o ser humano e a alma, fazem parte do Uno. Porém, nenhuma coisa é o Uno. Uma vez que, quando se pratica a virtude, isso contribui para a purificação da alma, além de deixar a parte superior da alma mais dominante. Quando a parte superior da alma é mais dominante, isso possibilita que o ser humano usufrua mais da tranquilidade (ἡσυχίαν) e também maior contato com sua interioridade. É possível dizer que a liberdade concreta

<sup>112</sup> Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 251. Ἐπειδὴ τὰ κακὰ ἐνταῦθα καὶ τόνδε τὸν τόπον περιπολεῖ ἐξ ἀνάγκης, βούλεται δὲ ἡ ψυχὴ φυγεῖν τὰ κακὰ, φευκτέον ἐντεῦθεν. Τίς οὖν ἡ φυγὴ; θεῶ, φησιν, ὁμοιωθῆναι. Τοῦτο δέ, εἰ δίκαιοι καὶ ὅσοι μετὰ φρονήσεως γενοίμεθα καὶ ὅλως ἐν ἀρετῇ.

<sup>113</sup> De acordo com Plotino, a virtude existe na alma, não no Intelecto: “E a virtude é coisa da alma: não há virtude do intelecto nem do que está além” (Baracat Júnior, 2006, p. 256). Ἡ δὲ ἀρετὴ ψυχῆς· νοῦ δὲ οὐκ ἔστιν οὐδὲ τοῦ ἐπέκεινα (*En. I, 2 [19], 3, 31*).

<sup>114</sup> A passagem a seguir transmite uma orientação sobre os cuidados necessários que se deve ter com os vícios da alma. Pode-se notar também a seguir expõe a relação na alma entre virtude e beleza, vício e feiura. “Em primeiro lugar, acerca do vício e da virtude, devemos dizer o que se origina no momento em que se diz que o vício está presente; porque dizemos que é preciso retirá-lo como se houvesse algum mal na alma e fosse necessário introduzir a virtude, adorná-la e infundir beleza no lugar da fealdade anterior” (Baracat Júnior, 2006, p. 256). Πρῶτον δὲ περὶ κακίας καὶ ἀρετῆς λεκτέον, τί γίγνεται τότε, ὅταν κακία λέγεται παρεῖναι· καὶ γὰρ ἀφαιρεῖν δεῖν φάμεν ὥς τινας ὄντος ἐν αὐτῇ κακοῦ καὶ ἐνθεῖναι ἀρετὴν καὶ κοσμησαὶ καὶ κάλλος ἐμποιῆσαι ἀντὶ αἰσχύνης τοῦ πρόσθεν (*En. III, 6 [26], 2, 1-5*).

<sup>115</sup> A filosofia antiga pode ser entendida como um modo de vida (Hadot, 2010, p. 18).

do ser humano é vivenciada com maior intensidade à medida que o ser humano consegue manter contato com sua interioridade e vivenciar a tranquilidade. Quanto maior a agitação da alma, devido aos efeitos do tempo, parece que menor será a possibilidade do ser humano usufruir da liberdade concreta, já que essa conexão com o inteligível é enfraquecida por causa das coisas sensíveis.

O conceito de virtude (ἀρετή) implica na observância de um bem que não envolve somente o bem de si mesmo, envolve o bem de outros, isso significa que quem busca ser mais feliz não conseguirá isso aumentando a infelicidade dos outros. A felicidade em Plotino não é uma busca somente da própria felicidade, mas também a felicidade de outros.<sup>116</sup> É preciso tomar o cuidado de não confundir o prazer com a felicidade em Plotino.<sup>117</sup> A felicidade parece indicar o nível de semelhança (ὁμοιωθῆναι) do ser humano em relação ao divino (θεῶ), ou o nível de virtudes.

As explicações da felicidade nesse tratado enfatizam um aspecto individual das escolhas de uma pessoa, não se mostra um foco em um discurso sobre a felicidade no coletivo, como o que um governo deve fazer em vista da felicidade das pessoas. Levanta-se aqui uma breve reflexão inicial e política sobre a tomada de decisão dos governos, com base em Plotino. Parece que as boas decisões dos governantes ou políticos seriam aquelas que contribuíram para a felicidade do maior número de pessoas, visto que (i) quanto mais virtuoso for um político ou governante, mais feliz ele será e (ii) aumentar a infelicidade das pessoas, de modo que elas tenham mais vícios, implica em uma ação contrária aos esforços de cooperação das almas na direção do Uno.<sup>118</sup> Esse é o início de um raciocínio sobre a política em Plotino e pode-se observar que existe uma proximidade entre a felicidade nesse filósofo e a felicidade em Aristóteles.<sup>119</sup>

Na passagem da *Enéada* I, 2 [19], 1, 1-5, Plotino diz que é preciso fugir daqui, uma vez que aqui estão presentes os males e a alma quer fugir desses males. Para Plotino, a matéria é um mal.<sup>120</sup> Como o ser humano é um composto por corpo e alma, não é possível o ser humano se separar do mal. A proposta de solução para esse problema se tornar semelhante ao divino. À medida que o ser humano se torna mais virtuoso, ele reduz a sua afinidade com a matéria e contribui para que a parte inteligível da alma seja a mais dominante.<sup>121</sup> Parece que o término e realização da fuga ocorre quando a alma se separa do corpo, após a morte, e se afiniza com o inteligível.<sup>122</sup>

<sup>116</sup> Existe um esforço de cooperação das almas em relação ao Uno. Cf. *En.* VI, 2 [43], 11, 20-26.

<sup>117</sup> Um estudo sobre a relação do prazer e felicidade é feito nos outros capítulos desta dissertação. Especificamente, no estudo dos capítulos 4, 8 e 10 do tratado 5 [36], em que Plotino fornece explicações sobre o prazer.

<sup>118</sup> Cf. *En.* VI, 2 [43], 11, 20-26.

<sup>119</sup> De acordo com Aristóteles, “chamamos de justo aquilo que produz e preserva a felicidade (e as partes dela) para a comunidade da pólis” (*EN* V, 1 1129b). Como um ponto de divergência entre Plotino e Aristóteles, está sobre o que cada um entende por felicidade. Dessa forma, embora exista uma relação da felicidade do indivíduo com a felicidade do coletivo, a forma com que cada um deve agir em vista da felicidade é distinta.

<sup>120</sup> Cf. *En.* I, 8 [51], 4, 17-25.

<sup>121</sup> Cf. *En.* III, 7 [45], 5, 18-28.

<sup>122</sup> De acordo com Souza, o sábio, mesmo liberto das afecções do corpo, ainda permanece no mundo sensível, até o momento da sua morte (Souza, 2016, p. 102). Sobre almas sem corpos, cf. *En.* IV, 1 [21], 1, 1-4.

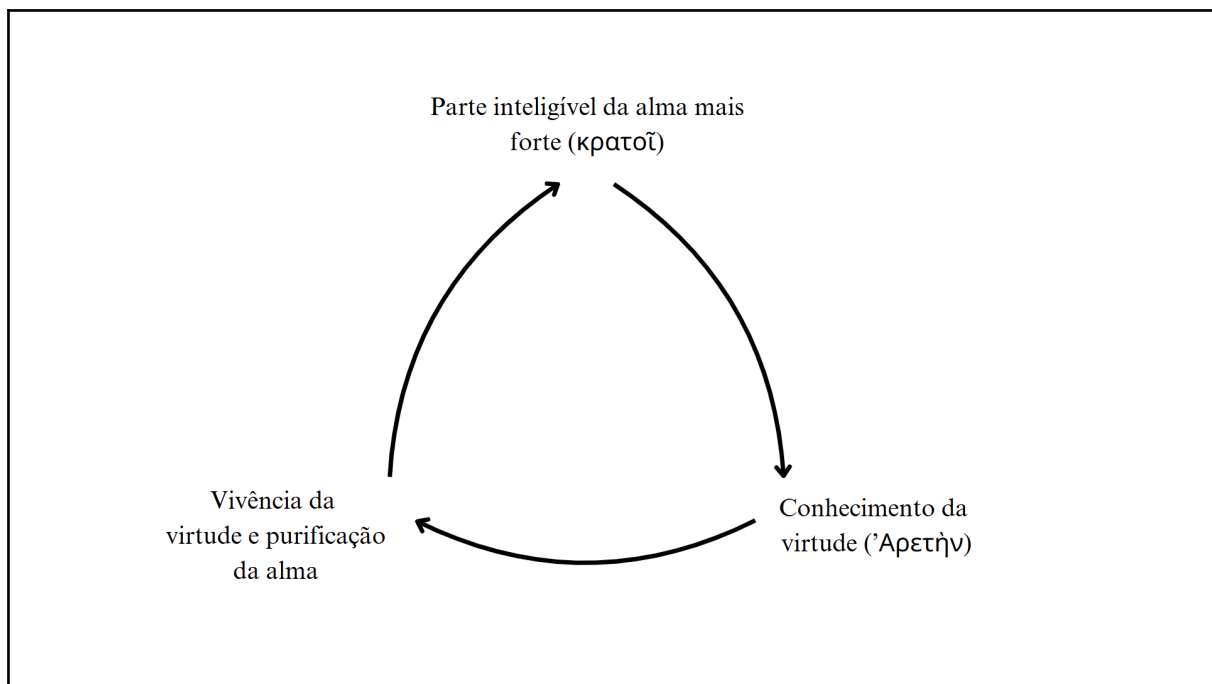
Se as virtudes são essenciais para o ser humano nessa busca sobre como ser mais feliz, como é possível conhecê-las?

Então, com o que conhecemos esses males? E primeiro o vício, com o que o conhecemos? Pois conhecemos a virtude com o próprio intelecto e com a sabedoria: pois se conhece a si mesma. E o vício, como? Ora, assim como conhecemos com uma régua o que é reto e o que não, assim também com a virtude conhecemos o que não se ajusta a ela (*En. I, 8 [51], 9, 1-4*).<sup>123</sup>

Segundo Plotino, a virtude é conhecida (ἐγνωρίσαμεν) com o próprio Intelecto (νοῦς) e também com a sabedoria (φρονήσε). Então, se a virtude é conhecida com o próprio Intelecto e a parte sensível for a mais dominante, isso significa dizer que essa parte não permite que sensações da parte superior da alma cheguem ao ser humano. Então, pode-se afirmar que é condição para conhecer a virtude fortalecer a parte superior da alma, para possibilitar que o ser humano consiga ter sensações da parte do Intelecto.<sup>124</sup>

Com base nesse raciocínio, deduz-se um ciclo para uma vida virtuosa, ou seja, um conjunto de etapas para que o ser humano possa ser mais feliz. Esse ciclo é composto por três elementos: a parte inteligível da alma mais dominante, o conhecimento das virtudes e a vivência da vida virtuosa. No esquema a seguir, está exemplificado o ciclo da vida virtuosa.

Esquema 1 – Ciclo da vida virtuosa



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

<sup>123</sup> Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 244. Τίτι οὖν ἐγνωρίσαμεν ταῦτα ; Καὶ πρῶτον κακίαν τίτι ; Ἀρετήν μὲν γὰρ νῶ αὐτῷ καὶ φρονήσει· αὐτὴν γὰρ γνωρίζει· κακίαν δὲ πῶς ; Ἡ ὥσπερ κανόνι τὸ ὀρθὸν καὶ μή, οὕτω καὶ τὸ μὴ ἐναρμόζον τῇ ἀρετῇ [κακίαν].

<sup>124</sup> Sobre quando a parte sensível for a mais dominante, cf. *En. IV, 8 [6], 8, 1-6*.

No esquema, estão apontadas as três etapas para uma vida virtuosa. Primeiro, a parte superior da alma é fortalecida; segundo, o ser humano pode ter o discernimento sobre o que é a virtude, já que se conhece a virtude com o Intelecto; e terceiro, com o conhecimento sobre o que é a virtude, o ser humano pode discernir no seu dia a dia o que é o que irá contribuir para que ele seja virtuoso e se distancie dos vícios morais.<sup>125</sup> Ao agir nas virtudes, o ser humano purifica a sua alma e fortalece a parte superior da alma e assim reinicia-se o ciclo.<sup>126</sup>

Nota-se que somente se a virtude for suficiente para fortalecer a parte superior da alma é que esse ciclo continua. Se tiver tantas outras coisas, como vícios morais, que fortaleçam mais a parte sensível da alma, então, esse ciclo é interrompido. Além disso, como o ser humano é composto por corpo e alma, e tudo aquilo que entra em contato tende a se afinizar com ela, então, existe sempre uma força para interromper esse ciclo.<sup>127</sup>

Ademais, nota-se que somente se o conhecimento das virtudes for traduzido em um modo de vida virtuoso, é que esse ciclo continua. O conhecimento das virtudes por si só não é suficiente para que alguém aja de modo virtuoso, é somente um facilitador para a vivência da virtude.

Cumprе ressaltar que este ciclo foi elaborado com finalidade didática, ele simplifica pontos do sistema filosófico de Plotino. Portanto, demanda cuidados ao interpretar esse esquema. Como um problema de interpretação que pode ocorrer nesse esquema, é considerar que qualquer atitude virtuosa irá fortalecer a parte superior da alma de modo significativo. Esse é um entendimento equivocado. Por exemplo, alguém pode vivenciar a virtude em certo dia e fortalecer a parte superior da alma de modo tão pouco significativo que não surtirá efeito no ciclo.<sup>128</sup> Portanto, uma interpretação adequada para esse ciclo é somente quando a vivência da virtude for significativa e a parte superior da alma é fortalecida de modo significativo, de modo que seja possível o conhecimento das virtudes.

Com base nesse ciclo, considerando que quando a parte inteligível da alma é fortalecida (κρατοῖ), ocorre uma redução da agitação ou aumento da tranquilidade (ἡσυχῇ) e mais sensações daquilo que provém do inteligível, questiona-se se alguém, ao buscar durante um curto período de tempo essa tranquilidade ou redução da agitação, de modo mais intenso, conseguiria ter *insights*<sup>129</sup>

<sup>125</sup> De acordo com Hadot (2014, p. 58), a filosofia antiga implica em uma mudança na visão do estilo de vida, de visão e de comportamento.

<sup>126</sup> Sobre a purificação da alma e o homem verdadeiro, cf. *En. I, 1* [53], 10, 7-10. Além disso, sobre a purificação da alma, segundo Plotino, “Contudo, o estar purificado é uma expulsão de tudo o que é alheio” (Ἀλλὰ τὸ κεκαθάρθαι ἀφαίρεσις ἄλλοτρίου παντός). Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 257. (*En. I, 2* [19], 4, 4-9). Brandão (2012, p. 170) explica que a separação do sensível faz com que a alma purificada seja semelhante ao Intelecto.

<sup>127</sup> Sobre a matéria e assemelhação ao que tiver contato com ela, cf. *En. I, 8* [51], 4, 17-25.

<sup>128</sup> Mudanças minúsculas em virtudes podem tornar o raciocínio desse ciclo falso, visto que uma pessoa também pode estar vivenciando tantas outras coisas que fortalecem a parte sensível da alma, de modo a inviabilizar o ciclo.

<sup>129</sup> *Insight* é uma palavra em inglês que, como um dos sentidos, transmite um sentido de uma ideia que subitamente aparece na mente. A tradução dessa palavra para o português, buscando assegurar o sentido pretendido nesse texto, seria

sobre conhecimento das virtudes.<sup>130</sup> Esse raciocínio se baseia na compreensão de que, devido a certos acontecimentos do dia a dia, alguém pode aumentar o seu estado de agitação temporariamente. Em oposição à agitação, levanta-se a possibilidade contrária, de uma situação induzida de maior quietude proporcionar os *insights* do Intelecto relacionado às virtudes.<sup>131</sup> Se esse raciocínio for plausível, isso significa que esses instantes de quietude ou silêncio (ἡσυχῇ) profundo podem ser úteis a quem busca ser mais feliz, já que será possível obter *insights* sobre as virtudes, para que essa pessoa vivencie uma vida cada vez mais virtuosa.

Seriam as virtudes sempre necessárias à vida do ser humano? Plotino diz que não. “Porque não precisamos de virtude quando estamos em serenidade, mas sim quando há perigo de cairmos nos males se a virtude não estiver presente” (*En.* II, 3 [52], 9, 18-19).<sup>132</sup> É possível observar que a serenidade (ἡσυχῇ) se mostra como estado interno ideal. Somente quando se altera esse estado é que as virtudes se tornam necessárias.

Para finalizar essa introdução sobre as virtudes em Plotino, para fornecer subsídios para a leitura do tratado 5 [36], diante da pergunta sobre como ser feliz, traz-se a passagem relacionada às quatro virtudes em Plotino: ser sábio (φρονεῖν), ser temperante (σωφρονεῖν), ser corajoso (ἀνδρίζεσθαι) e a justiça (δικαιοσύνη).

É porque, como a alma é má quando se confunde com o corpo e se torna eqüiafetável e coopina com ele em tudo, ela seria boa e possuidora de virtude se não coopinasse, mas atuasse sozinha – isto é, precisamente, entender e ser sábio –, e não fosse eqüiafetável – isto é, precisamente, ser temperante –, e não temesse afastar-se do corpo – isto é, precisamente, ser corajoso –, e a razão e o intelecto comandassem e as demais partes não se opusessem – e isto seria a justiça. Esse tipo de disposição da alma, pela qual ela entende e é assim impassível, se disséssemos que ela é a assemelhação a deus, não erraríamos: pois o divino também é puro e sua atividade é de tal tipo que quem a imita possui sabedoria (*En.* I, 2 [19], 3, 11-22).<sup>133</sup>

Nessa passagem, Plotino diz que a alma é má, no momento em que ela se confunde com o corpo, ela se torna equifetável (ὁμοπαθής) e coopina (συνδοξάζουσα) com o corpo. Se tornar equifetável significa que a alma é igualmente sensível às impressões do corpo. Coopina significa

---

uma combinação das palavras ideia, compreensão, discernimento ou lampejo súbito. A palavra *insight* nesse trabalho está sendo utilizada especificamente para se referir a uma relação entre o conhecimento das virtudes e quietude (ἡσυχῇ).

<sup>130</sup> Em *En.* V, 1 [10], 12, 12-20, Plotino parece fazer uma alusão a um exercício para ouvir aquilo que está no inteligível e subjaz a noção de quietude ou silêncio nessa passagem.

<sup>131</sup> Cf. *En.* I, 8 [51], 9, 1-4.

<sup>132</sup> Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 385. Οὐ γὰρ ἐν ἡσυχῳ οὖσιν ἀρετῆς δεῖ ἡμῖν, ἀλλ’ ὅταν κίνδυνος ἐν κακοῖς εἶναι ἀρετῆς οὐ παρούσης.

<sup>133</sup> Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 255-256. Ἡ ἐπειδὴ κακὴ μὲν ἐστὶν ἡ ψυχὴ συμπεφυρμένη τῷ σώματι καὶ ὁμοπαθὲς γινομένη αὐτῷ καὶ πάντα συνδοξάζουσα, εἴη ἂν ἀγαθὴ καὶ ἀρετὴν ἔχουσα, εἰ μήτε συνδοξάζοι, ἀλλὰ μόνη ἐνεργοῖ — ὅπερ ἐστὶ νοεῖν τε καὶ φρονεῖν — μήτε ὁμοπαθὲς εἴη — ὅπερ ἐστὶ σωφρονεῖν — μήτε φοβοῖτο ἀφισταμένη τοῦ σώματος — ὅπερ ἐστὶν ἀνδρίζεσθαι — ἡγοῖτο δὲ λόγος καὶ νοῦς, τὰ δὲ μὴ ἀντιτείνειν — δικαιοσύνη δ’ ἂν εἴη τοῦτο. Τὴν δὲ τοιαύτην διάθεσιν τῆς ψυχῆς καθ’ ἣν νοεῖ τε καὶ ἀπαθὲς οὕτως ἐστίν, εἴ τις ὁμοίωσιν λέγοι πρὸς θεόν, οὐκ ἂν ἀμαρτάνοι· καθαρὸν γὰρ καὶ τὸ θεῖον καὶ ἡ ἐνέργεια τοιαύτη, ὥς τὸ μιμούμενον ἔχειν φρόνησιν.

que a alma está de acordo com o corpo. Assim, as afecções provenientes do corpo causam perturbação da alma, fazendo com que a alma seja má.<sup>134</sup>

A referência sobre as quatro virtudes, ao comparar o que existe comum entre as quatro, revela que todas apontam para um estado e que a alma se distancia do que provém do corpo. Ser sábio (φρονεῖν) é a alma atuar sozinha, captar aquilo que provém do inteligível; isso faz oposição ao que provém do sensível. Ser temperante (σωφρονεῖν) é não ser equifetável, isto é, não ser igualmente sensível às partes do corpo, o que significa ser sensível àquilo que está no inteligível, essa parte da alma ser a mais dominante.<sup>135</sup> Se corajoso (ἀνδρίζεσθαι) é não temer afastar-se das coisas do corpo, ou seja, buscar se aproximar daquilo que está no inteligível. A justiça (δικαιοσύνη) é quando a razão e o Intelecto comandam e as outras partes não se opõem, ou seja, se a parte sensível for a mais dominante, essa parte não permite que as sensações do inteligível cheguem até o ser humano, o que, por assim dizer, é contrariar aquilo que a razão e o Intelecto comandam.<sup>136</sup>

Desse modo, com base nessa passagem que faz referência às quatro virtudes, a virtude pode ser compreendida como aquilo que irá proporcionar que a parte superior da alma seja a mais dominante, que contribui para o esforço das almas em relação ao Uno.<sup>137</sup> O que diferencia cada uma das quatro virtudes são pontos específicos para serem observados na relação da alma com o corpo.

### 2.3 O BELO E O FEIO

O que é a beleza em Plotino? O que é o feio? Como esses conceitos se relacionam com o inteligível?

Mas ao que está além disso chamamos a natureza do bem, que tem o belo anteposto diante de si. Assim, em um discurso impreciso, ele é a beleza primária; mas, se se distingue os inteligíveis, se dirá que a beleza inteligível é a região das formas, ao passo que o bem é o que está além, fonte e princípios do belo. Caso contrário, o bem e o belo primário seriam identificados; de qualquer modo, o belo está lá (*En. I, 6 [1], 9, 37-43*).<sup>138</sup>

Para Plotino, a beleza inteligível (νοητὸν καλόν) é a região das formas, ou seja, a beleza inteligível se relaciona com o Intelecto. O Uno não é a beleza primária (πρῶτον καλόν), todavia, Plotino explica que em um discurso impreciso pode-se afirmar que o Uno (ἓν) pode ser chamado de

<sup>134</sup> Sobre as afecções, cf. *En. I, 1 [53], 9, 23-26*.

<sup>135</sup> Sobre a parte inteligível da alma ser a mais dominante, cf. *En. IV, 4 [28], 25, 1-8*.

<sup>136</sup> Sobre quando a parte sensível é a mais dominante, cf. *En. IV, 8 [6], 8, 1-6*.

<sup>137</sup> Sobre o esforço das almas em relação ao Uno, cf. *En. VI, 2 [43], 11, 20-26*.

<sup>138</sup> Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 319. Τὸ δὲ ἐπέκεινα τούτου τὴν τοῦ ἀγαθοῦ λέγομεν φύσιν προβεβλημένον τὸ καλὸν πρὸ αὐτῆς ἔχουσιν. "Ὡστε ὁλοσχερεῖ μὲν λόγῳ τὸ πρῶτον καλόν· διαιρῶν δὲ τὰ νοητὰ τὸ μὲν νοητὸν καλὸν τὸν τῶν εἰδῶν φήσει τόπον, τὸ δ' ἀγαθὸν τὸ ἐπέκεινα καὶ πηγὴν καὶ ἀρχὴν τοῦ καλοῦ. Ἡ ἐν τῷ αὐτῷ τὰγαθὸν καὶ καλὸν πρῶτον θήσεται· πλὴν ἐκεῖ τὸ καλόν.

beleza primária. Em um discurso preciso, o Uno é a fonte e princípio do belo (ἀρχὴν τοῦ καλοῦ). Portanto, Plotino explica que existe a beleza no inteligível. Então, o que é feio?

Existe uma relação entre a matéria e a fealdade. De acordo com Plotino, “Pois, enquanto certas coisas não são belas por seu próprio substrato, como os corpos, mas por participação, outras são elas mesmas belas, tal como a natureza das virtudes” (*En.* I, 6 [1], 1, 12-14).<sup>139</sup> Como o substrato do corpo é a matéria, que é pura carência<sup>140</sup>, isso faz com que um corpo não seja belo em si próprio. Se a beleza é algo que provém do inteligível, algo do inteligível deve ser manifestado juntamente a um corpo, para que seja possível perceber algo de belo nele. Para Plotino, é por participação em uma forma que algo pode se tornar belo.<sup>141</sup> Diante do interesse da pesquisa sobre como ser feliz, o que cumpre destacar é a beleza das virtudes, cuja própria natureza é bela. Dessa forma, existe uma relação entre virtude e beleza. A alma bela não é somente bela, é também virtuosa. A beleza da alma não pode ser dissociada da virtude. Também é possível afirmar que existe uma relação entre o vício e a feiura, visto que o vício afasta o ser humano do inteligível, à medida que a parte sensível da alma se torna mais dominante.

Sobre a alma feia, que está cheia de vícios, Plotino diz que:

Seja uma alma feia, licenciosa e injusta, infestada de muitíssimas concupiscências, de muitíssimas perturbações, em terror por sua covardia, em inveja por sua ignobilidade, tudo em que pensa (se é que pensa) é perecível e abjeto, completamente corrompida, amiga de prazeres não puros, vivendo uma vida própria a quem toma como prazerosa a fealdade do que quer que experimente através do corpo (*En.* I, 6 [1], 5, 25-31).<sup>142</sup>

É possível observar o conjunto de características que Plotino descreve sobre a alma feia: licenciosa (ἀκόλαστός), ou seja, indisciplinada ou desregrada moralmente. É injusta. Está infestada de muitíssimas concupiscências (ἐπιθυμιῶν), isto é, muitos desejos. Como ela possui covardia (δειλίαν), que é uma característica da alma moralmente desprezível, sente medo. Como essa alma é ignóbil (μικροπρέπειαν), isto é, mesquinha ou vulgar, apegada ao dinheiro, sente inveja. É possível compreender que a amizade com os prazeres não puros são os prazeres relacionados aos vícios e os prazeres puros são aqueles relacionados às virtudes, já que as virtudes contribuem para a purificação da alma.<sup>143</sup> Logo, o prazer com os vícios faz com que a alma seja feia.

<sup>139</sup> Tradução: Barakat Júnior, 2006, p. 303. Τὰ μὲν γὰρ οὐ παρ’ αὐτῶν τῶν ὑποκειμένων καλὰ, οἷον τὰ σώματα, ἀλλὰ μεθέξει, τὰ δὲ κάλλη αὐτά, ὥσπερ ἀρετῆς ἡ φύσις.

<sup>140</sup> Sobre a matéria ser pura carência, cf. *En.* I, 8 [51], 4, 17-25.

<sup>141</sup> Pois tudo o que é amorfo, sendo por natureza apto a receber um formato e uma forma, se permanece impartícipe da razão e da forma, é feio e externo à razão divina: e isso é o inteiramente feio (*En.* I, 6 [1], 2, 13-16). Πᾶν μὲν γὰρ τὸ ἄμορφον πεφυκὸς μορφήν καὶ εἶδος δέχεσθαι ἄμοιρον ὃν λόγου καὶ εἶδους αἰσχροὺν καὶ ἔξω θεοῦ λόγου· καὶ τὸ πάντα αἰσχροὺν τοῦτο (Tradução: Barakat Júnior, 2006, p. 300).

<sup>142</sup> Tradução: Barakat Júnior, 2006, p. 310-311: Ἔστω δὴ ψυχὴ αἰσχροῦ, ἀκόλαστός τε καὶ ἄδικος, πλείστων μὲν ἐπιθυμιῶν γέμουσα, πλείστης δὲ ταραχῆς, ἐν φόβοις διὰ δειλίαν, ἐν φθόνοις διὰ μικροπρέπειαν, πάντα φρονούσα ἃ δὴ καὶ φρονεῖ θνητὰ καὶ ταπεινά, σκολιὰ πανταχοῦ, ἡδονῶν οὐ καθαρῶν φίλη, ζῶσα ζωὴν τοῦ ὅτι ἂν πάθῃ διὰ σώματος ὥς ἡδὺ λαβοῦσα αἵσχος.

<sup>143</sup> Sobre a purificação da alma, cf. *En.* I, 2 [19], 4, 4-9.



Além disso, Plotino explica que essa alma feia está com perturbações (ταραχῆς). Isso significa que a alma cheia de vícios expressa que ela deseja por mais do que o presente, ou seja, possui dificuldades em cultivar a quietude (ἡσυχίαν), devido à sua agitação.<sup>144</sup> Pode-se afirmar, pois, que as agitações expressam a feiura da alma, enquanto a quietude expressa a beleza da alma.

## 2.4 A FELICIDADE NO TRATADO 4 [46]

O tratado 4 [46] da *Enéada* I de Plotino, intitulado “Sobre a felicidade”, é o tratado de Plotino que se dedica ao tema da felicidade e proporciona explicações sobre o que é o sábio. É diferente do tratado 5 [36] da *Enéada* I, intitulado “Sobre se a felicidade aumenta com o tempo”, que é o objeto de estudo desta dissertação. Para Plotino, chama-se de sábio quem é verdadeiramente feliz.

Essa seção está dividida em duas partes. A primeira parte busca explicar o motivo pelo qual Plotino afirma que viver bem e ser feliz são a mesma coisa. A segunda parte se dedica a explicar quem é o sábio, ou seja, aquela pessoa que Plotino classifica como feliz.<sup>145</sup>

### 2.4.1 Felicidade e viver bem

Assumindo que o viver bem e o ser feliz são o mesmo, haveremos de concedê-los também aos outros viventes? Pois, se lhes é possível atravessar a vida desembargadamente conforme sua natureza, que nos impede de dizer que eles também vivem uma boa vida? Com efeito, quer se assuma estar a boa feliz no sentir-se bem, quer na realização da função própria, em ambos os casos ela pertence também aos demais viventes (*En.* I, 4 [46], 1, 1-7).<sup>146</sup>

Plotino afirma que o viver bem (εὖ ζῆν) e o ser feliz (εὐδαιμονεῖν) são o mesmo, ou seja, existe uma correspondência entre viver bem e o ser feliz. Quanto mais alguém viver bem, mais o ser será feliz. Portanto, entender o que significa viver bem implica em entender o que é a felicidade.

<sup>144</sup> Sobre a eternidade e o tempo, a quietude e a agitação, conferir o “Gráfico 2” desta dissertação.

<sup>145</sup> No budismo, uma obra de referência para o estudo dessa religião é o *Dhammapada*. Nessa obra, quem é feliz também é o sábio. É possível perceber pontos de semelhança entre o sábio em Plotino e o sábio no *Dhammapada*. Destacam-se, pois, algumas passagens dessa obra sobre as características do sábio: “Quem bebe do Doutrina vive feliz, com a mente tranquila. Alegra-se sempre o sábio com a Doutrina revelada pelo Buda” (*Dhammapada*, 2021, p. 51); “Da mesma forma que a rocha não é abalada pela tempestade, o sábio se mantém imperturbável diante das censuras e desejos” e “Semelhante a um lago profundo, límpido e calmo, assim vive o sábio em completa serenidade, quando penetrado pela doutrina” (*Dhammapada*, 2021, p. 52); “Aquele que é franco, virtuoso, pacífico, paciente, moderado, puro e possui autodomínio, este, sim, de fato um ancião venerável [um sábio]” (*Dhammapada*, 2021, p. 88). A partir dessas passagens do *Dhammapada*, nota-se que o sábio no budismo é feliz, busca se purificar das impurezas da mente, é livre das impurezas, sólido na virtude, almeja a serenidade mental. Em Plotino, o sábio também é feliz, possui virtudes, busca se purificar das impurezas e almeja a tranquilidade da alma.

<sup>146</sup> Τὸ εὖ ζῆν καὶ τὸ εὐδαιμονεῖν ἐν τῷ αὐτῷ τιθέμενοι καὶ τοῖς ἄλλοις ζῴοις ἄρα τούτων μεταδώσομεν ; Εἰ γὰρ ἔστιν αὐτοῖς ἢ πεφύκασιν ἀνεμποδίστως διεξάγειν, κάκεῖνα τί κωλύει ἐν εὐζωίᾳ λέγειν εἶναι ; Καὶ γὰρ εἴτε ἐν εὐπαθείᾳ τὴν εὐζωίαν τις θήσεται, εἴτε ἐν ἔργῳ οἰκείῳ τελειουμένῳ, κατ’ ἄμφω καὶ τοῖς ἄλλοις ζῴοις ὑπάρξει.

Sobre o significado de vida, Plotino explica que o Intelecto (νοῦς) é solidamente fundada em vida e que a eternidade é uma vida infinita e nada do Intelecto se conforme, visto que ela não passa a ser algo, não entra em movimento buscando algo além do presente, como o tempo.<sup>147</sup> Logo, viver bem é a vida do Intelecto (νοῦς) e ser feliz é viver a vida no Intelecto (νοῦς).<sup>148</sup> O homem que possui essa vida, considerada perfeita, é quem possui a vida feliz.<sup>149</sup>

Para Plotino, é possível viver a vida desembargadamente (ἀνεμποδίστως), o que significa dizer viver a vida sem empecilhos. Que empecilhos seriam esses? Seriam eles que dificultam viver a vida do Intelecto? Quando a parte inferior da alma for a mais dominante, com maior afinidade com a matéria, isso dificulta viver a vida do Intelecto.<sup>150</sup> Assim, viver a vida desembargadamente (ἀνεμποδίστως) e viver de modo que a parte superior da alma seja sempre a mais dominante e com menor afinidade com a matéria.

Segundo Plotino, outros viventes (ζῴοις) também podem ser felizes. É preciso lembrar que o conceito de vivente remete à junção do corpo e da alma.<sup>151</sup> Assim, não somente os seres humanos, mas outros animais e também plantas<sup>152</sup> podem ser felizes, já que são viventes, formados por um composto de corpo e alma.<sup>153</sup> Isso é plausível dentro do sistema filosófico de Plotino, já que o que se leva em consideração é a parte superior da alma ser mais dominante do que a parte inferior da alma.<sup>154</sup> Com base nisso, Plotino contesta o entendimento de que a felicidade somente consiste na

<sup>147</sup> Sobre vida, eternidade e Intelecto, cf. *En.* III, 7 [45], 5, 18-28.

<sup>148</sup> “Ora, que a vida perfeita e verdadeira e real está naquela natureza intelectiva, e que as demais são imperfeitas, aparências de vida e que não são vidas nem perfeita nem puramente nem são mais vidas do que o contrário, muitas vezes foi dito” (Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 276). “Ὅτι δ’ ἡ τελεία ζωὴ καὶ ἡ ἀληθινὴ καὶ ὄντως ἐν ἐκείνῃ τῇ νοερᾷ φύσει, καὶ ὅτι αἱ ἄλλαι ἀτελεῖς καὶ ἰνδάλματα ζωῆς καὶ οὐ τελείως οὐδὲ καθαρῶς καὶ οὐ μᾶλλον ζῶαί ἢ τοὺνταντίον, πολλάκις μὲν εἴρηται (*En.* I, 4 [46], 3, 33-37).

<sup>149</sup> “Se, então, o homem é capaz de possuir a vida perfeita, o homem que possui essa vida é feliz” (Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 277). Εἰ μὲν οὖν τὴν τελείαν ζωὴν ἔχειν οἷός τε ἄνθρωπος, καὶ ἄνθρωπος ὁ ταύτην ἔχων τὴν ζωὴν εὐδαίμων (*En.* I, 4 [46], 4, 1-2).

<sup>150</sup> Sobre a parte inferior da alma ser a mais dominante, cf. *En.* IV, 8 [6], 8, 1-6. Sobre a relação entre a matéria e o ser humano, cf. *En.* I, 8 [51], 4, 17-25.

<sup>151</sup> Sobre o conceito de vivente, cf. *En.* I, 1 [53], 3, 1-3.

<sup>152</sup> Sobre a relação entre a felicidade e as plantas, é possível encontrar explicações nos capítulos 1, 2 e 3 do tratado 4 [46].

<sup>153</sup> Baracat Júnior (2006, p. 272) comenta que Plotino, na *En.* III, 8 [30], 1, atribui uma atividade contemplativa às plantas.

<sup>154</sup> Sobre a parte superior da alma ser a mais dominante, cf. *En.* IV, 4 [28], 25, 1-8. Essa dissertação não se dedica a investigar em que circunstâncias a parte inteligível da alma da planta pode ser a mais dominante. Assim, busca-se apenas problematizar essa questão. Se para o ser humano, a racionalidade auxilia no discernimento sobre o que é a virtude ou vício, de modo que o ser humano possa se utilizar da sua liberdade em vista de uma vida feliz, como as plantas podem ter a parte inteligível da alma cada vez mais fortalecida, de modo que elas possam ser cada vez mais felizes? Ou será que as plantas possuem a felicidade de modo mais constante? Ou será que a felicidade apresenta um ciclo específico em uma planta?

vida racional,<sup>155</sup> já que uma planta, que é um vivente, composta de corpo e alma, possui uma parte da sua alma no Intelecto (voûς). Então, uma planta também é capaz de ser feliz.

#### 2.4.2 O sábio

Ciente de que o ser humano tem a sua liberdade e sua capacidade de escolher uma coisa ao invés da outra, as explicações contidas na passagem a seguir permitem entender como funciona o processo de tomada de decisão em Plotino, em vista da felicidade.

Portanto, autossuficiente é a existência de quem possui uma vida assim; e, se é um sábio, é por si mesmo autossuficiente para sua felicidade e para a aquisição do bem: pois não há bem que ele não possua. Mas o que ele busca, busca como necessário, e não para si, mas para alguma de suas partes. Busca, pois, para o corpo anexado; e mesmo que seja para um corpo vivo, busca o que é próprio a esse vivente, não as próprias a um homem de tal espécie. E ele conhece coisas do corpo e dá a ele o que dá sem retirar nada de sua própria vida. Nem em meio a revezes sua felicidade diminuirá: pois, mesmo então, uma vida como essa permanece; e, quando morrem seus familiares e seus amigos, ele sabe o que é a morte, e o sabem também os que a sofrem, se são sábios. Mesmo que seus familiares e próximos, ao passarem por isso, causem-lhe tristeza, não é a ele mesmo, mas aquilo nele que não possui inteligência, cujas tristezas ele não receberá (*En. I, 4 [46], 4, 23-36*)<sup>156</sup>

O ser humano é composto por corpo e alma. A vida feliz é a vida do Intelecto, isto é, contribuir para que a parte superior da alma seja mais dominante que a parte inferior da alma. Por mais que o ser humano tenha um corpo, que é composto por matéria, que faz o ser humano sempre tenha algo exercendo uma força para que a parte sensível da alma seja a mais dominante por causa do contato com a matéria, para Plotino, não se pode desprezar radicalmente as necessidades do corpo.<sup>157</sup> É preciso conhecer aquilo que é próprio do corpo e dar a ele.

Plotino realiza um contraste do sábio com um outro homem. Enquanto o sábio, que é feliz, conhece as necessidades do corpo e procura atender às necessidades essenciais, um homem que não é sábio irá satisfazer as demandas do corpo, não necessariamente somente aquilo que é necessário. Dillon (2017, p. 372) explica que a atitude do sábio, ao administrar as necessidades do corpo, é de

<sup>155</sup> “Por isso, penso, aqueles que dizem que a felicidade se encontra na vida racional, não a situando na vida em geral, ignoram estarem aceitando que a felicidade sequer é vida”. (Tradução: Barakat Júnior, 2006, p. 275) “Οθεν, οἶμαι, καὶ οἱ ἐν λογικῇ ζωῇ λέγοντες τὸ εὐδαιμονεῖν γίνεσθαι οὐκ ἐν τῇ κοινῇ ζωῇ τιθέντες ἡγνόησαν τὸ εὐδαιμονεῖν οὐδὲ ζωὴν ὑποτιθέμενοι (*En. I, 4 [46], 3, 9-12*).

<sup>156</sup> Tradução: Barakat Júnior, 2006, p. 278. Αὐτάρκης οὖν ὁ βίος τῷ οὕτως ζῶν ἔχοντι· καὶ σπουδαῖος ἦ, αὐτάρκης εἰς εὐδαιμονίαν καὶ εἰς κτήσιν ἀγαθοῦ· οὐδὲν γάρ ἐστιν ἀγαθὸν ὃ μὴ ἔχει. Ἀλλ’ ὁ ζητεῖ ὡς ἀναγκαῖον ζητεῖ, καὶ οὐχ αὐτῷ, ἀλλὰ τινι τῶν αὐτοῦ. Σώματι γὰρ προσηρημένῳ ζητεῖ· κὰν ζῶντι δὲ σώματι, τὰ αὐτοῦ ζῶντι τούτῳ, οὐχ ἂ τοιούτου τοῦ ἀνθρώπου ἐστί. Καὶ γινώσκει ταῦτα καὶ δίδωσιν ἂ δίδωσιν οὐδὲν τῆς αὐτοῦ παραιρούμενος ζωῆς. Οὐδ’ ἐν τύχαις τοίνυν ἐναντίαις ἐλαττώσεται εἰς τὸ εὐδαιμονεῖν· μένει γὰρ καὶ ὡς ἡ τοιαύτη ζωὴ· ἀποθησκόντων τε οἰκείων καὶ φίλων οἶδε τὸν θάνατον ὃ τι ἐστί, ἴσασι δὲ καὶ οἱ πάσχοντες σπουδαῖοι ὄντες. Οἰκεῖοι δὲ καὶ προσήκοντες τοῦτο πάσχοντες κὰν λυπῶσιν, οὐκ αὐτόν, τὸ δ’ ἐν αὐτῷ νοῦν οὐκ ἔχον, οὐ τὰς λύπας οὐ δέξεται.

<sup>157</sup> Sobre a matéria e o princípio de semelhança ao ter contato com ela, cf. *En. I, 8 [51], 4, 17-25*.

uma firme distinção entre o seu corpo e ele próprio. Nota-se, pois, uma relação entre conhecimento das necessidades do corpo e sua função para a felicidade.

Marsola (2008, p. 62-63) diz que o sábio pode ser considerado como um grande atleta da virtude. Como a virtude é exercitada diuturnamente, esse exercício combate as afecções exteriores. Com base em Marsola, realça-se a frequência do cuidado com a prática da virtude. Não é possível ser virtuoso somente em alguns momentos. Isso mostra que o sábio precisa ter algo bem enraizado em sua personalidade, de modo a ser habitual praticar as virtudes.

O homem que não é sábio irá satisfazer mais do que o corpo que precisa e, como consequência, irá retirar a sua própria vida. É preciso elucidar que retirar a própria vida não significa, nesse caso, matar a si mesmo.<sup>158</sup> Ciente de que o conceito de vida em Plotino se relaciona com a vida do Intelecto, retirar a própria vida é fortalecer a parte inferior da alma, o que fará com que a alma seja perturbada e impeça que o ser humano perceba as sensações que provêm da parte superior da alma.<sup>159</sup> Assim, retirar a própria vida significa é distanciar-se da vida do Intelecto. Ao que parece, ao realizar uma dedução com base nessas explicações de Plotino, se o corpo tem necessidade de comida, deve-se atender a essas necessidades com precisão, não lhe dando comida a mais ou comida que possa prejudicar o corpo.<sup>160</sup> Particularmente, a reflexão sobre alimentação e corpo possui a sua relevância diante da afirmação de Porfírio de que Plotino deprezava o seu corpo.<sup>161</sup> Essa vergonha do corpo não deve ser entendida como um descuido ou desleixo do corpo. Até porque é preciso cuidar das necessidades do corpo. Parece que essa vergonha remete a uma vontade de, quando o corpo se separar da alma, Plotino não se afinizasse com a matéria.

Além das informações sobre os cuidados das necessidades do corpo, em que subjaz a noção de virtude nessa relação, Plotino explica por meio de um exemplo sobre as características do sábio, em um evento social em que existem tristezas. Nesse exemplo, o sábio convive com familiares e pessoas próximas e alguém morre. Essas pessoas podem causar tristeza no sábio. Porém, o sábio não receberá essas tristezas. Como isso é possível?

Como o sábio, por definição, possui a sua parte superior da alma mais dominante, já que ele é feliz, o sábio não deixa a parte inferior da alma, que recebe as tristezas, dominar a parte superior

<sup>158</sup> Certamente que é possível retirar a própria vida se as necessidades do corpo não são atendidas. Todavia, esse é somente um possível entendimento na explicação de Plotino. Devem ser considerados os outros sentidos, tomando como referência o conceito de vida relacionado à vida do Intelecto (voûç).

<sup>159</sup> Sobre a parte inferior da alma mais dominante e o impedimento das sensações da parte superior, cf. *En.* IV, 8 [6], 8, 1-6.

<sup>160</sup> Tem-se, pois, uma reflexão ética sobre a alimentação em Plotino. Ao se buscar uma reflexão para a contemporaneidade, em que existe o estudo da nutrição do corpo, com base nas reflexões de Plotino, o que seria apontado é o cuidado das necessidades do corpo, de modo que um corpo dotado de mais saúde esteja com as melhores condições possíveis para exercer as virtudes e purificar a alma. Um corpo debilitado e mais fraco seria problemático, já que poderia trazer prejuízos do dia a dia, dificultando uma vida virtuosa.

<sup>161</sup> Conforme Porfírio, “Plotino, o filósofo de nosso tempo, parecia envergonhar-se de estar em um corpo” (*Vp*, 1) (Tradução: Barakat Júnior, 2006, p. 163).

da alma. Quando alguém está fortemente voltada para os inteligíveis, passam despercebidas as visões e sensações da parte inferior da alma.<sup>162</sup> É preciso considerar, pois, que esse é somente um exemplo. Pode-se inferir que, em outras circunstâncias, além desse exemplo, o sábio também terá essa autossuficiência (αὐτάρκης). Desse modo, esse exemplo revela a autarquia (αὐτάρκης) do sábio, um indivíduo que se encontra plenamente satisfeito, não deixando ser afetado pelas emoções de outras pessoas que o rodeiam, como tristezas. Parece que existe uma invulnerabilidade emocional do sábio diante do sofrimento das pessoas ao seu redor. Explicando de outra forma, é como se existisse uma camada protetora invisível no sábio diante das emoções das pessoas ao redor, sendo a fonte dessa camada protetora a alma estar fortemente ligada aos inteligíveis.<sup>163</sup>

Uma reflexão que pode ser feita com base nesse exemplo do sábio, buscando articular com os conceitos de eternidade e de tempo, é que, como o sábio deseja o presente e consegue estar presente, esse estado de presença é o que faz o sábio desenvolver essa autarquia. Se o fluxo da atenção for direcionado ao passado ou futuro, ou seja, uma fuga do presente, distanciando-se da eternidade, essa pessoa estará mais vulnerável ao sofrimento de pessoas ao redor, como as tristezas.<sup>164</sup>

#### 2.4.2.1 Em direção à felicidade: a identificação de virtudes ou vícios

Em Plotino, é possível perceber que está subjacente a noção de apego, ou seja, Plotino não faz referência ao apego, mas é possível deduzir a ideia de apego do seu texto. Apego significa uma ligação afetiva com algo. Em um sentido específico, o apego é um problema que ocasiona sofrimento, distanciando alguém da vida feliz.

[...] sem admitirem que o sábio está voltado para o interior e então buscá-lo nas atividades exteriores e em suma, sem buscarem o objeto de sua vontade nas coisas externas. Pois desse modo a existência da felicidade seria impossível, se se diz que coisas externas são objetos da vontade e que são objetos da vontade do sábio (*En.* I, 4 [46], 11, 7-12).<sup>165</sup>

<sup>162</sup> Sobre quando a parte superior da alma for a mais dominante, cf. *En.* IV, 4 [28], 25, 1-8.

<sup>163</sup> O sábio usufrui da vida do verdadeiro si, fora do tempo, no nível do Intellecto (νοῦς). Essa parte permanece inalterada quando a parte inferior da alma sente dor (Smith, 2017, p. 240). É possível realizar uma comparação entre as duas partes da alma para exemplificar a autarquia do sábio. Um prédio, para ser construído, precisa de uma fundação, que é uma estrutura que suporta e distribui o peso do prédio no solo. Quanto maior a altura do prédio, melhor precisa ser a fundação, para suportar o peso do edifício. Nessa comparação, pode-se dizer que o peso seria aquilo que pode perturbar a alma com as emoções. Quanto mais a parte superior da alma estiver fortalecida, é como se melhor fosse essa “fundação” no inteligível. Se a “fundação” for excelente, tem-se a autarquia do sábio. Por outro lado, se a fundação for precária, a capacidade de suportar o peso das emoções que provocam agitação é menor.

<sup>164</sup> Essa explicação se fundamenta no estudo dos capítulos 2 e 9 do tratado 5 [36], que será abordado posteriormente nesta dissertação.

<sup>165</sup> Tradução: Barakat Júnior, 2006, p. 287-288. ζητεῖν μὴδὲ τὸν σπουδαῖον συγχωρήσαντας εἰς τὸ εἶσω ἐπεστράφθαι ἐν ταῖς ἑξωθεν ἐνεργείαις αὐτὸν ζητεῖν μὴδὲ ὅλως τὸ βουλευτὸν αὐτοῦ ἐν τοῖς ἑξω. Οὕτω γὰρ ἂν οὐδὲ ὑπόστασις εὐδαιμονίας εἴη, εἰ τὰ ἑξω βουλευτὰ λέγοι καὶ τὸν σπουδαῖον βούλεσθαι ταῦτα.

Conforme Plotino, o sábio (σπουδαῖον)<sup>166</sup> está voltado para o interior e as coisas externas são objetos da vontade do sábio. O conceito de apego assume um caráter negativo quando ocorre o apego entre o ser humano e um objeto externo, em detrimento da relação do ser humano com o seu interior. Por outro lado, o conceito de apego em Plotino assume um caráter positivo se fortalecer o ser humano nesse voltar-se para o interior, ou seja, contribuir para que a parte inteligível da alma esteja fortalecida. O princípio rege o que é o bem para Plotino.<sup>167</sup>

Uma forma de identificar no dia a dia se alguém é sábio ou não é observar que está sendo valorizado por essa pessoa.

Que seja o homem que se apega às coisas daqui belo e robusto e rico, soberano sobre todos os homens, como quem é deste lugar: ele não deve ser invejado por essas coisas com as quais se ilude. No sábio, elas talvez não existam em absoluto, mas, se existirem, ele as diminuirá, se se importa consigo mesmo. E ele diminuirá e extinguirá com sua incúria as vantagens do corpo e renunciará ao poder. (*En. I, 4 [46], 14, 14-20*).<sup>168</sup>

Plotino cita um exemplo de um homem que é belo, robusto e rico. Essa pessoa não deve ser invejada, ou seja, não se deve querer o que essa pessoa possui. Por qual motivo não se deve querer essa beleza, robustez e riqueza? A atenção está direcionada às coisas externas, é uma ilusão, em vista da felicidade. O sábio visa o seu interior, a valorização do externo existe na medida em que o externo auxilia o sábio nesse voltar-se para o seu interior.

Desse modo, com base nas explicações de Plotino, uma forma de avaliar se uma pessoa é feliz é (i) identificar os principais objetos de atenção dessa pessoa e (ii) compreender a relação entre essa pessoa e os objetos de atenção, buscando avaliar se contribuem para o cuidado de si, isto é, esse direcionar-se ao interior, ao presente, para o fortalecimento da parte superior da alma; ou se valoriza mais as coisas daqui, retirando essa pessoa do presente, afastando-a do inteligível, contribuindo para o fortalecimento da parte inferior da alma.<sup>169</sup> A imagem a seguir serve como uma base para realizar essa análise.

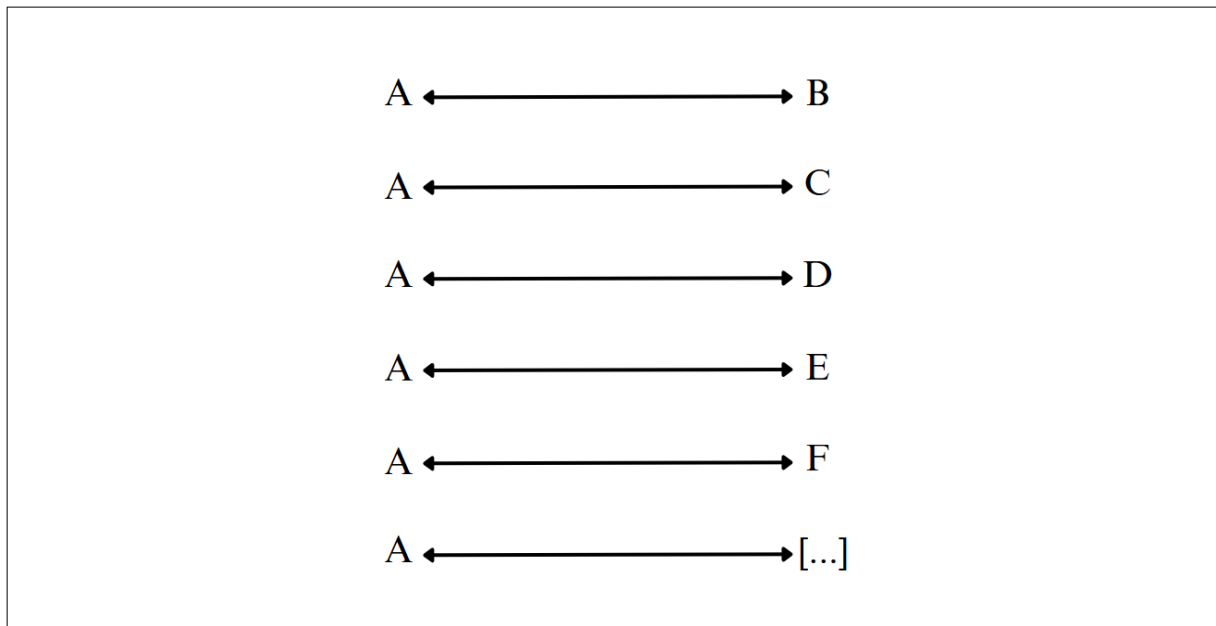
<sup>166</sup> O termo σπουδαῖον significa alguém que é bom, virtuoso, honesto, digno de atenção, estimável, ou apreciável. Uma vez que ser sábio significa necessariamente ser virtuoso, a tradução de σπουδαῖον por sábio foi uma escolha bem adequada realizada por Baracat Júnior.

<sup>167</sup> “Corretamente pensa Platão que aquele que há de ser sábio e feliz recebe o bem de lá de cima e olha para ele, se assemelha a ele e vive de acordo com ele” (Baracat Júnior, 2006, p. 292) Ὁρθῶς γὰρ καὶ Πλάτων ἐκεῖθεν ἄνωθεν τὸ ἀγαθὸν ἀξιοῖ λαμβάνειν καὶ πρὸς ἐκεῖνο βλέπειν τὸν μέλλοντα σοφὸν καὶ εὐδαίμονα ἔσεσθαι καὶ ἐκείνῳ ὁμοιοῦσθαι καὶ κατ’ ἐκεῖνο ζῆν (*En. I, 4 [46], 16, 7-9*).

<sup>168</sup> Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 290. Ὁ δὲ τῶν τῇδε ἄνθρωπος ἔστω καὶ καλὸς καὶ μέγας καὶ πλούσιος καὶ πάντων ἀνθρώπων ἄρχων ὡς ἂν ὢν τοῦδε τοῦ τόπου, καὶ οὐ φθονητέον αὐτῷ τῶν τοιούτων ἡπατημένων. Περὶ δὲ σοφὸν ταῦτα ἴσως μὲν ἂν οὐδὲ τὴν ἀρχὴν γένοιτο, γενομένων δὲ ἐλαττώσει αὐτός, εἴπερ αὐτοῦ κήδεται. Καὶ ἐλαττώσει μὲν καὶ μαρανεῖ ἀμελεία τὰς τοῦ σώματος πλεονεξίας, ἀρχὰς δὲ ἀποθήσεται.

<sup>169</sup> Essa análise é profícua para o entendimento do tratado 5 [36]. Sobre a relação entre felicidade e a eternidade, cf. *En. I, 5 [36], 7, 20-22*. Sobre a fuga da atenção do presente, por causa dos vícios da alma, cf. *En. I, 5 [36], 9*. O capítulo 9 do tratado 5 [36] é muito breve e denso, as explicações nesta dissertação sobre esse capítulo se propõem a esclarecer a relação entre a fuga da atenção do presente.

Esquema 2 – Pontos de observação para avaliar se alguém é feliz



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

No esquema, existem duas colunas. Na primeira coluna, existe a letra A em todas as linhas. A letra “A” representa uma pessoa. A segunda coluna, que contém as letras B, C, D, E, F, representa objetos de atenção de uma pessoa. A última linha, com a indicação do símbolo “[...]”, indica que podem existir tantos outros objetos da atenção de alguém que podem ser avaliados.

Para utilizar essa matriz, alguém deve substituir as letras B, C, D e outras letras, se for preciso, por objetos de atenção. Por exemplo, a letra B poderia ser substituída por beleza, de acordo com o exemplo de Plotino, alguém belo, robusto e rico, soberano sobre todos os homens.<sup>170</sup> A letra C por robustez, a letra D por riqueza, a letra E por soberano de todos os homens. Assim, estuda-se a relação de A com B, A com C, A com D, A com E, ou outras possíveis relações. Na relação de A com B, é a relação do ser humano com alguém que valoriza a beleza do corpo. Se essa pessoa valorizar mais a beleza do corpo, fazendo com que sua atenção seja mais direcionada ao exterior do que para o interior, então, tem-se uma situação de vício. Logo, a relação de A com B revela uma relação que contribui para a redução da felicidade. É preciso ressaltar que o problema não é a pessoa valorizar a beleza do corpo. O problema é quando essa valorização da beleza do corpo faz com que a atenção seja direcionada mais para o exterior do que para o interior. Ao que parece, se a atenção for direcionada mais para o exterior, ocorre a perturbação da alma, tal como se fosse uma

<sup>170</sup> Cf. *En.* I, 4 [46], 14, 14-20.

perturbação mental<sup>171</sup>, de modo que alguém deva perceber uma maior agitação em seus pensamentos, distanciando-se de uma quietude ou tranquilidade.<sup>172</sup>

Para as outras relações de A com C, A com D, ou A com outra letra, segue-se a mesma forma de raciocínio de A com B: observar se essa relação favorece mais para olhar para a parte externa, em detrimento de voltar-se para o interior; ou observar se essa relação favorece para que essa pessoa olhe para o interior.<sup>173</sup> Desse modo, cada relação pode ser classificada em virtude ou vício. A relação de A com B, no exemplo de Plotino, o homem valoriza mais a beleza daqui, isto é, mais o objeto externo do que o voltar-se para o interior. Portanto, a relação A com B expressa um vício.

O passo seguinte, após a identificação, seria remover os vícios. De acordo com Plotino, ao se detectar o vício, é preciso retirá-lo, como se houvesse um mal na alma, e introduzir a virtude, para adornar a alma com beleza no lugar onde está presente a feiura.<sup>174</sup>

Para ilustrar um exemplo oposto ao vício, traz sucintamente um exemplo do capítulo 10 do tratado 5 [36], que contém um exemplo do sábio, que fica contente com a ação de uma pessoa que salvou um país.<sup>175</sup> Com base na tabela, pode-se chamar essa situação de A com F. A representa o ser humano e F representa o contentamento do sábio pela ação que outra pessoa realizou de salvar um país. Nesse exemplo, essa seria uma relação classificada como virtude, com base na leitura de Plotino sobre esse acontecimento, já que o contentamento pelo bem que outra pessoa fez é uma característica do sábio.

Essa dissertação apresenta como pergunta: como ser feliz, com o recorte no tratado 5 [36]. O esquema 2 pode ser compreendido como uma matriz em que, ao ser preenchida, alguém pode classificar cada relação em virtude ou vício. Primeiro identifica-se a relação, segundo classifica-se essa relação e, por fim, em terceiro, busca-se retirar o vício e adicionar a virtude.<sup>176</sup> Portanto, elucida-se uma parte do método para ser feliz, com base em Plotino.

<sup>171</sup> Plotino se refere à perturbação da alma. Embora mente seja um conceito contemporâneo, relacionado à psicologia, foi utilizado o termo “mente” somente no sentido de transmitir ao leitor, de modo comparativo, como nós na contemporaneidade perceberíamos essa perturbação em alguém: por meio da observação da agitação dos pensamentos. A expressão perturbação da alma, embora seja a melhor expressão a partir dos textos de Plotino, traz uma certa dificuldade de entendimento para a atualidade, visto que não é comum dizer que alguém está com a alma perturbada. Portanto, a expressão “perturbação da mente” assume significado de facilitar o entendimento para o leitor, por meio de uma comparação. Embora existam diferenças entre o conceito de mente na psicologia e o conceito de alma em Plotino, o termo mente, especificamente nessa explicação, é adequado, diante do sentido que se busca transmitir. O termo mente não deve, pois, ser entendido como sinônimo de alma em Plotino.

<sup>172</sup> A alma está em quietude quando se está na eternidade. Quando se busca algo além do presente, tem-se o movimento, uma agitação (Cf. *En.* III, 7 [45], 11, 11-20).

<sup>173</sup> Souza (2016, p. 102) afirma que é por meio de um voltar-se para si mesmo que o sábio consegue viver de modo pleno a vida feliz, e por ter praticado virtudes, ele possui a vida no Intelecto em ato.

<sup>174</sup> Cf. *En.* III, 6 [26], 2, 1-5.

<sup>175</sup> Cf. *En.* I, 5 [36], 10.

<sup>176</sup> Cf. *En.* III, 6 [26], 2, 1-5.



#### 2.4.2.2 A tranquilidade, o tempo e a eternidade

Plotino diz que “o sábio está sempre contente, o estado tranquilo, a disposição amável, que nenhum dos ditos males o incomoda, se ele é mesmo sábio” (*En.* I, 4 [46], 12, 8-10).<sup>177</sup> O sábio é aquele que vive a vida no Intelecto, volta-se para o interior, não para o exterior.<sup>178</sup> Existe uma relação entre a eternidade e o presente, bem como uma relação entre o tempo, o passado e o futuro.<sup>179</sup> Nesse sentido, é possível afirmar que os estados de contentamento, tranquilidade (ἡσυχος)<sup>180</sup> e a disposição amável ocorrem quando o sábio se volta para o interior. Contentamento, tranquilidade e disposição amável parecem ser efeitos da virtude do sábio. Detectar esses estados é útil para saber se alguém está com mais virtudes ou vícios. São elementos que auxiliam para um diagnóstico das virtudes ou vícios da alma.

Se alguém estiver em uma situação oposta, um estado com menor tranquilidade (ἡσυχος), menor contentamento ou menor disposição amável, pode-se afirmar que essa pessoa se volta menos para o interior e mais para o exterior. Portanto, evidencia-se uma relação entre a eternidade, o tempo e o estado dos sentimentos de alguém, ou seja, esse estado interior de uma pessoa.

O voltar-se para o interior, como característica do sábio, produz tranquilidade, contentamento e disposição amável. Esse voltar-se para o interior significa que essa pessoa deseja o presente e consegue estar presente. O distanciamento desse estado de tranquilidade faz com que essa pessoa esteja distante do conseguir estar presente, essa pessoa volta-se para o exterior, volta-se para o tempo ao invés da eternidade, o que faz com que a atenção se direcione para o passado ou para o futuro.<sup>181</sup> Desse modo, observa-se uma correspondência entre os sentimentos de uma pessoa e o fluxo da atenção dela.

<sup>177</sup> Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 288. ἕως δὲ ὁ σπουδαῖος αἰεὶ καὶ κατάστασις ἡσυχος καὶ ἀγαπητὴ ἡ διάθεσις ἣν οὐδὲν τῶν λεγομένων κακῶν παρακινεῖ, εἴπερ σπουδαῖος.

<sup>178</sup> De acordo com Brandão (2012, p. 73), as hipóstases existem no interior do ser humano. Isso significa que o movimento em relação ao inteligível é para o interior, não para o exterior.

<sup>179</sup> Cf. *En.* III, 7 [45], 11, 11-20, sobre o tempo não ser o presente. Cf. *En.* III, 7 [45], 1, 16-20, sobre a eternidade e o repouso.

<sup>180</sup> Foi destacado o termo grego relacionado ao estado tranquilo, de modo que se possa elucidar a relação do sábio com ἡσυχος, já que em outros momentos desta dissertação foram apontadas a relação do inteligível com ἡσυχῇ, no Gráfico 1, e ἡσυχίαν no Gráfico 2.

<sup>181</sup> A explicação sobre o fluxo da atenção será aprofundada nesta dissertação quando for abordado o capítulo 9 do tratado 5 [36].

### 3 A FELICIDADE NO TRATADO 5 [36] DA *ENÉADA* I – CAPÍTULOS 1 A 5

A proposta deste e do capítulo seguinte desta dissertação é explicitar o significado do conceito de felicidade, bem como responder à pergunta sobre como ser feliz, tomando como recorte o tratado 5 [36] – Sobre se a felicidade aumenta com o tempo – da *Enéada* I. O método de trabalho é sequencial. Esse tratado é composto por dez capítulos, com diferentes tamanhos, sendo alguns com poucas linhas e outros um pouco maiores.<sup>182</sup> Em relação a outros tratados de Plotino, como os tratados presentes na *Enéada* VI, esse é um tratado que pode ser considerado como curto.

Uma vez que esse tratado é curto, optou-se por expor completamente o texto do tratado 5 [36], perscrutando o pensamento de Plotino e buscando expor os fundamentos que embasaram o filósofo em suas afirmações sobre a felicidade. Estruturalmente, neste capítulo da dissertação, existem cinco seções correspondendo aos cinco primeiros capítulos deste tratado. O quarto capítulo desta deste trabalho contém os capítulos seis a dez do tratado 5 [36]. A opção por essa divisão busca facilitar que futuros leitores e pesquisadores em suas pesquisas consigam encontrar com maior facilidade as explicações relativas a cada um dos dez capítulos deste tratado.

Ao longo do estudo do tratado 5 [36], observou-se a profundidade do pensamento de Plotino. O que é essa profundidade? Cada conceito em Plotino está coerentemente entrelaçado a outros conceitos do seu sistema filosófico. Dessa forma, os significados de termos como a felicidade e o tempo, além de outros termos, podem não assumir um significado comum e precisam ser compreendidos e analisados dentro desse sistema filosófico. As explicações fornecidas no capítulo primeiro desta dissertação foram utilizadas para auxiliar no estudo do tratado 5 [36].

Sobre os primeiros cinco capítulos do tratado 5 [36], cada capítulo trata de um tema específico, relacionando a felicidade e o tempo a um terceiro elemento. No primeiro capítulo do tratado 5 [36], o elemento é a disposição, no segundo capítulo é o presente, o terceiro capítulo é sobre ver o inteligível, no quarto capítulo é o prazer, no quinto capítulo é a comparação da felicidade entre três pessoas. Esses elementos apontados nessa introdução são somente um dos elementos de destaque. Cada um dos dez capítulos contém outros elementos que poderiam ser destacados. A proposta de apontar os elementos é situar o leitor sobre a diversidade de temas abordados no tratado 5 [36].

#### 3.1 CAPÍTULO 1

---

<sup>182</sup> Brisson comenta que, de maneira inabitual, este tratado está com capítulos muito curtos. Além disso, dos dez capítulos no tratado 5 [36], cinco são capítulos minúsculos (2006, p. 373; cf. Plotin).

O que é a felicidade para Plotino? O que não é a felicidade para Plotino? O início do tratado 5 [36] começa com a pergunta central que perpassa o desenvolvimento de todo este tratado. Plotino busca compreender se ser feliz (εὐδαιμονεῖν) aumenta com o tempo (χρόνος). No capítulo 1 deste tratado, com afirmações curtas, porém, com grande profundidade, o filósofo indica o que é a felicidade e o que não é ela. É preciso compreender outros conceitos do seu sistema filosófico, para que este capítulo se torne inteligível.

Na investigação deste capítulo, emergiram questionamentos que nortearam esse estudo: A felicidade é um fenômeno de curta duração ou a felicidade não está associada à duração? O que é estar disposto de certo modo e como isso se articula no sistema filosófico de Plotino? O que poderia contribuir para uma maior felicidade em menor tempo?

De acordo com Plotino,

A felicidade aumenta com o tempo, ainda que a felicidade sempre seja tomada como algo momentâneo? Pois a memória de ter sido feliz em nada a afetaria, nem está ela nas palavras, mas em estar disposto de um certo modo. E essa disposição está no presente, assim como a atividade da vida (*En. I, 5 [36], 1*).<sup>183</sup>

Plotino começa o capítulo com uma pergunta e, ao mesmo tempo, dentro dessa pergunta, ele explica que a felicidade é sempre tomada como algo momentâneo (ἐνεστὼς λαμβανομένου). O termo ἐνεστὼς pode ser traduzido também como presente. Dessa forma, é possível supor duas interpretações: a felicidade como algo momentâneo (ἐνεστὼς) ou a felicidade como algo que se encontra estabelecida no presente (ἐνεστὼς).

A primeira interpretação considera a felicidade como algo que está no presente (ἐνεστὼς), não no passado e nem no futuro. Isso não significa necessariamente que a felicidade é um fenômeno de curta duração. Poder-se-ia dizer que a felicidade está acontecendo. A segunda interpretação considera que a felicidade diz respeito a um fenômeno de curta duração, é momentâneo (ἐνεστὼς), visto que remete àquele momento de alteração no estado de humor da pessoa. Quais são os fundamentos que embasam cada interpretação? Para que se possa realizar um melhor discernimento, com o fito de elucidar qual é o entendimento de Plotino sobre a felicidade, convém explicar com mais detalhes os fundamentos que embasam cada interpretação.

A primeira interpretação, a felicidade como algo que está no presente (ἐνεστὼς), não no passado e nem no futuro, expõe que o método de observação da felicidade é sempre no presente. Então, como identificar o fenômeno felicidade para que possa afirmar coisas sobre ele? Na percepção da felicidade, existe uma relação entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível. O

<sup>183</sup> Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 295. Εἰ τὸ εὐδαιμονεῖν ἐπίδοσιν τῷ χρόνῳ λαμβάνει τοῦ εὐδαιμονεῖν ἀεὶ κατὰ τὸ ἐνεστὼς λαμβανομένου; Οὐδὲ γὰρ ἡ μνήμη τοῦ εὐδαιμονῆσαι ποιοῖ ἄν τι, οὐδ' ἐν τῷ λέγειν, ἀλλ' ἐν τῷ διακεῖσθαι πῶς τὸ εὐδαιμονεῖν. Ἡ δὲ διάθεσις ἐν τῷ παρεῖναι καὶ ἡ ἐνέργεια τῆς ζωῆς.

ser humano constitui o sujeito cognoscente e a felicidade constitui o objeto cognoscível. Na medida em que o ser humano observa o fenômeno da felicidade, essa percepção sempre será no presente e nunca utilizando a memória. Isso não significa que a memória em nada pode contribuir para o entendimento do que é a felicidade, visto que o próprio processo de cognição humana necessita da memória.<sup>184</sup> Conforme Plotino, a felicidade não está na memória (Οὐδὲ γὰρ ἡ μνήμη τοῦ εὐδαιμονῆσαι ποιοῖ ἄν τι), o que corrobora a interpretação de que a felicidade é um fenômeno somente observável no presente, naquele momento. Ao considerar que a felicidade é algo atual (ἐνεστώς), presente, que ocorre naquele momento, não está no passado e nem está no futuro, isso implica dizer que não se mede a felicidade pelo tempo em que uma pessoa vivenciou a felicidade, ou seja, a felicidade como um fenômeno durável. Mede-se, pois, a felicidade de outra forma em que é possível medir no presente, não no passado nem no futuro.<sup>185</sup> Como é, então, o método para medir a felicidade? Antes de prosseguir com essa explicação, continua-se a segunda interpretação que refere à felicidade como um fenômeno de curta duração.

A segunda hipótese de interpretação considera a felicidade como um fenômeno de curta duração (ἐνεστώς λαμβανομένου). Se a felicidade for interpretada como um fenômeno de curta duração, isso implica dizer que existe uma oscilação na felicidade na vida do ser humano em curtos espaços de tempo. Em outras palavras, é possível observar a felicidade em certos momentos da vida, como um fenômeno mais perceptível, com duração pequena; e em outros momentos da vida do ser humano, a felicidade como um fenômeno pouco ou não perceptível. Essa interpretação se aproxima, pois, do entendimento da felicidade como sinônimo de humor, relacionada ao ânimo de uma pessoa. Será essa uma interpretação possível no pensamento de Plotino?

Para avaliar se a segunda interpretação é plausível, que considera a felicidade como um fenômeno de curta duração, convém recorrer à explicação de Plotino de que felicidade consiste em estar disposto de um certo modo ou em uma certa condição (ἐν τῷ διακεῖσθαι πῶς τὸ εὐδαιμονεῖν). O que significa essa disposição (διακεῖσθαι) relacionada à felicidade? A disposição remete a uma certa ordem, uma organização. Quando se fala que existe ordem, isso faz oposição à desordem, a ordem é oposta ao caos, sendo o caos uma aleatoriedade. Se a felicidade é um fenômeno que afeta o ser humano, isso significa que a disposição está relacionada a alguma ordem que também afeta o ser humano. Se existe uma ordem, então, é possível supor que exista algum critério que estabeleça essa ordem, já que não é um conjunto de elementos desorganizados. Se existe uma ordem, existe

<sup>184</sup> Prova disso é que, se Plotino consegue afirmar algo sobre a felicidade, isso significa que ele utiliza sua memória para falar sobre ela. Nesse sentido, a memória contribui para compreender o que é a felicidade. Porém, conforme Plotino, na busca de entender o que é a felicidade e o que não é, ele explica que não se deve contabilizar a memória para a felicidade, isto é, a lembrança de fatos passados para avaliar esse fenômeno.

<sup>185</sup> No capítulo 7 deste tratado, Plotino explica que “Ela [a felicidade] não deve ser computada pelo tempo, mas pela eternidade” (Cf. *En.* I, 5 [36], 7, 20-22).

também um conjunto de elementos a serem analisados, para afirmar que esses elementos estão ordenados. Logo, sobre esses elementos, convém supor que é um conjunto maior do que um ( $A = \{x \in \mathbb{N} / x > 1\}$ ).<sup>186</sup> Ao analisar algo e afirmar que está em ordem, é preciso haver alguma discriminação desses elementos, com o fito de afirmar se eles pertencem a uma ordem ou se eles estão fora dessa ordem. Desse modo, é possível inferir que Plotino observa e consegue discriminar elementos no ser humano e os compara com algum padrão, para afirmar que existe uma disposição (*διακεῖσθαι*) que se relaciona com a felicidade. Existem, nesse sentido, duas perguntas: que elementos são esses que Plotino observa? Que padrão é esse ao qual Plotino possui, para comparar esses elementos com o padrão e afirmar se estão relacionados à felicidade?

Conforme Brandão,

Em primeiro lugar, porque ela, sendo uma alma, ordena e governa o sensível sem compartilhar das opiniões e desejos oriundos do corpo. Ela age sobre o sensível sem ser afetada por ele. É justamente esse tipo de disposição que a alma purificada, ao menos em certa medida, é capaz de alcançar. É essa separação do sensível que também faz a alma purificada semelhante ao Intelecto, que não tem relação com o sensível, ainda que seja seu fundamento e, de um certo modo, causa eficiente. De acordo com Plotino, a disposição da alma purificada, segundo a qual ela entende e é assim impassível, se alguém dissesse que é a semelhança ao deus, não erraria o alvo: pois o divino também é puro e essa atividade é tal que o que imita possui sabedoria (Brandão, 2012, p. 169-170).

Brandão explica que, de acordo com Plotino, há a disposição da alma purificada e que o divino também é puro, ou seja, existe um conjunto de elementos os quais podem ser discriminados ao observar o ser humano, de modo a classificá-lo tendo a alma purificada ou com a alma não purificada.<sup>187</sup>

Quando se aborda a existência de uma alma, convém ter em mente que existem virtudes e vícios relacionados a ela. Virtudes e vícios se relacionam aos comportamentos do ser humano. As virtudes levam o ser humano a agir de uma determinada forma, isto é, ao afirmar que uma pessoa possui uma virtude, pensar-se-á que essa pessoa tenderá a agir de uma determinada forma, segundo essa virtude. Portanto, existe um padrão, uma tendência a um comportamento, com certo nível de segurança de previsibilidade, para afirmar que alguém possui uma virtude. Não é plausível atribuir a classificação de virtude a quem, em uma possível situação futura, irá agir distante do comportamento virtuoso. Logo, a classificação de virtude remete a uma percepção de algo no ser humano que não é facilmente alterado, já que se fosse facilmente modificável, seria difícil realizar previsões e supor que alguém irá reproduzir ou agir de modo virtuoso no futuro. Em outras

<sup>186</sup>  $\mathbb{N}$  é o conjunto dos números naturais. Essa expressão explica que existe um conjunto de  $x$  elementos, sendo que  $x$  é maior do que 1.

<sup>187</sup> Sobre a purificação, é mais plausível afirmar que deve existir níveis de purificação do que simplesmente uma divisão binária entre alma purificada e alma não purificada.

palavras, se alguém possui uma virtude, existe um potencial de alguém agir, de acordo com a prescrição daquela virtude, para um comportamento específico.

Se alguém possui uma virtude, é um comportamento classificado como bom em relação a algo. A partir das explicações de Brandão, será classificado como virtude para Plotino aquilo que contribuirá para a purificação da alma.<sup>188</sup> Dessa forma, em vista da purificação da alma, parece que Plotino observa algo no ser humano, entendido como bom, diante do objetivo de purificação da alma. A disposição (*διακεῖσθαι*) que contribui para a felicidade se relaciona à virtude.<sup>189</sup> Portanto, convém supor que os elementos que Plotino observa são aqueles relacionados ao comportamento de alguém e que Plotino é capaz de inferir se esse alguém possui padrões de comportamento passíveis de serem classificados como virtudes, que se relacionam com a purificação da alma.

Conforme Brandão, se a alma está purificada, então ela irá se assemelhar ao divino e quem o imita possui sabedoria.<sup>190</sup> Isso significa que há um padrão de comportamento o qual irá fazer que o ser humano se aproxime do divino, isto é, tornando-se semelhante ao divino.<sup>191</sup> Consequentemente, existe também um padrão de comportamento o qual se distancia da purificação da alma e da assemelhação ao divino. Destarte, é possível estabelecer uma relação entre quatro variáveis: (a) disposição, (b) felicidade, (c) virtude e (d) semelhança ao divino. Compreender essa relação auxiliará o entendimento da ética de Plotino.<sup>192</sup> O ser humano que almeja a felicidade (b) precisa se comportar de uma forma específica.<sup>193</sup> Essa forma específica é ditada pelo padrão divino que Plotino observa, isto é, Plotino observa o comportamento de alguém, realiza uma discriminação desse comportamento e compara ao padrão divino, sendo o padrão<sup>194</sup> divino aquilo que faz a alma do ser humano se tornar semelhante ao divino (d). Quanto mais próxima do padrão divino, mais

<sup>188</sup> No capítulo 4 do tratado sobre as virtudes, Plotino explica a relação das virtudes com a purificação. “A virtude em purificar-se é mais imperfeita que a em estar purificado: pois o estar purificado é já como que uma perfeição. Contudo, o estar purificado é uma expulsão de tudo o que é alheio, ao passo que o bem é diferente disso. Ora, se algo era bom antes da impurificação, a purificação lhe basta; certo, a purificação bastará, mas o bem será aquilo que remanesce, não a purificação” (Baracat Júnior, 2006, p. 257). Ἀτελεστέρα τῆς ἐν τῷ κεκαθάρθαι <ἢ ἐν τῷ καθαίρεσθαι> τὸ γὰρ κεκαθάρθαι οἷον τέλος ἦδη. Ἀλλὰ τὸ κεκαθάρθαι ἀφαίρεσις ἁλλοτρίου παντός, τὸ δὲ ἀγαθὸν ἕτερον αὐτοῦ. Ἡ, εἰ πρὸ τῆς ἀκαθαρσίας ἀγαθὸν ἦν, ἡ κάθαρσις ἀρκεῖ· ἀλλ’ ἀρκέσει μὲν ἡ κάθαρσις, τὸ δὲ κατα λειπόμενον ἔσται τὸ ἀγαθόν, οὐχ ἡ κάθαρσις (En. I, 2 [19], 4, 4-9).

<sup>189</sup> Plotino considera as virtudes como disposições (Tuominen, 2022, p. 366).

<sup>190</sup> A alma do ser humano pode ser dividida entre a parte sensível e a parte inteligível. Se a parte inteligível é mais dominante, isso significa que essa alma está mais purificada e assemelha-se mais com o divino, no nível do Intelecto (Cf. En. IV, 8 [6], 8, 1-6).

<sup>191</sup> Cf. En. I, 2 [19], 1, 1-5.

<sup>192</sup> Para auxiliar na argumentação e tornar evidente as variáveis, foram utilizadas as letras a, b, c e d, de modo que o leitor possa perceber com maior facilidade a relação entre as variáveis.

<sup>193</sup> Conforme Hadot (2014, p. 58), sobre a filosofia antiga, a vida filosófica consiste em um desenraizamento da vida cotidiana, ela é uma mudança de estilo de vida, de visão e de comportamento.

<sup>194</sup> Um padrão é uma grandeza modelo para realizar medidas. Nesse contexto, afirmar que existe um padrão divino significa dizer que aquilo que é designado por divino em Plotino indica um modelo a ser observado. Entender que existe um padrão possibilita entender quando alguém está próximo de um padrão ou distante desse padrão. Atualmente, por exemplo, sobre medidas de comprimento, existe o metro padrão. A partir dessa referência, é possível medir diferentes objetos e informar uma medida em relação a esse metro padrão. De modo análogo, existe um padrão divino em Plotino, visto que a virtude possibilita se assemelhar ao deus (Cf. En. I, 2 [19], 1, 1-5).

semelhante ao divino a alma do ser humano está, diante do entendimento de Plotino. Quando mais distante do padrão divino, menos a alma se assemelha ao divino. O que é observado não parece ser um comportamento avulso, dissociado do padrão de comportamento do sujeito. O que é observado é a disposição (a), visto que a disposição revela um tipo de comportamento mais enraizado no ser humano. Dentro da disposição que o ser humano pode ter, existe o grupo das virtudes (c). Portanto, existe uma relação direta entre o comportamento humano no dia a dia, mais especificamente o padrão de comportamento, com a felicidade, e com aquilo que Plotino entende como o comportamento que purifica a alma e possibilita à alma tornar-se semelhante ao divino. São implicações dessa relação: (i) quem deseja ser feliz precisa buscar o comportamento virtuoso, de modo que isso esteja tão enraizado no ser humano, assegurando-lhe uma disposição virtuosa; (ii) para Plotino, se alguém busca compreender o caminho da felicidade, é preciso compreender aquilo que irá auxiliar purificar a alma, de modo que a alma desse ser humano se torne o mais semelhante possível ao padrão divino; (iii) esse padrão de comportamento, que é algo passível de ser percebido no externo, atua como um espelho da alma humana, refletindo no interno o nível de purificação da alma ou o nível de virtude, ou seja, uma relação simultânea entre o que acontece no interno e no externo do ser humano, nas disposições – interno – e nas ações – externo –.

### 3.1.1 A felicidade não é algo momentâneo, ela ocorre no agora

Retoma-se agora a reflexão sobre a segunda interpretação, que considera a felicidade como um fenômeno de curta duração (ἐνεστὸς λαμβανομένου). A partir da compreensão sobre o significado da disposição (διακεῖσθαι), parece incorreto associar a felicidade a um fenômeno de curta duração, visto que a disposição está relacionada a um padrão do comportamento humano, indica uma previsibilidade de atitudes no futuro. Se a felicidade está associada à disposição, não parece ser coerente afirmar que a disposição se altera rapidamente, de modo oscilante, como estados de humor, então, a felicidade em Plotino não pode ser interpretada como um fenômeno de curta duração.

Portanto, pode-se afirmar que a felicidade ocorre no agora, isto é, neste exato instante, neste exato momento.<sup>195</sup> O entendimento de que a felicidade ocorre no agora é a tese do tratado 5 [36].

<sup>195</sup> É interessante observar que existem explicações da neurociência, semelhantes, mas diferentes das explicações de Plotino, sobre a felicidade e o presente. Fundamentado em conhecimentos da neurociência, referenciando um estudo clássico de Killingsworth e Gilbert, Vorkapic (2024, p. 110) explica que em torno da metade dos nossos pensamentos não está vinculada ao que uma pessoa está fazendo e que essa divagação mental, sem o foco no presente, não está tornando uma pessoa mais feliz. Quando o pensamento está alinhado com a ação praticada, reduzindo a divagação mental, uma pessoa está mais feliz. De acordo com Killingsworth e Gilbert (2010, p. 932), com base na amostra de estudos deles, sugere-se fortemente que a divagação mental foi causa e não somente a consequência da infelicidade. Eles concluem que existe um custo emocional relacionado à capacidade de pensar sobre o que não está acontecendo. No que se re-

Nos outros capítulos do tratado 5 [36], será possível elucidar e aprofundar nessa tese. Plotino não utiliza a palavra “agora” no primeiro capítulo do tratado 5 [36]. Ele utiliza a palavra *ἐνεστώς*, que pode ser traduzida por presente. Considerando as explicações dos outros tratados, a palavra agora parece transmitir com maior precisão o que é a felicidade em Plotino.

### 3.1.2 Maior felicidade em menor tempo

Com base no capítulo 1 do tratado 5 [36] da *Enéada* I, somado à explicação fornecida por Brandão, se alguém desejar ser feliz o mais rápido possível, de acordo com Plotino, o que deveria ser feito? Em outras palavras, diante de um intervalo de tempo delimitado<sup>196</sup>, com as possibilidades de ação para o ser humano, em que essa pessoa deveria empenhar as suas escolhas, em vista de ser mais feliz?

Se para ser feliz é necessário compreender o padrão divino, isto é, compreender as características comportamentais que levam a alma a ser purificada, ser virtuosa. Parece ser preciso, primeiramente, conhecer o que é esse padrão divino indicado por Plotino, visto que é por meio desse padrão divino que é possível realizar uma classificação do ser humano e afirmar se ele é virtuoso ou não. Sem esse conhecimento, parece ser impossível alguém conseguir purificar a alma com precisão e de modo consciente, isto é, em vez de ficar na tentativa e acerto para purificar a alma, buscando assemelhar-se ao divino, e se estiver purificando a alma, devido à falta de teoria, permanecer na incerteza do avanço. Essa pessoa poderia empregar suas escolhas em caminhos que não necessariamente direcionarão ao comportamento virtuoso. Portanto, o conhecimento preciso do padrão divino é necessário para detectar se alguém possui as verdadeiras virtudes<sup>197</sup>.

Para conhecer as verdadeiras virtudes, parece ser necessário estar em contato com alguém que tenha a compreensão das verdadeiras virtudes. Plotino, como filósofo, conviveu algum tempo com Amônio e estava em diálogo com conhecimentos dos filósofos platônicos, peripatéticos e

---

fere à explicação de Plotino, é possível afirmar que essa explicação da neurociência sobre a felicidade aumentar com a redução da divagação mental, isto é, a felicidade no presente e não na memória, se aproxima do entendimento desse filósofo sobre a felicidade. Como cuidado interpretativo dessa explicação neurocientífica para elucidar o pensamento de Plotino, ressalta-se que não foi aprofundado na explicação sobre o que é a felicidade. Ressalta-se que existem diferenças entre o significado da felicidade da neurociência e a *eudaimonia*. A felicidade em Plotino não é momentânea. Em Plotino, a redução da divagação mental não pode ocorrer somente por breve período de tempo para avaliar o fenômeno da felicidade, precisa ser avaliação em mudança duradoura do ser humano.

<sup>196</sup> O intervalo de tempo delimitado proposto neste raciocínio pode ser, por exemplo, 1 ano, 2 anos ou outra faixa de tempo. A ressalva seria que se trata de um tempo muito curto, como horas ou poucos dias, visto que as disposições não parecem ser alteradas rapidamente.

<sup>197</sup> É relevante destacar que a expressão “verdadeiras virtudes” visa indicar que o ser humano, no processo de conhecimento, procura-se detectar com honestidade e precisão se tal comportamento é virtuoso ou não. Se falta o conhecimento preciso das virtudes, existe maior risco em classificar um comportamento virtuoso com aquilo que não é virtuoso. Como consequência, o ser humano se enganaria e se distanciaria da sua busca pela felicidade.



estoicos (Baracat Júnior, 2006, p. 167).<sup>198</sup> Dessa forma, parece ser com o apoio de outras pessoas as quais realizam estudos relacionados, que é possível refletir sobre as virtudes e compreender as verdadeiras virtudes.<sup>199</sup>

Se alguém possuir o conhecimento para discernir as virtudes de modo preciso, torna-se, então, possível buscar o cuidado da alma, rumo à purificação dela, já que será evidente o caminho a ser adotado. Logo, se alguém buscar ser mais feliz no menor tempo possível, isso está relacionado à capacidade de aprendizado daquele que busca aprender as virtudes, bem como à capacidade de ensino do mestre que pode proporcionar o conhecimento.<sup>200</sup> Quanto mais veloz ocorrer esse processo de aprendizado do aprendiz, mais rápido ele conseguirá discernir os caminhos adequados para a purificação da sua própria alma, buscando assemelhar-se ao divino, e afastando-se dos caminhos que o distanciariam desse objetivo.<sup>201</sup> O conhecimento é, pois, um passo, sendo que o outro passo é a efetiva prática do conhecimento, buscando alterar a disposição do ser e tornar-se virtuoso.<sup>202</sup>

### 3.1.3 As palavras e a felicidade

Ainda no capítulo 1 do tratado 5 [36] da *Enéada* I, Plotino afirma que “nem está ela [a felicidade] nas palavras, mas em estar disposto de um certo modo”.<sup>203</sup> Quais são as razões para Plotino afirmar que a felicidade não está nas palavras ou na fala (λέγειν)? Certamente, as palavras influenciam no discurso que possibilita o ensino para quem busca ser feliz. Plotino aprendeu com outros filósofos, seja em contato direto, envolvendo a oralidade, como Amônio, seja pelos textos filosóficos, como Platão, Aristóteles e outros filósofos. Dessa forma, as palavras contribuem para

<sup>198</sup> *Vp*, 14. Além disso, existem outras passagens nas *Enéadas* que fazem referência direta a Platão.

<sup>199</sup> Conforme Folsheid e Wunenburger, ao explicar sobre a atividade filosófica, ela afirma que pensar o que já foi pensado é pensar novamente, e repensar é sempre pensar (2013, p. 9). Não necessariamente Plotino seguiu exatamente o que os filósofos predecessores a ele fizeram, no sentido de compactuar com explicação idêntica de outros filósofos sobre as virtudes. Foi a partir deles que Plotino foi capaz de elaborar o seu sistema filosófico. Sem o apoio de outros filósofos, supõe-se que seria impossível ou com grande dificuldade que Plotino elaboraria a sua compreensão sobre a realidade.

<sup>200</sup> Na filosofia antiga, as obras dos filósofos precisam ser consideradas dentro do contexto em que elas nasceram: uma escola filosófica. Existe um mestre que forma discípulos e esse mestre se esforça para conduzir os discípulos à realização de si (Hadot, 2014, p. 60).

<sup>201</sup> Sobre a filosofia antiga, Hadot (2014, p. 60) diz que “as obras dos filósofos não podem ser interpretadas sem levar em conta a situação concreta que elas nasceram: elas emanam de uma escola filosófica, no sentido mais concreto da palavra, na qual um mestre forma discípulos e se esforça para conduzi-los à transformação e à realização de si. A obra escrita reflete, pois, preocupações pedagógicas, psicacógicas, metodológicas”. Portanto, é admissível entender que existe uma busca pela eficiência do método não somente de aprendizado, mas de ensino, nos ensinamentos de Plotino, de modo a contribuir para os discípulos conseguirem a sua realização, sendo um desses elementos da realização a felicidade.

<sup>202</sup> Conforme Hadot (2010, p. 18), a filosofia é entendida como um modo de vida. Afirmar que existe um modo de vida significa dizer que existe um direcionamento na forma de se comportar diante das circunstâncias da vida.

<sup>203</sup> *En*. I, 5 [36], 1, 2-4.

discernir melhor os elementos da realidade, do dia a dia, de modo que se possa compreender o motivo pelo qual certas escolhas irão contribuir para que alguém seja mais virtuoso, além do motivo pelo qual certas escolhas irão afastar essa pessoa de tal caminho. Logo, existe uma relação direta entre a função das palavras ou da fala, para o conhecimento de quem almeja a felicidade.

Como possibilidade de interpretação, no que se refere a esse trecho, supõe-se que alguém afirme algo de si próprio, afirme que é feliz. Será que essa afirmação é verdadeira ou falsa? Consoante Plotino, para compreender se alguém é feliz, é preciso observar a disposição, não as palavras ou a fala. Portanto, a fala ou discurso pode ser enganoso. Ao afirmar que a felicidade está na disposição, Plotino expõe uma forma precisa de verificar adequadamente a felicidade de alguém e tomar o cuidado com afirmações de pessoas que afirmam alguém ser feliz.<sup>204</sup>

## 3.2 CAPÍTULO 2

Por qual motivo, para Plotino, o ser humano sempre deseja vida e atividade (ἐνεργεῖν)? Por que quando desejo alcança o objeto, isso ocorre sempre no presente? Além disso, por que o desejo de viver é o desejo do presente? Qual é a relação entre a quietude, o tempo e a felicidade? O capítulo 2 do tratado 5 [36] comporta várias questões. Para responder a essas questões, esse capítulo foi dividido em três partes, de modo a perscrutar nas explicações de Plotino, visando melhor inteligibilidade.

### 3.2.1 Primeira parte: o desejo por vida e vigor

Segundo Plotino, no início do capítulo 2 do tratado 5 [36] da *Enéada* I,

Mas se, porque sempre desejamos a vida e a atividade, alcançá-las significaria ser feliz com mais intensidade, então, em primeiro lugar, a felicidade de amanhã será maior, e a seguinte sempre maior que a anterior, e a felicidade não poderá mais ser medida pela virtude (*En.* I, 5 [36], 2, 1-5).<sup>205</sup>

O conceito de vida em Plotino assume um significado preciso, a vida está relacionada ao Intellecto. Nesse sentido, desejar vida é desejar o que está no inteligível. Plotino compreende que a eternidade é uma vida infinita.<sup>206</sup> Assim, desejar vida é desejar a eternidade.

<sup>204</sup> No próprio capítulo 1 do tratado 5 [36] da *Enéada* I, Plotino explica que a felicidade não está na memória. Existe quem possa associar a felicidade a memórias agradáveis, todavia, essa não é uma compreensão correta sobre o conceito de felicidade em Plotino.

<sup>205</sup> Tradução: Barakat Júnior, 2006, p. 295. Εἰ δ' ὅτι ἐφίεμεθα αἰεὶ τοῦ ζῆν καὶ τοῦ ἐνεργεῖν, τὸ τυγχάνειν τοῦ τοιούτου εὐδαιμονεῖν λέγοι μᾶλλον, πρῶτον μὲν οὕτω καὶ ἡ αὐριον εὐδαιμονία μείζων ἔσται καὶ ἡ ἐξῆς αἰεὶ τῆς προτέρας, καὶ οὐκέτι μετρηθήσεται τὸ εὐδαιμονεῖν τῇ ἀρετῇ.

<sup>206</sup> Sobre eternidade e vida, cf. *En.* III, 7 [45], 5, 18-28.

Em Plotino, existe uma relação entre a vida (ζῆν) e (καὶ) a atividade (ἐνεργεῖν). Para Plotino, o ser humano sempre deseja vida e atividade, e ao alcançar a vida e a atividade, isso significa ser feliz com mais intensidade.<sup>207</sup> Nessa afirmação, existe o conectivo “e” (καὶ). A implicação disso é que obrigatoriamente o ser humano deseja vida e atividade, ou seja, é verdadeiro afirmar que simultaneamente o ser humano deseja vida e atividade. É falso dizer que o ser humano deseja vida ou atividade. Desse modo, o ser humano não deseja somente vida ou somente atividade, ele deseja simultaneamente as duas coisas e assim será feliz com mais intensidade.

É possível compreender que, se o ser humano desejar uma atividade que não necessariamente proporcione mais vida, isso não irá contribuir para a felicidade, já que é preciso que as ações humanas proporcionem mais virtude.<sup>208</sup> Nesse sentido, é plausível o argumento de Plotino de que o ser humano necessite de mais atividade, sendo que essa atividade será aquela que proporcione necessariamente mais vida, em vista de uma vida feliz.

A partir dessa análise lógica, a implicação desse raciocínio é que, segundo Plotino, não é possível desejar mais vida e menos atividade. O que é a atividade? A relevância desse questionamento é que, se o ser humano sempre está em atividade, qual a relevância em destacar que o ser humano sempre deseja atividade (ἐνεργεῖν)? Se for adotado o significado de que ἐνεργεῖν pode também se referir a vigor, isso possibilita a interpretação de que o ser humano deseja mais vida e mais vigor. O vigor (ἐνεργεῖν) pode ser compreendido como aquilo que dá sustentação à vida, seja animal ou vegetal. Nesse sentido, ao afirmar que o ser humano deseja mais vida e mais vigor, Plotino coloca que o ser humano busca um autocuidado consigo mesmo e que isso se expressa por meio do vigor. Se uma das formas de se alcançar a felicidade com mais intensidade é desejando mais vida e mais vigor, então, ao observar o vigor, é possível relacionar isso com um indicativo da felicidade.

A tradução de ἐνεργεῖν por atividade pode ocasionar problemas de interpretação. Se “Atividade” remeter ao movimento, e a palavra movimento for entendida também no sentido metafísico, ou seja, o ser humano desejando mais movimento da alma, isso entra em um conflito, já que o Intelecto (νοῦς) remete à ausência de movimento, à quietude (ἡσυχίαν).<sup>209</sup>

Quando Plotino afirma que alcançar (τυγχάνειν), ou melhor, acontecer de encontrar por acaso ou ser bem-sucedido (τυγχάνειν)<sup>210</sup>, a vida e a atividade ou o vigor é ser feliz com mais

<sup>207</sup> Em uma explicação de Brisson (2006, p. 375; cf. Plotin), ele explica que para Plotino a felicidade é uma disposição e não é uma atividade. De acordo com Souza (2016, p. 131), existe “uma identificação entre a vida feliz e a vida no Intelecto e a prática das virtudes e a vida no Intelecto”.

<sup>208</sup> Conforme Plotino explica no capítulo 1 do tratado 5 [36], a felicidade está na disposição. Ademais, é necessário que essa disposição seja aquela que contribua para que o ser humano se assemelhe ao divino. Cf. *En.* I, 2 [19], 1, 1-5.

<sup>209</sup> Cf. *En.* III, 7 [45], 2, 20-24.

<sup>210</sup> Baracat Júnior utiliza o termo alcançar para τυγχάνειν. Todavia, parece que a melhor tradução para τυγχάνειν seria acontecer de encontrar por acaso ou ser bem-sucedido. Maia Júnior utiliza “encontrar por acaso” como tradução

intensidade, ele realiza a distinção entre pessoas felizes e pessoas não felizes.<sup>211</sup> Se sempre (ἀεὶ) as pessoas desejam vida e vigor, então, isso é uma característica intrínseca do ser humano. Não existe um ser humano qualquer que não deseje vida e vigor. Logo, parece que Plotino afirma que existe algo como se fosse um impulso do ser humano para a felicidade, visto que todos desejam vida e vigor.<sup>212</sup>

O problema que afasta o ser humano da felicidade é porque nem todos que desejam vida e vigor conseguem ser bem-sucedidos. Dessa forma, se existe a infelicidade, ou níveis de felicidade, isso implica dizer que existe algum fator de resistência que impede o ser humano de atingir a felicidade.<sup>213</sup> Caso contrário, se não houvesse nenhuma resistência, por dedução, todo ser humano seria feliz.

### 3.2.1.1 A resistência à felicidade ocasionada pela existência do mal

O que é essa resistência que ocasiona dificuldade para a felicidade do ser humano? Para compreender o que é essa resistência, convém elucidar o que é o ser humano, bem como os conceitos de mal e de matéria para esse filósofo. De acordo com Plotino,

a licenciosidade e a covardia, mas também os demais vícios da alma, afecções involuntárias que produzem opiniões falsas e o parecer que os males e os bens são aquilo de que se foge ou se busca. Mas quem é o causador dessa maldade e como o referirás àquele princípio e causa? Em primeiro lugar, essa espécie de alma não está fora da matéria nem existe por si mesma. Ela, pois, está mesclada à imensurabilidade e é impártcipe da forma que ordena e conduz à medida: porque ela está fundida a um corpo que tem matéria (*En.* I, 8 [51], 4, 9-17).<sup>214</sup>

Plotino questiona quem é o causador dessa maldade. Essa maldade se relaciona aos vícios da alma, aquilo que produz as opiniões falsas (δόξας ψευδεῖς).<sup>215</sup> Compreender o que leva alguém a ter

para τυγχάνω.

<sup>211</sup> Εἰ δ' ὅτι ἐφίεμεθα ἀεὶ τοῦ ζῆν καὶ τοῦ ἐνεργεῖν, τὸ τυγχάνειν τοῦ τοιοῦτου εὐδαιμονεῖν λέγοι μᾶλλον [...] (*En.* I, 5 [36], 2).

<sup>212</sup> Para ser considerada felicidade, Brisson comenta que ela deve ser atingida ao nível do Intelecto (2006, p. 374; cf. Plotin). Além disso, conforme Plotino, existe um desejo da alma em direção ao Uno (Cf. *En.* VI, 2 [43], 11, 20-26).

<sup>213</sup> Utilizo a palavra resistência para indicar uma força oposta àquela ao desejo humano por vida ou vigor. É como se no ser humano existisse algo que puxasse a favor da felicidade, isto é, o desejo por vida e vigor; e também existisse algo que puxasse para a morte ou abatimento, ou seja, uma força contrária à felicidade.

<sup>214</sup> Tradução: Barakat Júnior, 2006, p. 329-330. ἐξ ὧν καὶ ἀκολασία καὶ δειλία καὶ ἡ ἄλλη ψυχῆς κακία, ἀκούσια παθήματα, δόξας ψευδεῖς ἐμποιοῦντα κακά τε νομίζειν καὶ ἀγαθὰ ἃ φεύγει τε καὶ διώκει. Ἀλλὰ τί τὸ πεποιηκὸς τὴν κακίαν ταύτην καὶ πῶς εἰς ἀρχὴν ἐκείνην καὶ αἰτίαν ἀνάξεις; Ἡ πρῶτον μὲν οὐκ ἔξω ὕλης οὐδὲ καθ' αὐτὴν εἶναι ἡ ψυχὴ ἢ τοιαύτη. Μέμικται οὖν ἀμετρία καὶ ἄμοιρος εἶδους τοῦ κοσμοῦντος καὶ εἰς μέτρον ἄγοντος· σώματι γὰρ ἐγκέκραται ὕλην ἔχοντι.

<sup>215</sup> Para Plotino, o Intelecto (νοῦς) nunca se engana. Logo, quanto mais purificada a alma do vivente estiver, mais distante de opiniões falsas ela também estará. “A inteligência, a verdadeira inteligência e que é realmente, por acaso alguém diria que ela há de se enganar alguma vez e ter opinião acerca das coisas que não são? De modo algum” Tradução: Maia Júnior, 2022b, p. 119. Τὸν νοῦν, τὸν ἀληθῆ νοῦν καὶ ὄντως, ἄρ' ἂν τις φαίη πρῶσεσθαι ποτε καὶ μὴ τὰ ὄντα δοξάσειν; Οὐδαμῶς (*En.* V, 5 [32], 1, 1-2).

opiniões falsas possibilita entender a razão pela qual pessoas desejam a vida e o vigor e não conseguem alcançá-las. Existe, pois, a relação das opiniões falsas e a dificuldade do ser humano para a felicidade.

Para Plotino, o ser humano é um composto formado por uma alma e por um corpo. A essa junção, corpo e alma, chama-se vivente (σύμπαν).<sup>216</sup> A matéria é entendida por Plotino como um mal. Se o ser humano é formado por uma alma e por um corpo, e o corpo é formado pela matéria, então, o vivente sempre estará em contato com o mal.

Para Plotino, a parte racional é prejudicada pelas afecções ocasionadas pela matéria. Isso faz com que, ao invés de olhar para a essência, o ser humano olhe também para o devir. Além disso, o filósofo afirma que a matéria é impartícipe do bem, privação total do bem, e que a matéria assemelha a si mesma tudo o que tiver contato com ela.<sup>217</sup> Desse modo, se o ser humano é um vivente, composto por corpo e alma, então, pelo fato do ser humano ter um corpo, sempre existirá uma força direcionando o ser humano para a matéria, prejudicando a parte racional, visto que esse é um princípio da matéria: a matéria assemelha-se a si tudo o que tiver contato com ela. Se a matéria é uma privação total do bem, isso faz com que sempre exista uma força fazendo o ser humano tornar-se privado de bem.

Portanto, em vista da felicidade, parece que existe um conflito de forças atuando no ser humano.<sup>218</sup> Por um lado, existem forças que promovem a felicidade, como explica Plotino, que diz que todo ser humano deseja vida e vigor. Por outro lado, pela natureza do ser humano, composto por alma e corpo, estando ligado à matéria, sempre existe algo que busca que o ser humano se torne privado do bem, ocasionando opiniões falsas. Quanto maiores são as opiniões falsas, maiores serão as dificuldades de compreender quais são as virtudes e como purificar a alma, buscando-se assemelhar ao divino. Consequentemente, maior será a dificuldade em ser mais feliz.

### 3.2.2 Segunda parte: desejo, tempo e felicidade

No capítulo 2 do tratado 5 [36] da *Enéada* I, Plotino estabelece uma relação entre o desejo, a felicidade e o tempo. De acordo com Plotino,

<sup>216</sup> *En.* I, 1 [53], 3, 1-3: 'Αλλὰ γὰρ ἐν σώματι θετέον ψυχὴν, οὐσαν εἴτε πρὸ τούτου, εἴτ' ἐν τούτῳ, ἐξ οὗ καὶ αὐτῆς ζῶον τὸ σύμπαν ἐκλήθη. Tradução: "Contudo, devemos assumir que a alma está no corpo, quer exista antes dele, quer exista nele, pois é a partir da junção dele e dela que o conjunto é chamado vivente" (Baracat Júnior, 2006, p. 237).

<sup>217</sup> Sobre a matéria, ela assemelha a si mesma tudo o que tiver contato com ela, cf. *En.* I, 8 [51], 4, 17-25.

<sup>218</sup> Existe uma relação de dominação entre as partes sensível e inteligível da alma. Em vista da felicidade, é preciso que a parte inteligível da alma seja a mais dominante. Sobre a relação de dominação entre as duas partes da alma, cf. *En.* IV, 8 [6], 8, 1-6 e cf. *En.* IV, 4 [28], 25, 1-8.

Depois, mesmo os deuses serão mais felizes agora do que eram antes e sua felicidade ainda não é perfeita e jamais será perfeita. Ademais, quando o desejo alcança seu objeto, ele alcança o presente, e sempre o presente, e busca possuir a felicidade enquanto ele existir (*En.* I, 5 [36], 2, 5-9).<sup>219</sup>

O que significa dizer que o desejo sempre alcança algo no presente? Por que o desejo busca possuir a felicidade enquanto ele existir? O desejo (ἔφεσις) é a vontade de obter algo. Quando se fala que existe um desejo, isso parece fazer referência a dois momentos: o primeiro momento remete à falta de algo e o segundo momento se refere à satisfação por ter conseguido esse algo. Plotino explica que, quando o desejo alcança o objeto, alcança sempre no presente. O que isso significa? Afirmar que existe o presente é realizar um contraste entre o passado e o futuro. Por mais que se deseje algo que possa estar no futuro, o alcance do desejo sempre ocorre no presente.

Para melhor compreender a relação entre o desejo, tempo e felicidade, convém compreender sobre o que é o tempo em Plotino e como esse conceito de tempo se relaciona com o desejo.

O tempo não acontece meramente numa linha passado-presente-futuro. O futuro é o que “puxa” o tempo. Mas esse futuro não é uma coisa. Ele é expressão da Alma intranquila que está sempre desejosa de possuir os inteligíveis. O futuro é desejo, é impulso que move a Alma. O tempo, como atributo da Alma e, mais precisamente, como movimento da Alma, nasce do desejo de plenitude. O que move a Inteligência é a contemplação própria da Inteligência. Ela se mantém nessa contemplação plena, plena porque saciada no objeto contemplado. A Alma se move não a partir do princípio intelectual, mas a partir do desejo de possuir o que lhe falta. Ela se mantém nessa intranquila busca, intranquila porque nunca saciada no objeto contemplado. É esse o movimento da Alma chamado tempo (Schiochett, 2009, p. 18).

O movimento da Alma ocasiona o surgimento do tempo. Schiochett explica que a Alma tem uma carência, uma busca que nunca se sacia. Esse movimento de busca da Alma, esse desejo dela de possuir o que lhe falta, ocasiona o tempo. O que se chama de futuro é a expressão de uma Alma intranquila, uma busca de plenitude.<sup>220</sup> Convém lembrar que o Uno, para o qual as coisas se esforçam na direção dele,<sup>221</sup> não pertence à realidade temporal. Dessa forma, é possível afirmar que é benéfico para o ser humano fortalecer a parte superior da alma,<sup>222</sup> visto que o Uno não pertence ao tempo.

O ser humano é composto pelo corpo e pela alma. A alma é ao mesmo tempo uma e múltipla, o que possibilita a existência de várias almas individuais, e una, referente à hipóstase da Alma.<sup>223</sup> Conforme Plotino, no capítulo 1 do tratado 5 [36] da *Enéada* I, a felicidade está no dispor-

<sup>219</sup> Barakat Júnior, 2006, p. 295. Ἐπειτα καὶ οἱ θεοὶ νῦν μᾶλλον εὐδαιμονήσουσιν ἢ πρότερον καὶ οὐπω τέλος καὶ οὐδέποτε τέλος. Ἐπειτα καὶ ἡ ἔφεσις λαβοῦσα τὴν τεῦξιν τὸ παρὸν εἴληφε καὶ αἰεὶ τὸ παρὸν καὶ ζητεῖ τὸ ἕως ἄν ᾗ τὸ εὐδαιμονεῖν ἔχειν.

<sup>220</sup> Existe uma relação entre a eternidade e quietude ou ausência de agitação (ἡσυχίαν). Além disso, também existe uma relação entre o tempo e o estado de muita atividade (πολυπράγμονος). Uma explicação sobre a relação desses conceitos pode ser obtida consultando o Gráfico 2 desta dissertação. Em Plotino, cf. *En.* III, 7 [45], 11, 11-20.

<sup>221</sup> Cf. *En.* VI, 2 [43], 11, 20-26.

<sup>222</sup> Sobre fortalecer a parte superior da alma, ou seja, ser fortemente para os inteligíveis, cf. *En.* IV, 4 [28], 25, 1-8.

<sup>223</sup> Sobre a alma ser uma e múltipla, cf. *En.* VI, 4 [22], 4, 34-39.

se.<sup>224</sup> É a disposição relacionada à virtude, não aos vícios, que possibilita a purificação da alma, de modo que o ser humano possa ser feliz.<sup>225</sup> O ser humano com a sua alma purificada é uma situação ideal para ele mesmo. O que existe, na verdade, de acordo com os objetivos das coisas em direção ao Uno, é o ser humano, composto por corpo e alma, imerso no tempo, na busca de se assemelhar ao divino.<sup>226</sup> Uma vez que o ser humano está no tempo, ele também sempre busca possuir o que lhe falta, deseja a plenitude, visto que essa é uma propriedade da alma.

O desejo da alma de atingir essa plenitude é melhor satisfeito quando essa contemplação da alma se direciona ao Uno. Quando a alma está distante da realidade inteligível do Uno, esse desejo se torna mais insaciável e aumenta a carência da alma.

Para compreender o motivo do desejo de buscar possuir a felicidade enquanto ele existir, é preciso compreender melhor o que significa o desejo. Em algum momento, quando existe a satisfação do desejo, existe um encontro entre aquilo que falta e aquilo que proporciona a saciedade do desejo, ao estar junto. Ou seja, ao juntar aquilo que falta e aquilo que está junto, existe a satisfação e a cessação do desejo específico.

Se a alma sempre deseja algo e se é possível falar em satisfação do desejo, consequente do encontro daquilo que faltava com aquilo que proporcionou satisfação, então, parece ser plausível afirmar que não existe um único desejo, o que existe são vários desejos. Essa é uma proposta de solução teórica para o problema da alma que sempre deseja algo, devido à sua carência, e a alma que em algum momento tem seu desejo satisfeito, visto que é implausível afirmar que a alma, em nenhum momento, consegue alguma satisfação do seu desejo. Portanto, não existe um único desejo da alma, o que existe são vários desejos.

Se a alma busca possuir a felicidade enquanto o desejo existir, isso ocorre devido à carência ou inquietude da alma em relação ao Uno. Quando existe a unificação da alma com o Uno, neste momento, parece ser possível falar em cessação do desejo.<sup>227</sup> Se houver a cessação do desejo, isso significa que a alma se direcionou ao plano inteligível, sua carência foi cessada, se aproximando da eternidade. A parte superior da alma foi fortalecida, exercendo um efeito de dominação (κρατοῖ) em relação à parte sensível da alma.<sup>228</sup>

Logo, é possível afirmar que a Alma sempre está desejando, devido à carência do Uno. Quando o desejo encontra o Uno, esse desejo cessa. Além disso, é possível afirmar que, na proporção em que o desejo reduz, a tranquilidade da alma aumenta.

<sup>224</sup> *En.* I, 5 [36], 1, 2-4.

<sup>225</sup> Sobre disposição e felicidade, cf. *En.* I, 5 [36], 1, 2-4. Sobre a purificação da alma, cf. *En.* I, 2 [19], 4, 4-9.

<sup>226</sup> Sobre o esforço das coisas em direção ao Uno, cf. *En.* VI, 2 [43], 11, 20-26.

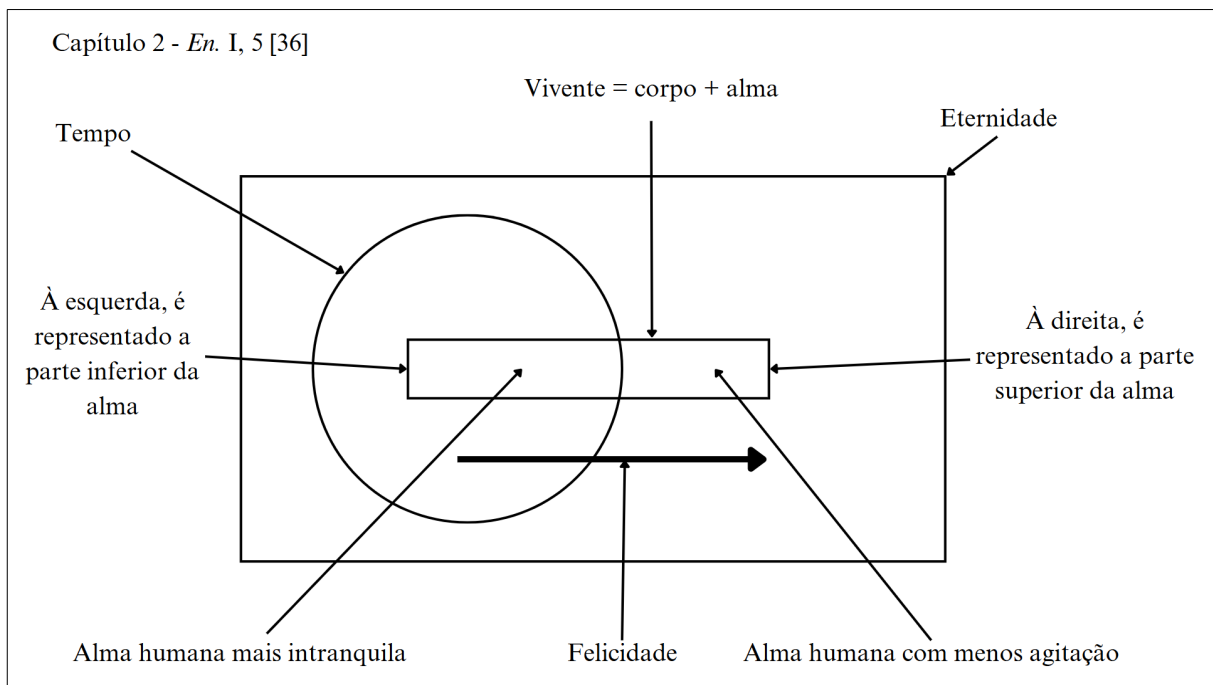
<sup>227</sup> De acordo com Chiaradonna (2023, p. 176), sobre a união mística, a alma em Plotino se realiza quando retira a sua atenção do mundo sensível.

<sup>228</sup> Sobre a relação de dominação entre as partes sensível e inteligível da alma, cf. *En.* IV, 8 [6], 8, 1-6.

### 3.2.2.1 Esquema representando o objetivo em Plotino, na sua relação com o tempo

Para melhor compreender o objetivo da vida para Plotino e sua relação com o tempo, foi elaborada uma imagem para esquematizar essa relação. Como a imagem abaixo é um esquema, não se deve tomar esta imagem como um fiel retrato explicitando o sistema filosófico de Plotino.<sup>229</sup> O objetivo deste esquema é auxiliar o leitor a refletir sobre como funciona o objetivo da vida em Plotino, compreendendo com maior clareza elementos do seu sistema filosófico. Ressalta-se que a imagem a seguir é imperfeita, ela existe com finalidades didáticas.

Esquema 3 – Esquema sobre a felicidade em Plotino



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Na imagem, existe um retângulo maior representando a eternidade. Além disso, existe uma circunferência representando o tempo. A circunferência está contida no retângulo, de modo a explicitar que a eternidade precede o tempo.

<sup>229</sup> Existem pontos do sistema de Plotino que são de difícil ou de impossível representação rigorosa para esta imagem. Como exemplo, representar o Uno. Rigorosamente, o Uno é inefável e não pode ser expresso por palavras, ou seja, um símbolo é inadequado. Além disso, neste esquema, não se buscou representar nem a segunda hipótese, o Intelecto, nem a primeira hipótese, o Uno. O objetivo desta imagem é explicitar somente o tempo, a eternidade, o vivente, indicações das partes inferior e superior da alma, excluindo a indicação da parte intermediária, além de representar o objetivo da vida para Plotino. Indica-se também quando o vivente está com mais intranquilidade na alma e quando o vivente está mais feliz. As formas geométricas utilizadas são somente símbolos utilizados para organizar o raciocínio, elas não representam estruturas na realidade.



No centro da imagem, existe um retângulo menor representando o vivente, que é o corpo mais a alma do ser humano. O retângulo menor não representa a hipóstase da Alma, representa somente a alma individual. Nos extremos do retângulo, esquerdo e direito, representado pelo vivente, existem duas indicações sobre as partes da alma. Em Plotino, pode-se dividir a alma em parte sensível e parte inteligível.<sup>230</sup> No extremo esquerdo do retângulo, é representada a parte inferior da alma, parte que está imersa no tempo. No extremo direito do retângulo é representada a parte superior da alma, em que uma parte está sempre no inteligível.<sup>231</sup>

No retângulo representado pelo vivente, quando a parte esquerda for a mais dominante, isto é, a parte inferior da alma for a mais dominante, existe uma indicação sobre a carência da alma, ela está intranquila e busca o Uno. Ainda nesse retângulo, quando a parte na parte direita for a mais dominante, isto é, a parte superior da alma for a mais dominante, existe uma indicação de que a alma humana está com menos agitação, já que se está em quietude (ἡσυχίαν) quando se está na eternidade.<sup>232</sup> Foi utilizado o termo comparativo “mais”, com o fito de elucidar a diferença de dominação entre as partes sensível e parte inteligível da alma. A alma com a parte sensível mais dominante está vivenciando mais agitação ou intranquilidade. Por outro lado, o vivente cuja parte inteligível da alma for mais dominante, está com a alma mais purificada, a alma está com menos agitação. Em outras palavras, essa alma está mais em paz, mais feliz, entendendo a paz como uma redução na agitação da alma.

Por fim, no centro da imagem, na parte inferior, existe uma seta indicando a felicidade em Plotino. Uma vez que para Plotino as coisas se esforçam na direção do Uno, existe, pois, uma busca do vivente em fortalecer a parte superior da alma, de modo a captar as sensações do inteligível, onde está a eternidade.<sup>233</sup> Na medida em que o ser humano busca cuidar da sua alma, de modo a se assemelhar ao divino, o vivente consegue usufruir da felicidade.

A redução da agitação da alma do ser humano ocorre na medida em que a alma se purifica, fortalecendo a parte inteligível da alma e buscando se assemelhar ao Uno. Isso não significa que o ser humano, enquanto ligado a um corpo, deixa de viver na região temporal. O que ocorre é que os efeitos do tempo, como a intranquilidade da alma, são reduzidos. Dessa forma, quanto mais o

<sup>230</sup> Sobre as partes sensível e inteligível da alma, cf. *En.* IV, 8 [6], 8, 1-6.

<sup>231</sup> Sobre uma parte da alma que está sempre no inteligível, cf. *En.* IV, 8 [6], 8, 1-6.

<sup>232</sup> Sobre a relação entre quietude e eternidade, cf. *En.* III, 7 [45], 11, 11-14.

<sup>233</sup> Segundo Plotino, sobre o retorno ao Uno: “Portanto, não está no composto a vida feliz. Corretamente pensa Platão que aquele que há de ser sábio e feliz recebe o bem de lá de cima e olha para ele, se assemelha a ele e vive de acordo com ele” (Ὁρθῶς γὰρ καὶ Πλάτων ἐκεῖθεν ἄνωθεν τὸ ἀγαθὸν ἀξιῶ λαμβάνειν καὶ πρὸς ἐκεῖνο βλέπειν τὸν μέλλοντα σοφὸν καὶ εὐδαίμονα ἔσεσθαι καὶ ἐκεῖνῳ ὁμοιοῦσθαι καὶ κατ’ ἐκεῖνο ζῆν) (*En.* I, 4 [46], 16, 10-13). Logo, o retorno ao Uno ocorre por meio do processo de assemelhar-se ao princípio. Consoante Chiaradonna (2023, p. 170), Plotino identifica na assimilação ao deus a finalidade da vida humana, conforme Sócrates afirma em *Teeteto*. É possível perceber, pois, que Plotino concorda com Platão ao afirmar que o objetivo do humano é assemelhar-se ao deus e discorda de Aristóteles que compreende que o bem supremo é a felicidade, que deve ser buscada por si mesma e não em função de outra coisa (*EN* I, 7, 1097a-1097b).

vivente cuida da sua alma, purificando-a, mais ele se afiniza, de acordo com o esquema, à região da eternidade.<sup>234</sup>

### 3.2.3 Terceira parte: o presente e o desejo da vida

Entender o significado de presente (παρὸν) se mostra essencial para compreender o que é a vida em Plotino. O que é o desejo do presente? Por que o desejo de viver é o desejo do presente?

E o desejo de viver, buscando a existência, seria o desejo do presente, se é que a existência está no presente. Mesmo quando se quer o porvir e o ulterior, quer-se o que se tem e o que existe, não o que passou ou o que virá, mas que exista aquilo que já existe, buscando não que exista para sempre, mas que exista já o que já está presente (*En.* I, 5 [36], 2, 9-13).<sup>235</sup>

Por qual motivo, ao desejar viver, buscando a existência, não se deseja o que passou ou o que virá, mas se deseja o presente? Seria o desejar o que passou ou o que virá um desejo contrário à existência? Em outras palavras, será que o desejo do que passou ou do que virá se opõe à vida?

Para Plotino, o Intellecto (νοῦς) é um ser solidamente fundado em vida<sup>236</sup>. A eternidade (αἰὼν) é vida infinita (ζωὴν ἄπειρον) porque nada se consome.<sup>237</sup> Quando a parte inteligível da alma está mais dominante (κρατοῖ), isso significa que o ser humano está em maior quietude (ἡσυχῇ), isto é, os efeitos do tempo, relacionado à busca pelo futuro e à agitação, são reduzidos.<sup>238</sup> Pode-se afirmar, pois, que nessa circunstância o desejo de viver do ser humano seria o desejo do presente (παρὸν), já que a vida está relacionada à eternidade e o presente (παρὸν), não o passado ou futuro, é que se relaciona com a eternidade. Desejar o que passou ou algo no futuro não é desejar vida, já que é um desejo relacionado ao tempo e não à eternidade.

É preciso realizar um discernimento sobre a relação do ser humano com o futuro. Com base em Plotino, o problema não é realizar planos para o futuro, visto que planos relacionados ao futuro, se adequados, podem contribuir para uma boa existência no presente. O problema ocorre quando a alma deseja o futuro pela incapacidade ou dificuldade de desejar o presente. Explicando em outra perspectiva, se a relação com o futuro não contribui para o fortalecimento da parte superior da alma,

<sup>234</sup> No artigo *Contra os dois mundos em Plotino: uma interpretação a partir do Platão de Marcelo Marques*, no que se refere aos planos sensível e inteligível em Plotino, Brandão (2018, p. 234) explica que os planos superiores fazem parte da constituição metafísica do ser humano, eles não estão separados de uma pessoa. Se alguém não percebe os planos superiores, é pelo motivo de ser necessário alterar a forma como se percebe o mundo.

<sup>235</sup> Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 295-296. 'Η δ' ἔφεσις τοῦ ζῆν τὸ εἶναι ζητοῦσα τοῦ παρόντος ἂν εἴη, εἰ τὸ εἶναι ἐν τῷ παρόντι. Εἰ δὲ τὸ μέλλον καὶ τὸ ἐφεξῆς θέλοι, ὃ ἔχει θέλει καὶ ὃ ἐστίν, οὐχ ὃ παρελήλυθεν οὐδ' ὃ μέλλει, ἀλλ' ὃ ἤδη ἐστὶ τοῦτο εἶναι, οὐ τὸ εἰσαεὶ ζητοῦσα, ἀλλὰ τὸ παρὸν ἤδη εἶναι ἤδη.

<sup>236</sup> Enquanto o termo “vida” em Plotino se relaciona com o Intellecto (νοῦς), o termo “vida” na atualidade assume, comumente, significado de “vida” da biologia, sem qualquer relação com um princípio inefável, como o Uno em Plotino.

<sup>237</sup> Sobre o Intellecto (νοῦς) e vida, cf. *En.* III, 7 [45], 5, 18-28.

<sup>238</sup> Sobre a quietude (ἡσυχῇ) e sua relação com a parte superior da alma, conferir o Gráfico 1 desta dissertação.

mas alimenta a parte inferior da alma, isso é um problema. É preciso que a relação do ser humano com seu futuro contribua para o fortalecimento da parte superior da alma.

Em Plotino, é possível afirmar que o futuro existe como expressão da alma intranquila.<sup>239</sup> Tanto a tranquilidade da alma, quanto a vida, estão relacionadas com o Intelecto. Quanto mais dominante for a parte superior da alma, maior a vida; quanto mais fraca for a parte superior da alma, menor a vida. Logo, o significado de vida em Plotino não é algo dual, isto é, comparado com o sentido biológico, ou se está vivo, ou se está morto; o significado de vida é variável, em função da força (κρατοῖ) da parte superior da alma. O termo vida em Plotino remete à vitalidade, sendo a vitalidade uma expressão da intensidade da relação do vivente com o Uno.

Será que o desejo do passado ou o desejo do futuro são expressões de um vivente com uma alma mais infeliz? De acordo com Plotino, é preciso purificar a alma, na busca de se tornar semelhante ao divino.<sup>240</sup> Uma alma purificada é uma alma mais feliz. Parece existir uma relação direta entre o desejo do presente e uma alma purificada. Seria possível uma alma cheia de vícios, menos purificada, conseguir desejar vida? As explicações de Plotino possibilitam entender que seria contraditório uma alma desejar o presente sem buscar a sua purificação. Pode-se deduzir que esse esforço do vivente, do desejo do presente sem buscar a purificação da própria alma, seria um esforço pouco eficaz. Assim, convém explicitar os fundamentos dessa contradição.

Se o vivente deseja vida, ele deseja o presente e também deseja o Intelecto (νοῦς). Se o vivente não purifica a própria alma, buscando se tornar semelhante ao Uno, parece que esse desejo de vida, do presente, seria pouco eficaz, visto que, por um lado, existe o esforço da alma em direção ao Uno, por outro lado, a alma, quando está pouco purificada ou não purificada, distancia-se do assemelhar-se ao Intelecto. Dessa forma, para um vivente com a alma muito pouco purificada, ao mesmo tempo que ele deseja o presente, haverá algo em sua alma expressando a sua condição de alma carente, intranquila, desejando o futuro. Aquele vivente com a alma mais purificada está com uma alma que mais se assemelha ao divino. Como consequência, é plausível afirmar que esse vivente com a alma mais purificada está mais bem-sucedido em seu esforço em direção ao Uno. Para o vivente com alma purificada, o que se apresenta é um princípio de atração do Uno em relação ao vivente com a alma mais purificada, tornando mais fácil esse desejo do presente<sup>241</sup>.

A implicação desse raciocínio é que existe uma condição para a alma conseguir desejar o presente, estar aqui e agora, com maior nível de eficiência. Essa condição é a purificação da alma. Se existem seres humanos com dificuldades de deixar de pensar no passado ou no futuro, a partir do

<sup>239</sup> Sobre a natureza inquieta (πολυπράγμονος), cf. *En.* III, 7 [45], 11, 11-20.

<sup>240</sup> Sobre tornar-se semelhante ao divino, cf. *En.* I, 2 [19], 1, 1-5. Sobre a purificação da alma, cf. *En.* I, 2 [19], 4, 4-9.

<sup>241</sup> O tempo é a expressão da alma intranquila. Portanto, reduzir os efeitos do tempo significa reduzir os efeitos da intranquilidade da alma, possibilitar que a alma esteja mais tranquila, mais capaz de conseguir desejar e estar presente.

pensamento de Plotino, isso é uma expressão de uma alma pouco purificada e mais infeliz. O desejo do presente precisa vir acompanhado da purificação da alma, para que a eficiência do desejo da presença seja mais forte e seja mais fácil deixar de pensar no futuro ou no passado quando se quer isso.

Portanto, a partir de Plotino, é possível inferir que um dos fatores que afasta o ser humano da felicidade é a ignorância sobre motivos que levam à não satisfação do seu desejo pelo presente. Na medida em que o ser humano deseja o presente e não consegue satisfazer esse desejo com plenitude, além de não compreender os motivos que o levam à dificuldade de conseguir desejar o presente com eficiência, a falta de conhecimento se revela como um possível fator causador da infelicidade. Logo, é necessário conhecimento da necessidade da purificação da alma, buscando se assemelhar ao divino. Sem esse conhecimento, esse ser humano será mais inábil para a realização do seu desejo de presente. É possível afirmar que, para o ser humano que carece desse conhecimento, a felicidade será sempre limitada, já que, a partir das explicações de Plotino sobre a felicidade, é possível inferir que a felicidade será sempre limitada pelo motivo de existir a ignorância sobre o conhecimento da purificação da alma como condição para uma felicidade mais elevada.<sup>242</sup>

### 3.2.3.1 Presente, eternidade e quietude

Buscou-se compreender a relação entre a eternidade e o presente em Plotino. Ao investigar essa relação, foi possível entender que o desejo do presente, buscando também a purificação da alma, é o que faz o ser humano experienciar os efeitos da eternidade. Além disso, na investigação já realizada, Plotino explica que o tempo é uma expressão da alma intranquila (*πολυπράγμονος*), e que para reduzir os efeitos do tempo e aumentar os efeitos da eternidade, é preciso fortalecer a parte superior da alma.<sup>243</sup> Qual a relação entre a quietude, a eternidade, presente e verdade?

Segundo Plotino,

E, tendo cessado sua errância pelo sensível, ela se firma no inteligível e lá se empenha, afastando a falsidade, em nutrir a alma na chamada “planície da verdade”, utilizando a divisão de Platão para o discernimento das formas, usando-a também para determinar o que um ente é, usando-a ainda para definir os gêneros primários; e, entrelaçando intelectivamente as formas que deles provêm até ter penetrado todo o inteligível, e

<sup>242</sup> Existe uma ressalva nessa explicação. É possível supor que o ser humano possa agir em prol da purificação da própria alma, sem que ele esteja consciente de que suas próprias ações contribuem para a purificação da sua alma. Desse modo, existe alguém que, sem deter o conhecimento das condições da felicidade segundo Plotino, consegue usufruir de uma felicidade superior. Como exemplo, é possível que alguém detenha um conhecimento a partir de uma outra tradição filosófica ou tradição religiosa, até mesmo sabedoria desenvolvida em comunidade, de modo que proporcione benefícios para a própria alma, diante da compreensão plotiniana sobre a purificação da alma.

<sup>243</sup> Sobre a inquietude da alma e o tempo, cf. *En.* III, 7 [45], 11, 11-12.

analisando-as no sentido contrário até chegar a um princípio, então, mantendo a quietude, pois está em quietude enquanto lá está, e não se atabalhoando com mais nada já que se tornou uma, ela vê<sup>244</sup> (*En.* I, 3, 4, 9-18).<sup>245</sup>

A partir dessa explicação, é possível detectar uma relação direta entre a quietude<sup>246</sup> (ἡσυχίαν) e o princípio, que está relacionado ao plano inteligível.<sup>247</sup> A quietude aparece quando se está lá no inteligível. Se o tempo é uma expressão da alma intranquila, a quietude é a expressão da alma tranquila. A quietude parece estar relacionada com aquilo que possibilita o contato com a eternidade e também com o Uno,<sup>248</sup> que está além da eternidade.<sup>249</sup>

Dessa forma, convém supor: a quietude é uma expressão da eficiência do desejo do presente? Parece plausível afirmar que o vivente, como tem a parte sensível da alma imersa no tempo, sente a intranquilidade da alma, em algum grau. Conforme foi exposto, o tempo é uma expressão da alma intranquila.<sup>250</sup> Na medida em que o vivente consegue experienciar a quietude, o desejo do futuro desse vivente reduz de intensidade.

Para experienciar o Uno, é preciso fortalecer a parte superior da alma,<sup>251</sup> para aumentar os efeitos da eternidade, de modo que se possa apreendê-lo. Para o vivente, a redução dos efeitos do tempo não é completa, já que o vivente sempre estará acompanhado do corpo. O que acontece é uma redução da intranquilidade (πολυπράγμονος) da alma. Nesse sentido, se, de acordo com Plotino, “pois está em quietude quando está lá”<sup>252</sup> (*En.* I, 3, 4, 16-17), a quietude também não será

<sup>244</sup> De acordo com a nota de rodapé número 20 de Baracat Júnior, a palavra “vê” remete a “a alma que contempla, então, as formas inteligíveis” (Baracat Júnior, 2006, p. 266).

<sup>245</sup> Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 266. Παύσασα δὲ τῆς περὶ τὸ αἰσθητὸν πλάνης ἐνιδρύει τῷ νοητῷ κάκει τὴν πραγματείαν ἔχει τὸ ψεῦδος ἀφεῖσα ἐν τῷ λεγόμενῳ ἀληθείας πεδίῳ τὴν ψυχὴν τρέφουσα, τῇ διαιρέσει τῇ Πλάτωνος χρωμένη μὲν καὶ εἰς διάκρισιν τῶν εἰδῶν, χρωμένη δὲ καὶ εἰς τὸ τί ἐστι, χρωμένη δὲ καὶ ἐπὶ τὰ πρῶτα γένη, καὶ τὰ ἐκ τούτων νοεῖ ῥῶς πλέκουσα, ἕως ἂν διέλθῃ πᾶν τὸ νοητὸν, καὶ ἀνάπαλιν ἀναλύουσα, εἰς ὃ ἂν ἐπ’ ἀρχὴν ἔλθῃ, τότε δὲ ἡσυχίαν ἄγουσα, ὡς μέχρι γε τοῦ ἐκεῖ εἶναι ἐν ἡσυχίᾳ, οὐδὲν ἔτι πολυπραγμονοῦσα εἰς ἓν γενομένη βλέπει [...].

<sup>246</sup> Em Plotino, a quietude (ἡσυχίαν) pode ser entendida como silêncio, um estado em que o vivente sente, algo interno. Nesse sentido, não se deve confundir a quietude (ἡσυχίαν) em Plotino, nesse trecho, com a ausência de sons externos. Caso o leitor tenha interesse em aprofundar neste assunto, recomenda-se a leitura do livro de Gabriela Bal, autora do livro *Silêncio e Contemplação: uma introdução a Plotino* (2003). Ela realiza um estudo mais aprofundado sobre a quietude ou silêncio em Plotino.

<sup>247</sup> Sobre o Intellecto (νοῦς), Plotino afirma que “Então é essa inteligência em si, que tem a si mesma, saciedade sempre em tranquilidade” (Tradução: Maia Júnior, 2022b, p. 236). “Ἔστιν οὖν οὗτος ὁ νοῦς ἐν αὐτῷ καὶ ἔχων ἑαυτὸν ἐν ἡσυχίᾳ κόρος ἀεὶ (*En.* V, 9 [5], 8, 7-8). Dentro do sistema filosófico de Plotino, pode-se observar uma coerência entre o estado de tranquilidade (ἡσυχία) no Intellecto (νοῦς) e o estado de quietude quando se está no princípio, que é o Uno. Logo, a quietude ou tranquilidade ἡσυχία são indicativos de que a alma está mais próxima da realidade inteligível.

<sup>248</sup> Cf. *En.* V, 1 [10], 12, 12-20; *En.* V, 5 [32], 8, 1-7.

<sup>249</sup> Cf. *En.* V, 3 [49], 13, 1-6. Διὸ καὶ ἄρρητον τῇ ἀληθείᾳ· ὅ τι γὰρ ἂν εἴπῃς, τί ἐρεῖς. Ἀλλὰ τὸ <<ἐπέκεινα πάντων καὶ ἐπέκεινα τοῦ σεμνοτάτου νοῦ>> ἐν τοῖς πᾶσι μόνον ἀληθὲς οὐκ ὄνομα ὃν αὐτοῦ ἀλλ’ ὅτι οὔτε τι τῶν πάντων οὔτε ὄνομα αὐτοῦ, ὅτι μὴδὲν κατ’ αὐτοῦ· ἀλλ’ ὡς ἐνδέχεται, ἡμῖν αὐτοῖς σημαίνειν ἐπιχειροῦμεν περὶ αὐτοῦ. Por isso na verdade ele é inefável; pois o que disseres que ele é, dirás algo. Mas o que é “além de todas as coisas e além da venerabilíssima inteligência” em todas as coisas é apenas verdadeiro, mas não é seu nome, porque nem é algo de todas as coisas nem é seu nome, porque nada é sob ele; mas assim aceita-se: empreendemos por nós mesmos sinalizar sobre ele [Tradução: Maia Jr. (2022, p. 89-90)].

<sup>250</sup> Cf. *En.* III, 7 [45], 11, 11-20.

<sup>251</sup> Sobre a relação de dominação entre as partes superior e inferior da alma, cf. *En.* IV, 8 [6], 8, 1-6.

<sup>252</sup> Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 266. τότε δὲ ἡσυχίαν ἄγουσα.

uma quietude absoluta<sup>253</sup>. É mais coerente afirmar que uma quietude mais intensa, quando se está lá no inteligível.<sup>254</sup>

Não é desejando o futuro, cultivando a carência da alma, que o vivente conseguirá apreender o Uno. É por meio da experiência da quietude ou ausência de agitação, desejando o presente, que é nessa direção que se torna possível, em algum momento, apreender o Uno. Logo, parece ser plausível afirmar que a quietude é uma expressão da eficiência do desejo do presente pelo vivente.

### 3.2.3.2 Felicidade, quietude e presente

Segundo Plotino, “mantendo a quietude, pois está em quietude enquanto lá está, e não se atabalhoando com mais nada já que se tornou una, ela vê”<sup>255</sup> (*En.* I, 3, 4, 16-18). O termo “lá” (ἐκεῖ) se refere ao plano inteligível. Consoante Baracat Júnior, a palavra “vê” (βλέπει) se refere ao plano da alma que contempla as formas inteligíveis (2006, p. 266).<sup>256</sup> Além disso, de acordo com Plotino, conforme a investigação já realizada nesta dissertação sobre o capítulo 1 do tratado 5 [36] da *Enéada* I, a felicidade consiste em estar disposto (διακεῖσθαι) de certo modo.<sup>257</sup> Ademais, é preciso buscar se tornar semelhante ao divino para fugir daqui, dessa região onde existem os males.<sup>258</sup> Desse modo, ciente de que as coisas se esforçam (σπεύδει) em direção ao Uno,<sup>259</sup> é possível compreender a relação do vivente com o primeiro princípio como um vivente que busca a quietude, visto que é quando a alma está em quietude que ela contempla as formas inteligíveis. A quietude é uma expressão da alma quando está tranquila, não está carente, desejando o futuro. A quietude (ἡσυχίαν) atua como um redutor dos efeitos do tempo, como a agitação.

Conforme já apontado nessa dissertação, para que o desejo do presente seja efetivo<sup>260</sup>, é preciso que o vivente não somente deseje o presente, mas também busque a purificação da alma. A quietude se mostra como uma manifestação da eficiência do desejo do presente, já que quando a alma consegue contemplar as formas inteligíveis, ela vivencia a quietude ou o silêncio. Portanto, é possível observar a relação direta entre a felicidade (εὐδαιμονεῖν), a quietude e o desejo do presente,

<sup>253</sup> O vivente é composto de corpo e alma. Então, o vivente nunca poderá vivenciar uma quietude plena. É mais coerente afirmar que podem existir momentos de grande quietude, todavia, esses momentos passarão. Conforme Brandão (2006, p. 93-94), sobre a experiência mística em Plotino, os momentos de união são raros e breves de êxtase.

<sup>254</sup> A quietude mais intensa busca expressar que existem os níveis de quietude. É preciso estar claro que a quietude não é uma dicotomia: ou quietude, ou sem quietude. Assim, destacar o nível de quietude parece ser mais coerente.

<sup>255</sup> Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 266. εἰς ὃ ἂν ἐπ’ ἀρχὴν ἔλθῃ, τότε δὲ ἡσυχίαν ἄγουσα, ὥς μέχρι γε τοῦ ἐκεῖ εἶναι ἐν ἡσυχίᾳ, οὐδὲν ἔτι πολυπραγμονοῦσα εἰς ἐν γενομένη βλέπει.

<sup>256</sup> Conferir a nota de rodapé número 20 da tese de doutorado de Baracat Júnior.

<sup>257</sup> *En.* I, 5 [36], 1. Οὐδὲ γὰρ ἡ μνήμη τοῦ εὐδαιμονῆσαι ποιοῖ ἂν τι, οὐδ’ ἐν τῷ λέγειν, ἀλλ’ ἐν τῷ διακεῖσθαι πῶς τὸ εὐδαιμονεῖν.

<sup>258</sup> Cf. *En.* I, 2 [19], 1, 1-5.

<sup>259</sup> Cf. *En.* VI, 2 [43], 11, 20-26.

<sup>260</sup> Deseja o presente e consegue estar presente.

uma vez que, sem a purificação da alma, com o ser humano buscando se tornar semelhante ao divino, parece ser mais difícil que o vivente consiga contemplar o que está no plano inteligível e também mais difícil vivenciar a quietude. O vivente com a alma cheia de vícios está mais sujeito à manifestação do tempo, sendo a carência da alma algo que se opõe à quietude. Quanto mais feliz o ser humano for, mais fácil será vivenciar a quietude, mais fácil será que o desejo do presente seja efetivo.

### 3.3 CAPÍTULO 3

Assim como outros capítulos do tratado 5 [36] da *Enéada* I, este é um capítulo curto, sendo composto por poucas linhas. Nesse capítulo, é trabalhada a noção de tempo (χρόνον), realizando uma reflexão ética sobre o tempo. Em que circunstâncias o tempo é um bem para o ser humano?

E quanto à frase “ele foi feliz por mais tempo e por mais tempo viu com seus olhos a mesma coisa”? Se nesse maior tempo ele viu com maior precisão, então o tempo fez algo mais por ele; mas se viu da mesma maneira durante todo o tempo, então tem o mesmo que aquele que vislumbrou uma só vez (*En. I, 5 [36], 3*).<sup>261</sup>

Plotino cita uma frase e, posteriormente ele realiza análise dela. Nessa frase, existem duas sentenças: a primeira sentença é “ele foi feliz por mais tempo” e a segunda sentença é “por mais tempo [ele] viu com seus olhos a mesma coisa”.<sup>262</sup> O que significa ser feliz por mais tempo em Plotino? A palavra “viu” (εἶδε) se refere a quê?

Ser feliz por mais tempo significa que a felicidade para alguém teve uma duração maior. É preciso não confundir a felicidade com momentos de prazer.<sup>263</sup> Sobre a palavra “viu”, deve-se compreender com precisão o significado dessa palavra no contexto dessa citação e da obra de Plotino. Nesse trecho, não existe uma referência explícita a que se refere a palavra “viu”, por parte do Plotino. Logo, o sentido da palavra “viu” ocorre a partir do contexto da obra. Para Plotino, as coisas se esforçam (σπεύδει) em direção ao Uno,<sup>264</sup> isso norteia a sua ética.<sup>265</sup> Dessa forma, convém considerar como hipótese que a palavra “viu” se refere à contemplação relacionada ao plano inteligível. Além disso, outro ponto de sustentação dessa hipótese é a explicação de Plotino no

<sup>261</sup> Tradução: Barakat Júnior, 2006, p. 296. Τί οὖν τὸ <<πλείονα χρόνον εὐδαιμόνησε καὶ πλείονα χρόνον εἶδε τοῖς ὁμμασι τὸ αὐτό>> ; Εἰ μὲν γὰρ ἐν τῷ πλείονι τὸ ἀκριβέστερον εἶδε, πλεόν ἂν τι ὁ χρόνος αὐτῷ εἰργάσατο· εἰ δὲ ὁμοίως διὰ παντὸς εἶδε, τὸ ἴσον καὶ ὁ ἅπαξ θεασάμενος ἔχει.

<sup>262</sup> *En. I, 5 [36], 3, 1-2*. Τί οὖν τὸ <<πλείονα χρόνον εὐδαιμόνησε καὶ πλείονα χρόνον εἶδε τοῖς ὁμμασι τὸ αὐτό>> .

<sup>263</sup> Conforme a investigação já realizada nessa dissertação referente ao capítulo 1 do tratado 5 [36] da *Enéada* I, a felicidade está relacionada à disposição. Sendo a felicidade vinculada à disposição, a felicidade não oscila como momentos agradáveis ou desagradáveis. Se alguém foi feliz por mais tempo, algo na disposição do ser humano contribuiu para que ele usufruísse da felicidade por um maior período de tempo. A disposição, como uma modificação do caráter do ser humano, não se altera como momentos agradáveis.

<sup>264</sup> Cf. *En. VI, 2 [43], 11, 20-26*.

<sup>265</sup> Cf. *En. III, 8 [30], 7, 17-18*.

tratado 3 [20] da *Enéada* I – Sobre a dialética –, em que ele afirma que quando a alma se tornou una, ela vê.<sup>266</sup> Baracat Júnior (2006, p. 266), em nota de rodapé, explica que quando a alma se tornou una, ela vê as formas inteligíveis.

Considerando a hipótese de que a palavra “viu” se refere à contemplação relacionada ao plano inteligível, prossegue-se, então, para o desdobramento das implicações dessa hipótese. Se alguém viu com seus olhos a mesma coisa com mais tempo, ou seja, viu as formas inteligíveis da mesma forma no caso dessa pessoa ter tido mais tempo, isso parece remeter a um prejuízo ou não aproveitamento adequado que alguém fez em relação ao tempo que lhe foi dado.

Plotino explica que “Se nesse maior tempo ele viu com maior precisão, então o tempo fez algo mais por ele; mas se viu da mesma maneira durante todo o tempo, então tem o mesmo que aquele que vislumbrou uma só vez”<sup>267</sup> (*En.* I, 5 [36], 3, 2-5). Assim, existe um indicativo por parte de Plotino de que a contemplação das formas inteligíveis pode ser feita com maior precisão. Se alguém tem mais tempo, no sentido de duração, maior intervalo de tempo, Plotino afirma que o tempo será melhor aproveitado e se essa pessoa conseguir ver com maior precisão as formas inteligíveis. Observa-se, pois, uma ética relacionada ao tempo. Nessa ética, busca-se reduzir os efeitos do tempo no ser humano e aumentar os efeitos da eternidade, ou seja, aumenta a quietude ou silêncio.

Por outro lado, se nesse mesmo intervalo de tempo, essa pessoa viu da mesma maneira as formas inteligíveis, isso significa que não houve alteração na precisão da percepção das formas inteligíveis. Para essa pessoa, o tempo não fez mais por ela, ou seja, foi um tempo que não foi tão bem aproveitado. Logo, circunscrito a essa passagem de Plotino, pode-se afirmar que o bom tempo é aquele em que alguém consegue ver com maior precisão as formas inteligíveis.

Para ilustrar esse pensamento, a imagem a seguir, que é um gráfico, busca exemplificar a comparação realizada.<sup>268</sup>

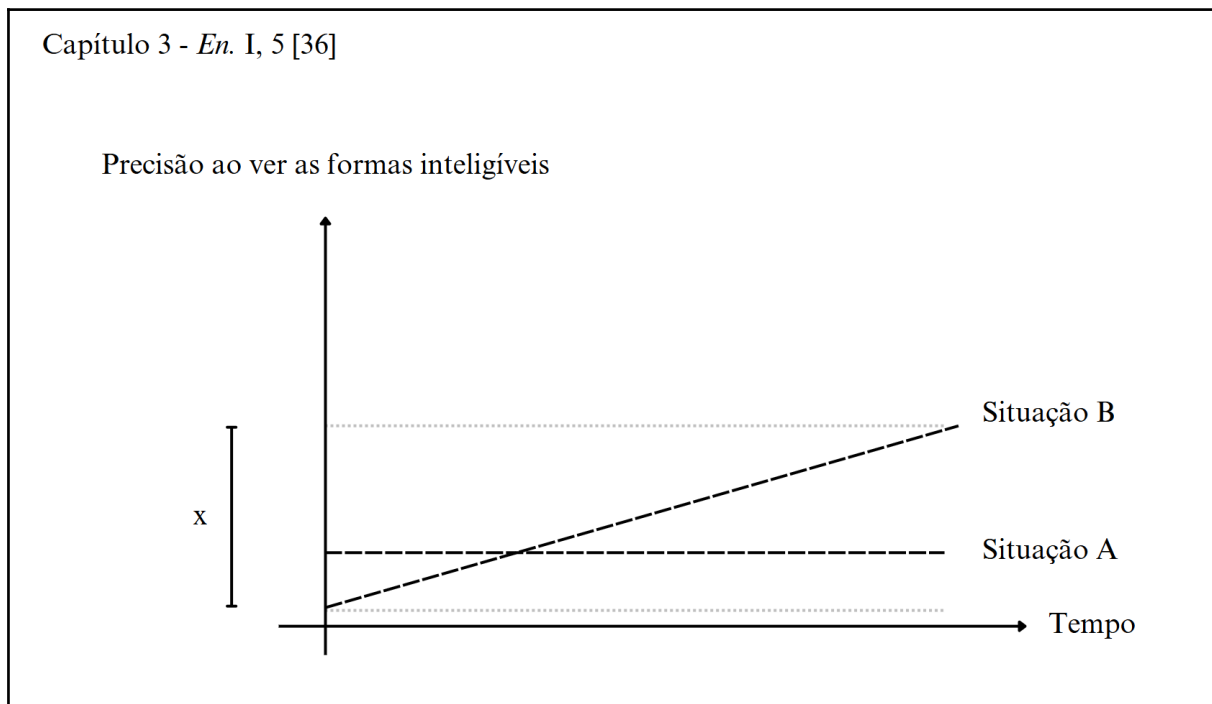
<sup>266</sup> *En.* I, 3, 4, 15-18. “καὶ ἀνάπαλιν ἀναλύουσα, εἰς ὃ ἂν ἐπ’ ἀρχὴν ἔλθῃ, τότε δὲ ἡσυχίαν ἄγουσα, ὡς μέχρι γε τοῦ ἐκεῖ εἶναι ἐν ἡσυχίᾳ, οὐδὲν ἔτι πολυπραγμονοῦσα εἰς ἐν γενομένην βλέπει [...]”. “[...] e analisando-as no sentido contrário até chegar a um princípio, então, mantendo a quietude, pois está em quietude enquanto lá está, e não se atabalhoando com mais nada já que se tornou una, ela vê” (Baracat Júnior, 2006, p. 266).

<sup>267</sup> Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 296. Εἰ μὲν γὰρ ἐν τῷ πλείονι τὸ ἀκριβέστερον εἶδε, πλέον ἂν τι ὁ χρόνος αὐτῷ εἰργάσατο· εἰ δὲ ὁμοίως διὰ παντὸς εἶδε, τὸ ἴσον καὶ ὁ ἅπαξ θεασάμενος ἔχει.

<sup>268</sup> No Gráfico 2, a utilização de duas retas busca somente explicar uma situação possível, de modo simplificado.



Gráfico 3 – Comparação entre duas pessoas, relacionando a precisão ao ver as formas inteligíveis e o tempo



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

No gráfico cartesiano, existem dois eixos. No eixo das abscissas ou eixo x, existe o “Tempo”. Esse eixo indica o tempo cronológico. Nesse eixo, quanto mais à direita, maior será o tempo transcorrido. No eixo das ordenadas ou eixo y, indica-se a “Precisão ao ver as formas inteligíveis”. Nesse eixo, quanto mais acima, maior a precisão atingida por alguém ao ver as formas inteligíveis.

Existem duas retas indicando as situações descritas por Plotino. O filósofo realiza uma comparação entre duas situações que podem acontecer com pessoas: na Situação B, uma pessoa vê com maior precisão no tempo que lhe foi dado. Na Situação A, mesmo com maior tempo, o ser humano continua contemplando as formas inteligíveis da mesma forma. Isso significa que, nesse exemplo, que é hipotético e ideal, não houve alteração na disposição nem na quietude ou silêncio. As Situações A e B são representadas no gráfico por duas retas.

A Situação A é indicada por uma reta paralela ao eixo das abscissas. Ela expõe uma situação em que uma pessoa não alterou a percepção das formas inteligíveis com o decorrer do tempo. A Situação B é indicada por uma reta inclinada em relação ao eixo das abscissas. A inclinação indica que, com o decorrer do tempo, alguém viu com maior precisão as formas inteligíveis, ou seja, aumentou-se os efeitos da eternidade no ser humano e reduziu-se os efeitos do tempo, como

agitação.<sup>269</sup> Para Plotino, o tempo fez mais por essa forma, visto que ela se beneficiou e viu com maior precisão as formas inteligíveis.

Construir esse gráfico contribui para evidenciar com maior clareza a ética do tempo, com base no capítulo 3 do tratado 5 [36] da *Enéada* I de Plotino.<sup>270</sup> Se em um mesmo intervalo de tempo, uma pessoa conseguiu ver com maior precisão as formas inteligíveis, então esse é um fator indicativo de que houve um bem para essa pessoa.

Em relação a esse gráfico, a opção por duas linhas para representar as Situações A e B visa somente esquematizar uma possibilidade de se representar o pensamento de Plotino, diante de outras possibilidades. Como o objetivo foi somente proporcionar um esquema, de modo a exemplificar o pensamento de Plotino, para auxiliar o leitor a compreender com mais clareza o pensamento desse filósofo, não se faz necessário realizar outras análises para representar todas as possibilidades por meio de imagens.

### 3.3.1 Ver as formas inteligíveis: bem para si ou bem para outros?

Será que ver com maior precisão as formas inteligíveis seria um bem somente para o ser humano que as contempla, não representando um bem significativo para outras pessoas que convivem com esse ser humano? Ou será que o ser humano que consegue ver com maior precisão as formas inteligíveis também contribui para o bem, de alguma forma, das pessoas com quem esse ser humano convive? Esse questionamento busca refletir se a busca pelo princípio, conforme o objetivo da vida humana em Plotino, repercute também beneficentemente para outras pessoas.

Uma vez que é a purificação da alma que auxilia a poder contemplar as formas inteligíveis,<sup>271</sup> e para a purificação da alma é necessária a alteração da forma de se comportar em relação à sociedade,<sup>272</sup> isso significa que a busca para ver com maior precisão as formas inteligíveis não é uma busca egoísta, ou seja, o sujeito não despreza as outras pessoas para ser possível atingir esse objetivo. Dessa forma, a busca por ver com maior precisão as formas inteligíveis é uma busca que contribui para o bem de outras pessoas, na medida em que, sem que existam virtudes nos

<sup>269</sup> Para melhor entendimento significado dos efeitos do tempo e efeitos da eternidade no ser humano, confira no primeiro capítulo desta dissertação o “Gráfico 2 – A felicidade, a eternidade e o tempo”.

<sup>270</sup> Ao buscar uma reflexão ética sobre uma questão particular, é preciso que as deduções sobre situações particulares não extrapolem o pensamento ético principal. Ao refletir sobre quando o tempo é um bem para Plotino, é possível observar que a dedução está coerente com o pensamento ético principal deste filósofo, que é o retorno ao Uno. Sobre o retorno ao Uno (Cf. *En.* III, 8 [30], 7, 17-18).

<sup>271</sup> Sobre contemplar as formas inteligíveis, cf. *En* I, 3, 4, 9-18. Sobre a purificação da alma, cf. *En* I, 2 [19], 4, 4-9.

<sup>272</sup> Uma virtude somente é uma virtude porque ela é exercida a partir da liberdade do ser humano. Logo, existe uma forma de agir, com base na liberdade, de modo a ser classificada como virtude e não outra coisa contrária à virtude.

relacionamentos com as outras pessoas, o ser humano não conseguirá assemelhar-se ao divino,<sup>273</sup> dificultando o objetivo de apreender as formas inteligíveis.

Nesse raciocínio, não é possível afirmar que a purificação da alma é uma condição única e exclusiva, com o fito de poder contemplar as formas inteligíveis. Por outro lado, certamente, a purificação da alma exerce uma força auxiliar para a contemplação das formas inteligíveis.<sup>274</sup>

### 3.4 CAPÍTULO 4

Para compreender melhor a noção de felicidade, convém discernir essa noção das noções adjacentes. Assim, neste capítulo do tratado 5 [36], as explicações de Plotino possibilitam discernir o conceito de felicidade (εὐδαιμονεῖν) do conceito de prazer (ἡσθη/ἡδονήν), expressando a relação de cada um desses dois conceitos em relação ao tempo.

Para compreender o conceito de prazer em Plotino, é preciso estar ciente de que esse conceito está dentro do grupo das afecções, junto com as dores, iras e apetites (Baracat Júnior, 2006, p. 151). Dessa forma, uma investigação sobre o prazer em Plotino também é uma investigação sobre as afecções.

“Mas o outro teve prazer por mais tempo”. Isso, porém, não seria um cálculo correto da felicidade. Se alguém disser que o prazer é a atividade desimpedida, dirá o mesmo que o que procuramos. Ademais, o prazer maior existe sempre e apenas no presente, o prazer passado se desvanece (*En.* I, 5 [36], 4).<sup>275</sup>

Segundo Plotino, ter prazer por mais tempo não é um cálculo correto para a felicidade. Quais são os fundamentos implícitos nesta afirmação de Plotino? O conceito de prazer e o conceito de felicidade mobilizam duas partes diferentes da alma. Em Plotino, a alma é composta por três partes: superior, central e inferior.<sup>276</sup> O prazer, que faz parte do grupo de afecções, se origina nas partes irascível e desiderativa da alma, isto é, na parte inferior da alma.<sup>277</sup> A felicidade está vinculada à parte mais elevada da alma.<sup>278</sup> Logo, um dos motivos para a afirmação de que o prazer

<sup>273</sup> Cf. *En.* I, 2 [19], 1, 1-5.

<sup>274</sup> De acordo com Brandão (2013b, p. 96), a partir da leitura do trecho da *En.* V, 5, 8, 1-7, destaca-se a espontaneidade na relação do ser humano em relação a Uno. Não se deve buscar pelo Uno. Deve-se aguardar serenamente que o Uno apareça, tal como os olhos que aguardam o nascer do Sol ao amanhecer. Portanto, a purificação da alma possibilita que seja reduzida essa barreira entre o ser humano e o Uno. Embora tudo esteja contido no Uno, a percepção do Uno somente ocorre em condições específicas, sendo a purificação uma dessas condições.

<sup>275</sup> Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 296. Ἡ δὲ πλεονέχεια ἄτερος ἡσθη χρόνον. Ἡ δὲ τοῦτο οὐκ ἂν ὀρθῶς ἔχοι ἀριθμεῖν εἰς τὸ εὐδαιμονεῖν. Εἰ δὲ τὴν ἡδονὴν λέγοι τις τὴν ἐνέργειαν τὴν ἀνεμπόδιστον, τὸ αὐτὸ τῷ ζητούμενῳ λέγει. Καὶ ἡ ἡδονὴ δὲ ἡ πλείων αἰεὶ τὸ παρὸν μόνον ἔχει, τὸ δὲ παρεληλυθὸς αὐτῆς οἴχεται.

<sup>276</sup> As divisões da alma em Plotino e suas características, cf. Brandão, 2007, p. 483.

<sup>277</sup> Cf. *En.* III, 6 [26], 4, 1-4 e 7-8.

<sup>278</sup> Conforme Brandão (2007, p. 483), a parte superior da alma permanece no plano inteligível, ela não desceu ao mundo sensível.

por mais tempo é um cálculo incorreto da felicidade é devido ao fato de que diferentes partes da alma são mobilizadas.

Segundo Plotino, sobre a purificação das partes afectivas, “Mas a purificação da parte afectiva consiste em despertar de suas imagens absurdas e não olhar para elas” (*En.* III, 6 [26], 5, 22-24).<sup>279</sup> A purificação da alma possibilita um distanciamento dos efeitos das afecções, contribuindo para a impassibilidade do ser humano.<sup>280</sup> No que diz respeito ao prazer e à felicidade, se o prazer é uma afecção e quanto mais purificada, mais feliz o vivente é, então, quanto mais feliz a alma for, menos ela será afetada pelas afecções, como o prazer. Portanto, existem grandes diferenças entre o conceito de prazer e felicidade em Plotino.

Existe uma outra explicação, a qual está implícita neste capítulo, sobre o motivo pelo qual Plotino discorda do entendimento de que ter prazer por mais tempo não é um cálculo correto para a felicidade. No capítulo 7 deste tratado, Plotino afirma que a felicidade deve ser computada pela eternidade, não pelo tempo.<sup>281</sup> Portanto, para Plotino, é incorreta a proposição de que o outro teve prazer por mais tempo, não somente pelo motivo de que o prazer e a felicidade mobilizam partes diferentes da alma, mas também pelo motivo de que relacionar o cálculo da felicidade com o tempo é uma informação falsa.

Em Plotino, no capítulo 1 do tratado 5 [36] da *Enéada* I, é explicado que a felicidade está vinculada à disposição (*διακείσθαι*) e não deve ser reduzida somente a uma sensação agradável.<sup>282</sup> Destarte, para Plotino, a forma correta de calcular a felicidade é por meio da avaliação da disposição, a qual está associada às virtudes. Ademais, a felicidade está relacionada à purificação da alma, já que é uma condição necessária para que o ser humano possa retornar ao Uno.<sup>283</sup> É preciso que o vivente busque também se tornar divino, tornando-se semelhante àquilo que é divino.<sup>284</sup>

O prazer está relacionado a uma sensação agradável ou a uma sensação de satisfação. O prazer, tal como a felicidade, proporciona uma percepção de algo bom para o ser humano. Entretanto, o prazer, diferente da felicidade, não necessariamente está vinculado a virtudes.

### 3.4.1 Felicidade, prazer e atividade desimpedida

<sup>279</sup> Tradução: Barakat Júnior, 2006, p. 606. Τοῦ δὲ παθητικοῦ ἡ μὲν κάθαρσις ἢ ἔγερσις ἐκ τῶν ἀτόπων εἰ δόλων καὶ μὴ ὄρασις.

<sup>280</sup> A alma voltada para si mesma, isto é, com a parte superior da alma mais dominante, realiza uma dominação em relação à parte inferior da alma, de modo que as afecções que chegam na parte sensível não cheguem à parte superior da alma. Cf. *En.* I, 1 [53], 9, 23-26.

<sup>281</sup> Cf. *En.* I, 5 [36], 7, 20-22.

<sup>282</sup> Cf. *En.* I, 5 [36], 1.

<sup>283</sup> Sobre felicidade e virtudes, cf. *En.* I, 2 [19], 1, 1-5. Sobre a purificação da alma e virtudes, cf. *En.* I, 2 [19], 4, 4-9.

<sup>284</sup> *En.* I, 2 [19], 1, 1-5.

O que é a atividade desimpedida (τὴν ἐνέργειαν τὴν ἀνεμπόδιστον) a que Plotino se refere? Por que o prazer é uma atividade desimpedida? Na *Vida de Plotino*, Porfírio explica que em vários momentos Plotino se refere a outros filósofos, como os peripatéticos e estoicos, sem se referir explicitamente a eles.<sup>285</sup> Neste capítulo do tratado 5 [36], Plotino se refere à tese de outro filósofo (τις) sem mencionar quem ele é, concordando que o prazer é uma atividade desimpedida.<sup>286</sup> De quem é essa tese? Ela se refere a Aristóteles e está presente no livro VII da *Ética a Nicômaco*.<sup>287</sup> Portanto, convém trazer essa tese de Aristóteles, de modo a elucidar como a tese de que o prazer é uma atividade desimpedida se relaciona com o conceito de felicidade em Plotino.

De acordo com Aristóteles,

Mas se, pelo contrário, houver atividades livres de impedimento para cada estado disposicional e a felicidade for a atividade de todas as disposições (ou pelo menos de uma delas), uma tal atividade livre de impedimento será necessariamente a coisa mais querida que há. Ora uma atividade livre de impedimento é o prazer. Portanto, o supremo bem será uma certa forma de prazer, ainda que haja muitas formas de prazer más, podendo até acontecer que haja uma forma de prazer absolutamente má. É por este motivo que todos pensam que a vida feliz é uma vida doce e envolvem o prazer na felicidade, o que de resto faz todo o sentido, porquanto nenhuma atividade está completada se experimentar algum impedimento, e a felicidade é uma das atividades completas (EN VII, 13, 1153b).<sup>288</sup>

Aristóteles explica que o prazer é uma atividade livre de impedimento, isto é, uma atividade desimpedida. Isso significa dizer que a atividade do prazer não pode ser impedida, já que qualquer impedimento à atividade prazerosa obliteraria a sua fruição. O impedimento do prazer é sempre sentido como algo penoso (Aggio, 2011, p. 39). Logo, ao interromper o prazer, ocorre uma redução do prazer e aumento daquilo que é oposto, podendo ocasionar a dor.

Qual é a relação entre o prazer e a felicidade? Aristóteles explica que o supremo bem, isto é, a felicidade, é uma certa forma de prazer, livre de impedimento.<sup>289</sup> Logo, tal como Plotino, Aristóteles distingue o conceito de felicidade do conceito de prazer.<sup>290</sup> Se a felicidade para Aristóteles é uma certa forma de prazer, isso significa dizer que a felicidade é também uma atividade livre de impedimentos, ou seja, qualquer obliteração na sua fruição é sentida como algo penoso.

<sup>285</sup> *Vp*, 14.

<sup>286</sup> *En*. I, 5 [36], 4, 2-4. Se alguém disser que o prazer é a atividade desimpedida, dirá o mesmo que o que procuramos (Εἰ δὲ τὴν ἡδονὴν λέγοι τις τὴν ἐνέργειαν τὴν ἀνεμπόδιστον, τὸ αὐτὸ τῷ ζητούμένῳ λέγει) (Baracat Júnior, 2006, p. 296).

<sup>287</sup> Conforme a nota de rodapé de Baracat Júnior, a referência na *Ética a Nicômaco* é “VII 14. 1153b 10-12” (Baracat Júnior, 2006, p. 296).

<sup>288</sup> Tradução: Aristóteles, 2017, p. 155. ἴσως δὲ καὶ ἀναγκαῖον, εἴπερ ἐκάστης ἕξεως εἰσιν ἐνέργειαι ἀνεμπόδιστοι, εἴθ' ἡ πασῶν ἐνέργειά ἐστιν εὐδαιμονία εἴτε ἡ τινὸς αὐτῶν, ἂν ἢ ἀνεμπόδιστος, αἰρετωτάτην εἶναι· τοῦτο δ' ἐστὶν ἡδονή. ὥστε εἴη ἂν τις ἡδονὴ τὸ ἄριστον, τῶν πολλῶν ἡδονῶν φαύλων οὐσῶν, εἰ ἔτυχεν, ἀπλῶς. καὶ διὰ τοῦτο πάντες τὸν εὐδαιμόνα ἡδὸν οἶονται βίον εἶναι, καὶ ἐμπλέκουσι τὴν ἡδονὴν εἰς τὴν εὐδαιμονίαν, εὐλόγως· οὐδεμία γὰρ ἐνέργεια τέλειος ἐμποδιζομένη, ἢ δ' εὐδαιμονία τῶν τελείων.

<sup>289</sup> Para Aristóteles, o bem supremo é a felicidade (EN I, 7, 1097a-1097b).

<sup>290</sup> Cf. *En*. I, 5 [36], 4, 1-2.

De acordo com Aristóteles, a felicidade pode ser praticamente definida como uma forma de conduzir-se bem ou viver bem.<sup>291</sup> O conduzir-se bem está em agir virtuosamente, distanciando-se das ações classificadas como vícios.<sup>292</sup> Portanto, a felicidade é experienciada na medida em que o sujeito é virtuoso. Se ocorre uma obliteração na fruição da felicidade, isso implica dizer que ocorre também uma redução nas virtudes. Desse modo, os vícios morais atuam como obliteradores da felicidade.

De acordo com Plotino, “o prazer maior existe sempre e apenas no presente, o prazer passado se desvanece” (*En.* I, 5 [36], 4, 4-5).<sup>293</sup> Por qual motivo o prazer maior existe sempre e apenas no presente? No capítulo 7 deste tratado, Plotino explicará que a felicidade é medida no presente, isto é, não faz sentido utilizar-se do passado, das memórias, para contabilizar a felicidade.<sup>294</sup> Logo, é no presente que a felicidade se manifesta como uma atividade desimpedida. É no presente que se pode experimentar o maior prazer, já que é no presente que se computa a felicidade. O prazer relacionado a lembranças, por meio da memória, se esvai.<sup>295</sup> Por esse motivo, o prazer maior é vivenciado no presente.

Souza (2023, p. 22) diz que, para Plotino, o prazer é resultado da vida feliz e o prazer não contribui para a felicidade. Convém diferenciar nessa explicação de Souza o entendimento de prazer como causa e prazer como consequência. O prazer não é causa da felicidade e a felicidade possibilita que alguém usufrua do prazer.<sup>296</sup>

Ademais, para compreender outro motivo pelo qual o maior prazer é vivenciado no presente, convém investigar a relação do prazer, que é uma atividade desimpedida, e o Uno. Na medida em que o ser humano se torna mais virtuoso, ele se assemelha mais ao divino.<sup>297</sup> Isso faz com que ele seja mais feliz.<sup>298</sup> Esse prazer da felicidade é experimentado no presente.<sup>299</sup> Dessa forma, parece que o prazer como atividade desimpedida é também um prazer da maior proximidade com o Uno, entendido como divino,<sup>300</sup> já que o vivente se torna mais semelhante ao Uno. Portanto, a felicidade

<sup>291</sup> *EN* I, 8, 1098b.

<sup>292</sup> Segundo Aristóteles, “a justiça não é parte da excelência moral [virtude], mas a excelência moral inteira, nem seu contrário, a injustiça, é uma parte da deficiência moral [vício], mas a deficiência moral inteira” (αὕτη μὲν οὖν ἡ δικαιοσύνη οὐ μέρος ἀρετῆς ἀλλ’ ὅλη ἀρετή ἐστίν, οὐδ’ ἡ ἐναντία ἀδικία μέρος κακίας ἀλλ’ ὅλη κακία) (*EN* V, 1 1130a). O termo ἀρετή foi traduzido por Mario da Gama Kury como excelência, mas também pode ser traduzido como virtude. O termo κακία foi traduzido por deficiência moral, mas também pode ser traduzido por vício.

<sup>293</sup> Tradução: Barakat Júnior, 2006, p. 296. Καὶ ἡ ἡδονὴ δὲ ἡ πλείων αἰεὶ τὸ παρὸν μόνον ἔχει, τὸ δὲ παρεληλυθὸς αὐτῆς οἴχεται.

<sup>294</sup> Cf. *En.* I, 5 [36], 7, 1-13.

<sup>295</sup> *En.* I, 5 [36], 8. No capítulo 8, Plotino explica sobre a impertinência de utilizar a memória para computar a felicidade.

<sup>296</sup> No capítulo 5 do tratado 4 [46], Plotino coloca diferentes questões sobre a felicidade, de modo a possibilitar o entendimento do prazer como consequência da felicidade (Cf. *En.* I, 4 [46], 5).

<sup>297</sup> Cf. *En.* I, 2 [19], 1, 1-5.

<sup>298</sup> Tal como em Aristóteles, em Plotino as virtudes exercem um papel fundamental para a felicidade.

<sup>299</sup> Cf. *En.* I, 5 [36], 7, 1-13.

<sup>300</sup> *En.* I, 2 [19], 1, 1-5.

em Plotino parece ser um indicativo de que o vivente está usufruindo de um maior prazer, devido à maior afinidade com o Uno, menor afinidade com a matéria que é entendida como um mal. A afinidade com a matéria é aquilo que ocasiona impedimento no prazer do vivente em relação ao Uno.<sup>301</sup>

Marsola (2008, p. 71) comenta sobre a relação do prazer e a felicidade em Plotino. O prazer do sábio é a serenidade e esse prazer é estável. Souza (2023, p. 7) também afirma que, para Plotino, o prazer do sábio é a serenidade.

Consoante Plotino, as virtudes não são necessárias quando alguém está em um estado de serenidade. Elas são necessárias somente quando existe o perigo de cair nos males.<sup>302</sup> A partir do que foi dito por Plotino e também com base em Marsola, é possível afirmar que a serenidade (ἡσυχία) é um prazer e uma atividade desimpedida. Os males irão afetar negativamente a serenidade. Quando isso ocorre, a virtude, que está enraizada na personalidade do sábio, atua como uma mola, impelindo o sábio a restaurar esse estado de serenidade. Portanto, para Plotino, quem busca ser feliz deve observar o seu próprio estado de serenidade. Caso as agitações estejam presentes no dia a dia da pessoa, o conhecimento e a prática das virtudes são necessários para impelir o ser humano a retomar e atingir esse estado.

### 3.5 CAPÍTULO 5

Conforme anteriormente explicado nesta dissertação, é preciso que o leitor tome cuidado, atentando-se ao significado dos conceitos dentro do sistema filosófico de Plotino. Como Plotino utiliza os conceitos sem explicações detalhadas neste capítulo, é preciso estar ciente sobre algumas definições, a saber: a felicidade não é durável e não pode ser entendida como alteração de humor; além de entender o tempo dentro da metafísica de Plotino, ciente de que existe uma relação do tempo com a alma, não sendo reduzido o tempo como somente uma duração temporal. Neste capítulo, Plotino continua o seu raciocínio sobre a relação entre a felicidade e o tempo, comparando três pessoas em dois momentos: no início da vida e no fim da vida, em situações de felicidade distintas. Quem são as três pessoas que Plotino compara?

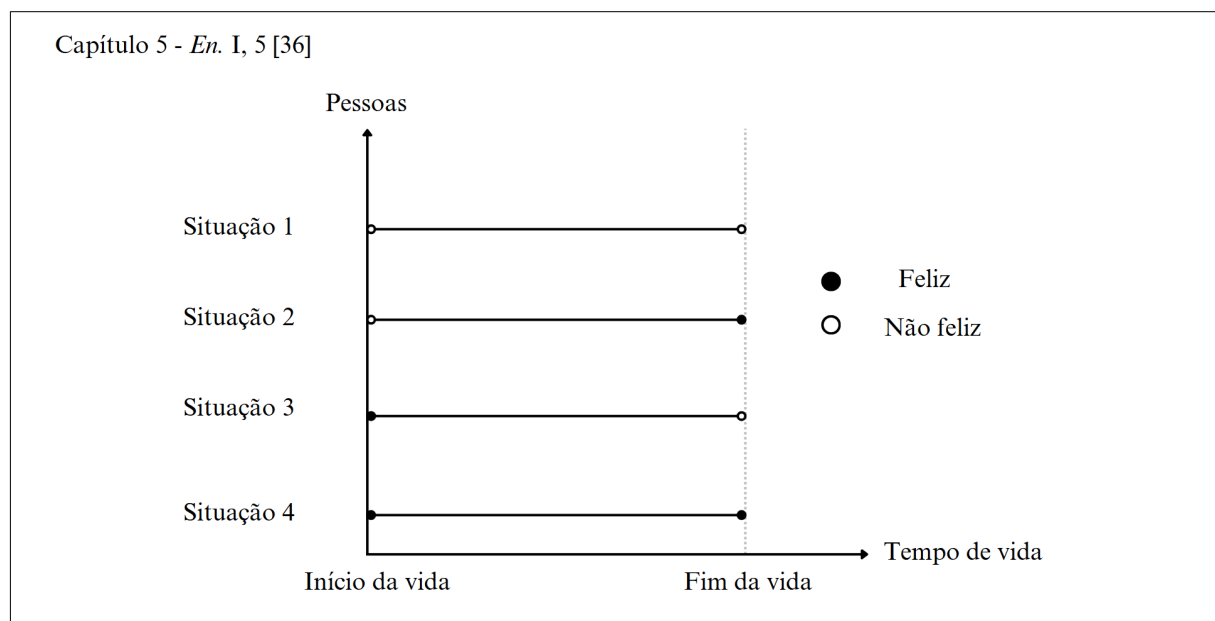
Quê, então? Se um foi feliz do princípio ao fim de sua vida, outro tardiamente e um outro gozou da felicidade antes e depois mudou, possuem eles a mesma quota de felicidade? É que a comparação aqui não se dá entre pessoas que estão todas elas felizes, mas entre pessoas que não estão felizes, quando não estavam felizes, e um outro que está feliz. Então, se este tem algo a mais, ele tem o que uma pessoa que está feliz tem em comparação com pessoas que não estão felizes: isso significa que sua vantagem sobre os outros é algo no presente (*En. I, 5 [36], 5*).<sup>303</sup>

<sup>301</sup> *En. I, 8 [51], 4, 9-25.*

<sup>302</sup> *Cf. En. II, 3 [52], 9, 18-19.*

Plotino realiza a comparação de três pessoas com características distintas. Para realizar a comparação, o filósofo caracteriza a felicidade de uma pessoa em dois momentos: o primeiro momento é no início da vida e o outro momento é no fim da vida. Portanto, no início da vida, alguém pode ter sido feliz ou não feliz e, no final da vida, alguém pode ter sido feliz ou não feliz. Ao combinar essas possibilidades, existem quatro possíveis situações: alguém que nunca foi feliz (Situação 1); alguém que não foi feliz no início da vida, mas foi feliz no fim da vida (Situação 2); alguém que foi feliz no início da vida, mas não foi feliz no final da vida (Situação 3) e alguém que foi feliz tanto no início quanto no fim da vida (Situação 4). Logo, a explicação de Plotino descarta a Situação 1 e considera somente as Situações 2, 3 e 4.<sup>304</sup> Na imagem abaixo, que é um gráfico, é possível observar uma representação da análise realizada por Plotino. O “Esquema 1”, juntamente com o “Esquema 2”, serão úteis para expor o que está implícito nas afirmações de Plotino.

Gráfico 4 – Representação da comparação realizada por Plotino no capítulo 5 do tratado 5 [36], parte 1



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Nesse gráfico, no eixo x ou eixo das abscissas, está o Tempo de vida de uma pessoa. Nesse eixo, existem duas marcações: Início da vida e Fim da vida. No eixo y ou eixo das ordenadas, é representado por Pessoas, de modo a diferenciar as quatro situações possíveis, sendo três

<sup>303</sup> Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 296. Τί οὖν ; Εἰ ὁ μὲν ἐξ ἀρχῆς εὐδαιμόνησεν εἰς τέλος, ὁ δὲ τὸν ὕστερον χρόνον, ὁ δὲ πρότερον εὐδαιμονήσας μετέβαλεν, ἔχουσι τὸ ἴσον ; Ἡ ἐνταῦθα ἡ παραβολὴ οὐκ εὐδαιμονούντων γεγένηται πάντων, ἀλλὰ μὴ εὐδαιμονούντων, ὅτε μὴ εὐδαιμόνουσι, πρὸς εὐδαιμονοῦντα. Εἴ τι οὖν πλέον ἔχει, τοῦτο ἔχει, ὅσον ὁ εὐδαίμων πρὸς οὐκ εὐδαίμονα, ᾧ καὶ συμβαίνει πλεονεκτεῖν αὐτοῦς τῷ παρόντι.

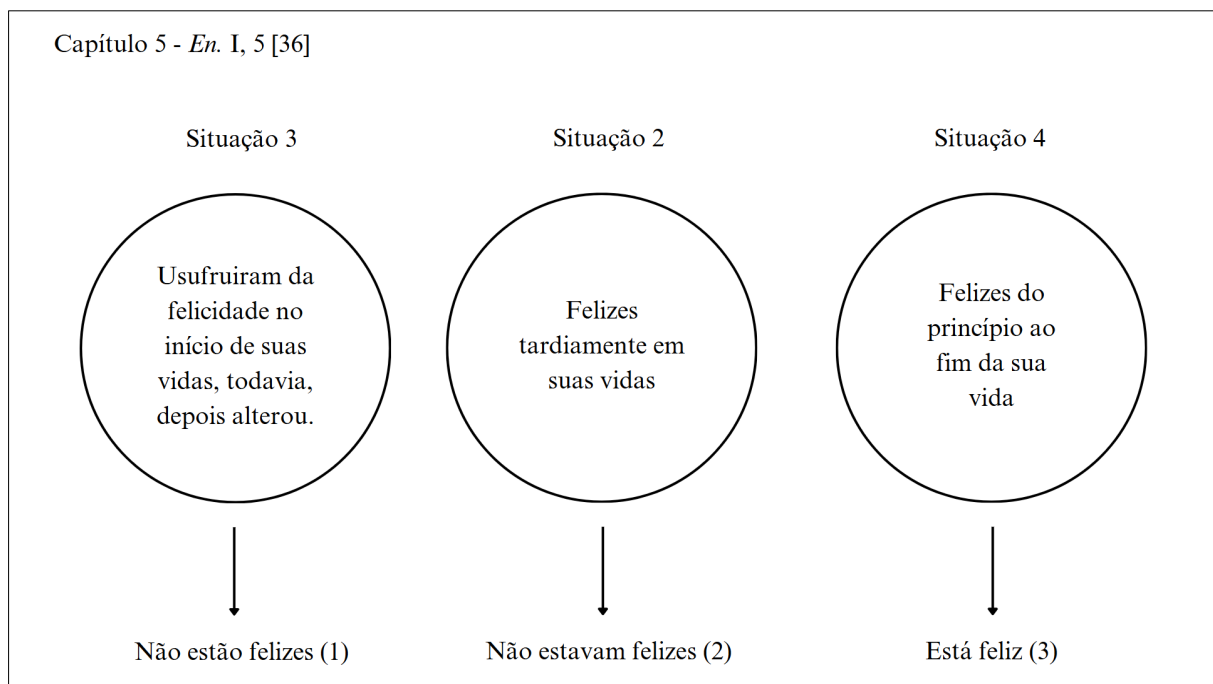
<sup>304</sup> Plotino está comparando pessoas felizes em algum momento. Portanto, ele não analisa a Situação 1, visto que essa pessoa nunca foi feliz.



explicitamente explicadas por Plotino (Situações 2, 3 e 4) e uma situação exposta por dedução (Situação 1). Optou-se por utilizar uma reta, de modo a expor que existe um tempo de vida para cada uma das quatro pessoas. É possível observar na imagem que, nas extremidades, existe uma pequena circunferência que pode estar na cor branca ou cor preta. A cor branca representa que a pessoa não foi feliz naquele momento específico – Início da vida ou Fim da vida – e a cor preta representa que a pessoa foi feliz naquele momento específico – Início da vida ou Fim da vida –.

Na sequência, Plotino explica que a comparação não é entre pessoas que estão todas felizes, mas entre: (1) pessoas que não estão felizes, (2) pessoas que não estavam felizes e (3) pessoas que estão felizes.<sup>305</sup> Pode-se realizar uma correspondência de (1), (2) e (3) com as Situações 2, 3 e 4. Assim, a Situação 3 corresponde a (1), a Situação 2 corresponde a (2) e a Situação 4 corresponde a (3). Na imagem abaixo, que é um esquema, é possível verificar essa correspondência.

Esquema 4 – Representação da comparação realizada por Plotino no capítulo 5 do tratado 5 [36], parte 2.



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Esse esquema visou unir em uma única representação o raciocínio de Plotino, comparando as três pessoas. Enquanto as Situações 2, 3 e 4 dizem respeito à primeira parte, em que ele enuncia

<sup>305</sup> Plotino faz referência a três pessoas. Todavia, não faz sentido afirmar que Plotino se refere a uma única pessoa existente na humanidade, quando ele se refere a uma pessoa. É plausível compreender que se trata de pessoas que podem ser agrupadas com determinadas características. Logo, a divisão em três conjuntos é uma divisão coerente.

as três pessoas,<sup>306</sup> os números (1), (2) e (3) dizem respeito à segunda parte do raciocínio em que ele fornece informações sobre a comparação que está sendo realizada.<sup>307</sup>

Se Plotino considera a possibilidade de uma pessoa estar feliz no início da vida e não estar feliz no final da vida (Situação 3), isso significa que existe a possibilidade do ser humano desenvolver mais vícios, ao invés de virtudes, ao longo da vida. Como consequência, ao invés de purificar a alma, o ser humano estaria fazendo com que sua alma ficasse cada vez mais impura, dificultando a realização do objetivo das coisas em direção ao Uno. Por mais que exista a orientação de Plotino para o retorno ao Uno, a liberdade do ser humano pode fazer com que ele se distancie cada vez mais do retorno ao Uno.

A Situação 2 exemplifica alguém que progrediu no cuidado com a sua própria alma, é alguém que cresceu em virtudes, purificou mais a sua alma. Como consequência, essa pessoa está mais feliz no fim da sua vida. Portanto, essa pessoa está na direção adequada em direção ao retorno ao Uno.<sup>308</sup>

A Situação 4 exemplifica alguém que foi feliz do início ao fim da vida. Com base nas explicações de Plotino, não é possível afirmar se houve alteração da felicidade dessa pessoa. Se é certamente bom que a pessoa está feliz no fim da sua vida e esteve feliz no início da vida, seria problemático considerar que a alma não continuou sendo purificada ao longo da vida.<sup>309</sup> Considerando que as coisas se esforçam em direção ao Uno, quanto maior a purificação da alma do vivente, melhor é para o próprio vivente.

Após a exposição dessas informações sobre essas três pessoas, Plotino afirma que se quem está feliz (εὐδαίμων) tem algo a mais (Situação 4), é em comparação com pessoas que não estão felizes (οὐκ εὐδαίμονας). Esse algo mais de quem está feliz ocorre no presente. Por qual razão Plotino afirma que a vantagem de quem está feliz em relação às pessoas que não estão felizes ocorre no presente?

Se a vantagem de quem está feliz ocorre no presente, isso significa que o passado e o futuro não podem ser considerados vantagens, quando o que se mede é a felicidade. Em outras palavras, não importa se a pessoa esteve com a alma mais purificada no passado e no presente ela não está

<sup>306</sup> “Se um foi feliz do princípio ao fim de sua vida, outro tardiamente e um outro gozou da felicidade antes e depois mudou, possuem eles a mesma quota de felicidade?” (Baracat Júnior, 2006, p. 296).

<sup>307</sup> “É que a comparação aqui não se dá entre pessoas que estão todas elas felizes, mas entre pessoas que não estão felizes, quando não estavam felizes, e um outro que está feliz” (Baracat Júnior, 2006, p. 296).

<sup>308</sup> O Uno é o fim de todas as coisas, cf. *En.* III, 8 [30], 7, 17-18.

<sup>309</sup> No Gráfico 2 desta dissertação, a qual contém explicações referentes ao capítulo 3 deste tratado, o gráfico possibilita entender se o tempo, no sentido de duração, foi utilizado adequadamente por uma pessoa. Segundo Plotino, se uma pessoa durante a vida não conseguiu ver com maior precisão as formas inteligíveis, então, esse tempo não foi bem aproveitado, em comparação com uma pessoa que viu com maior precisão as formas inteligíveis. Nesse sentido, se uma pessoa tenha sido feliz no início da vida e no fim da vida, mas sem conseguir ver com maior precisão as formas inteligíveis, isso significa que esse tempo cronológico não foi bem aproveitado por ela.

mais com a alma tão purificada, ou se no passado ela tinha uma disposição a qual contribui para a felicidade e no presente não tem mais (Situação 3).<sup>310</sup>

Para Plotino, a comparação das três pessoas, no que se refere à felicidade, precisa ocorrer no presente. Não é válido comparar a felicidade de alguém no início da vida com a felicidade de alguém no fim da vida. O recorte comparativo precisa ocorrer na mesma marcação do tempo.

### 3.5.1 Possíveis interpretações para o significado do termo presente (παρόντι)

Existem duas possíveis interpretações para o significado do termo presente (παρόντι) neste tratado.<sup>311</sup> Seria o termo presente realizando uma referência a alguém que analisa no presente a felicidade de outras três pessoas também no presente, ou seja, não é uma análise sobre um recorte no passado, é uma análise sobre algo que acontece naquele momento em que o sujeito observador compara as três pessoas? Ou seria o termo presente realizando uma referência a três pessoas em um mesmo momento no tempo, ou seja, supondo que a análise seria referente a uma mesma data ou mesmo momento histórico para analisar as três pessoas? Enquanto a primeira interpretação considera a possibilidade da análise e comparação da felicidade entre as três pessoas somente no agora, a segunda interpretação considera ser possível analisar algo no passado, desde que estejam todos que estão sendo analisados no mesmo recorte temporal<sup>312</sup>.

Sobre a primeira interpretação de significado do termo presente, é possível afirmar sobre a impossibilidade de não remeter a algo do passado, mesmo que isso tenha duração de segundos. Na medida em que alguém observa, analisa e profere uma explicação sobre a análise feita, o tempo decorre. Logo, a comparação realizada por Plotino em relação às três pessoas se refere a algum tempo no passado.

A segunda interpretação do termo presente, quando é utilizado um mesmo recorte no tempo para as três pessoas que estão sendo analisadas, parece ser mais coerente, visto que toda análise se refere a alguma informação que ocorreu no passado. Se as três pessoas estão sendo analisadas, convém que se escolha o mesmo recorte no tempo, não dois ou três recortes distintos.

Se a segunda interpretação é coerente, decorre, então, um problema na afirmação de Plotino. Por qual motivo Plotino afirma que quem está na Situação 4 está feliz e nas outras duas situações as pessoas estão infelizes? Se o recorte temporal for ao fim da vida, as Situações 2 e 4 mostram que

<sup>310</sup> Sobre a relação da disposição e felicidade, cf. *En* I, 5 [36], 1, 2-4. Sobre a alma purificada, cf. *En* I, 2 [19], 4, 4-9.

<sup>311</sup> Então, se este tem algo a mais, ele tem o que uma pessoa que está feliz tem em comparação com pessoas que não estão felizes: isso significa que sua vantagem sobre os outros é algo no presente (Baracat Júnior, 2006, p. 296). Εἴ τι οὖν πλεόν ἔχει, τοῦτο ἔχει, ὅσον ὁ εὐδαίμων πρὸς οὐκ εὐδαίμονα, ὃ καὶ συμβαίνει πλεονεκτεῖν αὐτοῦς τῷ παρόντι. (*En*. I 5 [36], 5).

<sup>312</sup> Recorte temporal utilizado por Plotino neste capítulo foi o início da vida e o fim da vida.

essas pessoas estão felizes no fim da vida.<sup>313</sup> Dessa forma, a comparação seria entre uma pessoa que está feliz, outra pessoa que também está feliz e outra que está infeliz. Isso contradiz a afirmação de que Plotino que a comparação no presente é em relação a uma pessoa que está feliz (εὐδαίμων) e outras que estão infelizes (οὐκ εὐδαίμωνως).<sup>314</sup> Uma possível solução para esse problema é supor que está implícito na afirmação de Plotino que a referência é em relação não ao fim da vida, e também não na marcação do início da vida, mas em outro recorte temporal entre o início e o fim da vida dessas três pessoas, de modo que somente quem está na Situação 4 é feliz.

Por que é razoável comparar a felicidade das três pessoas em um mesmo recorte temporal, a partir da explicação de Plotino? Conforme as explicações sobre a felicidade em Plotino, a felicidade não é um momento de alegria, ela está vinculada a uma disposição (διακεῖσθαι)<sup>315</sup> do ser humano a qual não se altera bruscamente, tal como oscilações de humor. Analisar as três pessoas em um mesmo recorte temporal implica em analisar, como um dos fatores, a disposição delas naquele recorte temporal, de modo a compreender que essa disposição está a favor da busca do ser humano em tornar-se semelhante ao divino para fugir daqui.<sup>316</sup> Desse modo, parece que, por meio de uma análise cuidadosa sobre elementos que interferem na felicidade, como a disposição, em relação a essas três pessoas, torna-se possível realizar uma comparação entre a felicidade delas.<sup>317</sup>

<sup>313</sup> Cf. o esquema 1 desta dissertação.

<sup>314</sup> Então, se este tem algo a mais, ele tem o que uma pessoa que está feliz tem em comparação com pessoas que não estão felizes: isso significa que sua vantagem sobre os outros é algo no presente (Baracat Júnior, 2006, p. 296). Εἴ τι οὖν πλεον ἔχει, τοῦτο ἔχει, ὅσον ὁ εὐδαίμων πρὸς οὐκ εὐδαίμονα, ὃ καὶ συμβαίνει πλεονεκτεῖν αὐτοὺς τῇ παρόντι (En. I, 5 [36], 5).

<sup>315</sup> Cf. En. I, 5 [36], 1, 2-4.

<sup>316</sup> En. I, 2 [19], 1, 1-5.

<sup>317</sup> O desafio para essa análise seria estabelecer parâmetros mais precisos sobre a disposição, além da coleta suficiente de informações entre essas três pessoas.

#### 4 A FELICIDADE NO TRATADO 5 [36] DA *ENÉADA* I – CAPÍTULOS 6 A 10

O terceiro capítulo desta dissertação se dedica ao estudo e comentário dos capítulos seis a dez do tratado 5 [36]. Como característica observável neste tratado, cada capítulo, tal como os cinco primeiros, aborda a felicidade, o tempo e um terceiro elemento. São elementos abordados: a infelicidade no capítulo seis, a eternidade no capítulo sete, a memória no capítulo oito, a beleza no capítulo 9 e as ações no capítulo 10.

##### 4.1 CAPÍTULO 6

Dos dez capítulos do tratado 5 [36], este capítulo é o único em que Plotino se dedica com mais profundidade à análise da infelicidade e à sua relação com o tempo. Para analisar a infelicidade (*κακοδαίμων*), Plotino refere-se aos infortúnios (*συμφορὰν*) e busca compreender em que circunstâncias a infelicidade aumenta com os infortúnios.

Segundo Plotino,

E o infeliz? Não será ele infeliz com maior intensidade num tempo maior? E as outras dificuldades também não aumentam os infortúnios na proporção em que persistem no tempo, como as macróbias dores, tristezas e coisas do tipo? Mas, se essas coisas aumentam o mal com a passagem do tempo, por que as opostas não aumentam a felicidade do mesmo modo? É que, no caso das tristezas e dores, o tempo causa um aumento, por exemplo, numa doença crônica, pois se torna um estado e o corpo se injuria mais com o tempo. Uma vez que ele permaneça o mesmo e o dano não seja maior, então também nesse caso o presente será sempre o que é doloroso, desde que não somemos o passado ao considerar o surgimento e a permanência do mal; quando se trata do estado de infelicidade, ele aumenta conforme o mal se estende por um tempo maior e a desgraça se torna permanente. Portanto, a infelicidade se torna maior pela adição de mais infortúnio, não pela persistência num tempo maior do mesmo estado. O que persiste no mesmo estado por um tempo maior não se apresenta todo ele de uma vez e, devemos dizer, não faz sentido adicionar o que não existe mais ao que existe. Mas a felicidade tem horizonte e limite e é sempre a mesma. Entretanto, se alguém disser que também aqui há um acréscimo paralelo ao período de tempo maior, de modo a ser maior a felicidade porque aumenta o progresso das virtudes, ele não estará louvando a felicidade ao computar seus muitos anos, mas que ela se tornou maior quando é mais intensa (*En. I, 5 [36], 6*).<sup>318</sup>

<sup>318</sup> Tradução: Barakat Júnior, 2006, p. 297-298. Τί οὖν ὁ κακοδαίμων; Οὐ μᾶλλον κακοδαίμων τῷ πλείονι; Καὶ τὰ ἄλλα δὲ ὅσα δυσχερῆ οὐκ ἐν τῷ πλείονι χρόνῳ πλείω τὴν συμφορὰν δίδωσιν, οἷον ὀδύνας πολὺ χρόνιοι καὶ λῦπαι καὶ πάντα τὰ τούτου τοῦ τύπου; 'Ἄλλ' εἰ ταῦτα οὕτω τῷ χρόνῳ τὸ κακὸν ἐπαύξει, διὰ τί οὐ καὶ τὰ ἐναντία καὶ τὸ εὐδαιμονεῖν ὡσαύτως; Ἡ ἐπὶ μὲν τῶν λυπῶν καὶ ὀδυνῶν ἔχει ἅν τις λέγειν, ὥς προσθήκη ὁ χρόνος δίδωσιν, οἷον τὸ ἐπιμένειν τὴν νόσον· ἔξισ γὰρ γίνεται, καὶ κακοῦται μᾶλλον τῷ χρόνῳ τὸ σῶμα. Ἐπεὶ, εἴ γε τὸ αὐτὸ μένει καὶ μὴ μείζων ἢ βλάβη, καὶ ἐνταῦθα τὸ παρὸν αἰεὶ τὸ λυπηρὸν ἔσται, εἰ μὴ τὸ παρεληλυθὸς προσ ἀριθμοὶ ἀφορῶν εἰς τὸ γενόμενον καὶ μένον· ἐπὶ τε τῆς κακοδαίμονος ἔξεως τὸ κακὸν εἰς τὸν πλείονα χρόνον ἐπιτείνεσθαι αὐξανομένης καὶ τῆς κακίας τῷ ἐμμόνῳ. Τῇ γοῦν προσθήκῃ τοῦ μᾶλλον, οὐ τῷ πλείονι ἴσῳ τὸ μᾶλλον κακοδαιμονεῖν γίνεται. Τὸ δὲ πλεῖον ἴσον οὐχ ἅμα ἐστὶν οὐδὲ δὴ πλεῖον ὅλως λεκτέον τὸ μηκέτι ὄν τῷ ὄντι συν ἀριθμοῦντα. Τὸ δὲ τῆς εὐδαιμονίας ὅρον τε καὶ πέρας ἔχει καὶ ταῦτόν αἰεὶ. Εἰ δέ τις καὶ ἐνταῦθα ἐπίδοσις παρὰ τὸν πλείονα χρόνον, ὥστε μᾶλλον εὐδαιμονεῖν εἰς ἄρετήν ἐπιδιδόντα μείζονα, οὐ τὴν πολυετὴ εὐδαιμονίαν ἀριθμῶν ἐπαινεῖ, ἀλλὰ τὴν μᾶλλον γενομένην τότε, ὅτε μᾶλλον ἐστίν.

Para Plotino, a felicidade não é medida pela memória, ou seja, o passado e o futuro não devem ser computados para a felicidade.<sup>319</sup> De modo semelhante, Plotino realiza uma análise da infelicidade (κακοδαίμων) buscando excluir o passado. Ao realizar essa análise, ele observa que existem dois tipos de entendimentos: infortúnios (συμφορὰν) sem o tempo e infortúnios com o tempo. Os infortúnios são exemplificados pelo filósofo como macróbias dores, isto é, aflições duradouras, além de tristezas e coisas do tipo. Plotino busca desconstruir o entendimento de que o aumento da infelicidade ocorre pelo motivo de os infortúnios serem vivenciados ao longo do tempo, isto é, somente por causa de um mesmo infortúnio com uma mesma intensidade se perpetuar no tempo, isso ocasiona o aumento da infelicidade. Para ele, esse argumento não faz sentido, pelo motivo de mensuração da infelicidade ocorrer no presente, tal como a felicidade.

Quando existe um infortúnio e o corpo se injuria mais com a passagem do tempo por causa de, por exemplo, uma doença crônica, não é por causa do tempo vivenciando essa dor que a pessoa está mais infeliz, mas é por causa do aumento do dano ao corpo no presente. Isso significa que a contagem da infelicidade é em relação ao presente, não considerando a memória.

Para a felicidade, com raciocínio análogo ao para a infelicidade (κακοδαίμων) e infortúnios (συμφορὰν), existe o par de felicidade (εὐδαιμονεῖν) e virtudes (ἀρετήν). A felicidade não deve ser computada pelo motivo de alguém a ter vivenciado por longos anos. Nem a felicidade deve ser computada pelo motivo de alguém ter vivenciado as virtudes por longos anos. Para Plotino, a felicidade ocorre devido à intensidade da virtude que ocorre no presente.

É preciso distinguir que, para Plotino, uma pessoa pode ser feliz e ter dores.<sup>320</sup> Em uma passagem do tratado 4 [46], Plotino explica que:

Contudo, se a razão conceder que a felicidade consista em não ter dor, nem doença, nem infortúnios e não cair em grandes desgraças, nenhuma pessoa poderia ser feliz se lhe estiverem presentes adversidades; mas, se a felicidade reside na obtenção do verdadeiro bem, por que, prescindindo deste e de olhar para ele como critério de vida feliz, havemos de procurar outros bens, que não se somam à felicidade? (*En. I, 4 [46], 6, 1-7*).<sup>321</sup>

É um falso entendimento que a felicidade consiste em não ter dor, doença, infortúnios ou desgraças. O filósofo explica que a felicidade reside na obtenção do verdadeiro bem. Isso está relacionado com a parte superior da alma mais dominante, que exerce uma dominação em relação à

<sup>319</sup> A informação de que a felicidade não é medida pela memória foi afirmada por Plotino no primeiro capítulo desse tratado (Cf. *En. I, 5 [36], 1*). No próximo capítulo, que é o capítulo 7, Plotino explica que a felicidade deve ser computada em relação a eternidade, não pelo tempo (*En. I, 5 [36], 7, 20-22*).

<sup>320</sup> Alguns estudiosos sustentam que as afirmações de Plotino sobre o fato de que a doença não desempenha nenhuma função na felicidade refletem a própria saúde de Plotino e deterioração (Tuominen, 2022, p. 377).

<sup>321</sup> Tradução: Barakat Júnior, 2006, p. 280. 'Ἄλλ' εἰ μὲν τὸ εὐδαιμονεῖν ἐν τῷ μὴ ἀλγεῖν μηδὲ νοσεῖν μηδὲ δυστυχεῖν μηδὲ συμφοραῖς μεγάλαις περιπίπτειν ἐδίδου ὁ λόγος, οὐκ ἦν τῶν ἐναντίων παρόντων εἶναι ὄντινόν· εἰ δ' ἐν τῇ τοῦ ἀληθοῦς ἀγαθοῦ κτήσει τοῦτο ἐστὶ κείμενον, τί δεῖ παρέντας τοῦτο καὶ τὸ πρὸς τοῦτο βλέποντας κρίνειν τὸν εὐδαίμονα τὰ ἄλλα ζητεῖν, ἅ μὴ ἐν τῷ εὐδαιμονεῖν ἡρίθμηται;

parte sensível da alma.<sup>322</sup> Desse modo, é possível coexistir a felicidade de uma pessoa que passa por adversidades. Enquanto as afecções (παθημάτων) atingem a parte sensível da alma, a felicidade está na parte superior da alma.<sup>323</sup>

A dor, doença, infortúnio ou desgraça somente irão reduzir a felicidade se houver prejuízos na obtenção do verdadeiro bem, que está relacionado ao esforço das coisas, inclusive o ser humano, em direção ao Uno. Se a parte superior da alma enfraquecer, contribuindo para que a parte sensível da alma se torne mais dominante, isso fará com que a pessoa seja mais infeliz. A felicidade de uma pessoa em Plotino não é afetada por calamidades, dores, desastres ou outra coisa externa (Zamora Calvo, 2008, p. 13).

## 4.2 CAPÍTULO 7

O estudo do texto deste capítulo foi dividido em duas partes. Segundo Plotino, como se deve calcular a felicidade? Em relação a quê? Quais são as características do tempo e da eternidade? Neste capítulo, Plotino explica a relação da felicidade com o tempo e com a eternidade.

### 4.2.1 A felicidade como um fenômeno sempre presente

Para Plotino, a felicidade é um fenômeno que ocorre no presente, portanto, ela deve ser calculada no presente. Quais são as razões para Plotino defender essa tese?

Todavia, se devemos considerar apenas o presente e não contá-lo com o que já foi, por que não fazemos o mesmo com o tempo, em vez de somar o passado e o presente e dizer que o total é maior? Por que, então, não dizemos que a felicidade é igual em quantidade ao tempo que ela dura? E poderíamos dividir a felicidade de acordo com as divisões do tempo; ou, inversamente, medindo-a pelo presente, a faremos indivisível. Não é absurdo calcular o tempo, mesmo que ele já não exista, visto que poderíamos calcular as coisas que existiam antes e já não existem mais, como os mortos, por exemplo; mas é absurdo dizer que a felicidade que já não está presente seja maior do que a que está presente. Pois, por um lado, a felicidade exige estar acontecendo, mas, por outro, o tempo além do presente exige não existir mais (*En. I, 5 [36], 7, 1-13*).<sup>324</sup>

<sup>322</sup> Sobre quando a parte inteligível da alma é mais dominante, cf. *En. IV, 4 [28], 25, 1-8*.

<sup>323</sup> Sobre as afecções, cf. *En. I, 1 [53], 9, 23-26*.

<sup>324</sup> Tradução: Barakat Júnior, 2006, p. 298. Ἀλλὰ διὰ τί, εἰ τὸ παρὸν θεωρεῖν δεῖ μόνον καὶ μὴ συναριθμεῖν τῷ γενομένῳ, οὐ κατὰ τοῦ χρόνου τὸ αὐτὸ ποιοῦμεν, ἀλλὰ καὶ τὸν παρεληλυθότα τῷ παρόντι συναριθμοῦντες πλείω λέγομεν ; Διὰ τί οὖν οὐχ, ὅσος ὁ χρόνος, τοσαύτην καὶ τὴν εὐδαιμονίαν ἐροῦμεν ; Καὶ διαιροῦμεν ἂν κατὰ τὰς τοῦ χρόνου διαιρέσεις καὶ τὴν εὐδαιμονίαν· καὶ γὰρ αὐτῷ τῷ παρόντι μετροῦντες ἀδιαίρετον αὐτὴν ποιήσομεν. Ἡ τὸν μὲν χρόνον ἀριθμεῖν καὶ μηκέτι ὄντα οὐκ ἄτοπον, ἐπεὶ καὶ τῶν γενομένων μὲν, μηκέτι δὲ ὄντων, ἀριθμὸν ἂν ποιησαίμεθα, οἷον τῶν τετελετωκότων· εὐδαιμονίαν δὲ μηδέτι οὐσαν [παρεῖναι] λέγειν τῆς παρούσης πλείονα ἄτοπον. Τὸ μὲν γὰρ εὐδαιμονεῖν συμμεμενηκέναι ἀξιοῖ, ὃ δὲ χρόνος ὁ πλείων παρὰ τὸν παρόντα τὸ μηκέτι εἶναι.

Para compreender o primeiro questionamento de Plotino em relação à contagem do tempo, chama-se de tempo 1 ( $t_1$ ), a contagem do tempo somente no presente, e tempo dois ( $t_2$ ), a contagem do presente somado ao passado. Assim,  $t_2 > t_1$ .

Além do primeiro questionamento, Plotino prossegue com outra pergunta: a felicidade é igual à quantidade de tempo que ela dura? O filósofo expõe duas possibilidades, a primeira é dividir a felicidade de acordo com as divisões do tempo, isto é, a divisão cronológica, a qual envolve o passado, o presente e o futuro. A segunda seria medir a felicidade somente pelo presente, o que implica em não poder dividir a felicidade, visto que se o cálculo excluir o passado, não há como medir a felicidade como uma duração cronológica.

Segundo Plotino, existe uma felicidade que está presente e existe uma felicidade que não está presente, já que ele afirma que é um absurdo a felicidade que não está presente ser maior do que a felicidade que está presente. Portanto, a maior felicidade é sempre aquela que está presente, acontecendo ( $\sigma\upsilon\mu\mu\epsilon\mu\epsilon\nu\eta\kappa\acute{\epsilon}\nu\alpha\iota$ <sup>325</sup>).<sup>326</sup>

A explicação de que a felicidade está acontecendo parece se referir ao fato de que a felicidade está sempre presente. Para explicar esse fato, chamaremos de  $t_3$ ,  $t_4$ ,  $t_5$ ; sendo  $t$  uma marcação em uma linha do tempo, em que existe o ser humano o qual está presente naquele instante, e  $t_5 > t_4 > t_3$ . Em um primeiro momento, o ser humano e a felicidade estão em  $t_3$ . O tempo transcorre e o ser humano e a felicidade estão  $t_4$ . Quando o ser humano e a felicidade passam a estar em  $t_4$ , eles deixam de existir em  $t_3$ . Isso significa que a felicidade está sempre presente, existindo no presente e deixando de existir em relação ao tempo que passou. Tal explicação é válida para quando a felicidade estiver em  $t_5$ .

Plotino explica que o tempo além do presente não existe mais. Portanto, o tempo existe somente no presente. O filósofo não nega a existência do passado. Com base nesse raciocínio, o passado não existe no tempo passado, o passado existe no presente, já que somente o tempo no presente é que existe. Logo, há algo que ocorre no tempo e no presente que possibilita uma referência ao passado. Se uma memória é algo que se refere a algo no passado, essa memória existe no presente para se referir a algo do passado.

<sup>325</sup> Na tradução de Maia Júnior (2021a, p. 104), em nota de rodapé, ele explica que na “edição Les Belles Lettres há uma negação neste ponto, cujo sentido é “não valeria ter acontecido [ $\sigma\upsilon\mu\beta\epsilon\beta\eta\kappa\acute{\epsilon}\nu\alpha\iota$ ] o ser feliz, porque o tempo a mais em relação ao presente ainda não seria”. Observa-se que, mesmo com a variação da tradução, reforça-se a relação da felicidade com o presente.

<sup>326</sup> Ao realizar um comentário do capítulo 7 do tratado 5 [36], Dillon (2017, p. 379) afirma que o homem verdadeiramente feliz (*eudaimôn*) faz mais uso do puro Intelecto no mundo inteligível do que da memória. Como o vivente, que é um composto de corpo e de alma, possui uma parte da alma ligada ao mundo sensível e outra parte da alma no mundo inteligível, aquele que é verdadeiramente feliz possui a parte inteligível mais dominante do que a parte sensível da alma. Dessa forma, pode-se afirmar que o homem verdadeiramente feliz faz mais uso do Intelecto (voûç) do que da memória em relação ao homem menos feliz.



Destarte, diante do questionamento realizado por Plotino, se a felicidade não é igual o tempo que ela dura, é possível compreender que, para esse filósofo, a felicidade não é igual à quantidade de tempo que ela dura cronologicamente. Se não existe o tempo passado, o que existe é uma memória no presente em relação ao tempo passado; então, a felicidade deve se sempre medida no presente, sem contabilizar a memória.<sup>327</sup>

A contagem da felicidade para Plotino sempre será  $t_1$ , somente no presente, não sendo possível utilizar  $t_2$  para a contagem da felicidade o passado somado ao presente. Dessa forma, para Plotino, não se mede a felicidade pela duração cronológica; mede-se por meio de outras variáveis, como a disposição, as virtudes ou a purificação da alma.<sup>328</sup> Cronologicamente, a felicidade é indivisível, uma vez que ela sempre está no presente, e ela avalia a disposição, as virtudes ou a purificação da alma. Porém, isso não significa que não se possa realizar divisões da felicidade em outra métrica, para comparar a felicidade. Assim, a felicidade é divisível, já que é possível comparar, por exemplo, a disposição, as virtudes ou a purificação da alma nas pessoas e avaliar se é maior ou menor.

#### 4.2.2 A felicidade e a eternidade

Na segunda parte do estudo deste capítulo, é possível observar que Plotino entende o tempo a mais, isto é, uma duração maior de tempo, como uma fragmentação da alma. Além disso, ele compreende que o cálculo correto da felicidade é em relação à eternidade.

De modo geral, significa que o tempo a mais é a fragmentação de uma única existência no presente. Por isso se diz acertadamente que ele é uma “imagem da eternidade” que deseja obliterar em sua própria fragmentação o permanente daquela. Daí que, se essa imagem toma da eternidade aquilo que nela permanece e o faz seu, ela o destrói, salvando-se enquanto estiver de algum modo na eternidade, mas destruindo-se se estiver todo na imagem. Então, se a felicidade depende de uma vida boa, evidentemente devemos afirmar que essa é a vida do ente, pois ela é a mais excelsa. Ela não deve ser computada pelo tempo, mas pela eternidade: e a eternidade não deve ser nem maior, nem menor, nem de extensão alguma, mas ser isso mesmo que é inextenso e não temporal. Portanto, não se deve unir o ente ao não-ente, nem o tempo e a perpetuidade temporal (*tò chronikòn aei*) à eternidade, e não se deve distender o que não tem distensão, mas sim considerá-lo urna totalidade completa – se é que queres apreender a eternidade –, tomando-o não como a indivisibilidade do tempo, mas como a vida da eternidade, que não é composta por muitos tempos, mas é toda ela completamente fora de todo tempo (*En. I, 5 [36], 7, 14-30*).<sup>329</sup>

<sup>327</sup> Conforme Plotino, a memória de ser feliz não afeta a felicidade, já que a felicidade consiste em estar disposto de certo modo (Cf. *En. I, 5 [36], 1*).

<sup>328</sup> Sobre a disposição da alma e felicidade, cf. *En I, 5 [36], 2-5*. Sobre a virtude, a purificação da alma e a felicidade, cf. *En I, 2 [19], 4, 1-9*.

<sup>329</sup> Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 299. “Ὡς δὲ τοῦ χρόνου τὸ πλεον σκέδασιν βούλεται ἐνός τινος ἐν τῷ παρόντι ὄντος. Διὸ καὶ εἰκὼν αἰῶνος εἰκότως λέγεται ἀφανίζειν βουλομένη ἐν τῷ σκιδναμένῳ αὐτῆς τὸ ἐκείνου μένον. Ὅθεν κἂν ἀπὸ τοῦ αἰῶνος ἀφέληται τὸ ἐν ἐκείνῳ μέιναν ἂν καὶ αὐτῆς ποιήσῃται, ἀπώλεσεν αὐτό, σφζόμενον τέως ἐκείνῳ τρόπον τινά, ἀπολόμενον δέ, ἐν αὐτῇ εἰ πᾶν γένοιτο. Εἴπερ οὖν τὸ εὐδαιμονεῖν κατὰ ζωὴν ἀγαθὴν, δηλονότι κατὰ τὴν τοῦ ὄντος αὐτὴν θετέον ζωὴν· αὕτη γὰρ ἀρίστη. Οὐκ ἄρα ἀριθμητέα χρόνῳ, ἀλλ’ αἰῶνι· τοῦτο δὲ οὔτε πλεον οὔτε

O que significa o tempo a mais na vida de uma pessoa? O ser humano, chamado de vivente, é formado por corpo e alma. Segundo Plotino, o tempo a mais é uma fragmentação desta existência no presente. Se o corpo não é fragmentado, essa fragmentação concerne, pois, à alma. Se existe o passado ou o futuro, parece que isso é uma consequência da fragmentação da alma do vivente. Dessa forma, todas as divisões relativas ao passado ou ao futuro concernem às fragmentações da alma do vivente no presente.

No sistema filosófico de Plotino, o tempo é uma imagem da eternidade.<sup>330</sup> Conforme Plotino, a eternidade é antes do tempo e não deve ser confundida como se fosse a indivisibilidade do tempo. A eternidade é indivisível e sem extensão alguma, enquanto o tempo é divisível e capaz de distender, o tempo é fragmentável. Consoante Brisson, a eternidade reside somente no presente (2006, p. 376; cf. Plotin).

Por qual motivo é relevante discernir a eternidade do tempo para compreender o que é a felicidade? Para Plotino, a felicidade não deve ser computada pelo tempo, mas pela eternidade, ou seja, a verdadeira vida no Intelecto (νοῦς).<sup>331</sup> Quem realizar medidas da felicidade tomando como referência o tempo, por exemplo, quando se utiliza a memória para computar a felicidade ou o tempo cronológico, está fazendo uma medida equivocada, de acordo com o conceito de felicidade plotiniano.<sup>332</sup>

Sendo a eternidade um atributo do Intelecto,<sup>333</sup> o vivente que se aproxima do Intelecto se aproxima da eternidade. A vida da eternidade é a vida que aproxima o vivente do Intelecto. Conforme Brisson, o homem feliz é aquele que vive a vida do Intelecto (Plotin, 2006, p. 377). Em Plotino, é um argumento plausível afirmar que a felicidade deve ser computada pela eternidade, já que o Intelecto, onde está a eternidade, é a hipóstase mais próxima do Uno do que a hipóstase da alma<sup>334</sup>.<sup>335</sup>

#### 4.3 CAPÍTULO 8

ἔλαττον οὔτε μήκει τινί, ἀλλὰ τὸ τοῦτο καὶ τὸ ἀδιάστατον καὶ τὸ οὐ χρονικὸν εἶναι. Οὐ συναπτόν τοίνυν τὸ ὄν τῷ μὴ ὄντι οὔδ' [τῷ αἰῶνι] τὸν χρόνον οὔδ' τὸ χρονικὸν δὲ ἀεὶ τῷ αἰῶνι οὔδ' παρεκτατέον τὸ ἀδιάστατον, ἀλλὰ πᾶν ὅλον ληπτέον, εἴ ποτε λαμβάνοις, λαμβάνων οὐ τοῦ χρόνου τὸ ἀδιαίρετον, ἀλλὰ τοῦ αἰῶνος τὴν ζωὴν τὴν οὐκ ἐκ πολλῶν χρόνων, ἀλλὰ τὴν ἐκ παντὸς χρόνου πᾶσαν ὁμοῦ.

<sup>330</sup> Cf. *En.* III, 7 [45], 1, 16-20.

<sup>331</sup> Zamora Calvo (2020, p. 55) explica que a verdadeira felicidade consiste na vida do Intelecto.

<sup>332</sup> Conforme Plotino, a felicidade não está na memória. Cf. *En.* I, 5 [36], 1, 2-3.

<sup>333</sup> Cf. *En.* III, 7 [45], 5, 18-19. "Ὅθεν σεμνὸν ὁ αἰὼν, καὶ ταῦτόν τῷ θεῷ ἢ ἔννοια λέγει· λέγει δὲ τούτῳ τῷ θεῷ. Tradução: "Por isso a eternidade é algo majestoso e o pensamento a declara idêntica ao deus: declara-a idêntica a esse deus" (Barakat Júnior, 2006, p. 645). Na tradução realizada por Barakat Júnior, nesta mesma página, ele explica que deus se refere ao Intelecto.

<sup>334</sup> A hipóstase da alma.

<sup>335</sup> De acordo com Brisson (2006, p. 376; cf. Plotin), a felicidade reside no Intelecto e no inteligível: "*le bonheur réside dans l'Intellect et dans l'intelligible*".

Quando a sabedoria (φρονήσεως) contribui para a felicidade? Neste capítulo, as explicações de Plotino possibilitam compreender que a memória da sabedoria (φρονήσεως μνήμη) é diferente da sabedoria (φρονήσεως) propriamente dita que ocorre no presente. Além disso, é possível observar também que, diferente de todos os outros capítulos do tratado 5 [36], neste capítulo não existem somente as explicações de Plotino buscando explicar a sua compreensão sobre a relação da felicidade com a memória. Há também uma ridicularização, observada nas últimas frases, da tese da associação da felicidade com a memória, enfatizando a rejeição do filósofo em relação a essa tese.

Se alguém disser que a memória do que passou, perseverando no presente, aumenta a felicidade daquele que esteve nesse estado por mais tempo, de que memória estaria falando? Pois, ou seria a memória da sabedoria que ele teve antes, ao que responder-se-ia que é mais sábio agora e essa tese não se sustentaria, ou seria a memória do prazer, como se a pessoa que está feliz precisasse de ainda mais júbilo e não bastasse a presente. Ora, que prazer haveria na memória do prazer? Como se alguém se lembrasse de que ontem foi agradado por uma iguaria! Mais ridículo ainda seria a de dez anos atrás! E a sabedoria do ano passado?! (*En. I, 5 [36], 8*).<sup>336</sup>

Diante do questionamento feito por Plotino sobre a relação da memória do que passou e o aumento da felicidade, o filósofo analisa duas hipóteses: a primeira relaciona a memória da sabedoria no passado de alguém com a sabedoria no presente e a segunda relaciona a memória do prazer no passado com a felicidade.

No que concerne à primeira hipótese, Plotino explica que a memória da sabedoria no passado não afeta a felicidade no presente. Se a sabedoria está relacionada às virtudes, a manifestação da sabedoria afeta a relação do ser humano com o tempo.<sup>337</sup> Pode até existir um contentamento em relação ao progresso da sabedoria, comparando um momento no passado em que essa pessoa era menos sábia e no presente, percebendo que a sabedoria aumentou. Entretanto, não se deve confundir esse contentamento do progresso em virtudes com a felicidade propriamente dita. Conforme Plotino, a felicidade deve ser medida pela disposição, que ocorre no presente.<sup>338</sup> A

<sup>336</sup> Tradução: Barakat Júnior, 2006, p. 299. Εἰ δέ τις λέγοι τὴν μνήμην τῶν παρεληλυθότων ἐν τῷ ἐνεσθηκότι μένουσαν παρέχεσθαι τὸ πλεον τῷ πλείονα χρόνον ἐν τῷ εὐδαιμονεῖν γεγεννημένῳ, τί ἂν τὸ τῆς μνήμης λέγοι; Ἡ γὰρ φρονήσεως μνήμη τῆς πρόσθεν γεγεννημένης, ὥστε φρονιμώτερον ἂν λέγοι καὶ οὐκ ἂν τηροῖ τὴν ὑπόθεσιν· ἢ τῆς ἡδονῆς τὴν μνήμην, ὥσπερ πολλῆς περιχαρίας δεομένου τοῦ εὐδαίμονος καὶ οὐκ ἀρκουμένου τῇ παρουσίᾳ. Καίτοι τί ἂν ἡδὺ ἢ μνήμη τοῦ ἡδέος ἔχοι; Ὡσπερ ἂν, εἰ μνημονεύοι τις ὅτι ἐχθρὸς ἐπὶ ὧφ ἦσθη· ἢ εἰς δέκατον ἔτος ἔτι ἂν εἶη γελοιότερος· τὸ δὲ τῆς φρονήσεως, ὅτι πέρυσιν ἐφρόνουν.

<sup>337</sup> Quanto menos sábio for o ser humano, mais intranquila estará a alma e menor será a capacidade do ser humano de perceber a beleza no presente. Quanto mais sábio for o ser humano, mais tranquila será a alma e maior a capacidade do ser humano de perceber a beleza no presente. Logo, existe uma relação direta entre a sabedoria e a experiência do ser humano com o tempo. É possível afirmar que a felicidade está com o sábio, que com sua alma mais bela, consegue estar com tranquilidade no presente, no seu dia a dia. Por outro lado, a pessoa cheia de vícios, com sua alma mais feia, fica com a alma mais intranquila; a sua relação com o tempo revela o sofrimento, buscando a beleza na memória pela incapacidade de apreciar a beleza da sua própria alma. Sobre a relação entre a beleza, a memória e o tempo (Cf. *En. I, 5 [36], 9*).

<sup>338</sup> Cf. *En. I, 5 [36], 2-5*.

felicidade deve ser computada pela eternidade, não pelo tempo.<sup>339</sup> Portanto, Plotino refuta a tese de que a percepção do progresso da sabedoria de alguém no decorrer do tempo aumenta a felicidade. Somente a sabedoria no presente é que deve ser computada para a felicidade.

Considerando o tratado 5 [36] da *Enéada* I, como um todo, a explicação de Plotino diferenciando a sabedoria da memória da sabedoria em si auxilia para compreender com maior precisão o que é o sábio e como deve ser mensurada a felicidade. Se, por um lado, o progresso em virtudes é algo relevante, diante do objetivo das coisas em direção ao Uno, por outro lado, não se deve confundir o aspecto relevante do progresso em virtudes com a felicidade.<sup>340</sup>

Sobre a segunda hipótese, se a memória de algo prazeroso contribui para a felicidade, também é destacada por Plotino. O movimento argumentativo de Plotino, ao avaliar a segunda hipótese, parece expor uma incredulidade desse filósofo. Diferentemente de outras explicações no tratado 5 [36] da *Enéada* I, neste capítulo observa-se que Plotino enfatiza o absurdo da associação da memória com a felicidade. Mais do que a explicação racional sobre o motivo pelo qual a memória não deve ser associada à felicidade, Plotino realça o seu posicionamento por meio de perguntas retóricas, como “E a sabedoria do ano passado?!” (*En.* I, 5 [36], 8, 11)<sup>341</sup>, expressando um teor de ridículo ao associar a memória com a felicidade. Conforme o filósofo, tanto a memória de ter sido agrado por uma iguaria<sup>342</sup>, a memória de algo prazeroso de dez anos atrás, quanto a memória da sabedoria do ano passado são descartadas por ele. Logo, Plotino afirma que a memória nunca deve ser utilizada para mensurar a felicidade de alguém. Ele rejeita a tese da felicidade associada à duração.

#### 4.4 CAPÍTULO 9

No capítulo 9 do tratado 5 [36], Plotino continua o raciocínio, relacionando a memória com o tempo. Desta vez, o filósofo estabelece uma relação entre a memória das coisas belas e a beleza no presente. É preciso observar que, embora a noção de felicidade não esteja sendo mobilizada explicitamente, a curta explicação de Plotino possibilita entender a relação da beleza com a felicidade. Neste capítulo, o menor do tratado 5 [36], pode ser considerado com uma densidade teórica do sistema filosófico de Plotino em poucas linhas, o que demanda uma cautela na interpretação dos conceitos como beleza, presente, memória e felicidade.

<sup>339</sup> *En.* I, 5 [36], 7, 20-22.

<sup>340</sup> Sobre o objetivo de vida para Plotino, cf. *En.* III, 8 [30], 7, 17-18.

<sup>341</sup> Tradução: Barakat Júnior, 2006, p. 299. τὸ δὲ τῆς φρονήσεως, ὅτι πέρυσιν ἐφρόνουν.

<sup>342</sup> Iguaria é uma comida saborosa.

Se for a memória de coisas belas, como negar nesse caso que significa algo? É o caso de alguém a quem falta a beleza no presente e, por não tê-la agora, busca a memória do que já se foi (*En. I, 5 [36], 9*).<sup>343</sup>

Para Plotino, aquele a quem falta a beleza no presente busca a memória das coisas belas no passado. Dessa forma, se essa pessoa tivesse beleza no presente, ela não buscaria a beleza na memória. O significado de buscar a beleza na memória parece ser um sinal de fuga do presente. Ora, pela dificuldade de apreciar a beleza no presente e por uma necessidade fundamental que parece existir no ser humano de buscar a beleza, a pessoa passa a buscar a beleza de outra forma possível, que é por meio das memórias das coisas belas. Por qual motivo alguém estaria escasso de beleza no presente? Em outras palavras, o que faz com que a feiura esteja com maior intensidade no presente?

Consoante Plotino, no tratado 6 [1] – Sobre o Belo – da *Enéada I*,

E falaríamos corretamente, se disséssemos que a alma é feia pela mescla, pela fusão e por sua inclinação para o corpo e para a matéria. E essa é a fealdade da alma, não estar pura nem imaculada, assim como a do ouro, mas estar contagiada por terra, que, uma vez retirada, resta o ouro, e ele é belo quando está isolado de tudo mais e permanece sozinho consigo. Do mesmo modo, a alma, quando isolada das concupiscências que adquire através do corpo, com quem se associa completamente, libertada das outras afecções e purificada daquilo que a tem estando incorporada, ao permanecer sozinha, ela depõe toda a feiúra provinda da outra natureza (*En. I, 6 [1], 5, 48-58*).<sup>344</sup>

Em Plotino, o ser humano é composto de corpo e alma.<sup>345</sup> Essa fusão da alma com o corpo faz com que a alma se torne feia. São características da feiura dessa alma as concupiscências (*ἐπιθυμιῶν*)<sup>346</sup> e as afecções (*παθῶν*) dessa alma, ou seja, os vícios da alma a caracterizam com a feiura. Como consequência, isso faz com que o ser humano, pela necessidade de beleza, busque na memória as coisas belas pela incapacidade de conseguir buscar a beleza no presente.

<sup>343</sup> Tradução: Barakat Júnior, 2006, p. 300. Εἰ δὲ τῶν καλῶν εἴη ἡ μνήμη, πῶς οὐκ ἐνταῦθα λέγοιτο ἄν τι ; Ἀλλὰ ἀνθρώπου ἐστὶ τοῦτο ἐλλείποντος τοῖς καλοῖς ἐν τῷ παρόντι καὶ τῷ μὴ ἔχειν νυνὶ ζητοῦντος τὴν μνήμην τῶν γεγενημένων.

<sup>344</sup> Tradução: Barakat Júnior, 2006, p. 312. Αἰσχροὶν δὲ ψυχὴν λέγοντες μίξει καὶ κράσει καὶ νεύσει τῇ πρὸς τὸ σῶμα καὶ ὕλην ὀρθῶς ἂν λέγοιμεν. Καὶ ἐστὶ τοῦτο αἷσχος ψυχῇ μὴ καθαρῇ μηδὲ εἰλικρινεῖ εἶναι ὥσπερ χρυσῷ, ἀναπεπλησθαι δὲ τοῦ γεώδους, ὃ εἴ τις ἀφέλοι, καταλέλειπται χρυσὸς καὶ ἐστὶ καλός, μονούμενος μὲν τῶν ἄλλων, αὐτῷ δὲ συνὼν μόνῳ. Τὸν αὐτὸν δὲ τρόπον καὶ ψυχῇ, μονωθεῖσα μὲν ἐπιθυμιῶν, ἃς διὰ τὸ σῶμα ἔχει, ἧ ἄγαν προσωμίλει, ἀπαλλαγεῖσα δὲ τῶν ἄλλων παθῶν καὶ καθαρθεῖσα ἧ ἔχει σωματωθεῖσα, μείνασα μόνῃ τὸ αἷσχρον τὸ παρὰ τῆς ἐτέρας φύσεως ἅπαν ἀπεθήκατο.

<sup>345</sup> Cf. *En. I, 1 [53], 3, 1-3*.

<sup>346</sup> *ἐπιθυμιῶν* se refere ao desejo por alguém ou por algo. No contexto da explicação de Plotino, *ἐπιθυμιῶν* assume o sentido negativo, entendido como um problema que ocorre devido ao contato da alma com o corpo. A tradução de *ἐπιθυμιῶν* por concupiscências, que significa um desejo desmedido, ilustra quando o desejo se torna um problema, já que é o que contribui para a felicidade é desejar o presente e conseguir estar presente. Desejar um objeto acima do desejo do presente afasta o ser humano da felicidade, uma vez que faz o ser humano se inclinar mais para o sensível do que para o inteligível. Sobre a eternidade e o presente, cf. *En. III, 7 [45], 11, 11-20*.

A busca da beleza na memória é um sinal não somente da feiura da alma, mas também da sua infelicidade, já que a fuga do presente está relacionada com a intranquilidade da alma.<sup>347</sup> Além disso, a busca da beleza na memória revela um conflito entre o objetivo da vida humana em Plotino e a realidade da alma feia. Se, por um lado, esse objetivo é retornar ao Uno,<sup>348</sup> por outro lado, a feiura da alma revela a dificuldade da alma em contemplar a beleza da sua purificação, buscando na memória da beleza, isto é, na imagem daquilo que é eterno, o que ela não consegue no presente.<sup>349</sup>

Em Plotino, a beleza da alma pode ser comparada com o ouro e a feiura pode ser comparada com a terra que envolve o ouro. O ser humano, na junção da alma com o corpo, fica sujeito às concupiscências (ἐπιθυμιῶν) e às afecções dessa alma. À medida que a alma se purifica cada vez mais, libertando-se desses vícios, é como se ela estivesse eliminando a terra que envolve o ouro, permitindo que o ouro possa ser visto. Quanto mais isolada das concupiscências, mais ela se torna bela e depõe a sua feiura.<sup>350</sup> À medida que a alma se torna bela, menos ela terá a necessidade de buscar a beleza na memória, ela conseguirá buscar a beleza no presente.

Existe uma relação da memória com o transcendente. Qual é a relação dela com o Uno? Mortley explica que a memória está ligada ao desejo de ser outro e também à individualidade. Esse outro não é a unidade transcendental. Portanto, a memória exerce uma função de separação e fragmentação do Uno (Mortley, 2013, p. 29).<sup>351</sup> Plotino explica que “é preciso que esta tenha prazerosamente esquecimento das coisas da parte da pior” (*En.* IV, 3 [27], 32, 10-11).<sup>352</sup> Morley comenta essa passagem (2013, p. 31) e diz que esse esquecimento se refere ao abandono do tempo, da história, das preocupações da carne e da multiplicidade. Existe uma celebração do esquecimento, já que ele nos aproxima da unidade. Considerando a afirmação de Mortley e de Plotino, tanto essa passagem quanto o capítulo 9 do tratado 5 [36], pode-se inferir que a busca pela beleza na memória

<sup>347</sup> Para apreender o Uno, é necessário a tranquilidade da alma. Isso significa que a intranquilidade da alma dificulta a apreensão do Uno. Por que isso ocorre? A apreensão do Uno ocorre por meio de um movimento em direção à interioridade (Cf. *En.* V, 1 [10], 12, 12-20). Por assim dizer, se o interior está feio, isso ocasionará uma repulsa da atenção, isto é, existe uma resistência, menor ou maior de acordo com a intensidade dos vícios, para a apreensão da realidade inteligível. Diante dessa dificuldade, o vivente irá procurar a beleza na memória. Por outro lado, com a alma mais bela, há maior facilidade nesse movimento em direção à interioridade e para a apreensão da realidade inteligível. Consequentemente, com a alma mais bela, há maior facilidade para a apreensão do Uno.

<sup>348</sup> Cf. *En.* III, 8 [30], 7, 17-18.

<sup>349</sup> Em Plotino, o tempo é a imagem da eternidade (Cf. *En.* III, 7 [45], 1, 16-20). Se alguém busca a beleza na memória e a memória é uma expressão do tempo, então, essa pessoa busca a beleza na imagem da eternidade.

<sup>350</sup> É possível perceber que, para Plotino, não basta perceber a fealdade, é preciso investigar os meios para eliminar essa fealdade da alma, para entender como deixar a alma mais bela (Cf. *En.* III, 6 [26], 2, 1-5). Portanto, entendendo a palavra terapia como um conjunto de técnicas que visam tratar um problema, é possível afirmar que, nesse sentido, existe uma terapia da beleza da alma em Plotino, visto que não faz sentido buscar compreender a feiura da alma, que é um problema, e não conseguir detectar meios de tratá-la.

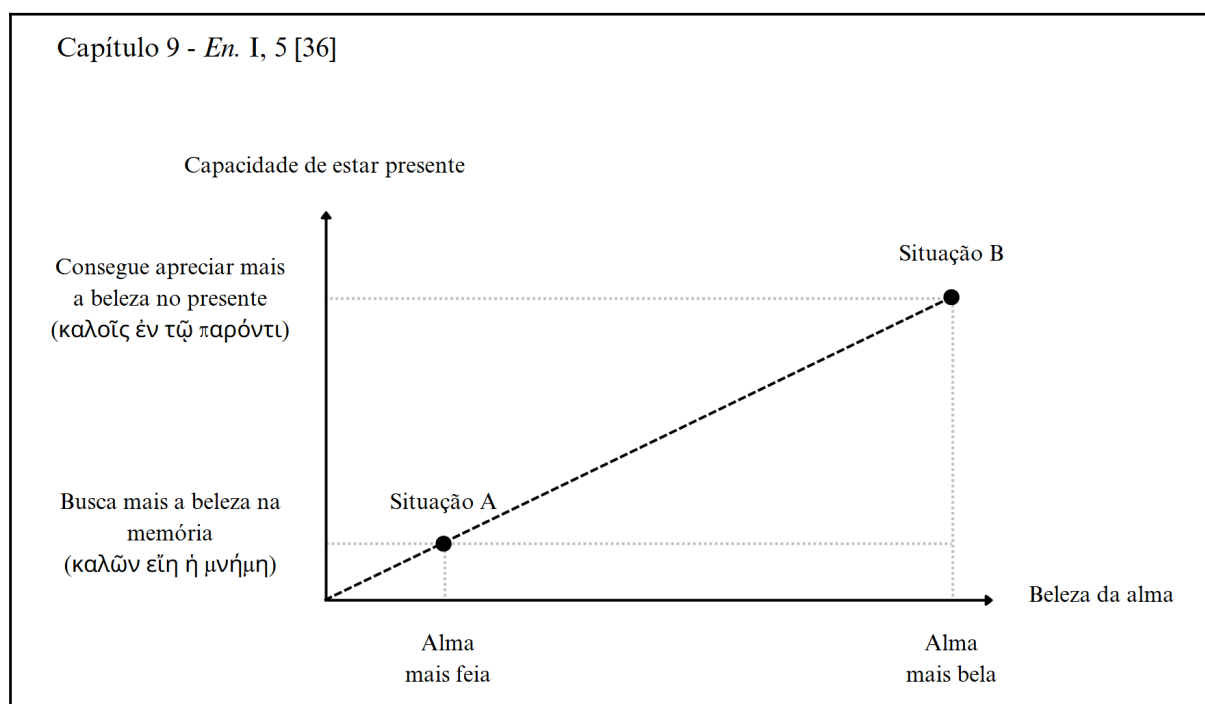
<sup>351</sup> “Tendo saído de lá e não mantendo a unidade, por ser a que se alegra consigo mesma e a que deseja o diferente e tal que se tendo inclinado, como parece, toma em seguida memória”. Tradução: Maia Jr. (2022a, p. 106). Ἐξεληθοῦσα δὲ ἐκεῖθεν καὶ οὐκ ἀνασχομένη τὸ ἔν, τὸ δὲ αὐτῆς ἀσπασαμένη καὶ ἕτερον ἐθελήσασα εἶναι καὶ οἷον προκύψασα, μνήμην, ὥς εἴκεν, ἐφεξῆς λαμβάνει (*En.* IV, 4 [28], 3, 1-3).

<sup>352</sup> Tradução: Maia Jr. (2022a, p. 92). Τὴν δὲ δεῖ ἀσμένως λήθην ἔχειν τῶν παρὰ τῆς χειρόνος.

atua como um apreço à fragmentação do Uno. Por esse motivo, a beleza que deve ser apreciada é a beleza da alma, não a beleza da memória. Ao falar de esquecimento e sua contribuição para o Uno, é preciso entender o significado de esquecimento de modo preciso. Não se trata de todo e qualquer esquecimento como algo benéfico, como se as pessoas devessem esquecer as coisas no dia a dia e isso fosse benéfico. Isso seria um absurdo. O esquecimento, que é deixar a memória de lado, precisa ser compreendido articulado com o fortalecimento da parte superior da alma, acompanhada de um crescimento no estado de tranquilidade ou serenidade. No sistema filosófico de Plotino, o esquecimento sem a serenidade é problemático e não desejável.

Destarte, quanto mais bela for a alma, mais feliz ela será, já que será maior a sua capacidade de estar no presente, mais ela vivencia a tranquilidade. A alma deixa de buscar a beleza na memória das coisas belas, ou seja, recorrer ao passado, aquilo que ele deve conseguir buscar no presente para ser feliz. Para elucidar o pensamento de Plotino sobre a beleza da alma e sua capacidade de apreciar o presente, foi utilizado o gráfico abaixo, destacando duas situações: Situação A e Situação B.

Gráfico 5 – A beleza e a capacidade de estar presente da alma no vivente no capítulo 9 do tratado 5 [36]



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A relevância desse gráfico está em tornar mais perceptível a relação entre o tempo e a beleza da alma. A Situação A representa quando a alma está mais feia, em comparação com a Situação B. Quando o ser humano está na situação A, ele busca mais a beleza na memória (καλῶν εἴη ἡ μνήμη).

Na situação, indica que a parte sensível da alma é mais dominante (κρατοῖ) do que a parte inteligível.<sup>353</sup> A Situação B é a situação quando a beleza da alma é maior, assim, ela tem maior capacidade de apreciar a beleza do presente (καλοῖς ἐν τῷ παρόντι). Essa situação, em comparação com a situação, indica que a parte inteligível da alma está mais dominante do que a parte sensível. Em relação à felicidade, a Situação B revela que a alma está mais purificada do que na Situação A. Estando mais purificada, a alma é mais feliz. Na construção desse gráfico, optou-se por discriminar somente duas situações, a Situação A e Situação B, não sendo possível afirmar com solidez se a passagem da Situação A para Situação B é uma passagem linear, exponencial ou outra possibilidade. A reta cumpre, pois, somente uma ilustração, não devendo ser encarada como a melhor possibilidade. A reta visa realçar que quanto maior for a beleza da alma, maior é a capacidade do ser humano de desejar o presente e conseguir estar presente.

#### 4.4.1 Fluxo e predominância da atenção

De acordo com Plotino, “É o caso de alguém a quem falta a beleza no presente e, por não tê-la agora, busca a memória do que já se foi” (*En.* I, 5 [36], 9, 2-4).<sup>354</sup> É possível observar nesta passagem a noção de atenção<sup>355</sup>, que está implícita nesse trecho. Existe o sujeito que busca a beleza do presente (καλοῖς ἐν τῷ παρόντι) e o sujeito que busca a beleza na memória (καλῶν εἴη ἡ μνήμη). Se falta a beleza do presente, o sujeito busca a beleza na memória, ou seja, a atenção dessa pessoa se direciona para a memória, por faltar a beleza do presente. Se houvesse beleza no presente, a atenção dessa pessoa poderia se voltar para o presente. Logo, a beleza da alma parece atuar como uma força, possibilitando a atenção do sujeito em relação ao presente.

A imagem a seguir, que é um esquema, foi elaborada a partir da interpretação do capítulo 9 do tratado 5 [36], e busca representar o fluxo da atenção da alma em relação ao interior ou ao exterior.

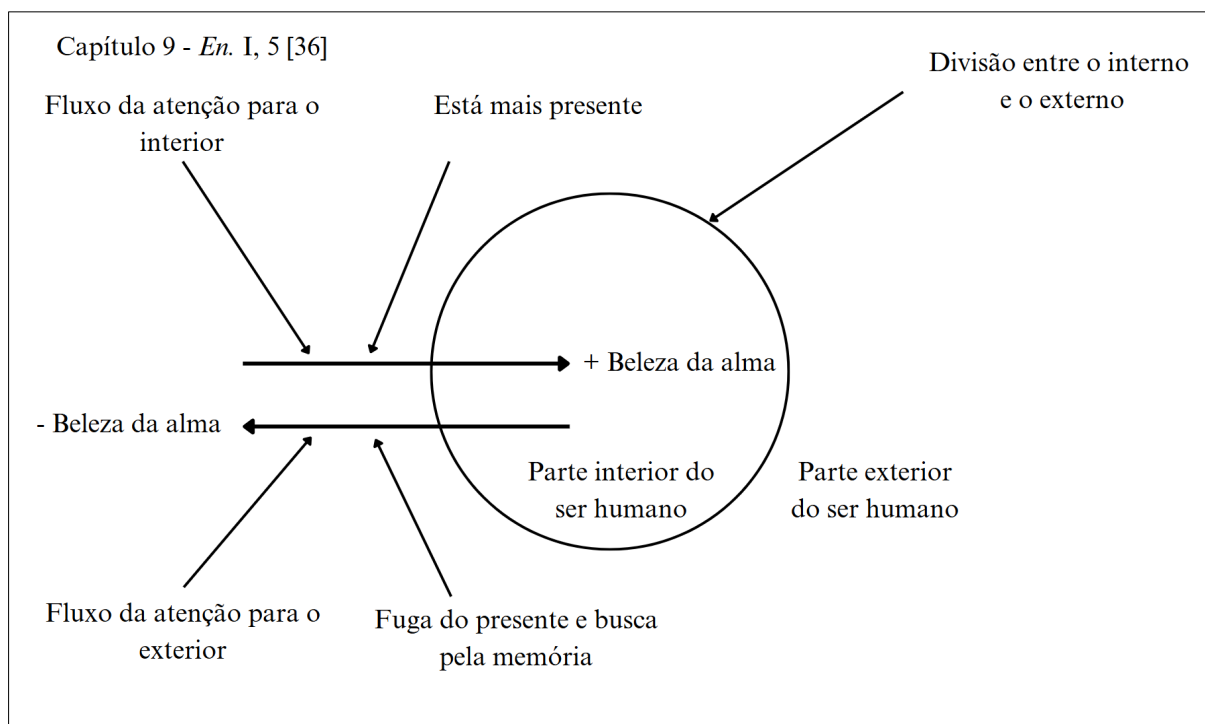
<sup>353</sup> Sobre quando a parte sensível da alma é mais dominante, cf. *En.* IV, 8 [6], 8, 1-6.

<sup>354</sup> Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 300. Ἀλλὰ ἀνθρώπου ἐστὶ τοῦτο ἐλλείποντος τοῖς καλοῖς ἐν τῷ παρόντι καὶ τῷ μὴ ἔχειν νυνὶ ζητοῦντος τὴν μνήμην τῶν γεγενημένων.

<sup>355</sup> A explicação neste tratado ocorre a partir de uma dedução do tratado 5 [36] da *Enéada I* de Plotino. Para um maior aprofundamento sobre o conceito de atenção em Plotino, conferir o artigo *O Treinamento da atenção em prol da consciência do Bem em Plotino* (2023).



Esquema 5 – Fluxo e predominância da atenção em função da beleza da alma.



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

No centro da imagem contém uma circunferência<sup>356</sup>, que representa uma divisão do que se pode chamar de parte interior do ser humano e parte exterior do ser humano. A partir das explicações de Plotino, pela dificuldade de buscar a beleza do presente, o ser humano busca a beleza na memória, pelo motivo da alma estar menos purificada. No esquema, a seta para dentro do círculo representa a alma mais bela, que consegue buscar a beleza no presente e está mais purificada. Opostamente, existe uma seta partindo de dentro para fora da circunferência, representando a circunstância em que a beleza da alma é menor, a alma está mais feia, fazendo com que o ser humano busque a beleza na memória. Para Plotino, a melhor situação é quando a alma está mais bela, em que o ser humano deixa de buscar o prazer na memória e consegue buscar a beleza no presente, um movimento para a interioridade.<sup>357</sup>

Brandão (2012, p. 76) explica que, na condição de uma alma encarnada em um corpo, a alma, pelo motivo de situar-se entre o sensível e o inteligível, não é capaz de se voltar completamente para os aspectos anteriores da realidade. Como o ser humano é composto por um corpo e uma alma, além do corpo, que é composto por matéria, sendo que a matéria é entendida como um mal, isso torna impossível que a alma se volte completamente para o inteligível. Dessa forma, a intensidade da beleza da alma parece atuar como um regulador que torna possível a alma

<sup>356</sup> A circunferência busca somente ilustrar a divisão, poderia ser um quadrado ou outra forma geométrica.

<sup>357</sup> Cf. *En. V, 1* [10], 12, 12-14.

se direcionar mais ou menos para o interior. Quanto mais bela a alma for, mais fácil será a alma se voltar para o interior; quanto mais feia a alma for, mais difícil será a alma se voltar para o interior.

#### 4.5 CAPÍTULO 10

As ações (πράξεις) contribuem para a felicidade (εὐδαιμονεῖν)? É possível utilizar as ações para medir a felicidade? É possível alguém ser feliz sem praticar ações? Para compreender este capítulo do tratado 5 [36], é preciso levar em consideração a relação das virtudes com a felicidade.

À medida em que o vivente atua no ambiente externo, ele modifica a si mesmo, ou seja, o modo como essa pessoa se relaciona com as situações ao seu redor fará com que essa pessoa desenvolva mais virtudes ou vícios. Se essa modificação favorece o desenvolvimento de virtudes, essa pessoa será feliz. Ademais, neste capítulo, Plotino expõe um exemplo fundamental para distinguir o sábio do homem ignóbil, sendo o sábio alguém que é destacado pelas virtudes e o homem ignóbil aquele que é destacado pelos vícios morais.

Segundo Plotino,

Todavia, muito tempo propicia muitas belas ações, nas quais não tem parte quem está feliz há pouco tempo, se é que devemos dizer que é feliz aquele que não o é por suas muitas belas ações. Contudo, quem diz que a felicidade provém da multiplicidade de tempos e de ações está compondo a felicidade com coisas que não existem mais, coisas passadas, e com uma coisa presente. Por isso situamos a felicidade no presente e, então, investigamos se há maior felicidade em ter sido feliz por mais tempo. Isto, portanto, é o que deve ser investigado: se a felicidade de um longo tempo se torna maior devido a um maior número de ações. Pois bem, primeiro: também é possível para aquele que não exerce ação alguma ser feliz, e não menos, mas com mais intensidade que aquele que exerce; segundo: as ações não propiciam o bem por si mesmas, mas são as disposições que fazem as ações belas, e o sábio tira proveito do bem mesmo agindo, não porque age nem pelo que resulta disso, mas pelo que resulta do que ele possui. Pois até a salvação de um país pode dever-se a um homem ignóbil, e o sábio também terá prazer com a salvação de seu país, mesmo que o agente tenha sido outra pessoa. Não é isso, então, que causa o prazer do homem feliz, mas é o estado que causa não só a felicidade como também algo prazeroso que possa ser produzido através dela. Colocar a felicidade nas ações é colocá-la em algo exterior à virtude e à alma: a atividade da alma está no pensar e no agir desse modo em si mesma. E isso é a felicidade (*En. I, 5 [36], 10*).<sup>358</sup>

<sup>358</sup> Tradução: Barakat Júnior, 2006, p. 300-301. 'Ἄλλ' ὁ πολὺς χρόνος πολλὰς ποιεῖ καλὰς πράξεις, ὃν ἄμειρος ὁ πρὸς ὀλίγον εὐδαιμών· εἰ δὲ λέγειν ὅλως εὐδαίμονα τὸν οὐ διὰ πολλῶν τῶν καλῶν. "Ἡ δὲ ἐκ πολλῶν τὸ εὐδαιμονεῖν καὶ χρόνων καὶ πράξεων λέγει, ἐκ τῶν μηκέτι ὄντων ἄλλ' ἐκ τῶν παρεληλυθότων καὶ ἐνός τινος τοῦ παρόντος τὸ εὐδαιμονεῖν συνίστησι. Διὸ κατὰ τὸ παρὸν ἐθέμεθα τὸ εὐδαιμονεῖν, εἴτα ἐζητοῦμεν εἰ [μᾶλλον] τὸ ἐν πλείονι εὐδαιμονῆσαι μᾶλλον ἐστὶ. Τοῦτο οὖν ζητητέον, εἰ ταῖς πράξεσι ταῖς πλείοσι πλεονεκτεῖ τὸ ἐν πολλῷ χρόνῳ εὐδαιμονεῖν. Πρῶτον μὲν οὖν ἔστι καὶ μὴ ἐν πράξεσι γενόμενον εὐδαιμονεῖν καὶ οὐκ ἔλαττον ἀλλὰ μᾶλλον τοῦ πεπραγότος· ἔπειτα αἱ πράξεις οὐκ ἐξ αὐτῶν τὸ εὖ διδῶσιν, ἀλλ' αἱ διαθέσεις καὶ τὰς πράξεις καλὰς ποιοῦσι καρποῦνται τε ὁ φρόνιμος τὸ ἀγαθὸν καὶ πράττων, οὐχ ὅτι πράττει οὐδ' ἐκ τῶν συμβαινόντων, ἀλλ' ἐξ οὗ ἔχει. Ἐπεὶ καὶ ἡ σωτηρία τῆς πατρίδος γένοιτο ἂν καὶ παρὰ φαύλου, καὶ τὸ ἐπὶ σωτηρίᾳ τῆς πατρίδος ἡδὺν καὶ ἄλλου πράξαντος γένοιτο ἂν αὐτῷ. Οὐ τοίνυν τοῦτό ἐστι τὸ ποιοῦν τὴν τοῦ εὐδαίμονος ἡδονήν, ἀλλ' ἡ ἕξις καὶ τὴν εὐδαιμονίαν καὶ εἴ τι ἡδὺ δι' αὐτὴν ποιεῖ. Τὸ δὲ ἐν ταῖς πράξεσι τὸ εὐδαιμονεῖν τίθεσθαι ἐν τοῖς ἔξω τῆς ἀρετῆς καὶ τῆς ψυχῆς ἐστὶ τιθέντος· ἡ γὰρ ἐνέργεια τῆς ψυχῆς ἐν τῷ φρονῆσαι καὶ ἐν ἑαυτῇ ὡδὶ ἐνεργῆσαι. Καὶ τοῦτο τὸ εὐδαιμόνως.

O que seriam as belas ações (*καλὰς πράξεις*) em Plotino? A partir da compreensão de que a beleza em Plotino está associada à purificação da alma, tal como a metáfora do ouro e a terra revela, as belas ações parecem ser aquelas que propiciem que a alma se torne bela.<sup>359</sup> Assim, muito tempo, no sentido de um maior tempo cronológico, possibilita que o vivente possa efetuar muitas ações as quais possibilitem a sua purificação, visto que as virtudes emergem em relações sociais. Como consequência, um maior intervalo de tempo oferece um maior potencial para que o vivente se torne mais feliz, se ele praticar belas ações.

Entretanto, Plotino ressalta que a composição da felicidade não deve ser relacionada à quantidade de ações belas, visto que as ações, depois de realizadas, passam a compor a memória dos eventos que já ocorreram. Conforme as explicações de Plotino no capítulo 8 do tratado 5 [36], não se deve mensurar a felicidade em relação à memória, mas em relação à eternidade.<sup>360</sup> Ademais, de acordo com Brisson, somente a parte superior e intelectiva da alma alcança a felicidade (2006, p. 378; cf. Plotin).

Logo, se por um lado, as ações belas contribuem para a felicidade, por outro lado, as ações belas não podem servir de métricas para a felicidade, já que, se isso fosse feito, seria utilizada a memória para identificar as ações belas, sendo que não se deve utilizar a memória para computar a felicidade. É preciso observar as virtudes no presente, não as observar no passado, para computar a felicidade.

Quando Plotino afirma que deve ser investigado se a felicidade de um longo tempo (*ἐν πολλῷ χρόνῳ εὐδαιμονεῖν*) passa a ser maior devido à maior quantidade de ações, é preciso tomar cuidado com a interpretação do significado do que ele chama de felicidade de um longo tempo. Ao relacionar a felicidade com um longo intervalo de tempo, Plotino não está se referindo à duração da felicidade, como se ela fosse possível de ser medida pelo tempo. Em Plotino, a felicidade deve ser computada com relação à eternidade, ela não deve ser medida pelo tempo.<sup>361</sup> O que significa, então, a expressão “felicidade de um longo tempo”? Conforme o filósofo, a felicidade é sempre medida no presente.<sup>362</sup> Se alguém está feliz por um longo tempo, isso significa que essa pessoa manteve um estado de felicidade, no sentido específico de que a felicidade é medida em relação à eternidade, por um longo tempo. Essa interpretação busca assegurar que a felicidade está sendo medida no presente, ela está sendo medida em relação à eternidade, considerando que existe uma faixa de tempo, sem afirmar que a felicidade é um fenômeno medido em um intervalo de tempo.

<sup>359</sup> *En.* I, 6 [1], 5, 50-53.

<sup>360</sup> Cf. *En.* I, 5 [36], 7, 20-22.

<sup>361</sup> *En.* I, 5 [36], 7, 20-22.

<sup>362</sup> *En.* I, 5 [36], 10, 6-8.

Sobre a relação da felicidade (εὐδαιμονεῖν) com as ações, Plotino explica que quem não exerce ação alguma pode ser feliz até com mais intensidade do que quem não exerce alguma ação. Como é possível que quem não exerce ação alguma seja até mais feliz do que quem exerce alguma ação? Se a felicidade é computada em relação à eternidade, não podendo ser computada em relação ao tempo, e se as ações exprimem comportamentos do ser humano no tempo, então, a felicidade não pode ser computada pelas ações. O que se deve levar em consideração para medir a felicidade são as disposições<sup>363</sup>, as virtudes,<sup>364</sup> observadas no presente. Uma vez que a felicidade é avaliada no presente, ela não depende da mensuração da quantidade de ações passadas, já que mensurar ações passadas é utilizar a memória. Por isso, Plotino afirma que quem não faz ação alguma pode ser feliz até com mais intensidade do que quem realiza alguma ação, devido ao fato de a métrica da felicidade ser no presente.<sup>365</sup>

Na argumentação, Plotino continua explicando, em seu segundo tópico, que são as disposições que fazem as ações belas. Por que as disposições fazem as ações belas? Se são as disposições que fazem as ações serem belas, isso significa que as ações não são belas por si mesmas, isto é, as ações belas somente são belas por causa da disposição. Existe, então, uma relação de dependência entre as ações belas e as disposições. Mesmo observando essa relação hierárquica entre elas, ainda é necessário indagar: o que existe nas disposições que fazem as ações serem belas? Se as ações chamadas belas não causarem uma alteração no ser humano, fazendo com que ele se torne mais virtuoso e contribuindo para que a parte superior da alma seja mais dominante, isso faz com que essas ações não possam ser chamadas de belas, por não atuarem nas disposições, seja reforçando virtudes ou reduzindo vícios.<sup>366</sup> O que existe nas disposições que fazem as ações serem belas é essa relação de dependência, em que ao realizar ações que sejam belas, o ser humano terá algo modificado em si, no que refere às disposições.

#### 4.5.1 A felicidade do sábio

De acordo com Plotino, o sábio (φρόνιμος) possui as disposições, sendo elas entendidas como um bem para o sábio.<sup>367</sup> Quando Plotino afirma que as ações não propiciam o bem por si

<sup>363</sup> Cf. *En.* I, 5 [36], 1, 2-5.

<sup>364</sup> Cf. *En.* I, 2 [19], 1, 1-5.

<sup>365</sup> Com base nas explicações de Plotino, emerge a compreensão de que é possível investigar o passado para entender as causas que contribuem para a felicidade no presente. Entretanto, de forma alguma, para se mensurar a felicidade, deve-se utilizar a memória. Dessa forma, é possível destacar que existe a investigação racional sobre as causas da felicidade, que mobiliza a memória; e a mensuração da felicidade, na qual se despreza a memória, observa-se as virtudes e a beleza no presente.

<sup>366</sup> É preciso lembrar que as disposições estão relacionadas às virtudes, visto que elas estão vinculadas à felicidade.

<sup>367</sup> *En.* I, 5 [36], 10, 12-15. ἔπειτα αἱ πράξεις οὐκ ἐξ αὐτῶν τὸ εὖ διδόασιν, ἀλλ' αἱ διαθέσεις καὶ τὰς πράξεις καλὰς ποιοῦσι καρποῦνται τε ὁ φρόνιμος τὸ ἀγαθὸν καὶ πράττων, οὐχ ὅτι πράττει οὐδ' ἐκ τῶν συμβαινόντων, ἀλλ' ἐξ οὗ ἔχει.

mesmas, diante da felicidade, ele faz referência à característica da exterioridade das ações. Algo externo pode contribuir para a felicidade do sábio? Isso não é coerente para Plotino. Somente aquilo que afeta as disposições do sábio, favorecendo o aumento das virtudes dele e fortalecimento da parte superior da alma, é que pode proporcionar a felicidade. Se o sábio tira proveito do que ele possui, pode-se compreender que essa posse é um bem imaterial, sendo que esse bem imaterial relacionado às disposições ou virtudes proporciona a felicidade do sábio.

Ao analisar o exemplo utilizado por Plotino sobre a salvação de um país, é possível compreender o motivo pelo qual as ações não contribuem para a felicidade. Nesse exemplo, existem dois personagens: o sábio (φρόνιμος) e o homem ignóbil<sup>368</sup> (φάυλος).<sup>369</sup> O homem ignóbil pode salvar um país, ou seja, uma pessoa cujo comportamento moral é repugnante, não sendo apreciada pelas suas virtudes, mas reconhecida pelos vícios, pode realizar uma ação benéfica a qual impacte um país inteiro, com grande importância social. Se é uma ação que salva um país, é uma ação fundamental para a sociedade, visto que muitas pessoas são beneficiadas significativamente.

Todavia, existe o conflito entre o comportamento moral repugnante e a grande ação benéfica para a sociedade. Se, por um lado, o comportamento moral repugnante revela que em tantas outras situações essa pessoa demonstra comportamento maléfico socialmente, por outro lado, a grande ação benéfica para salvar um país demonstra um grande benefício social. Logo, no interior dessa pessoa, não existe uma solidez de virtudes. Como consequência, a partir de Plotino, essa pessoa é feliz, visto que a felicidade está vinculada à disposição.<sup>370</sup>

Em contrapartida, o sábio, mesmo não realizando uma ação para beneficiar um país inteiro, tem o prazer pelo bem praticado pelo outro. Além disso, o sábio possui à disposição para praticar ações virtuosas, ou seja, em um conjunto amplo de situações sociais, existe uma maior consistência de ações benéficas. Diferente do homem ignóbil, o sábio é apreciado por suas qualidades morais.<sup>371</sup> Portanto, a partir da proposta de Plotino, neste capítulo, ao analisar a relação entre as ações e a felicidade, é possível afirmar que o que diferencia o sábio do homem ignóbil são as ações virtuosas. Enquanto o sábio apresenta uma consistência de ações virtuosas, o homem ignóbil pode até praticar ações virtuosas, porém, essas ações não apresentam uma consistência em outros contextos.

---

Tradução: “segundo: as ações não propiciam o bem por si mesmas, mas são as disposições que fazem as ações belas, e o sábio tira proveito do bem mesmo agindo, não porque age nem pelo que resulta disso, mas pelo que resulta do que ele possui” (Barakat Júnior, 2006, p. 300).

<sup>368</sup> O homem ignóbil (φάυλος) pode ser entendido como um homem malévolo, que faz maldade com outras pessoas, ou um homem leviano.

<sup>369</sup> *En.* I, 5 [36], 10, 15-18. Ἐπεὶ καὶ ἡ σωτηρία τῆς πατρίδος γένοιτο ἂν καὶ παρὰ φαύλου, καὶ τὸ ἐπὶ σωτηρία τῆς πατρίδος ἢ δὲ καὶ ἄλλου πράξαντος γένοιτο ἂν αὐτῷ. “Pois até a salvação de um país pode dever-se a um homem ignóbil, e o sábio também terá prazer com a salvação de seu país, mesmo que o agente tenha sido outra pessoa” (Barakat Júnior, 2006, p. 300).

<sup>370</sup> Sobre disposição e felicidade, cf. *En* I, 5 [36], 1, 2-4.

<sup>371</sup> O homem ignóbil é entendido como alguém que realiza ações maléficas, sem constância de virtudes, enquanto o homem sábio, pelo contrário, apresenta as disposições para praticar o bem.

Uma vez que o sábio possui disposições e virtudes, apresenta sua alma mais purificada, sua alma é mais bela e ele se beneficia disso porque ele pode contemplar essa beleza imaterial que ele possui. Assim, ele é feliz. Por definição, quem é chamado de sábio (φρόνιμος) por Plotino é alguém necessariamente feliz.<sup>372</sup>

---

<sup>372</sup> “Que ele seja sábio”, dizem: sem perceber-se nem agir conforme a virtude, como seria ele feliz?” (Tradução: Baracat Júnior, 2006, p. 285). Ἄλλ’ ἔστω σπουδαῖος, φασί· μὴ αἰσθανόμενος μηδ’ ἐνεργῶν κατ’ ἀρετήν, πῶς ἂν εὐδαίμων εἴη; (*En.* I, 4 [46], 9, 10-11).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação investigou como ser feliz de acordo com o tratado 5 [36]. Para essas considerações finais, opta-se por abordar primeiramente o primeiro capítulo desta dissertação, que tratou de diferentes conceitos do sistema filosófico de Plotino, e secundariamente são feitas considerações sobre o segundo e terceiro capítulo desta dissertação, que diz respeito ao tratado 5 [36].

No primeiro capítulo, buscou não somente abordar conceitos como o Uno (ἓν), o Intelecto (νοῦς), a Alma (ψυχή), o homem, o vivente, as afecções, a matéria, o mal, a eternidade, o tempo, a virtude, o belo, o feio, a felicidade no tratado 4 [46] e o sábio, mas também articular as explicações desses conceitos com a felicidade em Plotino. A tarefa de abordar esses conceitos se mostrou útil e profícua para a compreensão da felicidade em Plotino e da felicidade no tratado 5 [36].

Ao longo do estudo desses conceitos de Plotino que foram abordados no primeiro capítulo, foi possível fazer um paralelo entre noções centrais do pensamento desse filósofo e a tese de Hadot sobre a filosofia como modo de vida. Hadot faz um contraste com a filosofia que começou na Idade Média e continua até a filosofia contemporânea, afirmando que ela se apresenta como uma filosofia puramente abstrata e teórica. Considerando que, para ele, a verdadeira filosofia antiga é um modo de vida, é possível endossar essa afirmação, tratando-se estritamente desta pesquisa sobre a felicidade em Plotino no tratado 5 [36]. Não é possível generalizar a afirmação de Hadot de que toda filosofia antiga é modo de vida, já que esse não foi o escopo deste trabalho. Além disso, a partir da tese sobre a filosofia como modo de vida de Hadot, e atendo-se ao fato de que este trabalho da dissertação foi realizado a partir de uma investigação textual, percebe-se que a vivacidade dos conhecimentos de Plotino não foi possível de ser apreendida, já que existem fatos sobre o modo de vida que extrapolam o texto.

Uma vez que essa pergunta norteadora dessa dissertação é sobre como ser feliz, de acordo com o tratado 5 [36], pode-se afirmar que essa dissertação expõe os seus limites na resposta da pergunta sobre como ser feliz. Todo o trabalho esteve envolvido com textos, sem a possibilidade de ter contato com um verdadeiro mestre da filosofia antiga na sua relação com o discípulo, de acordo com as explicações de Hadot.

Academicamente, diante da proposta da pesquisa em filosofia no mestrado, considera-se que essa dissertação atingiu o objetivo proposto de investigação do tratado 5 [36] e da pergunta sobre como ser feliz. Entretanto, como não é possível observar o fenômeno que ocorreu na escola de Plotino de modo similar na contemporaneidade, o filósofo engajado na realização de si e de se libertar das paixões, transmitindo os seus conhecimentos e a vivência desses conhecimentos para

um discípulo, já que uma observação sobre esse fenômeno poderia proporcionar um entendimento mais preciso sobre a filosofia antiga, ressalta-se a limitação dessa investigação sobre como ser feliz em Plotino.

Além das reflexões sobre as dificuldades de compreender a felicidade em Plotino por meio dos estudos de textos, foi possível observar dificuldades no entendimento de conceitos nesse filósofo. Os conceitos de homem, vivente, afecções, matéria, mal, eternidade, tempo, virtude, belo, feio, felicidade e sábio assumem significados precisos dentro do sistema filosófico de Plotino. Todos eles possuem uma relação com o inteligível: Uno (ἓν), o Intelecto (νοῦς), a Alma (ψυχή). Outros conceitos não abordados nessa dissertação provavelmente devem seguir a mesma linha de raciocínio. Como consequência, isso demanda uma suspensão de juízo na leitura do texto de Plotino, até que se possa compreender adequadamente a função de um conceito estudado dentro do sistema filosófico desse filósofo.

Foram utilizadas imagens na dissertação. No que se refere ao primeiro capítulo, essas imagens, em especial o Gráfico 2 – A felicidade, a eternidade e o tempo – mostraram-se de grande utilidade para compreender melhor o tratado 5 [36]. Como essa imagem foi elaborada a partir de outros tratados, sem o tratado 5 [36], foi possível compreender como Plotino interpreta a relação da felicidade com o tempo e a eternidade. O entendimento de Hadot sobre a filosofia antiga ser um modo de vida auxiliou para entender, como uma hipótese de interpretação, sobre como Plotino foi capaz de afirmar coisas sobre a eternidade. Ao se estudar o tempo e a eternidade não somente como conceitos abstratos passíveis de proposições que os expliquem, mas também como fenômenos observáveis, ou seja, o tempo proporciona os efeitos do tempo no ser humano e a eternidade proporciona os efeitos da eternidade no ser humano, isso contribuiu para assimilar melhor e entender como esses conceitos são percebidos no cotidiano. São características dos efeitos do tempo a inquietude ou muita atividade (πολυπράγμονος) ou o movimento (κίνησιν) e são características dos efeitos da eternidade o repouso (στάσις) ou quietude (ἡσυχίαν).

Desse modo, como as coisas em Plotino se esforçam em direção ao Uno, e reconhecendo a relação entre eternidade e o Intelecto (νοῦς), pode-se dizer que o bem para o ser humano é aumentar os efeitos da eternidade e reduzir os efeitos do tempo. Quem busca a felicidade deve buscar, pois, esse estado de quietude (ἡσυχίαν). Ἠσυχίαν é um termo central para entender a pergunta proposta no primeiro capítulo do tratado 5 [36], se a felicidade aumenta com o tempo. Esse termo significa tranquilidade, ausência de agitação, silêncio, quietude ou serenidade. Diante dos riscos de sobreposição das interpretações do leitor contemporâneo em relação aos significados de cada termo traduzido individualmente, parece plausível expor as cinco possíveis traduções do termo ἡσυχίαν



para que, ao comparar esses termos, possa contribuir para que o leitor consiga compreender melhor o que é esse fenômeno.

O tratado 5 [36], que é o objeto de estudo desse trabalho, compôs os terceiro e quarto capítulos desta dissertação. Esse tratado é composto de dez capítulos curtos, sendo alguns curtíssimos, de modo que Plotino profere afirmações que podem ser muito difíceis de serem interpretadas, sem o conhecimento prévio da função dos conceitos com o mundo inteligível. O primeiro capítulo desta dissertação foi essencial, para que fosse possível tornar explícito o que estava implícito no tratado 5 [36].

Prossegue-se, então, para as considerações finais referentes ao estudo do tratado 5 [36] da *Enéada* I. Na introdução dessa dissertação, na parte sobre o método de trabalho, foi citado Eco e o critério de interpretação. Se uma interpretação parecer plausível em uma parte do texto, ela somente poderá ser aceita e confirmada se pelo menos não for questionada em outro ponto do texto. Esse critério foi útil para o estudo do tratado 5 [36], visto que Plotino mobiliza conceitos explicados em outros tratados das *Enéadas*.

Para Plotino, a felicidade consiste em uma disposição virtuosa. Essa disposição deve ser entendida como uma característica enraizada no comportamento de uma pessoa em agir de uma determinada forma. Ademais, essa disposição precisa ser entendida como algo profundo, que não é facilmente alterada. Como consequência, uma vez que a disposição não se altera facilmente, a felicidade também não é algo que oscila com facilidade. Isso contribui para distinguir a felicidade do prazer. O prazer é algo momentâneo, exceto pela felicidade, que é um tipo específico de prazer em Plotino. Ela é um prazer duradouro.

O ser humano em Plotino deseja vida, sendo que vida não pode ser entendida no significado comum da biologia, ou se está vivo ou se está morto. A vida para esse filósofo está vinculada ao Intelecto (νοῦς). Isso significa que desejar vida é desejar também um maior nível de quietude (ἡσυχίαν). Não há como alguém desejar mais vida e mais agitação (πολυπράγμονος).

A felicidade em Plotino ocorre no presente, no agora, ela está acontecendo. Além disso, ela é medida em relação à eternidade. Não se contabiliza o passado ou o futuro para a felicidade. Portanto, as memórias não contribuem para a felicidade. Conforme ele explica, a disposição virtuosa, que é um fenômeno que se manifesta no presente, é que contribui para a felicidade. Afirmar que a memória não contribui para a felicidade, para o leitor na contemporaneidade, pode soar como algo de difícil entendimento ou até um absurdo. Todavia, é preciso levar em consideração a complexa relação de conceitos em Plotino, de modo a compreender o sentido da afirmação de que a felicidade é medida em relação à eternidade. O Gráfico 2 desta dissertação visa facilitar, pelo menos um pouco, o entendimento sobre como alguns conceitos estão articulados.

É possível para Plotino a felicidade e o sofrimento coexistirem e isso pode parecer contraditório. A felicidade está vinculada ao inteligível, à disposição virtuosa, à parte superior da alma. Uma pessoa será menos feliz se ela desenvolver vícios ou se a parte inferior da alma for a mais dominante. Se uma pessoa sofrer algum dano no corpo, como uma infecção ou doença, esse ser humano irá sofrer. Entretanto, ele somente será menos feliz se deixar de ter uma disposição virtuosa e for afetada pelas agitações do tempo. Nesse sentido, o ser humano pode ser feliz e ao mesmo tempo sentir dor.

Uma pessoa feliz é também uma pessoa com a alma mais bela em Plotino. Visto que é possível perceber o inteligível em movimento na direção da interioridade do próprio ser humano, a beleza da alma atua como um facilitador da atenção ao inteligível. Quando a alma está feia, o ser humano pode até buscar o inteligível em seu interior, todavia, a feiura da alma irá repelir a atenção do ser humano, expulsando a atenção em direção ao tempo, ou seja, para pensamentos futuros ou para as memórias.

Por fim, no último capítulo, Plotino explica que a felicidade não está nas ações, e sim na disposição virtuosa. O exemplo que o filósofo fornece comparando o sábio e o homem ignóbil, que é uma pessoa moralmente desprezível, ilustra adequadamente a diferença entre a função da ação e a função da disposição para a felicidade. Enquanto o sábio usufrui de um contentamento pelo bem praticado por outra pessoa, o homem ignóbil, mesmo realizando uma ação grandiosa que é salvar um país, não apresenta uma disposição virtuosa, já que pode praticar ações desprezíveis em outros contextos sociais. O sábio expressa um zelo pelo bem-estar de outras pessoas e usufrui de um estado de serenidade, enquanto o homem ignóbil não possui essa característica, ou seja, enquanto o sábio tem uma disposição virtuosa, o que contribui para a sua felicidade, o homem ignóbil tem uma disposição de vícios, mesmo que chegue a realizar uma ação de grande benefício para as outras pessoas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### a) Textos de Plotino

BARACAT JÚNIOR, José Carlos. *Plotino, Eneadas I, II e III; Porfírio, Vida de Plotino*: introdução, tradução e notas. 2006. 2v Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2006. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1603281>. Acesso em: 22 nov. 2022.

PLOTIN. *Traitées 30-37*. Traduções sob a direção de Luc Brisson e Jean-François. Paris. Flammarion, 2006.

PLOTINO. *Enéadas I e II*. Introdução, tradução e notas: Juvino A. Maia Jr. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2021a. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/23562>. Acesso em: 11 jul. 2024.

PLOTINO. *Enéada III*. Introdução, tradução e notas: Juvino A. Maia Jr. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2021b. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/23568>. Acesso em: 11 jul. 2024.

PLOTINO. *Enéada IV*. Introdução, tradução e notas: Juvino A. Maia Jr. Dados eletrônicos. João Pessoa: Ideia, 2022a. Disponível em: <https://www.ideiaeditora.com.br/produto/eneada-vi-livro-i-introducao-traducao-e-notas-juvino-a-maia/>. Acesso em: 11 jul. 2024.

PLOTINO. *Enéada V*. Introdução, tradução e notas: Juvino A. Maia Jr. João Pessoa: Ideia, 2022b. Disponível em: <https://www.ideiaeditora.com.br/produto/plotino-eneada-v/>. Acesso em: 11 jul. 2024.

PLOTINO. *Enéada VI: livro I*. Introdução, tradução e notas: Juvino A. Maia. João Pessoa: Ideia, 2022c. Disponível em: <https://www.ideiaeditora.com.br/produto/eneada-vi-livro-i-introducao-traducao-e-notas-juvino-a-maia/>. Acesso em: 13 jul. 2025.

PLOTINO. *Plotini opera*. tom. Ed. P. Henry/H.-R. Schwyzer. Leiden, 1951. Disponível em: [https://www.hs-augsburg.de/~harsch/graeca/Chronologia/S\\_post03/Plotinos/plo\\_enn0.html](https://www.hs-augsburg.de/~harsch/graeca/Chronologia/S_post03/Plotinos/plo_enn0.html)

PLOTINUS. *Enneads*. Vol. I. Tradução: A. H. Armstrong. Cambridge: Harvard University Press, 1966.

SANTOPRETE, Luciana Gabriela Soares. *Platonismes de l'Antiquité Tardive - Les Platonismes de l'Antiquité Tardive*. Disponível em: <https://platonismes.huma-num.fr/>. Acesso em: 10 jul. 2024.

### b) Bibliografia

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução: Ivone Castilho Benedetti, 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

AGGIO, Juliana Ortigosa. *Prazer e desejo em Aristóteles*. 2011. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/T.8.2012.tde-10082012-185037. Acesso em: 2024-06-27.

ALMEIDA, João Carlos da Silva. *A questão da felicidade na crítica de Plotino a Aristóteles – I.4 [46]*. Guarulhos, 2023. Orientador: Maurício Pagotto Marsola. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2023.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução, introdução, posfácio e notas: André Malta. Rio de Janeiro: Forense, 2024.

BAL, Gabriela. *Silêncio e contemplação: uma introdução a Plotino*. São Paulo: Paulus, 2007. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado intitulada O silêncio em Plotino, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

BARRETO DA SILVA, R. B.. A felicidade no tratado I.4 de Plotino: breve conceituação em diálogo com peripatéticos, estoicos e epicuristas. *Polymatheia - Revista de Filosofia*, [S. l.], v. 13, n. 23, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/5650>. Acesso em: 7 abr. 2024.

BEZERRA. C.C. *Compreender Plotino e Proclo*, Petropolis, RJ: Vozes, 2006.

BRANDAO, Bernardo Guadalupe dos Santos Lins. *Ascensão e virtude em Plotino*. 2012. Universidade Federal de Minas Gerais, [s. l.], 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-99GJDV>. Acesso em: 30 set. 2024.

BRANDÃO, Bernardo G. S. L. A união da alma e do intelecto na filosofia de Plotino. *Kriterion: Revista de Filosofia*, v. 48, n. 116, p. 481-491, dez. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0100-512x2007000200013>. Acesso em: 5 jul. 2024.

BRANDÃO, Bernardo Guadalupe dos Santos Lins. *Experiência mística e filosofia em Plotino*. 2006. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/ARBZ-7X4KH9>. Acesso em: 08 jul. 2024.

BRANDÃO, Bernardo Lins. A Filosofia Como Modo de Vida no Platonismo da Era Imperial e em Plotino. *Mirabilia*, n. 17, p. 523-544, jul./dez. 2013a. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5180473.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2024.

BRANDÃO, Bernardo. Filosofia como modo de vida em Plotino. *Revista Diálogos Mediterrânicos*, [S. l.], n. 4, p. 89-96, 2013b. DOI: 10.24858/71. Disponível em: <https://www.dialogosmediterraneos.com.br/RevistaDM/article/view/71>. Acesso em: 30 set. 2024.

BRANDÃO, Bernardo. Contra os dois mundos em Plotino: uma interpretação a partir do Platão de Marcelo Marques. *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 229-235, 2018. DOI: 10.24277/classica.v31i1.724. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/724..> Acesso em: 5 jul. 2024.

BRANDÃO, Bernardo. Plotino. In: LOSSO, Eduardo Guerreiro; BINGEMER, Maria Clara; PINHEIRO, Marcus Reis. *A mística e os místicos*. 1. ed. São Paulo: Vozes, 2022. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 28 mar. 2025.

BUSSANICH, John. A metafísica do Uno. In: GERSON, Lloyd P. (Org.). *Plotino*. 1. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2017. p. 55-86.

CARNIELLI, Walter; EPSTEIN, Richard. *Pensamento Crítico: o poder da lógica e da argumentação*. São Paulo, Rideel, 2023.

CHIARADONNA, R. Eternity and Time. In: WILBERDING, James. GERSON, Lloyd P. (Org.). *New Cambridge Companion to Plotinus*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2022. p. 267-288.

CHIARADONNA, R. *Plotino*. Tradução: Mauricio Pagotto Marsola. São Paulo: Edições Loyola, 2023.

COSTA DAS CHAGAS, DEYSIELLE. O Poder absoluto do Uno-bem e a eternidade do mal em Plotino. *ANÁLAGOS*, v. 18, n. 1, 17 jul. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/pucrio.ana.34396>. Acesso em: 12 jul. 2024.

DHAMMAPADA. *Dhammapada: Os ensinamentos de Buda*. Tradução. José Carlos Calazans. São Paulo: Mantra, 2021.

DILLON, John M. Uma ética para o sábio da Antiguidade Tardia. In: GERSON, Lloyd P. (Org.). *Plotino*. 1. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2017. p. 365-387.

FOLSCHEID, Dominique; WUNENBURGER, Jean-Jacques. *Metodologia filosófica*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

GERSON, L. P. Plotinus on Happiness. *Journal of Ancient Philosophy*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 1-20, 2012. DOI: 10.11606/issn.1981-9471.v6i1p1-20. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaantiga/article/view/43310>. Acesso em: 20 out. 2022.

HADOT, Pierre. *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga*. Tradução: Flavio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2014.

HADOT, Pierre. *O Que é filosofia antiga?* São Paulo: Loyola, 2010.

HADOT, P. *Plotino ou a simplicidade do olhar*. Tradução: L. Oliveira, F. F. Loque São Paulo: É Realizações, 2019.

KILLINGSWORTH, M. A.; GILBERT, D. T. A Wandering Mind Is an Unhappy Mind. *Science*, v. 330, n. 6006, p. 932, 11 nov. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1126/science.1192439>. Acesso em: 16 abr. 2025.

LEROUX, George. A liberdade humana no pensamento de Plotino. In: GERSON, Lloyd P. (Org.). *Plotino*. 1. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2017. p. 339-363.

LIMA, Danillo Costa. *Conhecimento de Si como caminho filosófico em Platão, Plotino e Proclo*. 2018.281f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/21491>. Acesso em: 13 jul. 2025.

MALHADAS, Daisi; DEZOTTI, Maria Celeste Consolin; NEVES, Maria Helena de Moura. *Dicionário grego-português*. 2. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Araçoiaba da Serra, SP: Editora Mnema, 2022.

MARSOLA, Maurício. Plotino e a escolha de Héracles. Paixões, virtude e purificação. *Hypnos*, ano 14, n. 20, p. 61-74, 2008. Disponível em: <https://hypnos.org.br/index.php/hypnos/article/view/249>. Acesso em: 10 jul. 2025.

MORTLEY, Raoul. *Plotino, self e o mundo*. Tradução: Julio Cesar Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2018.

NARBONNE, Jean-Marc. *A metafísica de Plotino*. Tradução: Mauricio Pagotto Marsola. São Paulo: Paulus, 2014.

O'BRIEN, Denis. Eternidade e tempo. In: GERSON, Lloyd P. (Org.). *Plotino*. 1. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2017. p. 205-230.

OLIVEIRA, Loraine. Conhecer o tempo, conhecer no tempo (considerações sobre o tempo, mito e razão em Plotino). *Hypnos*, n. 18, p. 78-89, 2007. Disponível em: <https://hypnos.org.br/index.php/hypnos/article/view/438/486>. Acesso em: 14 jul. 2025.

OLIVEIRA, L.; SOARES SANTOPRETE, L. G.; FERNANDES, M. G. Segundo repertório bibliográfico dos estudos em língua portuguesa dedicados a Plotino e ao Neoplatonismo da Antiguidade Tardia. *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, [S. l.], v. 33, n. 2, p. 259–285, 2020. DOI: 10.24277/classica.v33i2.865. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/865>. Acesso em: 07 abr. 2024.

OPSOMER, J. Matter and Evil. In: WILBERDING, James. GERSON, Lloyd P. (Org.). *New Cambridge Companion to Plotinus*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2022. p. 341-362.

RAPPE, Sara. Autoconhecimento e subjetividade nas Enéadas. In: GERSON, Lloyd P. (Org.). *Plotino*. 1. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2017. p. 291-317.

REALE, Giovanni. *História da filosofia antiga*. São Paulo: Loyola, 1994. v.4, p. 522.

REIS, W. O treinamento da atenção em prol da consciência do bem em Plotino. *Sapere Aude*, v. 14, n. 28, p. 812-820, 26 dez. 2023

SANTOPRETE, L. G. S.; OLIVEIRA, L.; CALDAS, E. F. de. Primeiro repertório bibliográfico dos estudos em língua portuguesa dedicados ao Neoplatonismo da Antiguidade Tardia. Parte II: Elenco de autores e títulos. *Revista Archai*, [S. l.], n. 5, p. 236–287, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/view/2946>. Acesso em: 07 abr. 2024.

SANTOS, Breno Ricardo Guimarães; MERLUSSI, Pedro. Virtue epistemology - Epistemologia da virtude. *Intuitio*, v. 8, n. 1, p. 325, 31 jul. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1983-4012.2015.1.19738>. Acesso em: 21 jul. 2025.

SCHIOCHETT, Daniel; O tempo na terceira Enéada de Plotino, *PERI*, v. 01, n. 01, p. 11-20. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/peri/article/view/811> Acesso em: 3 maio 2024.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Como se ler um texto de filosofia*. São Paulo: Paulus, 2008.

SILVA, Robert Brenner Barreto da. A pesquisa plotiniana na literatura brasileira. *Heródoto: Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-asiáticas*, v. 9, n. 2, p. 134-161, 28 maio 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.34024/herodoto.2024.v9.20584>. Acesso em: 28 jul. 2025.

SMITH, Andrew. Eternidade e tempo. In: GERSON, Lloyd P. (Org.). *Plotino*. 1. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2017. p. 231-253.

SOUZA, Edvaldo Ribeiro. A felicidade no tratado 46 de Plotino. *Revista Theoria*, v. 9, 1 mar. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10735507>. Acesso em: 20 jul. 2025.

SOUZA, Edvaldo Ribeiro de. *Virtude e felicidade nos tratados 19 e 46 de Plotino*. 2016. Dissertação (Mestrado) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unifesp.br/handle/11600/49064>. Acesso em: 08 abr. 2024.

VORKAPIC, Camila. *Bem-estar com neurociência*. São Paulo: Edições 70, 2024.

TUOMINEN, M. Virtude and hapiness. In: WILBERDING, James. GERSON, Lloyd P. (Org.). *New Cambridge Companion to Plotinus*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2022. p. 363-385.

WILBERDING, James; GERSON, Lloyd. *New Cambridge Companion to Plotinus*. [S. l.]: Cambridge University Press, 2022.

ZAMORA CALVO, José María. Happiness and Homonymy of Life in Plotinus. *Problemos*, v. 98, p. 45-57, 23 out. 2020c. Disponível em: <https://doi.org/10.15388/problemos.98.4>. Acesso em: 20 out. 2022.

ZAMORA CALVO, José Maria. A amizade do sábio em Plotino. *Journal of Ancient Philosophy*, v. 2, n. 1, 1 jun. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-9471.v2i1p1-24>. Acesso em: 23 nov. 2022.